UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Fernanda Brandi Andrade

AÇÃO DA LDL OXIDADA NA ATIVAÇÃO PLAQUETÁRIA DURANTE A DENGUE

JUIZ DE FORA
2021

FERNANDA BRANDI ANDRADE

AÇÃO DA LDL OXIDADA NA ATIVAÇÃO PLAQUETÁRIA DURANTE A DENGUE

Dissertação de Mestrado do Curso de Pós-Graduação em Ciências Biológicas: Área: Imunologia e Doenças Infecto-parasitárias, para obtenção do Título de Mestre em Ciências Biológicas: Área: Imunologia e Doenças Infecto-parasitárias.

Orientador: Eugenio Damaceno Hottz

Juiz de Fora

2021

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração
automática da Biblioteca Universitária da UFJF,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Andrade, Fernanda Brandi.
Ação da LDL oxidada na ativação plaquetária durante a dengue / Fernanda Brandi Andrade. -- 2021.
150 p. : il.

Orientador: Eugenio Damaceno Hottz
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas: Imunologia e Genética, 2021.

1. Dengue. 2. Ativação plaquetária . 3. Lipoproteínas. 4. oxLDL. 5. Peroxidação lipídica. I. Hottz, Eugenio Damaceno, orient. II. Título.

FERNANDA BRANDI ANDRADE

AÇÃO DA LDL OXIDADA NA ATIVAÇÃO PLAQUETÁRIA DURANTE A DENGUE

Dissertação de Mestrado submetida à banca examinadora do Curso de Pós-Graduação em Ciências Biológicas – Imunologia e Doenças Infecto-Parasitárias da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos necessários para obtenção do Grau de Mestre em Ciências Biológicas.

Aprovada em: 17 / 09 / 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Eugenio Damaceno Hottz

Orientador

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.ª Dr.ª Alice Belleigoli Rezende

Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr.ª Adriana Ribeiro Silva

Fundação Oswaldo Cruz

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me concedido o dom inestimável da vida, por me guiar e me sustentar.

Ao Prof. Dr. Eugenio, pelas oportunidades oferecidas, por todos os ensinamentos e pelo entusiasmo, dedicação e boa vontade em todas as nossas discussões.

As amigas do laboratório Anna Cecíllia, Laura, Stephane e Paula, por toda a ajuda, carinho e companhia nos momentos de descontração. A Thayane pelas inenarráveis conversas, análises e risadas, em diversos momentos a nossa amizade tornou a jornada mais leve.

A minha irmã Mariana, pela paciência, por me ouvir, apoiar, ajudar e aconselhar. Você foi essencial nesse processo!

Aos meus pais, Simone, Marco e ao Alexandre, por estarem ao meu lado nas horas mais difíceis e também mais felizes, por sempre me apoiarem, incentivarem e alimentarem minha fé. Vocês são minha base e exemplos! A Lívia, minha irmã, por toda doçura e amor que transborda.

Ao meu noivo Vitor, por compartilhar a vida comigo, por todo amor, paciência, compreensão e benevolência. Obrigada por transformar dores em alegrias, por sempre me apoiar e dar mais sentido para a vida!

As amigas Bárbara, Laura, Luiza, Rafaela e Raphaela, por sempre se fazerem presentes e serem um grande motivo de felicidade em minha vida. Em diversos momentos vocês renovaram as minhas energias, me lembraram de quem sou e me fortaleceram para continuar com fé!

Aos colaboradores da FIOCRUZ, especialmente Drª Patrícia T. Bozza; Aos colaboradores do Laboratório de Biologia Celular, Profªs. Drªs. Patrícia Elaine, Heloísa D`ávila e Rossana Melo; do Laboratório de Glicoconjugados, Profs. Jair de Aguiar e Valquíria de Medeiros; do Departamento de Imunologia, Profs. Henrique Teixeira, Jacy Gameiro e Gilson Macedo, por permitirem prontamente a utilização nos laboratórios de importantes materiais e equipamentos para o desenvolvimento deste trabalho.

As Profªs. Drªs Alice B. Rezende e Heloísa D'ávila, pelas valiosas críticas durante minha qualificação e sugestões ao projeto de dissertação.

A equipe do Laboratório Integrado de Pesquisa, Barbara e Rogério, pela paciência, atenção e assistência. A equipe da secretaria, Fernanda e Graça, por facilitarem e contribuírem com todos os trâmites administrativos necessários para a realização deste trabalho.

As agências de fomento, CAPES e CNPq, a UFJF e PPGCBio por tornarem possível a realização deste trabalho.

RESUMO

A dengue é causada pelo vírus da dengue (DENV) e transmitida principalmente pela espécie *A. aegypti.* Pode se apresentar desde um quadro assintomático até quadros de aumento do extravasamento vascular, hemorragia grave e comprometimento de órgãos, caracterizando a dengue grave. Concentrações elevadas de citocinas inflamatórias contribuem para o aumento da permeabilidade vascular e gravidade da dengue. Nos pacientes com dengue os níveis de citocinais inflamatórias são correlacionados significativamente com a trombocitopenia, que, por sua vez, está associada positivamente com a fase crítica da doença. Além das funções hemostáticas plaquetárias, as plaquetas também participam das respostas inflamatórias, ao secretar citocinas e quimiocinas, além de interagir com outras células imunológicas. A ativação plaquetária é descrita na dengue, podendo contribuir para a trombocitopenia e também para a inflamação exacerbada e gravidade da doença. Os estímulos de ativação plaquetária ainda não são completamente elucidados. Alterações lipídicas séricas, como redução da lipoproteína de baixa densidade transportadora de colesterol - LDL (do inglês *low-density lipoprotein*) são observadas no curso da infecção e associadas positivamente à gravidade. Esses dados corroboram com o fato do colesterol ser fundamental na replicação dos *Flavivirus*. Além disso, em um ambiente de resposta imunológica e inflamação exacerbada, podemos considerar um alto risco de peroxidação lipídica devido ao aumento do estresse oxidativo. Nesse sentido, é bem esclarecida a formação de compostos bioativos nas LDL oxidadas (oxLDL) que amplificam a resposta inflamatória ao ativar células imunológicas. Portanto, este trabalho teve como objetivo investigar a participação da oxLDL na patogênese da dengue, identificando mecanismos de ativação e apoptose plaquetária e secreção de mediadores inflamatórios pelas plaquetas. As LDL dos pacientes com dengue foram isoladas por gradiente de densidade e ultracentrifugação e avaliadas por teste T-BARS e Western Blot quanto à presença de aldeídos reativos (malondialdeído e 4-HNE, respectivamente) provenientes da peroxidação lipídica. Observou-se um aumento significativo da oxidação nas LDL dos pacientes com dengue. As plaquetas de voluntários saudáveis foram incubadas com LDL de pacientes com dengue em diferentes concentrações (0, 5, 10, 100 e 1000ng/mL) com ou sem trombina (0,02U/mL) e avaliadas por citometria de fluxo quanto à expressão de P-selectina, ativação da GPIIb/IIIa, expressão do receptor CD36 e apoptose (Anexina-V+/TMRE-). Os sobrenadantes após os estímulos plaquetários com LDL de pacientes com dengue ou de indivíduos saudáveis foram recolhidos e analisados por ELISA quanto à secreção de mediadores inflamatórios (IL-1α, IL-1β, PF4/CXCL4, RANTES/CCL5 e MIF). Apesar do maior nível de oxidação das LDLs de pacientes com dengue, estas não foram capazes de induzir ativação, apoptose e secreção de mediadores inflamatórios plaquetários quando comparadas às LDL de voluntários saudáveis. Sendo assim, as oxLDL de pacientes com dengue branda com ou sem sinais de alarme não podem ser apontadas como contribuintes para a ativação plaquetária na dengue. Outros estímulos envolvidos na ativação plaquetária durante a dengue devem ser elucidados.

Palavras-chave: Dengue. Ativação plaquetária. Lipoproteínas. oxLDL. Peroxidaçãolipídica.

ABSTRACT

Dengue is caused by the dengue virus (DENV) and transmitted mainly by the species A. aegypti. The disease can range from asymptomatic to increased vascular leakage, severe hemorrhage and organ damage, characterizing severe dengue.High concentrations of inflammatory cytokines contribute to increased vascular permeability and severity of dengue. In patients with dengue, the levels of inflammatory cytokines are significantly correlated with thrombocytopenia, which, in turn, is positively associated with the critical phase of the disease. In addition to platelet hemostatic functions, platelets also participate in inflammatory responses, by secreting cytokines and chemokines, in addition to interacting with other immune cells. Platelet activation is described in dengue, which may contribute to thrombocytopenia and also to exacerbated inflammation and severity of the disease.Platelet activation stimuli are not yet fully elucidated. Serum lipid changes, such as a reduction in low density lipoprotein - LDL, a cholesterol transporter, are observed in the course of infection and are positively associated with severity.These data corroborate the fact that cholesterol is fundamental in the replication of Flaviviruses. In addition, in an environment of immune response and exacerbated inflammation, we can consider a high risk of lipid peroxidation due to increased oxidative stress.In this sense, the formation of bioactive compounds in oxidized LDL (oxLDL) that amplify the inflammatory response when activating immune cells is well understood. Therefore, this work aimed to investigate the participation of oxLDL in the pathogenesis of dengue, identifying mechanisms of platelet activation and apoptosis and secretion of inflammatory mediators by platelets. LDL from patients with dengue were isolated by density gradient and ultracentrifugation and evaluated by T-BARS and Western Blot tests for the presence of reactive aldehydes (malondialdehyde and 4-HNE, respectively) from lipid peroxidation. There was a significant increase in oxidation in LDL in patients with dengue. Platelets from healthy volunteers were incubated with LDL from dengue patients at different concentrations (0, 5, 10, 100 and 1000ng/mL) with or without thrombin (0.02U/mL) and evaluated by flow cytometry for the expression of P-selectin, GPIIb/IIIa activation, CD36 receptor expression and apoptosis (Annexin-V+/TMRE-). Supernatants after platelet LDL stimulation from dengue patients or healthy individuals were collected and analyzed by ELISA for secretion of inflammatory mediators (IL-1α, IL-1β, PF4/CXCL4, RANTES/CCL5 and MIF). Despite the higher level of oxidation of LDLs in patients with dengue, they were not able to induce activation, apoptosis and secretion of inflammatory platelet mediators compared to LDL from healthy volunteers. Therefore, oxLDL from mild dengue patients with or without warning signs cannot be identified as contributors to platelet activation and apoptosis in dengue. Other stimuli involved in platelet activation during dengue should be elucidated.

Keywords: Dengue. Platelet activation. Lipoproteins. oxLDL. Lipid peroxidation.

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABC – Transportador de cassete de ligação de ATP;

ACD – Anticoagulante contendo ácido cítrico, citrato de sódio e dextrose;

ADE – Amplificação dependente de anticorpo;

AKT – Proteína quinase B;

APAF-1 - Fator de ativação 1 da protease apoptótica;

APC – Aloficocianina;

APO – Apolipoproteína;

BHT – Hidroxitolueno butilado;

C – Proteína do capsídeo dos Flavivirus;

Caspase – Protease de cisteína-aspartato;

CCL – Quimiocina ligante do motivo CC;

CCR – Receptor de quimiocina do motivo CC;

CD – Cluster de diferenciação;

CETP – Proteína de transferência de colesterol esterificado;

CLR – Receptor de lectina tipo C;

COVID 19 – Doença por coronavírus;

CXCL – Quimiocina ligante do motivo CXC;

CXCR – Receptor de quimiocina do motivo CXC;

DAMP – Padrão molecular associado a dano;

DC-SIGN – Não-integrina acoplada a ICAM-3 específica de célula dendrítica

DENV – Vírus dengue;

DF – Febre do dengue;

DHF – Febre hemorrágica do dengue;

DSS – Síndrome do choque do dengue;

E – Proteína do envelope viral;

EDTA – Ácido etilenodiamino tetra-acético;

ELISA – Ensaio imunoenzimático de captura;

FIT-C – Fluoresceína isotiocinato;

FT – Fator tecidual;

GPCR – Receptor acoplado a proteína G;

GP – Glicoproteína;

HDL – Lipoproteína de alta densidade;

HIV – Vírus da imunodeficiência humana;

HMVEC – Células endoteliais microvasculares humanas;

HPA – Heparanase;

HUVEC – Células endoteliais de veia umbilical humana;

H_2O_2– Hidroperóxido de hidrogênio;

ICAM – Molécula de adesão intercelular;

IDL – Lipoproteína de densidade intermediária;

IFN – Interferon;

IG – Imunoglobulina;

IL – Interleucina;

INOS - Óxido nítrico-sintase induzida;

KBR – Brometo de potássio;

LCAT –Lecitina-colesterol aciltransferase;

LDH –Lactato desidrogenase;

LDL – Lipoproteína de baixa densidade;

LOX-1 – Receptor 1 de LDL oxidado do tipo lectina;

LPA – Ácido lisofosfatídico;

LPC – Lisofosfatidilcolina;

LPL – Lipoproteína lipase;

LXR – Receptores hepático X;

M – Proteína da membrana viral;

MCP – Proteína quimioatraente de macrófagos;

MDA – Malondialdeído;

MHC – Complexo principal de histocompatibilidade;

MIF – Fator inibidor da migração de macrófagos;

MMP– Metaloproteinase de matriz;

MPTP - Poro de transição de permeabilidade mitocondrial;

MV – Microvesícula;

NACL – Cloreto de sódio;

NETs– Armadilhas extracelulares dos neutrófilos;

NLR – Receptor do tipo NOD;

NLRP3 – NLR contendo domínio pirina 3;

NOX - Nicotinamida adenina dinucleótido fosfato oxidase;

NS – Proteína não estrutural de Flavivírus;

OMS – Organização Mundial da Saúde;

OPAS – Organização Panamericana de Saúde;

OSBP – Proteína de ligação ao oxysterol;

oxLDL – LDL oxidada;

oxPL – Fosfolipídio oxidado;

PAF – Fator de ativação plaquetário;

PAF-AH – PAF acetil hidrolase;

PAMP – Padrão molecular associado a patógeno;

PAR – Receptor ativado por proteases;

PBMC – Células mononucleares do sangue periférico;

PBS – Tampão fosfato e salina;

PGE – Prostaglandina E;

PMA – Agregados plaquetas-monócitos;

PON – Paraoxonase;

PPP – Plasma pobre em plaquetas;

PrM – Proteína pré-membrana viral

PRP – Plasma rico em plaquetas;

PRR – Receptor de reconhecimento de padrão;

PS – Fosfatidilserina;

PSG – Tampão PIPES, salina e glicose;

PSGL-1 – Ligante 1 da glicoproteína p-selectina;

PUFAs – Ácidos graxos poliinsaturados;

PVDF – Fluoreto de Polivinilideno;

RNA – Ácido ribonucléico;

RNS – Espécies reativas de nitrogênio;

ROS – Espécies reativas de oxigênio;

RXRA – Receptor retinóide X alfa;

SCD – Síndrome do choque por dengue;

SDS-PAGE – Eletroforese gel de poliacrilamida com dodecil- sulfato de sódio;

SREBP – Proteínas de Ligação a Elemento Regulador de Esterol;

TAG – Triglicerídeos;

TBA – Ácido tiobarbitúrico;

TBS – Tampão tris e salina;

TLR –Receptores do tipo Toll;

TMRE – Tetrametilrodamina;

TNF – Fator de necrose tumoral;

TP – Receptor para tromboxano-prostanóide;

T-BARS – Substâncias reativas ao ácido tiobarbitúrico;

VCAM – Molécula de adesão de células vascular;

VEGF – Fator de crescimento do endotélio vascular;

VLDL – Lipoproteína de muito baixa densidade;

VWF - Fator de von Willebrand;

4-HNE – 4-Hydroxynonenal.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

A dengue consiste em uma arbovirose causada pelo vírus da dengue (DENV) e transmitida pela picada de fêmeas de mosquitos do gênero *Aedes,* principalmente pela espécie *A. aegypti* (CHEN; VASILAKIS, 2011). Estima-se que ocorram entre 50 e 100 milhões de infecções sintomáticas anualmente com 500.000 casos de dengue grave e 10.000 casos fatais, com um custo global anual total de R$ 8,9 bilhões (BHATT *et al*., 2013; SHEPARD *et al.*, 2016; STANAWAY *et al.*, 2016). Um amplo espectro de manifestações clínicas é observado na dengue, a qual pode se apresentar desde um quadro assintomático até quadros de aumento do extravasamento vascular, hemorragia grave e comprometimento de órgãos, caracterizando a dengue grave (WILDER-SMITH *et al.*, 2019). Os mecanismos que desencadeiam a dengue grave não são completamente elucidados. Contudo, as evidências apontam para o grande potencial da tempestade de citocinas inflamatórias, as quais podem contribuir para ativação endotelial vascular e consequentemente para o aumento da permeabilidade vascular crítica na dengue grave (CIPITELLI *et al.*, 2019; MALAVIGE; OGG, 2017).

A trombocitopenia é uma importante alteração hematológica no curso da infecção e um importante parâmetro associado à evolução para a fase crítica da doença (HUY *et al.,* 2013; MOURÃO *et al.*, 2007). Nos pacientes com dengue os níveis de citocinais inflamatórias são correlacionados significativamente com a trombocitopenia, que, por sua vez, possui uma correlação positiva significativa com o extravasamento vascular (BOZZA *et al., 2008;* HUY *et al., 2013;* KRISHNAMURTI *et al*., 2001; MOURÃO *et al*., 2007; WILLS *et al*., 2009). Alguns mecanismos são sugeridos como contribuintes para a trombocitopenia na dengue e envolvem a redução na trombopoiese com supressão da medula óssea e também o aumento da depuração de plaquetas do sangue periférico (HOTTZ *et al*., 2011; SRICHAIKUL; NIMMANNITYA, 2000). Nesse contexto, a ativação e a apoptose plaquetária são sugeridos como mecanismos associados à depuração periférica plaquetária durante a infecção pelo DENV. Marcadores de ativação e apoptose, como translocação da P-selectina, ativação da αIIbβ3, translocação do CD63, exposição da fosfatidilserina e disfunção mitocondrial estão associados à trombocitopenia e gravidade da

infecção (HOTTZ et al., 2013b; MICHELS et al., 2014; OJHA et al., 2017; TRUGILHO et al., 2017). A ativação e a apoptose plaquetária descritas *ex vivo* e em plaquetas infectadas com o DENV *in vitro* contribuem para a interação de plaquetas e monócitos e para a fagocitose plaquetária (ALONZO *et al.,* 2012; HOTTZ *et al.*, 2014; OJHA *et al.,* 2017). Agregados plaquetas-monócitos são descritos em pacientes com dengue e são associados positivamente com a trombocitopenia (HOTTZ *et al.*, 2014). Além disso, a interação de plaquetas com outros leucócitos como, linfócitos e neutrófilos, assim como com células endoteliais, também é descrita no sangue periférico de pacientes infectados com DENV contribuindo para a trombocitopenia observada na dengue (HOTTZ *et al*., 2014; KRISHNAMURTI *et al.*, 2002; PÓVOA *et al.*, 2014; TSAI *et al.*, 2011).

Nesse cenário, no qual a ativação e apoptose plaquetárias são apontadas como potentes mecanismos associados à trombocitopenia descrita na dengue, as plaquetas poderiam contribuir para a amplificação da inflamação, aumento da permeabilidade endotelial e extravasamento plasmático (HOTTZ *et al.*, 2014; KOUPENOVA *et al*., 2018; VAN DER MEIJDEN; HEEMSKERK, 2019). As plaquetas possuem funções hemostáticas bem estabelecidas, envolvendo a interação com células endoteliais, agregação plaquetária e formação de trombos. No entanto, perspectivas emergentes apontam para a participação das plaquetas na resposta imune e em processos inflamatórios ao serem capazes de secretar citocinas e quimiocinas inflamatórias, além de amplificar a reposta inflamatória ao interagir com outras células imunológicas (CLARK *et al.,* 2007; DIB *et al.*, 2020; HOTTZ *et al.*, 2014; KOUPENOVA *et al*., 2018; VAN DER MEIJDEN; HEEMSKERK, 2019). É descrito que a infecção plaquetária pelo DENV induz ativação plaquetária com secreção de citocinas e quimiocinas como RANTES/CCL5, PF4/CXCL4 e MIF(BARBOSA-LIMA et al., 2020; HOTTZ et al., 2013b; TRUGILHO et al., 2017). Nesse sentido, a proteína viral não-estrutural NS1 demonstrou induzir a secreção de RANTES/CCL5 e MIF pelas plaquetas (QUIRINO-TEIXEIRA et al., 2020). De maneira interessante, o DENV induz a expressão plaquetária de moléculas do complexo principal de histocompatibilidade (MHC) classe I de forma dependente da atividade do proteassoma (TRUGILHO et al., 2017). É descrito também a liberação de microvesículas (MVs) contendo IL-1β por plaquetas ativadas pelo DENV, as quais demonstraram induzir hiperpermeabilidade endotelial de forma dependente de IL-1R

(HOTTZ et al., 2013a). O aumento da permeabilidade endotelial decorrente de microvesículas secretadas por plaquetas estimuladas com o DENV também pode envolver a interação observada dessas MVs com neutrófilos, induzindo a formação de armadilhas extracelularesde DNA denominadas NETs (do inglês, *neutrophil extracellular traps*)(SUNG; HUANG; HSIEH, 2019). Além da interação de MVs plaquetárias com neutrófilos, as próprias plaquetas ativadas com DENV interagem com monócitos, induzindo a secreção de mediadores inflamatórios pelos mesmos, biogênese de corpúsculos lipídicos e secreção de PGE_2 de forma parcialmente dependente de MIF plaquetário (BARBOSA-LIMA et al., 2020). Outros estímulos para ativação plaquetária na dengue, além da ativação direta pelo DENV, ainda não são completamente elucidados. A queda da viremia na fase crítica, em que há o pico de ativação plaquetária, nos sugere a importância de investigar outros estímulos responsáveis por essa ativação.

Alterações lipídicas séricas, como redução de lipoproteínas de baixa densidade (LDL, do inglês *low-density lipoprotein*), são descritas na dengue, havendo uma ligação direta com a progressão para casos graves da infecção. As LDL consistem em agregados macromoleculares responsáveis pelo transporte de colesterol do fígado para os tecidos extra-hepáticos (CUI *et al.*, 2013; DURÁN *et al.*, 2015; ENGELKING, 2015; VOGE *et al.*, 2016). Essa redução das LDL corrobora com o fato do colesterol ser fundamental na replicação dos *Flavivirus*, estando envolvido em etapas desde a endocitose do vírus até a formação da partícula viral no retículo endoplasmático das células permissivas (OSUNA-RAMOS; REYES-RUIZ; DEL ÁNGEL, 2018). Além do consumo lipídico aumentado, a participação de diversas células da imunidade inata e adquirida, como macrófagos, neutrófilos, células NK e linfócitos e a síntese de diversas citocinas e quimiocinas pró inflamatórias já é bem descrita em infecções virais e na patogênese da dengue (BRACIALE; HAHN, 2013). Nesse sentido, sugere-se que uma resposta imunológica exacerbada frente ao agente viral da dengue, ao desencadear altos níveis de mediadores inflamatórios contribua para disfunção endotelial e condições associadas aos sinais de alarme e aos sintomas característicos da dengue grave (CIPITELLI et al., 2019). De fato, a presença de antígeno viral, RNA viral e citocinas em tecidos periféricos de pacientes com casos fatais de dengue indicam a dispersão viral com migração de leucócitos, contribuindo para inflamação, aumento de

permeabilidade endotelial e dano tecidual (PÓVOA et al., 2014, 2016). Nesse contexto, a associação de atividades inflamatórias, estresse oxidativo e consumo lipídico na dengue nos leva a considerar um cenário propício à peroxidação lipídica e circulação de LDL oxidadas (oxLDL). De fato, é descrito um aumento significativo de malondialdeído (MDA) sérico, um aldeído reativo produzido na peroxidação lipídica, e de proteínas carboniladas séricas (estas são formadas por aldeídos provenientes da peroxidação lipídica que formam adutos com as proteínas) em pacientes com dengue em relação ao controle (SOUNDRAVALLY *et al.*, 2008), sugerindo que os lipídeos oxidados estão aumentados na dengue e, portanto, poderiam contribuir para a gravidade da doença.

É bem esclarecida a formação de compostos bioativos nas oxLDL que funcionam como padrões moleculares associados a danos (DAMPs), ativando receptores de reconhecimento de padrões (PRRs) da imunidade inata e induzindo respostas imune inflamatória (MILLER; SHYY, 2017). Os mecanismos inflamatórios desencadeados pela oxLDL em doenças cardiovasculares estéreis são amplamente estudados, envolvendo, por exemplo, a formação de macrófagos espumosos e a ativação e agregação plaquetária (CHISTIAKOV *et al*., 2017; H.-C. *et al*., 2013). Nesse sentido, em um artigo de revisão que publicamos recentemente, a oxidação da LDL é apontada como um fator possivelmente envolvido no aumento do risco cardiovascular e pior prognóstico de obesos com influenza ou doença por corona vírus 2019 (ANEXO A). No entanto, os mecanismos inflamatórios desencadeados pela oxLDL ainda não foram elucidados em doenças infecciosas como a dengue. Nesse sentido, além da peroxidação lipídica se correlacionar negativamente com a contagem de plaquetas na dengue grave (SOUNDRAVALLY *et al.*, 2008), a trombocitopenia possui uma correlação positiva com a diminuição de LDL sérico na dengue (DURÁN *et al*., 2015). Sendo assim, este trabalho tem como objetivo investigar a participação da oxLDL na patogênese da dengue, a partir da identificação de mecanismos de ativação plaquetária associados à resposta inflamatória na infecção.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Dengue

2.1.1 Epidemiologia

A dengue é uma doença viral transmitida por mosquito com grande impacto para a saúde pública. Consiste em uma doença negligenciada com disseminação geográfica significativa do vírus e de seu vetor, com inúmeros casos graves da infecção e carga onerosa subseqüente a doença (OMS, 2012). A transmissão da dengue é altamente presente em países localizados nos trópicos, sendo América do Sul, Sudeste Asiático e África central zonas de alto risco (BHATT *et al.*, 2013; MESSINA *et al.,* 2019) (Figura 1A). Associações positivas foram demonstradas em escala global entre o elevado risco de transmissão da doença e a proximidade a centros urbanos e peri-urbanos de baixa renda, assim como características locais de chuvas e temperatura também demonstraram influenciar o risco de transmissão (BHATT *et al.,* 2013). Calcula-se que quase metade da população do mundo viva em países onde a dengue é endêmica (MESSINA *et al.*, 2019; OMS, 2012) e que ocorram de 50 milhões a 100 milhões de infecções sintomáticas a cada ano (BHATT *et al.,* 2013; SHEPARD *et al.,* 2016; STANAWAY *et al.,* 2016) (Figura 1B). Além disso, estimam-se cerca de 500.000 casos anuais de dengue grave (OMS, 2017), 10.000 mortes por ano (STANAWAY *et al.,* 2016) e um custo global anual total de R$8,9 bilhões (SHEPARD *et al.*, 2016). O número de infecções sintomáticas pela dengue mais do que duplicou a cada 10 anos entre 1990 e 2013 (STANAWAY *et al.,* 2016), assim como os números de casos de dengue reportados para a OMS aumentaram 15 vezes nas últimas duas décadas (OMS, 2020).

Durante os séculos XVIII, XIX e início do XX, epidemias de doenças semelhantes à dengue foram relatadas e registradas globalmente, tanto em regiões tropicais quanto em algumas temperadas (OMS, 2011). A origem do primeiro mosquito vetor da dengue é sugerida como sendo Ásia (*Ae. Albopictus*) e África (*Ae. Aegypti*) (GUBLER, 1998; MAYER; TESH; VASILAKIS, 2017). O mosquito e o vírus

foram difundidos devido ao uso de embarcações na expansão comercial para todas as cidades costeiras tropicais do mundo. Sugere-se posteriormente que a Segunda Guerra Mundial contribuiu para a expansão global da doença, devido à dispersão de tropas para os interiores e à urbanização precária no período pós-guerra (GUBLER, 1998; MAYER; TESH; VASILAKIS, 2017; OMS, 2011). Durante as décadas de 1950 e 1960 houve o controle da expansão da dengue na América, devido à campanha de controle da febre amarela em 1947, proposta pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). O projeto teve como objetivo a eliminaçãodo *Ae. aegypti* da América Central e do Sul. No entanto, com o foco no controle vetorial por aspersão de inseticidas, a interrupção da campanha levou ao reinfestamento do continente em 1970 com posterior reintrodução do vírus da dengue, um prelúdio para as epidemias subseqüentes (GUBLER, 1998; MAYER; TESH; VASILAKIS, 2017; OMS, 2011).

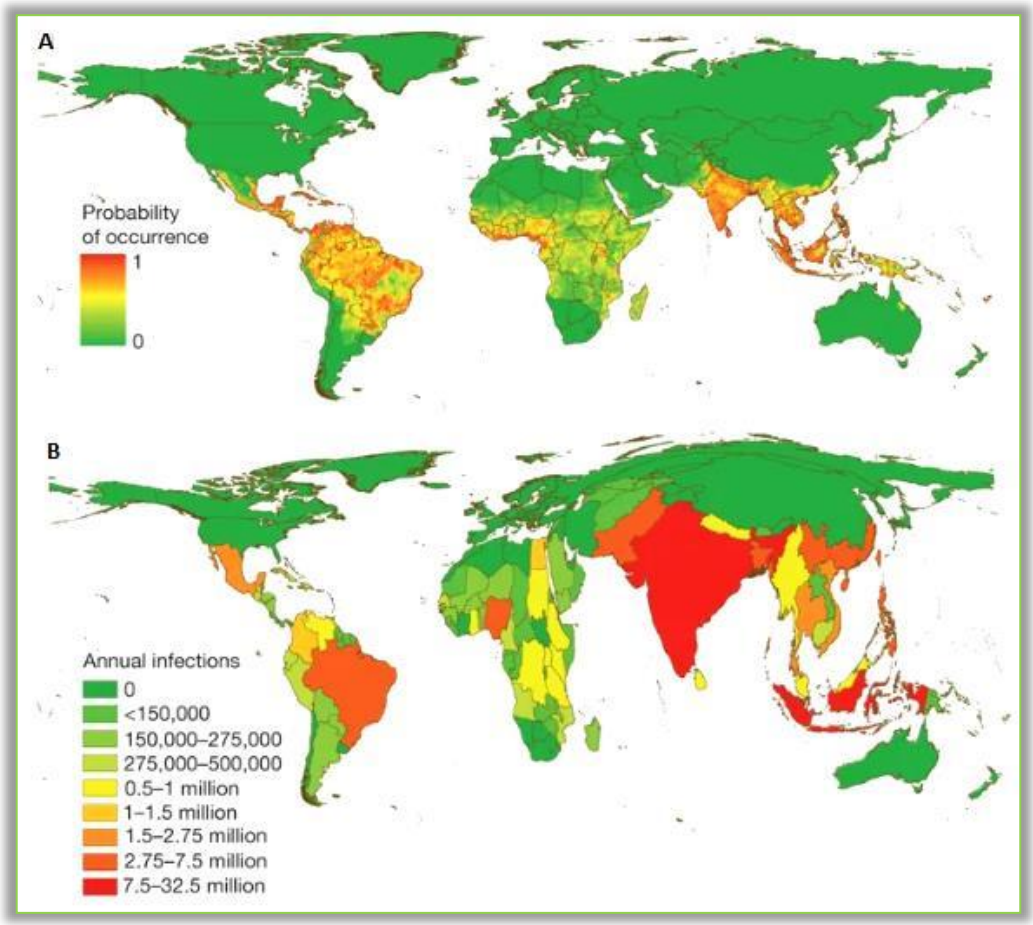


Figura 1 – **Representação global das áreas endêmicas.**
Figura **1A:** Demonstração das regiões com maior probabilidade de ocorrência da dengue, sendo as áreas de maior probabilidade na cor vermelha e as de menor probabilidade na cor verde. Figura **1B:** Demonstração quantitativa dasinfecções anuais por área.Fonte: BHATT *et al.*, 2013.

Na década de 1980 ocorreu a primeira epidemia no Brasil, em Boa Vista/RR, causada pelos sorotipos DENV-1 e DENV-4. Após 6 anos, em 1986, o DENV-1 foi reintroduzido no Rio de Janeiro, assim como o DENV-2 em 1990, os quais foram dispersados para outros estados (MS/SVS, 2019; NUNES *et al.,* 2019). Após esse período, os anos de 2002, 2008, 2010, 2013 e 2015 tiveram números consideráveis de casos, os quais foram compilados em uma revisão por Nunes e colaboradores (2019) (Figura 2). Em 2002, a epidemia causada principalmente pelo DENV-3 detectado em 2000 no Rio de Janeiro, levou em média a 700.000 casos, com 2700 casos de dengue grave e 150 mortes. Em 2008, devido à reemergência do DENV-2 em 2007, foram reportados em torno de 700.000 casos e 561 mortes. Já a epidemia de 2010, após a reermengência do DENV-1 em 2009, 1.000.000 de casos foram reportados com 650 óbitos. Em 2010, o DENV-4 foi reintroduzido no país e em 2013 e 2015 ocorreu uma explosão de casos, com em média 1.500.000 casos e 674 mortes em 2013 e com 1.649.008 casos reportados e 986 mortes confirmadas em 2015. Em 30 anos (1985-2015) somam-se 11.084.755 de casos no Brasil e em torno de 6.000 mortes confirmadas (NUNES *et al.*, 2019). Em 2019, os dados voltam a ficar preocupantes com 1.544.987 casos prováveis de dengue notificados e 1.419 casos de dengue grave, 18.740 casos de dengue com sinais de alarme e 782 óbitos. Destacam-se os estados de Minas Gerais, São Paulo e Goiás que concentraram 67,9% dos casos prováveis do país(MS/SVS, 2020).

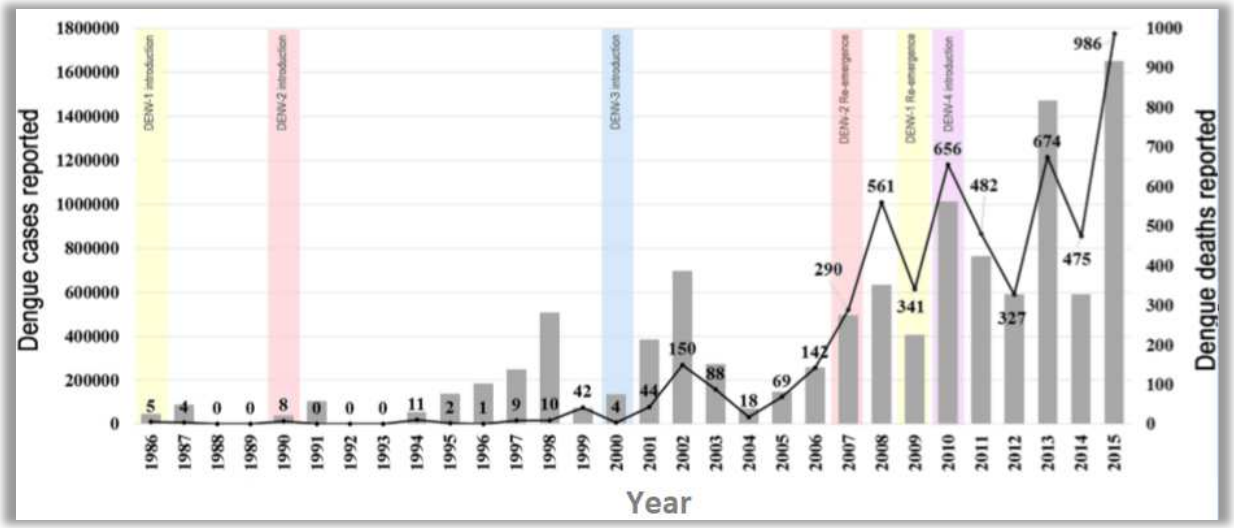


Figura 2 –Casos de dengue reportados e óbitos por dengue no Brasil (1986-2015). As barras em cinza mostram os números de casos de dengue (no eixo y à esquerda) por ano. As barras coloridas mostram o ano da introdução ou reemergência dos vírus no Brasil (Amarelo DENV1/ Rosa DENV2/ Azul DENV3/ Roxo DENV4).A linha mostra os casos de óbitos por dengue (no eixo y à direita) por ano. Fonte:NUNES *et al.,* 2019.

Em um estudo recente foram aplicadas técnicas de mapeamento estatístico para prever a adequação ambiental global para o vírus em 2020, 2050 e 2080 a partir de 2015, com uso de projeções climáticas, populacionais e socioeconômicas, considerando temperatura, umidade, precipitação, urbanização, PIB e distribuição dos mosquitos vetores da dengue (MESSINA *et al.,* 2019). Foi previsto uma elevação no total da população em risco para mais de 6,1 bilhões, ou seja, 60% da população do mundo. No geral as áreas já consideradas endêmicas permanecem em alto risco de dengue, com o risco se estendendo para a região do Sahel na África em 2020 e para o sul da África, sudeste dos EUA, norte da Argentina, interior da Austrália e leste da China em 2050 e 2080 (MESSINA *et al.*, 2019).

2.1.2 Vetor, agente etiológico e ciclo de replicação viral

O DENV é transmitido aos seres humanos através das picadas de mosquitos fêmeas *Aedes* infectados, as quais ingeriram sangue humano infectado anteriormente (CHEN; VASILAKIS, 2011; OMS, 2009). Os vírus são mantidos em dois ciclos de transmissão: o ciclo silvestre no oeste da África e Sudeste da Ásia, que envolve primatas não humanos e mosquitos *Aedes* arbóreos; e o ciclo urbano em ambientes tropicais e subtropicais, que envolve o homem e os mosquitos domésticos *Aedes aegypti* e peridomésticos *Aedes albopictus* e *Ae. polynesiensis*(CHEN; VASILAKIS, 2011). Com a proximidade ecológica e da relação filogenética entre as espécies doadora (primatas não humanos) e receptora (humanos) houve a mudança de vetor (mosquitos arbóreos para mosquitos domésticos e peridomésticos) e a mudança da espécie hospedeira (*cross-species*) resultando em quatro sorotipos do vírus da dengue (DENV-1 a DENV-4) que circulam hoje (CHEN; VASILAKIS, 2011).

Os vírus da dengue (DENV) são pequenos vírus esféricos com 50nm de diâmetro, pertencentes ao gênero *Flavivirus* e à família *Flaviviridae* (OMS, 2009). As partículas virais maduras são envelopadas com glicoproteínas em uma bicamada

lipídica envolvendo um capsídeo icosaédrico, o qual envolve o RNA de cadeia linear simples com polaridade positiva (5’ - 3’)(OMS, 2009; PERERA; KUHN, 2008; WILDER-SMITH *et al.,* 2019).

Após transmissão do vírus pelos mosquitos ao hospedeiro vertebrado, os vírus da dengue se ligam nas células hospedeiras e são endocitados(CLYDE; KYLE; HARRIS, 2006). O DENV demonstrou ser capaz de infectar células em diversos órgãos como pele e fígado, replicando-se em hepatócitos, células endoteliais, macrófagos e células dendríticas (BEGUM et al., 2019; DALRYMPLE; MACKOW, 2011; PÓVOA *et al.*, 2014; SCHAEFFER *et al.,* 2015). Após internalização e acidificação do endossomo ocorrem mudanças conformacionais na proteína E viral constituinte do envelope, levando à fusão da membrana viral com a membrana do endossomo. Sendo assim, há a entrada do nucleocapsídeono citoplasma e liberação do genoma (CLYDE; KYLE; HARRIS, 2006). O genoma com polaridade positiva atua como um RNA mensageiro e é traduzido em uma poliproteína no retículo endoplasmático (RE) (Figura 3A). A poliproteína será clivada pelas proteases hospedeiras e virais em três proteínas estruturais: proteína C (capsídeo); proteína prM (precursora da proteína de membrana) e proteína E (envelope); e sete proteínas não-estruturais: NS1; NS2a; NS2b; NS3; NS4a; NS4b e NS5 (CLYDE; KYLE; HARRIS, 2006; OMS, 2009; PERERA; KUHN, 2008; WILDER-SMITH *et al.,* 2019). Após subseqüentes traduções, as proteínas não estruturais como NS5, NS3 e seu cofator NS2b, vão desempenhar papéis importantes na replicação do RNA viral. A partir da fita molde de RNA positivo há a transcrição de fitas de RNA negativas, as quais servem de molde para replicações sucessivas de fitas de RNA positivas (CLYDE; KYLE; HARRIS, 2006; PERERA; KUHN, 2008). Estas novas fitas de polaridade positiva serão encapsidadas pelas proteínas C formando nucleocapsídeos que, por sua vez, serão endocitados por membranas lipídicas do retículo endoplasmático. Com a endocitose do nuclecapsídeo pelo retículo forma-se uma partícula viral imatura, estando as proteínas E e prM ancoradas na bicamada lipídica do retículo endoplasmático formando o envelope viral (CLYDE; KYLE; HARRIS, 2006). O envelope viral é bem definido e consiste em 180 cópias de proteínas E e prM, as quais possuem diferenças conformacionais na partícula viral imatura e madura (PERERA; KUHN, 2008). O peptídio ‘pr’ impede as mudanças conformacionais na proteína E, não permitindo que ocorra a fusão do envelope nas

organelas durante o transporte da partícula imatura para o complexo de Golgi (YU *et al.,* 2008). O peptídeo 'pr' é clivado de prM pela protease furina durante a maturação no complexo de Golgi de forma pH-dependente e M permanece na partícula madura como uma proteína transmembranar sob o invólucro da proteína E (Figura 3B). A partícula madura do vírus é então liberada por exocitose (PERERA; KUHN, 2008; YU et al., 2008).

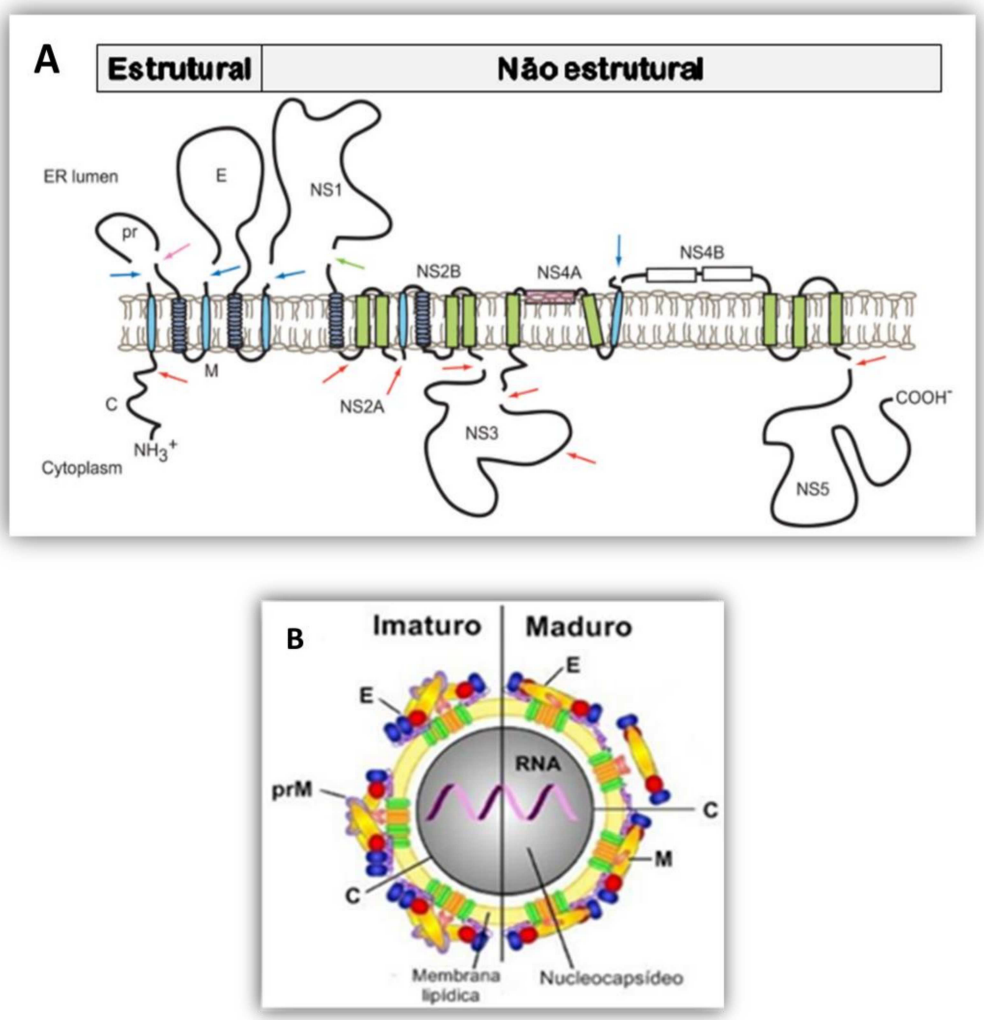


Figura 3 – Representação da estrutura e poliproteína viral. (A) Poliproteína viral no retículo endoplasmático da célula hospedeira. As proteínas estruturais (C, prM e E) e não estruturais (NS1, NS2A, NS2B, NS3, NS4A, NS4B, NS5) codificadas do RNA viral são processadas por proteases celulares e virais (sítios de clivagem indicados por setas). Fonte: Adaptado de PERERA; KUHN, 2008 **(B) Representação da estrutura da partícula viral imatura e madura.** E – proteína do envelope viral; prM – proteína percursora da proteína da membrana (vírus imaturo); M – proteína de membrana; C – proteína do capsídeo. Fonte: Adaptado de LIRA, 2016.

2.1.3 Sinais e sintomas

Um bom esquema de classificação da dengue permite a triagem adequada dos pacientes, facilitando o manejo clínico e a avaliação de possíveis intervenções para melhor prognóstico. É de grande valia uma classificação que permita a identificação de pacientes com probabilidade de evolução para doença grave, assim como facilite as notificações e vigilância epidemiológica (DEEN *et al.*, 2006). Tendo em vista a importância de um bom esquema de definições dos casos de dengue, a classificação apresentada em 1997 pela OMS foi questionada. Tal classificação baseou-se em casos de dengue diagnosticados em crianças tailandesas e consistia em Febre do Dengue (DF) ou Febre Hemorrágica do Dengue (DHF), sendo a DHF caracterizada por hepatomegalia, plaquetopenia, hemoconcentração e hipoproteinemia e classificada em quatro graus de gravidade (FHD I –IV), com os graus III e IV definidos como Síndrome do Choque por Dengue (DSS)(OMS, 1997). Com o aumento do número de casos globalmente e diversas apresentações clínicas da doença, pesquisadores relataram dificuldades em enquadrar os casos diagnosticados nas classificações vigentes. Alegou-se, por exemplo, uma sobreposição de sintomas entre DF e DHF, que casos graves nem sempre preenchiam todos os critérios de DHF e que a hemorragia enfatizada no termo classificatório mascarava a importância de monitorar o extravasamento plasmático e choque (DEEN *et al.*, 2006). Sendo assim, em 2009, a OMS revisou a classificação facilitando o manejo clínico e melhorando a qualidade dos dados epidemiológicos (OMS, 2009). Esta classificação será a abordada por nós no presente estudo, no entanto, as análises realizadas por outros estudos que optaram em utilizar a classificação anterior serão citadas de acordo com suas respectivas referências.

Um amplo espectro de manifestações clínicas é observado na infecção pelo DENV, a qual pode ser classificada como dengue branda, dengue branda com sinais de alarme ou dengue grave. A dengue branda pode se apresentar com curso clínico autolimitado ou com progressão para dengue grave (OMS, 2009). Após um período de incubação de 2 a 7 dias, inicia-se uma fase febril com alta viremia. Esta fase é caracterizada por um início repentino de febre alta acompanhada de rubor

facial, eritema cutâneo, dor generalizada no corpo, mialgia, artralgia, dor de cabeça, anorexia e vômitos. Em torno de 3 dias observa-se a defervescência com queda da viremia, marcando o período de melhora ou evolução para fase crítica. Este período deve ser monitorado atentando-se para os sinais de alarme como: letargia e/ou inquietação, dor abdominal intensa e contínua, hepatomegalia > 2cm, vômitos persistentes, acúmulo clínico de líquidos, sangramento de mucosa e aumento do hematócrito com queda abrupta na contagem de plaquetas (OMS, 2009; WILDER-SMITH et al., 2019). Alterações severas na permeabilidade vascular levarão à importante extravasamento plasmático na dengue grave com hipoperfusão dos órgãos, resultando no comprometimento progressivo dos mesmos, graves hemorragias e coagulação intravascular disseminada. Quando o paciente sobrevive à fase crítica, entra-se na fase de recuperação onde ocorre uma reabsorção gradual do líquido do compartimento extravascular e estabilização do estado hemodinâmico, com progressiva melhora do quadro clínico(OMS, 2009; WILDER-SMITH et al., 2019) (Figura 4).

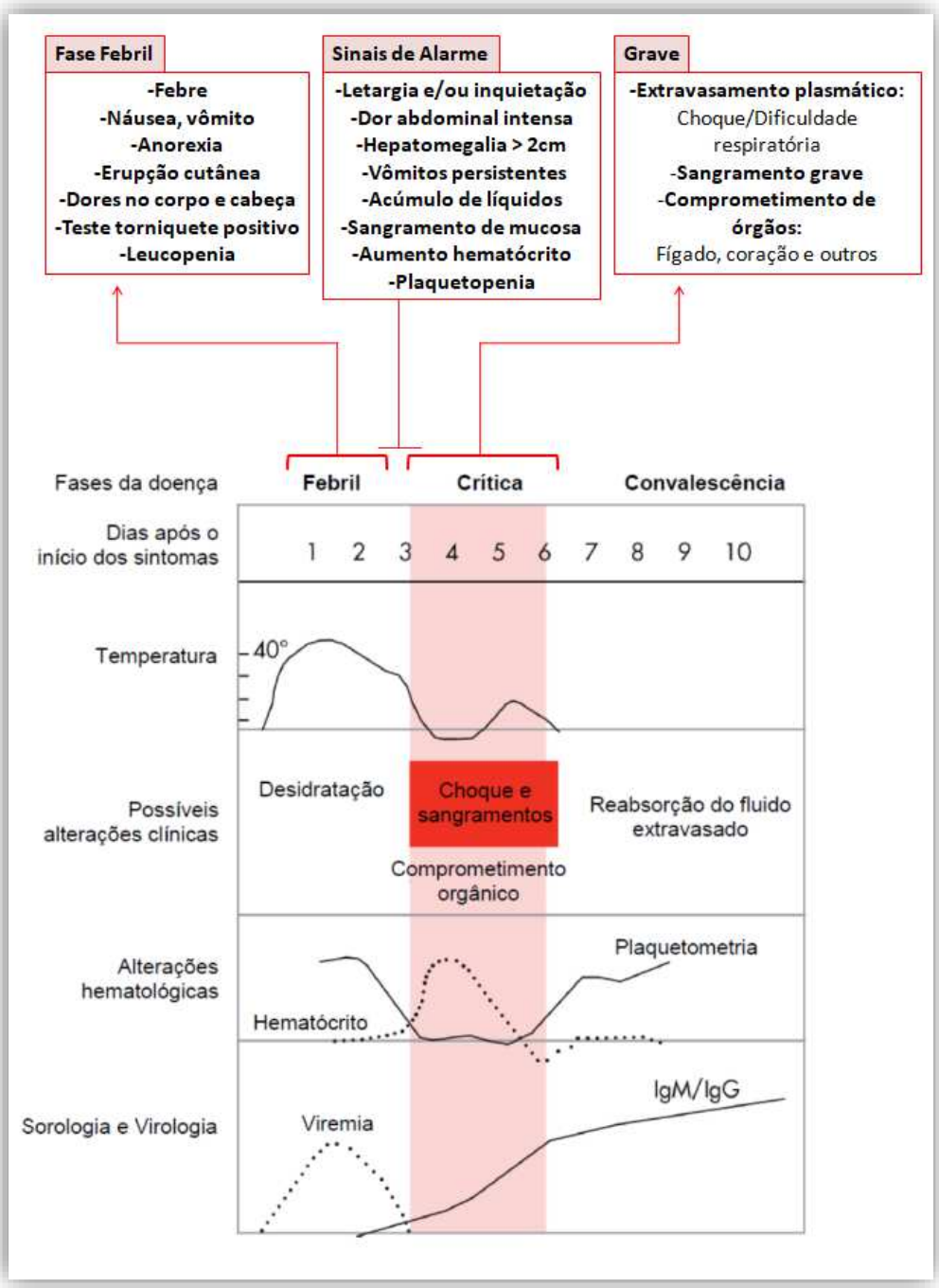


Figura 4 – Sinais e Sintomas da Dengue – Curso das alterações clínicas e laboratoriais. Fonte: Adaptado de OMS, 2009.

2.1.4 Patogênese

Os mecanismos descritos associados à patogênese da dengue corroboram com os mecanismos imunológicos descritos em infecções virais, onde as células da imunidade inata, como macrófagos, células dendríticas e células NK, reconhecem os padrões moleculares associados aos vírus e desencadeiam cascatas inflamatórias e respostas da imunidade adquirida (BRACIALE; HAHN, 2013). Os receptores citoplasmáticos tipo RIG, como RIG-I e MDA5, e os receptores endossomais tipo Toll, como TLR3, foram descritos como receptores de reconhecimento de padrões moleculares associados ao DENV, desencadeando respostas de interferon tipo I (IFN α e β)em células infectadas (NASIRUDEEN *et al.,* 2011; SPROKHOLT *et al.,* 2017). Os interferons α e β levam ao estabelecimento de um estado antiviral que restringe a replicação do DENV em células não infectadas (DIAMOND *et al.,* 2000). A ativação dos receptores RIG-I e MDA5 frente à replicação do DENV além de desencadear a transcrição de IFN α e β, também induziu a expressão de citocinas pelas células dendríticas como IL-6, IL-1β e TNF, de quimiocinas como CCL2/MCP-1, CCL3/MIP-1α e CCL4/MIP-1β e na indução da resposta imune adaptativa com diferenciação para células Th1, as quais possuem alta produção de IFN-γ (SPROKHOLT *et al.,* 2017). Foi descrito um aumento da citocina IL-15 no início da infecção pelo DENV, o qual foi associado com os níveis aumentados das células NK ativadas nos estágios iniciais de casos de DF(AZEREDO *et al.,* 2006). As células NK da imunidade inata com atividade citotóxica também são importantes secretoras de IFN-γ (BOEHM *et al.,* 1997). Nesse cenário, sabe-se que os macrófagos são ativados pelo IFN-γ, levando à síntese de citocinas como IL-12 e síntese de óxido nítrico pela enzima iNOS (BOEHM *et al.,* 1997). O óxido nítrico, por sua vez, já demonstrou inibir a replicação do DENV *in vitro* (CHARNSILPA *et al.,* 2005). Os macrófagos estimulados por IFN-γ também sintetizam diversas quimiocinas quimioatraentes para linfócitos e monócitos, como CCL2/MCP-1, CCL3/MIP-1α, CCL4/MIP1-β eCCL5/RANTES, além do aumento de ligantes de integrinas,como ICAM-1 e VCAM-1 nas células endoteliais (BOEHM *et al.,* 1997). Os linfócitos T na infecção pelo DENV contribuem para o controle da replicação viral, com células T CD8+ DENV-específicas produzindo IFN-γ, TNFα e exibindo atividade citotóxica *in vivo,* e com células T CD4+ DENV-específicas

produzindo IFN-γ, TNFα e IL-2 (LINDOW *et al.*, 2012; YAUCH *et al.,* 2009). A resposta humoral também é descrita na infecção pelo DENV, com anticorpos para proteínas estruturais e não estruturais, como, por exemplo a NS1, fornecendo proteção *in vivo* e prevenção da infecção sintomática por cepas homólogas do DENV (HENCHAL; HENCHAL; SCHLESINGER, 1988; JOHNSON; ROEHRIG, 1999; VALDES *et al.,* 2000).

Sendo assim, a participação de diversas células da imunidade inata e adquirida com a síntese de diversas citocinas e quimiocinas pró inflamatórias já é bem descrita em infecções virais e na patogênese da dengue. No entanto, os mecanismos fisiopatológicos que levam à dengue grave ainda não são totalmente estabelecidos. Postula-se que estejam envolvidos com altos níveis de citocinas e quimiocinas inflamatórias, as quais atuam na ativação endotelial vascular e na migração celular (CIPITELLI *et al.,* 2019; MALAVIGE; OGG, 2017). Algumas hipóteses foram propostas para explicar o desenvolvimento da dengue grave, todas convergindo para o mesmo fator: elevados níveis de mediadores inflamatórios.

Duas hipóteses, não mutuamente exclusivas, explicam as maiores chances observadas de infecções secundárias culminarem na dengue grave (ALVAREZ *et al.,* 2006; GUZMÁN *et al.,* 2000). Na hipótese da amplificação dependente de anticorpo (ADE, do inglês *antibody-dependent enhancement*), os anticorpos reativos cruzados de uma infecção anterior são incapazes de neutralizar completamente o novo sorotipo DENV infectante. Além disso, aumentam a captação do DENV pelas células portadoras de receptores Fc, ampliando as oportunidades de entrada dos vírus nas células para replicação, aumentando, portanto, as cargas virais e as cascatas inflamatórias (HALSTEAD; NIMMANNITYA; COHEN, 1970). Na segunda hipótese, referida como 'pecado antigênico original', postula-se que as células T de memória são ativadas preferencialmente sobre células T *naive*, produzindo um aumento das citocinas mais rapidamente. No entanto, as células reativadas durante a infecção secundária podem não ter avidez ideal para os epítopos do novo sorotipo do vírus infectante, não sendo eficazes na redução da carga viral, apesar de contribuir para o aumento de mediadores inflamatórios(MONGKOLSAPAYA *et al.,* 2003).

Há também a hipótese que considera os fatores virais, elucidando possíveis causas da ocorrência da dengue grave também em infecções primárias. Sugere-se que diferentes sorotipos e genótipos variam em virulência e imunopatogenia, desenvolvendo, por exemplo, mecanismos diversos e algumas vezes mais eficientes para evitar respostas antivirais do hospedeiro(COLOGNA; ARMSTRONG; RICO-HESSE, 2005; FRIED *et al.,* 2010; MANOKARAN *et al.*, 2015). Fatores genéticos dos hospedeiros também foram associados à forma grave da dengue, como, por exemplo, polimorfismos nos genes codificadores das proteínas OSBPL10 (proteína de ligação ao oxysterol) e RXRA (receptor retinóide X alfa), entre outros, que foram associados com a menor suscetibilidade de pessoas de ascendência africana para a dengue grave (SIERRA *et al.*, 2017). Essas proteínas consistem em receptores plasmáticos e nucleares envolvidos na sinalização e metabolismo lipídico, além do RXRA estar envolvido também na regulação da expressão de mediadores inflamatórios (MA *et al.,* 2015; PERTTILÄ *et al.,* 2009). No entanto, as vias que ligam o metabolismo lipídico à resposta imune na dengue ainda não foram bem estabelecidas.

Nesse contexto, sugere-se que altos níveis de mediadores inflamatórios contribuam para condições associadas aos sinais de alarme e aos sintomas característicos da dengue grave, como vigoroso aumento da permeabilidade endotelial, intenso extravasamento vascular e choque (CIPITELLI *et al.*, 2019). De fato, é descrito um aumento significativo de citocinas inflamatórias em pacientes com dengue grave em relação à dengue branda, como IL-4, IL-6, IL-8, IL-1β, INF-γ, MCP-1, TNF-α e MIF (BOZZA *et al.,* 2008; BUTTHEP *et al.,* 2012; CHEN *et al.,* 2018, 2006; LEE *et al.,* 2006; PRIYADARSHINI *etal.*, 2010). Além disso, análises histopatológicas e imunohistoquímicas de tecidos periféricos de pacientes com casos fatais de dengue demonstraram infecção e replicação viral em hepatócitos, pneumócitos, fibras cardíacas, monócitos e em células endoteliais circulantes e residentes, além de uma frequência significativamente aumentada de células que expressam IFN-ɣ, TNF-α e CCL5/RANTES nos mesmos tecidos, validando o aumento da permeabilidade vascular na dengue grave com conseqüente dispersão viral, migração de leucócitos, inflamação e dano tecidual (PÓVOA *et al., 20*14, 2016).

Diversos estudos já demonstraram a associação das citocinas com alteração da permeabilidade endotelial na dengue, como, por exemplo, as citocinas TNF-α e IL-8, as quais foram secretadas no sobrenadante de linhagens monocíticas infectadas por DENV. A exposição das células endoteliais microvasculares humanas (HMVEC) ao sobrenadante neutralizado para essas citocinas reduziu significativamente a hiperpermeabilidade das células em comparação à exposição ao sobrenadante sem neutralização (KELLEY; KAUFUSI; NERURKAR, 2012). A redução da permeabilidade de células endoteliais da veia umbilical humana (HUVEC) incubadas com sobrenadante de monócitos infectados com DENV-2também foi significativa quando neutralizada a quimiocina MCP-1 (LEE *et al.,* 2006). A citocina MIF também demonstrou ser crítica no processo de hiperpermeabilidade em HUVECs. A NS1 viral induziu a secreção da citocina MIF por leucócitos e células endoteliais, contribuindo para o aumento da permeabilidade endotelial. O mecanismo envolveu a degradação do glicocálice celular devido secreção de HPA-1 (heparanase) pelas células endoteliais e de MMP-9 (metaloproteinase) pelos leucócitos estimulados por MIF(CHEN *et al.,* 2018). Além da TNF-α, IL-8, MCP-1 e MIF, também é descrito que a infecção pelo DENV em células mononucleares do sangue periférico (PBMCs) e em macrófagos induz a secreção de IL-1β a partir da interação da proteína M do DENV com o NLRP3 nessas células. A infiltração de células inflamatórias e as lesões teciduais foram induzidas por M nos tecidos de camundongos selvagens, mas não ocorreram nos tecidos de camundongos deficientes para NLRP3, sugerindo que a ativação de NLRP3 por M e consequente secreção de IL-1β contribuem para o aumento da permeabilidade vascular em camundongos (PAN et al., 2019a). De fato, um estudo do mesmo grupo demonstrou que a IL-1β induz hiperpermeabilidade endotelial em HUVECs *in vitro* e também *in vivo*, contribuindo para a infiltração por células inflamatórias e lesão tecidual (PAN *et al.*, 2019b).

No estudo realizado por Bozza *et al.* 2008 em que avaliou-se as relações entre os níveis de citocinas e várias manifestações clínicas identificou-se que a IL-1β foi associada significativamente à trombocitopenia acentuada (≤50.000 plaquetas/mm^3), assim como as citocinas TNF-α, IL-8 e MCP-1 foram associadas inversamente à trombocitopenia. A trombocitopenia é uma importante alteração hematológica no curso da infecção pelo DENV, com contagens mais baixas de

plaquetas descritas em casos mais graves da dengue, havendo uma correlação positiva da trombocitopenia com o aumento do extravasamento vascular (BOZZA *et al.*, 2008; HUY *et al.,* 2013; KRISHNAMURTI *et al.*, 2001; MOURÃO *et al.*, 2007; WILLS *et al.,* 2009). Sugere-se que a diminuição na contagem de plaquetas envolva mecanismos de destruição periférica plaquetária devido à ativação das mesmas, contribuindo não apenas para a trombocitopenia, mas também para a amplificação da inflamação e extravasamento plasmático(HOTTZ *et al.,* 2011; OJHA *et al.,* 2017). No entanto, apesar de a plaquetopenia ser descrita no curso da infecção pelo DENV, os mecanismos associados a essa alteração hematológica na dengue e à participação das plaquetas na patogênese ainda não são completamente elucidados.

2.2 Plaquetas e suas funções imunoreguladoras

As plaquetas são pequenas células em tamanho (~4μm), mas estão altamente presentes em número (em média 200.000 plaquetas/μL, totalizando em média 1 trilhão de plaquetas no sangue humano), ocorrendo uma produção diária de 100 bilhões de novas plaquetas a partir de megacariócitos da medula óssea, as quais possuem uma meia vida de 8-10 dias(SEMPLE; ITALIANO; FREEDMAN, 2011). A proposta de plaquetas atuantes como células do sistema imune na dengue faz parte de perspectivas emergentes da atividade plaquetária, tendo em vista que as atividades descritas para essas pequenas células anucleadas se restringiram durante muito tempo ao envolvimento das mesmas na hemostasia e trombose patológica (VAN DER MEIJDEN; HEEMSKERK, 2019).

Diversos são os estímulos pró-coagulantes (colágeno, fibrinogênio, fator de von Willebrand - vWf) e os receptores envolvidos com a atividade plaquetária na hemostasia, como, por exemplo, os GPCRs (do inglês, *G protein-coupled receptors*) para trombina (receptores ativados por proteases do tipo 1 e 4 - PAR1 e PAR4), para ADP (receptores purinérgicos do tipo 2 metabotrópicos- P2Y12 e P2Y1) e para tromboxano A2 (receptor para tromboxano prostanóide - TP). Os estímulos agonistas levam à sinalizações intracelulares com amplificação da resposta

plaquetária e interações plaqueta-plaqueta, plaqueta-endotélio e plaqueta-leucócitos a partir de integrinas e selectinas (VAN DER MEIJDEN; HEEMSKERK, 2019). No entanto, plaquetas também são capazes de reconhecer PAMPs (padrões moleculares associados a patógenos) e DAMPs (padrões moleculares associados a dano) através de receptores de reconhecimento de padrões (PRRs), como, por exemplo: os receptores do tipo toll (TLRs), incluindo TLR1, 2, 4 e 6 na superfície plaquetária, e TLR 3, 7 e 9 nos endossomosos; os receptores do tipo NOD (NLRs), como NLRP3; e os receptores de lectina tipo C (CLRs), como DC-SIGN (ANABEL *et al.,* 2014; COGNASSE *et al.,* 2005; HOTTZ *et al.,* 2013a, 2013b; KOUPENOVA *et al.,* 2014; SHIRAKI *et al.,* 2004). As plaquetas também expressam receptores para citocinas e quimiocinas, como IL-1R, IL-8R, CXCR6 e CXCR7, contribuindo para a amplificação das respostas plaquetárias (BORST *et al.,* 2012; CHATTERJEE *et al.*, 2014; SCHAUFELBERGER *et al.,* 1994). Além dos receptores para agonistas clássicos, dos PRRs e dos receptores de citocinas e quimiocinas, as plaquetas também expressam receptores que reconhecem o fator de ativação de plaquetas (PAF) e certos fosfolipídios oxidativamente modificados, como o PAFR, o receptor de oxLDL do tipo lectina (LOX-1) e o receptor scavenger CD36 (CHEN et al., 2001; KEATING; SCHNEIDER, 2009; SILVERSTEIN, 2009).

A ativação plaquetária pode desencadear a secreção de moléculas estocadas em grânulos citoplasmáticos, como os grânulos densos que estocam ADP, ATP, serotonina e cálcio; e os α-grânulos que são os mais abundantes e armazenam reguladores da coagulação (Fator V, Fator VIII, PAI-I), moléculas de adesão (P-selectina, vWf, fibrinogênio, integrina $\alpha IIb\beta_3$), a molécula co-estimulatória CD40L, peptídios antimicrobianos, fatores de crescimento como o VEGF e citocinas e quimiocinas inflamatórias, como CCL3/MIP-1α, PF4/CXCL4, RANTES/CCL5, MIF, CXCL8/IL-8, CCL7/MCP-3 e TGF-β(FITCH-TEWFIK; FLAUMENHAFT, 2013; SEMPLE; ITALIANO; FREEDMAN, 2011). Além disso, apesar de serem anucleadas, as plaquetas possuem pré moléculas de RNA mensageiro (mRNA) provenientes de megacariócitos e pró-plaquetas na trombopoiese. Os pré-mRNAs são processados por um spliceossoma funcional que produz o mRNA traduzível após estímulo. O mRNA maduro é traduzido em proteínas como IL-1β, fator tecidual (FT) e COX-2(DENIS *et al.,* 2005; SCHWERTZ *et al.,* 2006; SHASHKIN *et al.,* 2008). As plaquetas ativadas também formam agregados com leucócitos a partir da P-

selectina (CD62-P) translocada dos α-grânulos pós estímulo, a qual interage com a glicoproteína ligante 1 de P-selectina (PSGL-1) nos leucócitos (KLING *et al.,* 2013). Além da interação P-selectina e PSGL-1, o fibrinogênio e o CD40L solúvel funcionam como uma ponte para a interação plaquetas-leucócitos através dos receptores αIIbβ3 em plaquetas e Mac-1 em leucócitos(PATKO *et al.,* 2012) (Figura 5).

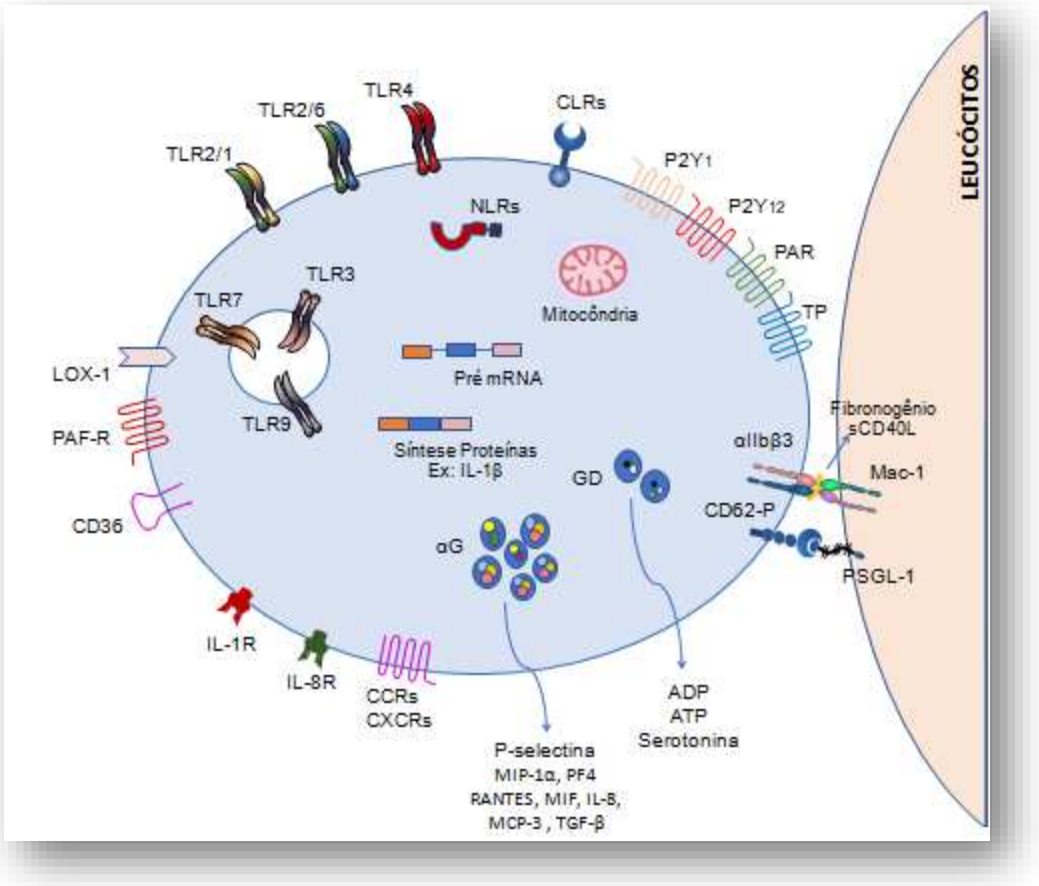


Figura 5 – Representação de elementos celulares plaquetários e interação plaqueta-leucócitos. TLR 1, 2, 4 e 6: Receptores do tipo toll de membrana plasmática. **TLR 3, 7 e 9:** Receptores do tipo toll endossomais. **NLRs:** Receptores citoplasmáticos do tipo NOD, como NLRP3. **CLRs:** Receptores lectina tipo C, como DC-SIGN. **P2Y1/P2Y12:** Receptores de ADP. **PAR:** Receptor de trombina. **TP:** Receptor de TBXA2. **LOX1, PAF-R e CD36**: Receptores de PAF e/ou lipídios oxidados. **IL-1R, IL-8R, CCRs, CXCRs**: Receptores de citocinas e quimiocinas. **CD62-P:** P-selectina. **PSGL-1:** Glicoproteína ligante 1 de P-selectina. **αIIbβ3 e Mac-1:** Ligantes de fibrinogênio. **αG:**α-grânulos. **GD:** Grânulos densos. **Pré mRNA**: RNA mensageiro com íntrons e exóns pré ação de spliceossomas. Fonte: Adaptado de Dib *et al.,* 2020 – ainda não publicado.

Além dos mecanismos apresentados desencadeados pela ativação plaquetária, é descrito que as plaquetas sofrem apoptose, um processo biológico de

morte celular sem perda da integridade da membrana, que limita a vida útil das células (MASON *et al.*, 2007). O balanço antagônico entre as proteínas anti-apoptóticas, como Bcl-2 e Bcl-xL, e pró-apoptóticas, como Bak e Bax, regula a meia-vida das plaquetas. Nesse sentido, com o envelhecimento plaquetário, ocorre o aumento das proteínas pró-apoptóticas iniciando a via intrínseca da apoptose bem descrita em plaquetas (LOPEZ *et al.,* 2008; MASON *et al.*, 2007). A via intrínseca cursa com a formação do poro de transição de permeabilidade mitocondrial (MPTP); despolarização da membrana mitocondrial externa ($\Delta\Psi_m$); liberação de fatores apoptogênicos, como o citocromo c, o qual por sua vez se liga à proteína adaptadora Apaf-1(fator de ativação de protease apoptótica-1) formando um "apoptossomo"; recrutamento e ativação da procaspase-9 que, por sua vez, ativa as caspases 3, 6 e 7; exposição de fosfatidilserina (PS) na membrana e formação de micropartículas plaquetárias (LEYTIN, 2012). Além do envelhecimento plaquetário, condições patológicas podem contribuir para apoptose plaquetária e conseqüentemente para a trombocitopenia observada em diversas doenças, como na dengue (HOTTZ *et al*., 2013b, 2014; LEYTIN, 2012).

Em um artigo de revisão escrito recentemente por nosso grupo, nós compilamos e descrevemos como as plaquetas através de seus PRRs e interações com leucócitos participam de diversos processos imunes e inflamatórios em doenças infecciosas e em doenças inflamatórias estéreis, influenciando fortemente na patogênese destas doenças (DIB *et al.,* 2020)(ANEXO B). Diversas evidências apontam para a participação das plaquetas em infecções virais, como na infecção por HIV (vírus da imunodeficiência humana), influenza, COVID-19 (doença por corona vírus 2019) e dengue (HOTTZ; BOZZA; BOZZA, 2018; KOUPENOVA *et al.,* 2019; MANNE *et al.,* 2020; REAL *et al.*, 2020; TRUGILHO *et al.,* 2017).Tal participação envolve, por exemplo, secreção de citocinas e quimiocinas dos grânulos plaquetários e interação plaquetas-leucócitos contribuindo para a amplificação de processos inflamatórios, desencadeando a secreção de citocinas pelos leucócitos, induzindo a liberação de NETs (do inglês *neutrophils extracellular traps*) e além disso, contribuindo para a disseminação viral, como o que ocorre no HIV a partir da transinfecção do vírus para células T CD4+ e macrófagos (BOILARD *et al.*, 2016; HOTTZ *et al.*, 2014; KOUPENOVA *et al*., 2019; REAL *et al.*, 2020).

No cenário da infecção pelo DENV ocorrem importantes alterações associadas às funções e número das plaquetas, as quais foram compiladas por nós em um artigo publicado na revista *Platelets* (ANEXO C). As plaquetas possuem a maquinaria celular necessária para a entrada do vírus e tradução do genoma viral com liberação, por exemplo, da proteína não estrutural NS1, mas não formando partículas virais maduras (KAR *et al.*, 2017; QUIRINO-TEIXEIRA *et al.*, 2020; SIMON; SUTHERLAND; PRYZDIAL, 2015). Apesar das plaquetas apresentarem um ciclo de replicação abortivo do DENV, sugere-se que elas contribuam para a patogênese da doença amplificando a resposta inflamatória.É descrito que a atividade da caspase-1 plaquetária e o aumento da expressão de IL-1β nas plaquetas e nas microvesículas (MVs) derivadas de plaquetas se correlacionam com sinais de aumento da permeabilidade vascular na dengue. De fato, experimentos *in vitro* demonstraram a ativação do inflamassoma em plaquetas infectadas por DENV e conseqüente liberação de MVs ricas em IL-1β, as quais contribuíram para a hiperpermeabilidade endotelial *in vitro* de maneira dependente de IL-1R(HOTTZ et al., 2013a). Além disso, foram observados níveis aumentados de agregados plaquetas-monócitos no sangue de pacientes com dengue, os quais foram correlacionados positivamente com o aumento da permeabilidade endotelial. Experimentos *ex vivo* demonstraram que plaquetas provenientes de pacientes com dengue interagem com monócitos induzindo a secreção de citocinas como IL-1β, IL-8, IL-10 e MCP-1 pelos monócitos (HOTTZ *et al.*, 2014). Portanto, além de células como leucócitos e células endoteliais secretarem citocinas associadas ao aumento da permeabilidade endotelial, estudos recentes têm sugerido um papel importante da atividade plaquetária na patogênese da dengue, contribuindo também para a amplificação da resposta inflamatória (HOTTZ et al., 2013a, 2014; TRUGILHO et al., 2017).

Análises proteômicas de plaquetas provenientes de pacientes infectados pelo DENV mostram um aumento significativo de proteínas relacionadas à sinalização da ativação plaquetária, além do aumento de P-selectina, um marcador de superfície de ativação plaquetária que foi correlacionado positivamente com a gravidade da dengue (TRUGILHO *et al.,* 2017). Os estímulos para ativação plaquetária na dengue não são completamente elucidados, sabe-se que as plaquetas podem ser ativadas diretamente pelo vírus através da interação do vírus,

por exemplo, com o receptor DC-SIGN (HOTTZ et al., 2013b; TRUGILHO et al., 2017). No entanto, a queda da viremia na fase crítica em que há o pico de ativação plaquetária nos indica a importância de investigar outros estímulos responsáveis por essa ativação. É descrito que a NS1 e as histonas H2A altamente presentes no plasma de pacientes com dengue são capazes de ativar as plaquetas via TLR4 (CHAO et al., 2019; QUIRINO-TEIXEIRA et al., 2020; TRUGILHO et al., 2017). Além disso, os níveis de peroxidação lipídica na DHF e na DSS são correlacionados com a trombocitopenia, conforme os níveis de MDA aumentam a contagem plaquetária diminui com uma correlação significativa (SOUNDRAVALLY *et al.,* 2008). Contudo, apesar dos mecanismos inflamatórios desencadeados por lipoproteínas de baixa densidade oxidadas (oxLDL) serem amplamente estudados em doenças cardiovasculares estéreis, a participação da oxLDL não foi até então relacionada à ativação plaquetária e aos quadros vasculares de doenças infecciosas, como na patogênese da dengue (CHYU et al., 2012; H.-C. et al., 2013; WANG et al., 2018).

2.3 Lipoproteínas de baixa densidade (LDL)

Devido à natureza hidrofóbica dos lipídios, os mesmos são transportados no plasma pelas lipoproteínas. As lipoproteínas plasmáticas são partículas esféricas formadas por uma membrana externa constituída por apolipoproteínas e lipídios anfipáticos (fosfolipídios e colesterol livre), envolvendo um núcleo hidrofóbico que contém lipídios apolares, denominados triacilglicerol (TAG) e ésteres de colesterol (ENGELKING, 2015). Existem algumas classes de lipoproteínas como: HDL (do inglês *High-density Lipoprotein)*, VLDL (do inglês *Very low-density lipoproteins*), IDL (do inglês *Intermediate-density lipoprotein*) e LDL (do inglês *Low-density lipoprotein*), as quais participam do metabolismo endógeno de lipídios e possuem algumas diferenças estruturais e funcionais, como por exemplo, os tipos de apolipoproteínas e a composição de lipídios (ORDOVAS, 2003).

A LDL é originada a partir do metabolismo endógeno de lipídios (Figura 6). A HDL é sintetizada no fígado com algumas apoproteínas, como Apo AI, Apo E e Apo CII e com a enzima LCAT (lecitina-colesterol aciltransferase) e posteriormente

liberada a partir do transportador ABCA1. Esta lipoproteína tem a função de captar colesterol dos tecidos, portanto é liberada do fígado com pouco colesterol e rapidamente adquire colesterol livre dos tecidos (ROSENSON *et al.*, 2012). À medida que os níveis de colesterol em uma célula aumentam, a formação de oxisteróis também aumenta, levando à ativação do fator de transcrição nuclear LXR e conseqüente aumento na expressão dos transportadores ABCA1 e ABCG1 com aumento do efluxo de colesterol das células para a HDL (MURTHY *et al.*, 2002; ZELCER; TONTONOZ, 2006). A HDL transforma o colesterol livre capturado dos tecidos em colesterol éster através da enzima LCAT ativada pela Apo AI e transfere o colesterol para o fígado pelo receptor scavenger classe B1 (SR-B1). Além de participar do transporte reverso de colesterol, a HDL fornece para a VLDL as apoproteínas Apo CII e Apo E(ROSENSON *et al.*, 2012).

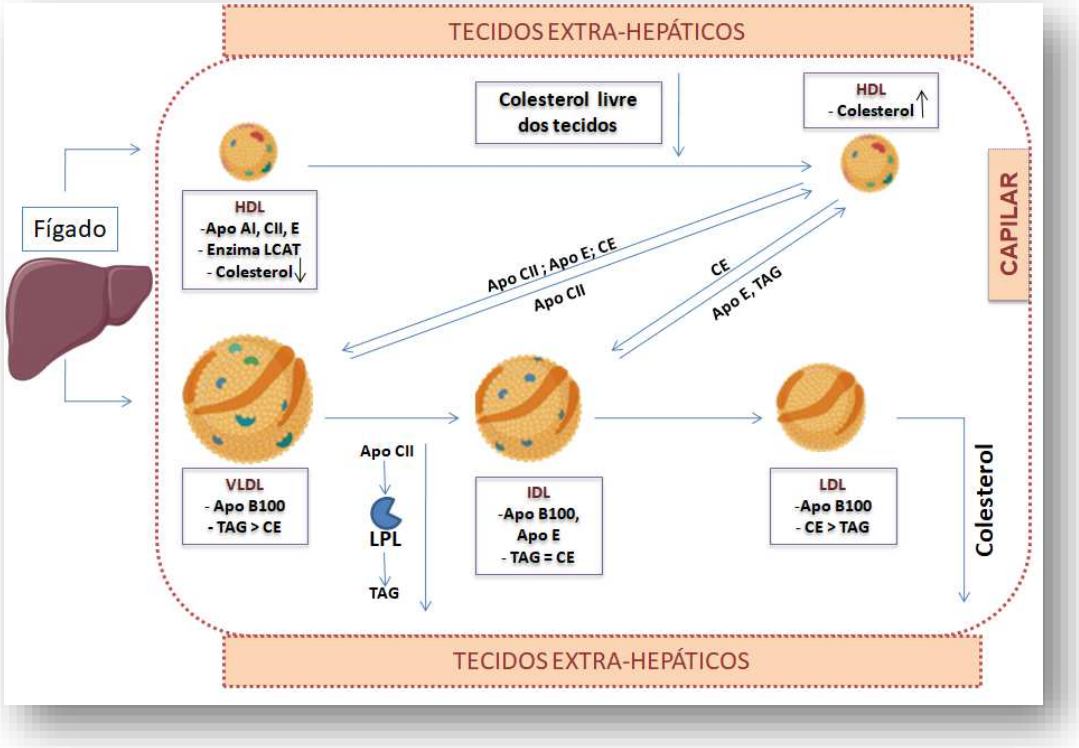


Figura 6 – Esquema representativo do metabolismo endógeno de lipoproteínas. Apo A1, Apo CII, Apo E, Apo B100: Apolipoproteínas constituintes das lipoproteínas. **LCAT:** Lecitina-colesterol aciltransferase. **TAG:** Triglicerídeos. **CE**: Colesterol esterificado. **LPL**: Lipoproteína Lipase.

A VLDL é liberada pelo fígado com mais TAG do que colesterol e com a ApoB100 (uma glicoproteína altamente anfipática que penetra repetidamente na monocamada fosfolipídica ou mesmo no interior lipídico hidrofóbico da lipoproteína,

com 4536 aminoácidos e massa molecular de ~515 kDa) (SHELNESS; SELLERS, 2001). Ao receber a Apo CII da HDL, a VLDL consegue ativar a enzima lipoproteína lipase (LPL) do endotélio capilar, liberando ácidos graxos dos TAG para os tecidos, como tecido muscular e adiposo (WOLSKA *et al.,* 2017). Dessa forma, com o conteúdo reduzido de TAG, a VLDL transfere a Apo CII para a HDL novamente e passa a ser classificada como IDL. Esta pode retornar ao fígado interagindo com receptores para Apo E ou pode interagir com a HDL, transferindo a Apo E, fornecendo TAG e recebendo colesterol a partir da enzima colesteril-éster transferase (CETP), passando a ser classificada como LDL, com mais colesterol do que TAG (Figura 7)(ROSENSON *et al.,* 2012; WANG *et al.*, 2017).

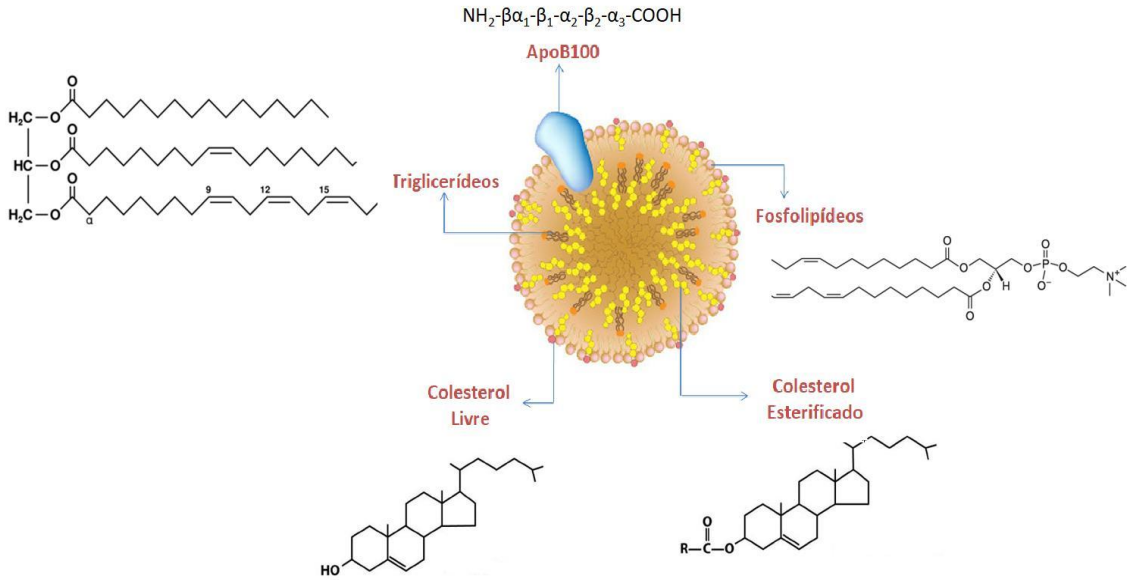


Figura 7 – Representação da lipoproteína de baixa densidade (LDL).O núcleo hidrofóbico formado pelos lipídios apolares: triglicerídeos e colesterol esterificado. A membrana externa composta por lipídios anfipáticos: monocamada de fosfolipídios e colesterol livre. A glicoproteína Apo B100 envolve a lipoproteína penetrando na monocamada fosfolipídica ou mesmo no interior lipídico hidrofóbico da lipoproteína.

A LDL consiste em uma classe de lipoproteínas com densidade entre 1,019–1,063 g/ml, com função de entregar colesterol para os tecidos extrahepáticos, possuindo em sua superfície a ApoB100, a qual é importante na manutenção da integridade estrutural e na endocitose da LDL pelo receptor (LDLR) presente no fígado e na maioria dos outros tecidos (KHOSRAVI; HOSSEINI-FARD; NAJAFI, 2018; WANG *et al.,* 2017).

A entrega de colesterol à célula diminui a atividade da HMG-CoA redutase (do inglês, *3-hydroxy-3-methyl-glutaryl-coenzyme A reductase,* uma enzima chave na biossíntese do colesterol) e diminui também a expressão dos LDLR, pois os esteróis formados do metabolismo de colesterol ativam o fator de transcrição LXR que medeia tal diminuição (ZHANG *et al.,* 2012). Por outro lado, quando os níveis de colesterol celular diminuem, o fator de transcrição SREBP (Proteínas de Ligação a Elemento Regulador de Esterol) estimula a expressão dos receptores de LDL e da enzima HMG-CoA redutase para aumentar a síntese de colesterol e endocitose da LDL (BROWN; RADHAKRISHNAN; GOLDSTEIN, 2018). As mudanças na captação de colesterol mediada pelas alterações na expressão do receptor de LDL juntas ao efluxo de colesterol mediado pelos transportadores ABCA1 e ABCG1 manterão a homeostase celular do colesterol.

A LDL pode sofrer peroxidação lipídica, esta ocorre quando espécies oxidantes adquirem hidrogênios especialmente de ácidos graxos poliinsaturados (PUFAs) livres ou que compõem os fosfolipídios e lipídios neutros presentes na LDL, formando radicais reativos lipídicos (L°). Estes radicais lipídicos reagem rapidamente com o oxigênio (O_2), formando radicais peroxi lipídicos (LOO°), os quais adquirem hidrogênios de outras moléculas lipídicas, formando hidroperóxidos lipídicos (LOOH) e mais radicais lipídicos (L°) que continuam a reação em cadeia. Ou seja, os próprios radicais lipídicos gerados por espécies oxidantes, na presença de O_2 contribuem também para a peroxidação lipídica e formação de mais radicais lipídicos (Figura 8) (AYALA; MUÑOZ; ARGÜELLES, 2014). Além dos LOOH que consistem em produtos primários da peroxidação lipídica, alguns produtos secundários reativos são formados, como os aldeídos malondialdeído (MDA) e o 4-hydroxynonenal (4-HNE) produzido pela peroxidação lipídica dePUFAs *n*-6. Estes aldeídos reativos propagam os eventos iniciais das espécies oxidantes reagindo com os aminoácidos de proteínas, modificando essas biomoléculas ao gerar adutos intermoleculares, como 4HNE-proteínas ou MDA-proteínas (AYALA; MUÑOZ; ARGÜELLES, 2014; DOMINGUES *et al.,* 2013; ESTERBAUER; SCHAUR; ZOLLNER, 1991).

Não há consenso sobre a composição específica da oxLDL e estas podem ser caracterizadas por diferentes graus de oxidação. A composição da oxLDL tem influência de diversos fatores, como: do agente oxidante; das condições nas

quais essa LDL foi submetida à oxidação; da composição da partícula de LDL antes da modificação e do status inicial de antioxidantes dessa partícula (LEVITAN; VOLKOV; SUBBAIAH, 2010). De maneira geral, diferentes concentrações de lipídios oxidados faz com que as oxLDL possam ser descritas como *"LDLs levemente oxidadas" ou "LDLs extensamente oxidadas"*. As LDLs levemente oxidadas possuem depleção antioxidante, oxidação de fosfolipídios, pouca ou nenhuma modificação de proteínas e embora quimicamente diferentes das LDLs não modificadas ainda são reconhecidas pelos receptores de LDL (LEVITAN; VOLKOV; SUBBAIAH, 2010). Já as "*LDLs extensamente oxidadas*" não são reconhecidas pelo receptor de LDL e possuem uma maior extensão de modificações na proteína ApoB100(LEVITAN; VOLKOV; SUBBAIAH, 2010; PARTHASARATHY *et al.*, 2010).

As modificações oxidativas dos componentes lipídicos da LDLoxidada (oxLDL) levam à formação de compostos bioativos que são considerados DAMPs, ativando PRRs e induzindo resposta imune e inflamação (MILLER; SHYY, 2017). A captação de oxLDL pelos macrófagos, por exemplo, leva ao acúmulo de colesterol, convertendo-os em células espumosas e contribuindo para o desenvolvimento de lesões ateroscleróticas(BERKEL *et al.,* 1995; CHISTIAKOV *et al.*, 2017). Além de servir como substrato para formação das células espumosas, foram descritas outras atividades imunopatogênicas para a oxLDL, como: recrutamento de leucócitos para locais de lesões ao induzir, por exemplo, a expressão superficial das moléculas de adesão e a liberação de quimiocinas pelas células endoteliais; transição de células musculares lisas para um fenótipo pró-inflamatório; e agregação plaquetária nas doenças cardiovasculares (CHEN *et al.*, 2001; LIU *et al.*, 2014; NAVAB *et al.*, 1991; TAKEI; HUANG; LOPES-VIRELLA, 2001). Portanto, a oxLDL pode exercer uma ampla gama de bioatividades críticas para impulsionar a imunopatogênese de doenças inflamatórias estéreis, porém o seu possível envolvimento na imunopatogênese de doenças infecciosas, como a dengue, ainda não foi descrito.

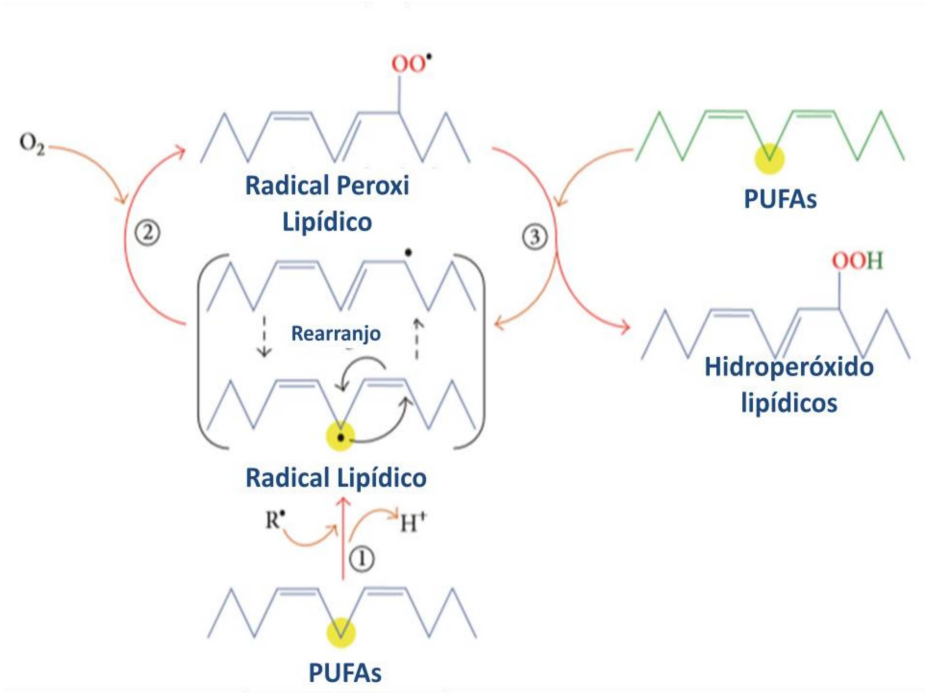


Figura 8 – Peroxidação lipídica. Na etapa 1ocorrea iniciação, com formação do radical lipídico após ação da espécie oxidante sobre os ácidos graxos poliinsaturados (PUFAs). O radical formado tende a ser estabilizado por um rearranjo molecular formando um dieno conjugado. Na etapa 2 de propagação, o radical lipídico rapidamente reage com oxigênio, formando o radical peroxi lipídico, o qual adquire hidrogênios de outras moléculas lipídicas continuando a reação em cadeia (Adaptado de AYALA; MUÑOZ; ARGÜELLES, 2014).

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Investigar a participação da oxLDL na patogênese da dengue, a partir da identificação de mecanismos de ativação e apoptose plaquetária associados à resposta inflamatória na infecção.

3.2 Objetivos específicos

Isolar LDL do plasma de pacientes com dengue e caracterizar quanto à presença de lipídios oxidados;

Avaliar a habilidade das oxLDL isoladas do plasma de pacientes com dengue em promover ativação e apoptose plaquetária;

Investigar a habilidade das oxLDL isoladas do plasma de pacientes com dengue em promover secreção de mediadores inflamatórios em modelos de interação com plaquetas.

4 MATERIAL E MÉTODOS

4.1 Material biológico de pacientes com dengue e voluntários saudáveis

As amostras de plasma de pacientes com dengue e voluntários saudáveis foram obtidas de acordo com projeto multicêntrico com aprovação ética (INI # 016/2010, IOC/FIOCRUZ # 42999214.1.1001.5248 e UFJF-HU # 65064117.9.0000.5133)e foram estocadas em biorepositórios no laboratório de Imunofarmacologia (IOC/FIOCRUZ) e no laboratório de Imunotrombose (UFJF). As características clínicas e laboratoriais dos pacientes incluídos estão apresentadas na Tabela 1. A confirmação do diagnóstico foi realizada por testes sorológicos a partir da detecção de anticorpos IgM e IgG contra a proteína E do DENV e/ou do antígeno NS1, e por testes moleculares pela detecção do RNA viral por PCR, que também permitiu a determinação do sorotipo infectante (DENV-1 a 4).

Tabela 1 – Características clínicas e laboratoriais dos pacientes com dengue

	Controle (n=3)	**Dengue** (n=3)	**Valores de Referência***
Idade, anos	45 (36-53)	38 (28-44)	-
Gênero, Masculino	1 (33%)	2 (66%)	-
Plaquetometria, x 1000/mm^3	-	85 (33,6 – 111)	150-450
Contagem de leucócitos, células/mm^3	-	3646 (3340-4206)	4000-11000
Hematócrito, %	-	40 (34,5-44,42)	37-50
Albumina, g/dL	-	3,7 (3,2-4,15)	3,5-5,5
TGO/AST, U/L	-	71 (38,5-93)	10-40
TGP/ALT, U/L	-	93 (51-162)	10-40
GGT, U/L	-	69 (52-63)	8-50
Dengue Branda	-	2 (66%)	-
Dengue Branda com Sinais de Alarme[1]	-	1 (33%)	-
Manifestações hemorrágicas[2]	-	0 (0%)	-
Infecção Secundária	-	2 (66%)	-
IgM$^+$	-	3 (100%)	-
IgG$^+$	-	2 (66%)	-
NS1$^+$	-	1 (33%)	-

Dados apresentados como média (mínimo-máximo) ou número (percentual-%).
*Intervalos de referência para testes laboratoriais segundo Conselho Americano de Medicina Interna (ABIM).
[1] Dor abdominal, vômitos persistentes e aumento do hematócrito concorrente com declíniorápido da contagem de plaquetas.
[2] Sangramento de gengiva, metrorragia, hematêmese, hematúria e petéqueas.

A experimentação com plaquetas isoladas de voluntários saudáveis incluídos no Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Juiz de Fora (ICB-UFJF) foi aprovado pelo comitê de ética (UFJF-HU # 65064117.9.0000.5133). Os critérios de inclusão para os voluntários saudáveis consistiram em: idade acima de 18 anos; ausência do consumo de alimentos contendo cafeína no dia da coleta; ausência de quadros infecciosos ou alérgicos por no mínimo 14 dias antes da coleta, assim como ausência do uso de medicações, como anti-inflamatórios, 14 dias precedentes a data da coleta. Todo material biológico foi obtido de pacientes ou voluntários saudáveis que consentiram em participar do estudo mediante assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, regido de acordo com as normas da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

4.2 Isolamento de LDL por gradiente de densidade e ultracentrifugação

As LDLs de voluntários saudáveis e de pacientes com dengue foram isoladas de acordo com protocolo padronizado por nosso grupo descrito em um artigo aceito para publicação na *Methods in Molecular Biology* (ANEXO D). O plasma utilizado para montagem dos gradientes foi obtido a partir do sangue periférico de voluntários saudáveis e de pacientes com dengue. O sangue foi coletado (20mL) por meio de escalpe com seringa contendo 3 ml do anticoagulante citrato-ácido-dextrose (ACD - 8 g/L de ácido cítrico, 22,4 g/L de citrato de sódio e 2 g/L de dextrose; pH 5,1). Em uma cabine de fluxo laminar, o sangue foi transferido para dois tubos cônicos estéreis de 50 mL. Os tubos foram então centrifugados a 700 x g, por 20 minutos à temperatura ambiente, com parada sem freio para obter o plasma pobre em plaquetas (PPP). Uma segunda centrifugação foi realizada a 2.500 x g, por 15 minutos à temperatura ambiente, com parada sem freio, para exclusão de corpos apoptóticos, fragmentos de membrana e restos celulares. O plasma livre de plaquetas (PLP) foi adicionado de hidroxitolueno butilado – BHT(1 µl/ml) para prevenir a oxidação *ex vivo* das LDLs plasmáticas.

Os plasmas foram submetidos ao gradiente de densidade com posterior ultracentrifugação. O gradiente foi montado em tubos de ultracentrífuga de 8 mL aos quais foram adicionados 2 mL de plasma contendo 0,5 g/mL de KBr; seguidos de 6 mL de solução de NaCl 0,9 %p/v. Os gradientes foram centrifugados a 150.000 x g por 2,5 h à temperatura de 4°C e 26 frações de 300 µL foram recuperadas. As especificações do rotor da ultracentrífuga utilizada são: rotor MLN-80, quase vertical, *Beckman Coulter*. As frações de LDL (ricas em colesterol e pobres em triglicerídeos) foram caracterizadas a partir da utilização de kits colorimétricos baseados em reações enzimáticas incluindo kit Triglicérides liquiform (87-2/250, Labtest, Brasil), kit Colesterol liquiform (76-2/250, Labtest, Brasil) e kit Albumina (19-1/250, Labtest, Brasil) (Figura 9). Além da dosagem lipídica, realizamos a pesagem de 100µL das frações para confirmar a densidade que corresponde à densidade das LDL (1,019-1,063 g/ml). Adicionou-se BHT (1 µl/ml) e Pefablock (1 µl/ml) nas amostras de LDL, as quais foram dialisadas 12 horas em 1L de solução de PBS-EDTA (tampão fosfato e salina com EDTA na concentração de 10mM), com troca da solução de PBS-EDTA para subseqüentes 6 horas de diálise, totalizando 18 horas de diálise das amostras de LDL. Acrescentou-se Pefablock (1ul/ml) nas amostras de LDL dialisadas, as quais foram armazenadas a -80ºC.

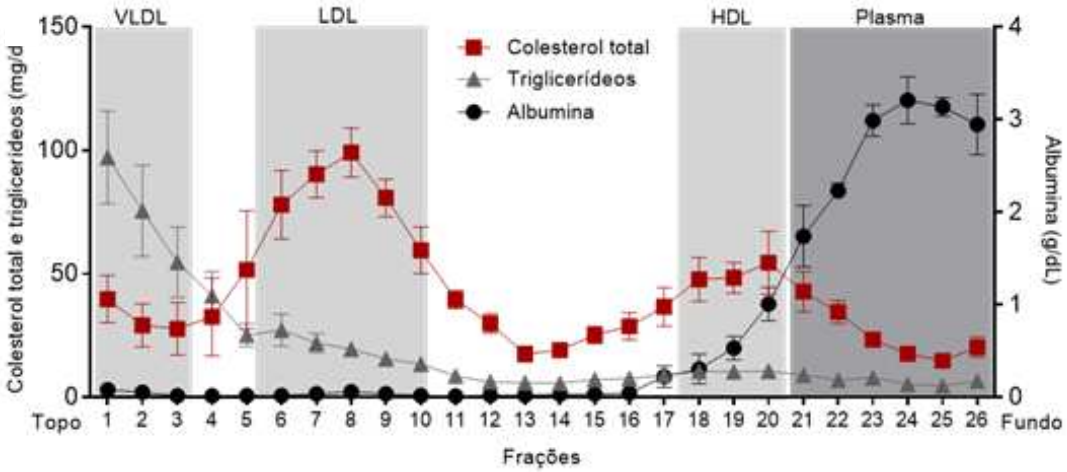


Figura 9 – Isolamento de lipoproteínas plasmáticas por ultracentrifugação-Composição das frações de plasma obtidas a partir de um gradiente de densidade bifásico para tubo de 8 mL.

4.3 Detecção de malondialdeído por teste de TBARS

Realizamos a incubação de 50 µg de amostras de LDL isoladas de pacientes com dengue ou de voluntários saudáveis com 100 µL de ácido tiobarbitúrico (TBA) 0,67% na avaliação da concentração de MDA (malondialdeído). Os volumes das amostras foram ajustados com PBS (tampão fosfato e salina). O experimento foi realizado em duplicata e as amostras foram submetidas a banho seco a 96 °C por 30 minutos. A mistura de amostra com TBA foi transferida para uma placa de 96 poços e realizou-se a leitura em espectrofotômetro a 535nm. Os valores foram representados em razão da concentração de colesterol quantificado por teste colorimétrico através do kit Colesterol liquiform (ref.: 76-2/250 Labtest, Brasil).

4.4 Detecção de 4HNE por Western blot

Amostras de LDL isoladas de voluntários saudáveis e de pacientes com dengue foram avaliadas quanto à presença da 4HNE, a qual assim como o MDA consiste em um aldeído reativo, subproduto da peroxidação lipídica. Alíquotas das amostras de LDL foram lisadas com tampão de lise (10 mM Tris; 150 mM NaCl; 0,1 mM EDTA; inibidor de proteases (ROCHE) e Triton x-100 1%). Realizou-se a dosagem de proteínas das amostras de LDL lisadas e não lisadas utilizando-se kit BCA (Thermo Scientific). Para a detecção da proteína ApoB100 (~515 kDa) no controle de carregamento do experimento foi necessário a padronização da técnica para proteínas de alto peso molecular, conforme descrevemos no artigo que submetemos para a *Methods in Molecular Biology* (ANEXO D). As amostras de LDL lisadas foram aplicadas em gel SDS-PAGE (dodecil-sulfato de sódio – poliacrilamida) a 6% para realização da eletroforese (32 mA). Realizou-se a eletrotransferência das proteínas do gel para a membrana de PVDF (Fluoreto de Polivinilideno), a 40 mA, *overnight.* As membranas foram bloqueadas com TBS-T (tampão tris salina, 0,1% Tween 20) e 5% de leite por 1 hora. Posteriormente, as membranas foram incubadas com anticorpo primário anti-4HNE policlonal (Abcam -

ab46544) produzido em cabra (1:1000), *overnight,* sob refrigeração a 4ºC. No dia seguinte, as membranas foram lavadas com TBS-T e incubadas com anticorpo secundário anti IgG de cabra (Vector, PI-9500, 1:10.000) por 1 hora. A membrana foi lavada novamente com TBS-T e revelada com os reagentes quimioluminescentes Dura (Thermo). Para o controle de carregamento do experimento, as membranas também foram incubadas com anticorpo anti Apo-B100 produzido em cabra (BioRad - AHP1267, 1:1000), *overnight,* sob refrigeração a 4ºC. No dia seguinte, as membranas foram lavadas com TBS-T e incubadas com anticorpo secundário anti IgG de cabra (Vector, PI-9500, 1:10.000) por 1 hora. A membrana foi lavada novamente com TBS-T e revelada com o reagente quimioluminescente Pico (Thermo).

4.5 Isolamento de plaquetas

A partir do sangue periférico de voluntários saudáveis coletado em seringa contendo ACD (8g/L de ácido cítrico, 22,4 g/L de citrato de sódio e 2g/L de dextrose; pH 5,1) foi realizado o protocolo de isolamento de plaquetas (HAMBURGER; MCEVER, 1990). O isolamento de plaquetas se deu com subseqüentes centrifugações de 20 minutos à temperatura ambiente e parada sem freio (1ª centrifugação para obtenção do plasma rico em plaquetas (PRP) foi realizado a 205 x *g*; e 2ª e 3ª centrifugações para obtenção do pellet de plaquetas livre de debris celulares foram realizadas a 550 x *g*). O PRP após 1ª centrifugação foi transferido para um novo tubo falcon estéril e acrescentou-se 1µL/mL de solução de prostaglandina E_1 (Cayman, 13010 - PGE_1) com PSG (5 mM de PIPES, 145 mM de NaCl, 4mM de KCl, 50 µM de Na_2HPO_4, 1mM de $MgCl_2.6H_20$, 5,5 mM de glicose; pH 6,8). O pellet formado após a 2ª centrifugação foi ressuspendido em PSG e adicionado de solução de PGE_1 novamente (1µL/mL) e o pellet formado após a 3ª centrifugação foi ressuspendido com meio 199 (M199 com EBSS, L-Glutamina e HEPES; Lonza 12-117F). A concentração plaquetária foi corrigida após contagem de plaquetas, de modo a obter $1x10^9$ plaquetas/mL.

4.6 Estímulo com LDL de pacientes com dengue e de indivíduos saudáveis*ex vivo*

As plaquetas foram estimuladas com a LDL proveniente de pacientes com dengue e de indivíduos saudáveis em quatro concentrações diferentes (5ng/mL, 10ng/mL, 100ng/mL e 1000ng/mL), com ou sem a presença da trombina (Sigma – T1063) em dose subótima (0,02U/ml), um agonista clássico plaquetário (CHEN *etal.*, 2009). Para o controle negativo dos experimentos utilizou-se plaquetas (*n*=3) não estimuladas e apenas acrescidas de M199 e para o controle positivo realizou-se estímulo plaquetário com trombina nas doses de 0,5U/mL e 0,02U/mL na ausência de estímulo com LDL. O sobrenadante das plaquetas estimuladas foi então coletado, centrifugados a 997 *x g* por 10 minutos e estocados à -80°C para posterior uso.

4.7 Análise da ativação plaquetária por citometria de fluxo

As plaquetas em diferentes condições de estímulo foram marcadas com anticorpos conjugados a fluorocromos e protegidas da luz. Após 30 minutos de estímulo, a fim de avaliar a expressão superficial da P-selectina, as plaquetas foram marcadas utilizando-se o anticorpo anti-CD62P conjugado a aloficocianina (BD Biosciences – 550888, CD62P APC, 1:100). A ativação da integrina αIIbβ3 também foi avaliada utilizando-se o anticorpo PAC-1 conjugado a isotiocianato de flureseína (BD Biosciences – 340507, PAC-1 FIT-C, 1:50). Por fim, as plaquetas também foram marcadas a fim de avaliar a expressão do receptor CD36 utilizando-se o anticorpo anti-CD36 conjugado a isotiocianato de flureseína (BD Biosciences – 555454, CD36 FIT-C, 1:100). Para a identificação das plaquetas utilizou-se o anticorpo anti-CD41 conjugado a isotiocianato de flureseína (BD Biosciences – 555466, CD41a FIT-C, 1:100) ou o anticorpo anti-CD41 conjugado a aloficocianina(BD Biosciences – 559777, CD41a APC, 1:100). Após 10 minutos, as plaquetas foram fixadas com paraformaldeído 4%. Posteriormente, as plaquetas marcadas foram adquiridas em Citômetro de Fluxo (BD FACSCanto II) através do

software FACSDiva. Os dados foram posteriormente analisados por meio do software FlowJo.

4.8 Ensaio de apoptose plaquetária induzida por LDL de pacientes com dengue e de indivíduos saudáveis e análise por citometria de fluxo

As plaquetas incubadas com LDL na concentração de 1000ng/mL, na presença ou ausência de trombina em dose subótima,foram marcadas para análise dos parâmetros apoptóticos de exposição de fosfatidilserina e de despolarização da membrana mitocondrial interna. Para detecção da exposição de fosfatidilserina, as plaquetas foram incubadas com um *pool* de tampão de ligação de Anexina V e Anexina V conjugada a isotiocianato de flureseína (BD Biosciences – 556419, Anexina V FIT-C, 1:20). Após 15 minutos de incubação, protegido da luz e a temperatura ambiente, as plaquetas foram diluídas em 380µL do tampão de ligação de Anexina V. Para a avaliação da despolarização da membrana mitocondrial interna, as plaquetas foram incubadas com a sonda catiônica tetrametilrodamina etil ester (TMRE)(Sigma – 879117, 100nM). Posteriormente, as plaquetas marcadas foram adquiridas em Citômetro de Fluxo (BD FACSCanto II) através do software FACSDiva. Os dados foram posteriormente analisados por meio do software FlowJo.

4.9 Dosagem de citocinas

Citocinas e quimiocinas de perfil pró-inflamatório foram quantificadas nos sobrenadantes das plaquetas estimuladas por meio de ELISA de captura (R&D systems) conforme as instruções do fabricante. Foram dosadas as citocinas IL-1α, IL-1β, MIF, PF4/CXCL4 eRANTES/CCL5. Para a dosagem das citocinas, as amostras foram diluídas, 1:2 para a dosagem de MIF, 1:200 para de PF4/CXCL4 e 1:10 para de RANTES/CCL5. Para a dosagem de IL-1α e de IL-1β não foi necessária diluição das amostras.

4.10 Análise estatística

As análises estatísticas foram realizadas utilizando-se GraphPad Prism 6.0 for Windows (GraphPadSoftware, San Diego California USA). Variáveis numéricas foram apresentadas como média ± erro padrão da média e foram avaliadas quanto à distribuição normal pelos testes de Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk. As diferenças entre os grupos foram avaliadas por teste t de Student, sendo a significância estatística considerada sempre que $p < 0,05$.

5 RESULTADOS

5.1 Caracterização das LDL isoladas do plasma de pacientes com dengue ou de voluntários saudáveis

As LDL do plasma de pacientes com dengue, isoladas por ultracentrifugação em gradiente, foram utilizadas para a análise de peroxidação lipídica e de proteínas oxidadas. Para o controle negativo dos experimentos foram utilizadas LDL do plasma de voluntários saudáveis também isoladas por ultracentrifugação em gradiente. Sendo assim, realizamos o teste T-bars nas amostras de LDL isoladas de voluntários saudáveis e de pacientes com dengue para a avaliação da presença do malondialdeído (MDA), subproduto da peroxidação lipídica que reage com o ácido tiobarbitúrico utilizado no teste. Nossos resultados demonstram um aumento significativo da presença de MDA nas amostras de LDL provenientes dos pacientes com dengue em relação as LDL de indivíduos saudáveis, indicando uma maior peroxidação lipídica nos pacientes com dengue (Figura 10A). Além da análise do MDA, também avaliamos a presença do 4-hydroxynonenal (4-HNE), outro aldeído resultante da peroxidação lipídica. A 4HNE trata-se de um aldeído altamente reativo que forma adutos não somente com proteínas, mas também com fosfolipídios oxidados (oxPL) (DOMINGUES *et al*.,

2013). Os resultados apontam para a presença do 4HNE nas amostras de LDL de pacientes com dengue, o que não foi observado nas amostras de LDL dos voluntários saudáveis (Figura 10B).

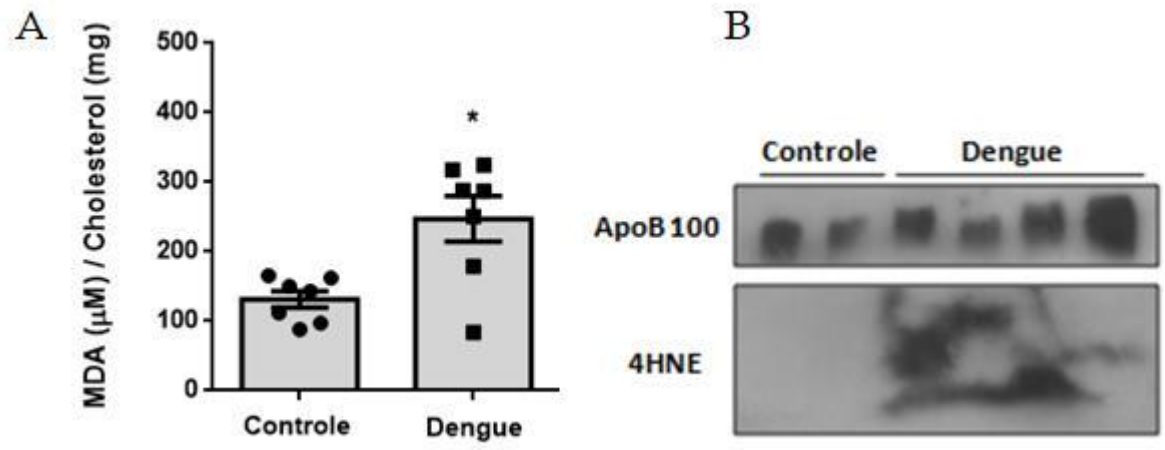


Figura 10 – Avaliação da peroxidação lipídica e de proteínas oxidadas em LDL de pacientes com dengue e voluntários saudáveis. A) Teste T-bars em amostras de LDL de voluntários saudáveis (controle) e de pacientes com dengue (dengue). A concentração de MDA foi detectada em 50 µg de proteína de cada amostra. As barras representam a média ± SEM de sete voluntários; O asterisco (*) indica a diferença estatísticaem relação ao grupo LDL de indivíduo saudável (controle) com $p < 0,05$ com base no teste t não pareado. **B)** Presença de ApoB100 e 4HNE avaliadas em amostras de LDL lisadas de voluntários saudáveis (controle) e de pacientes com dengue (dengue) através da técnica de Western Blot.

5.2 Avaliação da habilidade das oxLDL isoladas de pacientes com dengue em promover ativação e apoptose plaquetária

Objetivando avaliar se a ligação das oxLDL circulantes em pacientes com dengue promove ativação plaquetária, plaquetas isoladas de voluntários saudáveis foram estimuladas com LDL isoladas do plasma de pacientes com dengue ou de voluntários saudáveis heterólogos *ex vivo*. A ativação foi investigada pela expressão plaquetária da P-selectina (CD62P), a qual está localizada nos α-grânulos das plaquetas quiescentes e após estímulo é translocada para a membrana plaquetária (KLING *et al*., 2013). Nossos resultados demonstram que as LDL provenientes dos

pacientes com dengue nas concentrações de 5ng/mL e 1000ng/mL não foram capazes de induzir o aumento da expressão de P-selectina plaquetária quando comparadas com as LDL provenientes de indivíduos saudáveis nas mesmas concentrações (Figura 11A). Nesse cenário, Chen e colaboradores (2009) demonstraram que a combinação de LDL oxidada *in vitro* com dose subótima de trombina (0,02U/mL) evocou uma resposta de ativação plaquetária e expressão de P-selectina mais robusta do que o estímulo apenas com oxLDL ou trombina na dose subótima. Nossos resultados de ativação plaquetária por LDL oxidada *in vitro* em nosso laboratório, corroboram com os dados da literatura, em que a LDL oxidada *in vitro* na concentração de 5ug/mL induz ativação plaquetária na presença de dose subótima de trombina. Sendo assim, nós incubamos as plaquetas com as LDL oxidadas dos pacientes com dengue na presença de dose subótima de trombina a fim de avaliar o sinergismo entre os estímulos. Para o controle do experimento e das marcações com anticorpos, nós avaliamos a expressão da P-selectina em plaquetas não estimuladas apenas acrescidas de M199 e em plaquetas estimuladas com a trombina nas doses de 0,5 e 0,02U/mL. Não houve uma resposta plaquetária significativa à dose subótima de trombina (0,02U/mL) comparado com as plaquetas não estimuladas, enquanto que a dose ótima de 0,5U/mL foi capaz de induzir uma ativação plaquetária significativa (Figura 11B). No entanto, nossos resultados demonstram que a LDL proveniente dos pacientes com dengue nas concentrações de 5ng/mL, 10ng/mL, 100ng/mL e 1000ng/mL também não foram capazes de potencializar a ativação de plaquetas estimuladas com a trombina na dose subótima (0,02U/mL), não induzindo o aumento da expressão de P-selectina plaquetária (Figura 11 C-F).

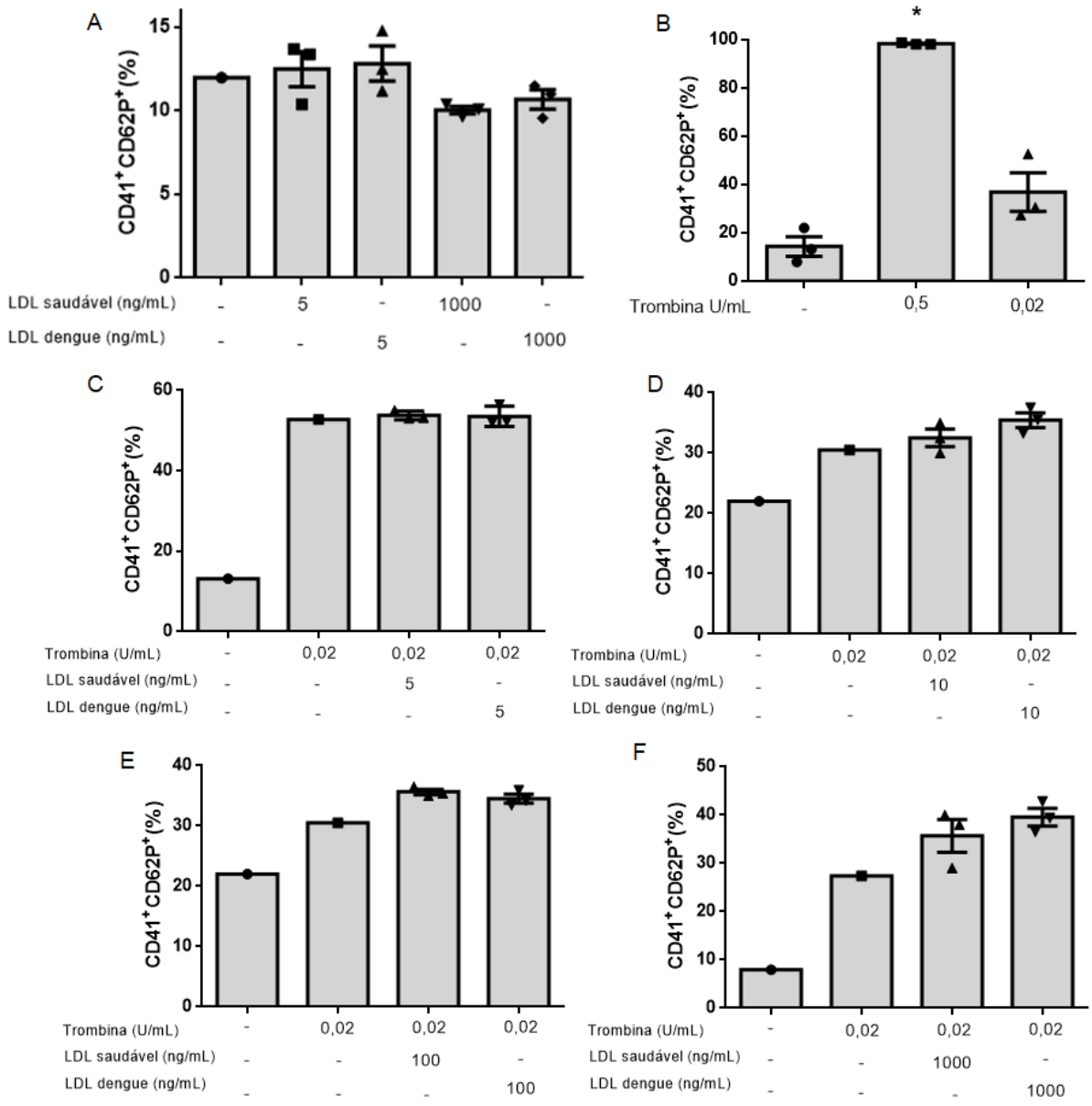


Figura 11 – Avaliação da expressão de P-selectina em plaquetas estimuladaspor LDL de indivíduo saudável (LDL saudável) ou LDL proveniente de paciente com dengue (LDL dengue). A expressão de P-selectina foi quantificada (% $CD41^+CD62P^+$) em plaquetas estimuladas por 3 LDL provenientes de três pacientes com dengue ou três voluntários saudáveis, a 5 ou 1000ng/ml **(A)**; em plaquetas de três voluntários em experimentos independentes estimuladas com trombina nas doses de 0, 0,5 e 0,02 U/mL para controle dos experimentos **(B)**; e em plaquetas estimuladas por dose subótima de trombina após estímulo com LDL de 3 pacientes com dengue ou 3 voluntários saudáveis nas concentrações de 5ng/mL **(B)**; 10ng/mL **(C)**; 100ng/mL **(D)** e 1000ng/mL **(E)**. Nos gráficos estão apresentados a média +/- erro padrão da média do percentual de plaquetas positivas para a expressão da P-selectina.

Além da análise da expressão da P-selectina plaquetária, também avaliamos se o estímulo com LDL de pacientes com dengue induz ativação da integrina αIIbβ3. Esta integrina é altamente expressa em plaquetas e adota uma conformação inativa em plaquetas em repouso. Após estimulação com agonista, a transducação de sinais induz a conformação ativa dessa integrina, mudando de um estado de baixa afinidade para alta afinidade para fibrinogênio e outros ligantes (BLEDZKA; SMYTH; PLOW, 2013). A alteração da expressão de CD36 também foi investigada, um receptor *scavenger* constitutivamente expresso em plaquetas e descrito estar envolvido no reconhecimento de lipídeos oxidados (PODREZ et al., 2007). Nossos resultados demonstram que os estímulos com LDL provenientes de pacientes com dengue nas concentrações de 5 e 1000ng/mL não induziram ativação da integrina αIIbβ3 (Figura 12A) e nem alteração na expressão do receptor CD36 (Figura 13A).

A fim de avaliar se há sinergismo entre os estímulos com LDL e dose subótima de trombina para a ativação da integrina αIIbβ3 e da expressão do receptor CD36, a análise também foi realizada em plaquetas estimuladas pelas LDL na presença de 0,02U/mL de trombina. Para o controle do experimento e das marcações com anticorpos, nós avaliamos a ativação da integrina αIIbβ3 e a expressão do CD36 em plaquetas não estimuladas apenas acrescidas de M199 e em plaquetas estimuladas com a trombina nas doses de 0,5 e 0,02U/mL. Não houve uma ativação significativa da integrina αIIbβ3 em resposta à dose subótima de trombina (0,02U/mL) comparado com as plaquetas não estimuladas, enquanto que a dose ótima de 0,5U/mL foi capaz de induzir uma ativação da integrina αIIbβ3 significativa (Figura 12B). Em relação ao receptor CD36, a expressão não foi alterada nas plaquetas estimuladas com 0,5U/mL ou 0,02U/mL de trombina em comparação às plaquetas não estimuladas (Figura 13B). Além disso, nossos resultados demonstram que a LDL proveniente dos pacientes com dengue nas concentrações de 5ng/mL, 10ng/mL, 100ng/mL e 1000ng/mL também não foram capazes de potencializar a ativação de plaquetas estimuladas com a trombina na dose subótima (0,02U/mL) em relação ao aumento da ativação da integrina αIIbβ3 (Figura 12 C-F) e a alteração da expressão do receptor CD36 (Figura 13 C-F).

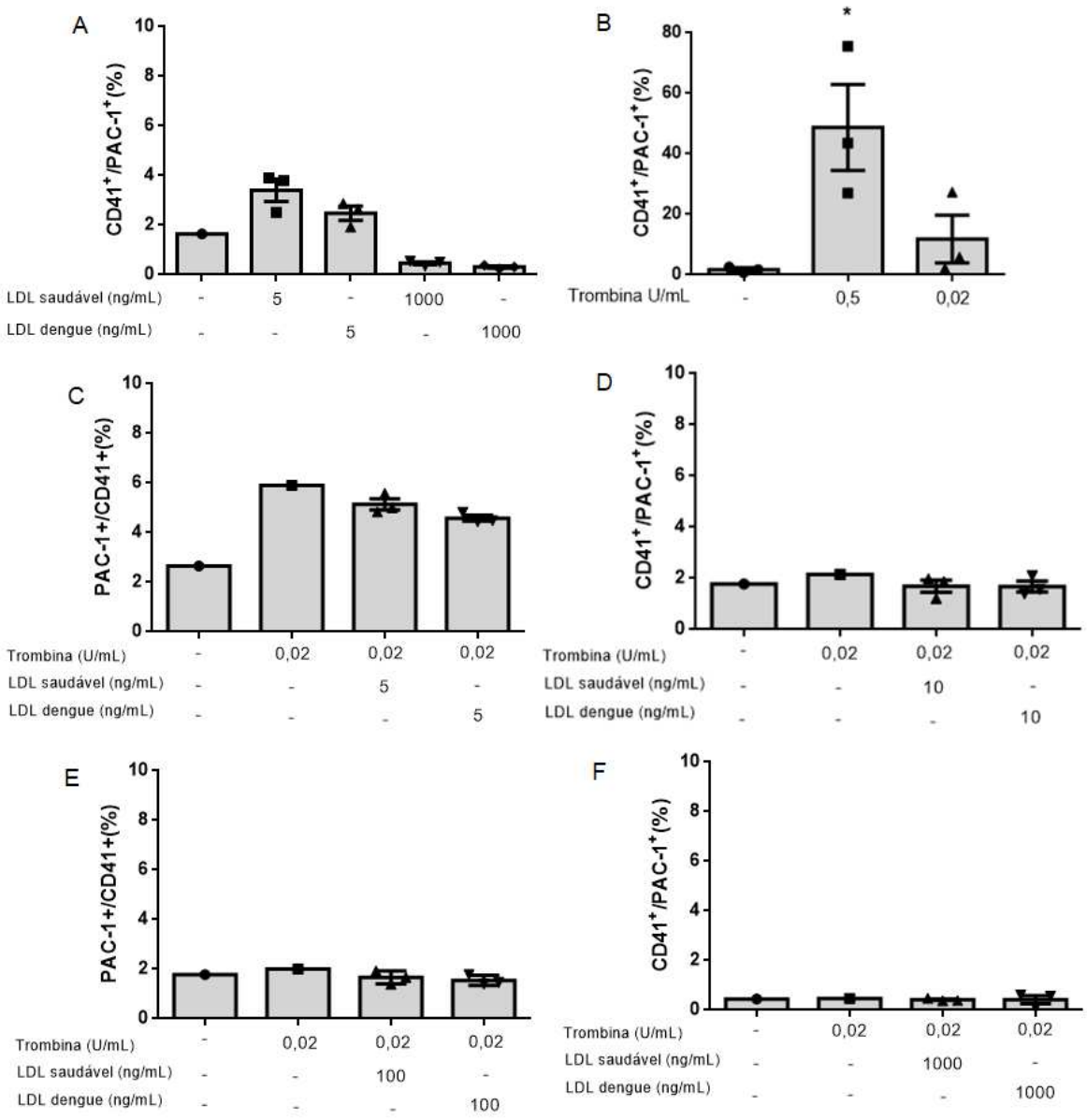


Figura 12 – Avaliação da ativação da integrina αIIbβ3 plaquetária por LDL de indivíduo saudável (LDL saudável) ou LDL proveniente de paciente com dengue (LDL dengue). A ativação da integrina αIIbβ3 foi quantificada (% $CD41^+PAC\text{-}1^+$) em plaquetas estimuladas por 3 LDL provenientes de três pacientes com dengue ou três voluntários saudáveis, a 5 ou 1000ng/ml **(A)**; em plaquetas de três voluntários em experimentos independentes estimuladas com trombina nas doses de 0, 0,5 e 0,02 U/mL para controle dos experimentos **(B)**; e em plaquetas estimuladas por dose subótima de trombina após estímulo com LDL de 3 pacientes com dengue ou LDL de 3 voluntários saudáveis nas concentrações de 5ng/mL **(C)**; 10ng/mL **(D)**; 100ng/mL **(E)** e 1000ng/mL **(F)**. Nos gráficos estão apresentados a média +/- erro padrão da média do percentual de plaquetas positivas para a ativação da integrina αIIbβ3.

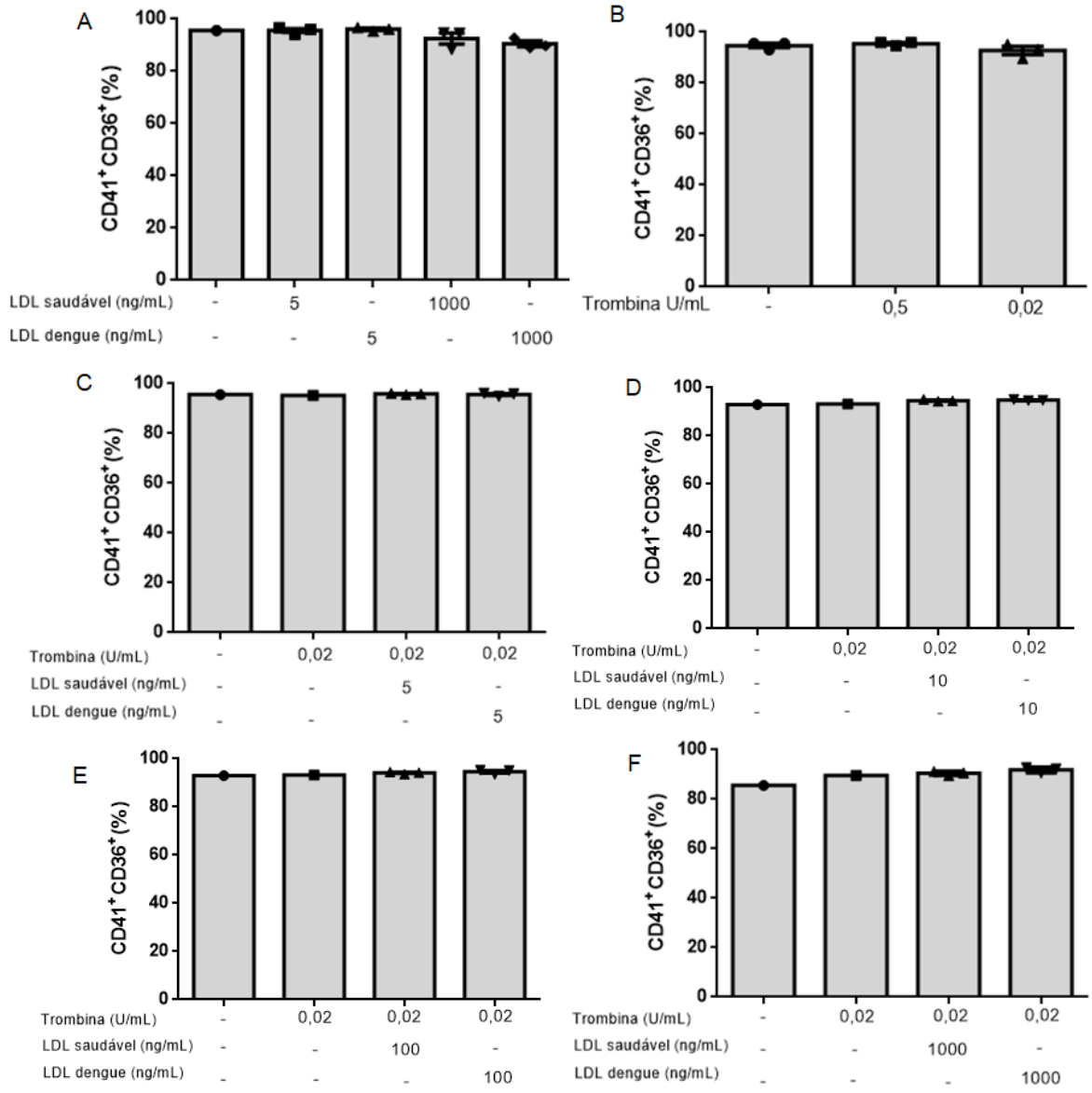


Figura 13 – Avaliação da expressão do receptor CD36 plaquetário frente estímulo por LDL de indivíduo saudável (LDL saudável) ou LDL proveniente de paciente com dengue (LDL dengue). A expressão do receptor CD36 foi quantificada (% $CD41^{+}CD36^{+}$) em plaquetas estimuladas por 3 LDL provenientes de três pacientes com dengue ou três voluntários saudáveis, a 5 ou 1000ng/ml **(A)**; em plaquetas de três voluntários em experimentos independentes estimuladas com trombina nas doses de 0, 0,5 e 0,02 U/mL para controle dos experimentos **(B)**; e em plaquetas estimuladas por dose subótima de trombina após estímulo com LDL de 3 pacientes com dengue ou LDL de 3 voluntários saudáveis nas concentrações de 5ng/mL **(C)**; 10ng/mL **(D)**; 100ng/mL **(E)** e 1000ng/mL **(F)**. Nos gráficos estão apresentados a média +/- erro padrão da média do percentual de plaquetas positivas para a expressão do receptor CD36.

Além de avaliar a ativação plaquetária, as plaquetas isoladas de voluntários saudáveis foram estimuladas com LDL isoladas do plasma de pacientes com dengue ou de voluntários saudáveis heterólogos *ex vivo*, e caracterizadas quanto à presença de parâmetros apoptóticos. As células apoptóticas apresentam despolarização mitocondrial e exposição aumentada de fosfatidilserina (ELMORE, 2007). Portanto, para identificação da população apoptótica realizou-se a avaliação das células duplo-marcadas (%$TMRE^{-}$/Anexina-V^{+}) conforme apresentado em nossa estratégia de *gate* (Figura 14 A). Para o controle negativo dos experimentos utilizou-se plaquetas não estimuladas e apenas acrescidas de M199 e para o controle positivo realizou-se estímulo plaquetário com heme sintético (20μM). O heme sintético consiste em um grupo prostético, com propriedades tóxicas quando em estado livre de hemoproteínas (KUMAR; BANDYOPADHYAY, 2005). Em ensaios realizados por nosso grupo, o heme se demonstrou um bom indutor de apoptose plaquetária (dados ainda não publicados). No entanto, as plaquetas estimuladas com LDL de pacientes com dengue na concentração de 1000ng/mL, na presença ou ausência da dose subótima de trombina, não apresentaram fenótipo apoptótico em comparação as plaquetas estimuladas com LDL de voluntários saudáveis nas mesmas condições (Figura 14B).

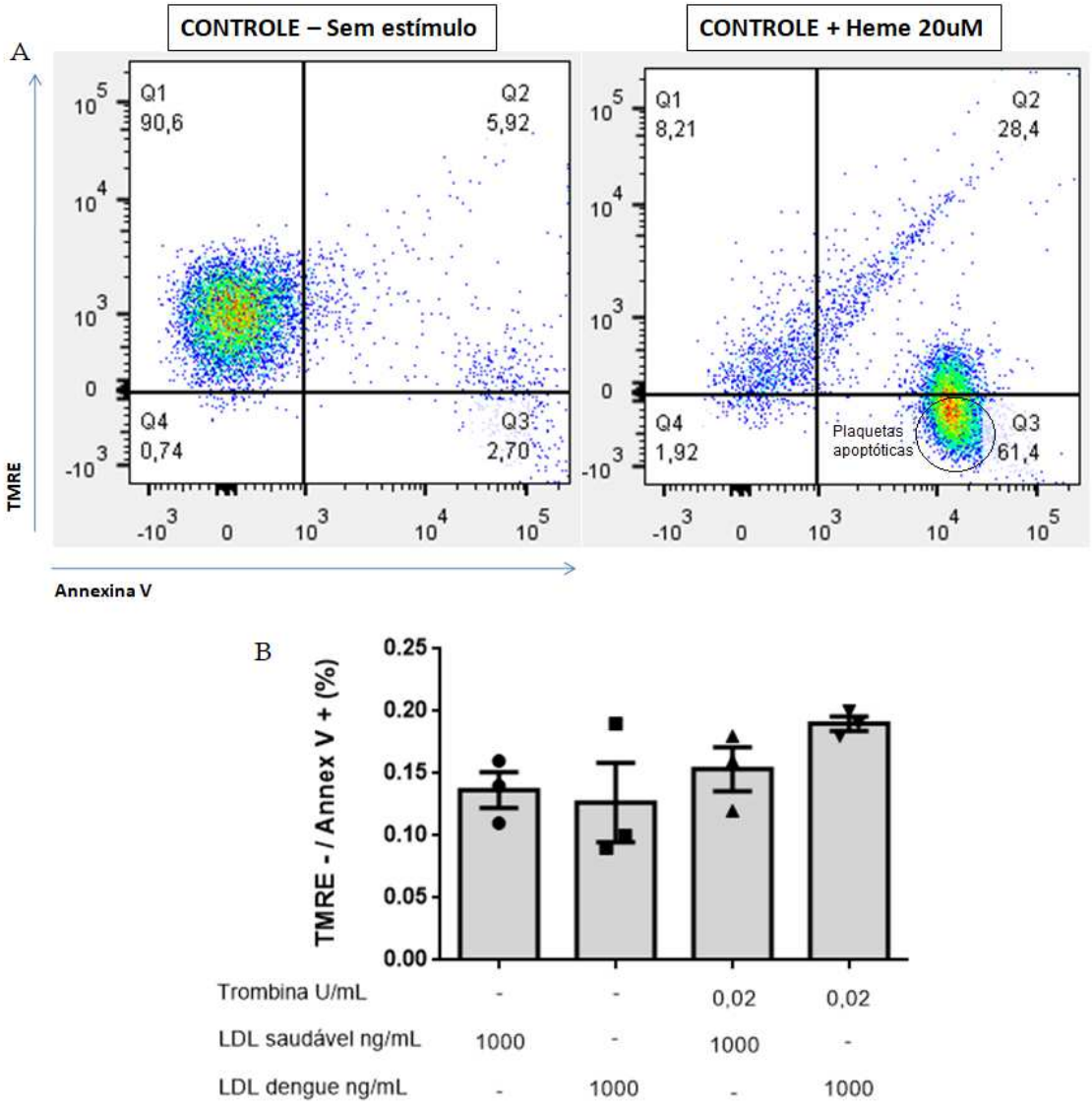


Figura 14 – Avaliação da apoptose plaquetária frente estímulo por LDL de indivíduo saudável ou LDL proveniente de paciente com dengue. A estratégia de *gate* utilizada para caracterização das células apoptóticas se deu pela avaliação das células duplo-marcadas (% TMRE $^{-}$/Annex V^{+}): negativas para a sonda TMRE e, portanto, com despolarização mitocondrial e positivas para a marcação com anexina V e, portanto, com exposição de fosfatidilserina **(A)**. A apoptose plaquetária (% TMRE^{-}/Annex V^{+}) foi então quantificada em plaquetas estimuladas por 3 LDL de indivíduos saudáveis (LDL saudável) e de 3 pacientes com dengue (LDL dengue) na concentração de 1000ng/ml, com ou sem a presença de trombina na concentração subótima de 0,02U/ml **(B)**. As barras representam a média ± erro padrão da média do percentual de plaquetas TMRE-/Annex V+.

5.3 Avaliação da habilidade das oxLDL isoladas de pacientes com dengue em promover secreção de mediadores inflamatórios plaquetários

A secreção de mediadores inflamatórios estocados em grânulos plaquetários já é bem descrita (FITCH-TEWFIK; FLAUMENHAFT, 2013). Portanto, nós investigamos a habilidade das LDL provenientes de pacientes com dengue em estimularem as plaquetas a secretarem quimiocinas e citocinas. A dosagem das quimiocinas PF4/CXCL4 e RANTES/CCL5, assim como das citocinas IL-1α, IL-1β e MIF foi realizada no sobrenadante coletado após estímulo plaquetário com as LDL. Nossos resultados demonstram que a LDL dengue nas concentrações de 5ng/mL, 10ng/mL, 100ng/mL e 1000ng/mL não foram capazes de induzir a secreção das quimiocinas PF4/CXCL4 (Figura 15 A) e RANTES/CCL5 (Figura 16 A), nem da citocina MIF (Figura 17 A). Além disso, a LDL dengue nas concentrações de 5ng/mL, 10ng/mL, 100ng/mL e 1000ng/mL na presença de dose subótima de trombina (0,02U/mL) também não foram capazes de potencializar a secreção das quimiocinas PF4/CXCL4 (Figura 15 B-E) e RANTES/CCL5 (Figura 16 B-E), nem da citocina MIF (Figura 17 B-E). As citocinas IL-1α e IL-1β não foram detectadas no ensaio imunoenzimático, ficando abaixo da curva padrão para todas as amostras.

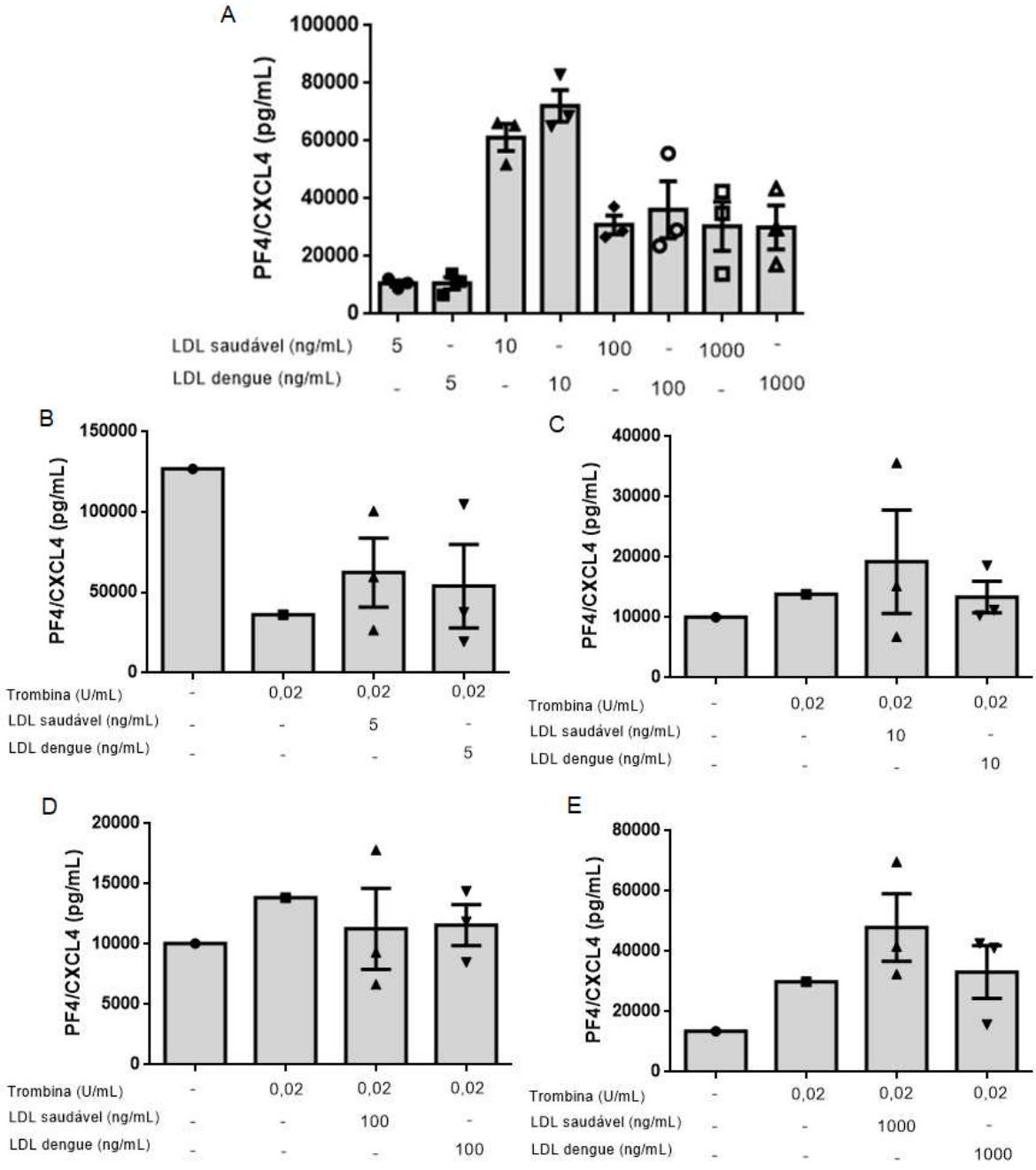


Figura 15 – Avaliação da secreção de PF4/CXCL4 frente estímulo plaquetário por LDL de indivíduo saudável ou LDL proveniente de paciente com dengue. A secreção de PF4/CXCL4 foi quantificada (pg/mL) no sobrenadante de plaquetas estimuladas por 3 LDL provenientes de três pacientes com dengue ou três voluntários saudáveis, a 5, 10, 100 ou 1000ng/ml **(A)**; e no sobrenadante de plaquetas estimuladas por dose subótima de trombina (0,02U/mL) após estímulo com LDL de 3 pacientes com dengue ou LDL de 3 voluntários saudáveis, nas concentrações de 5ng/mL **(B)**; 10ng/mL **(C)**; 100ng/mL **(D)** e 1000ng/mL **(E)**. Nos gráficos estão apresentados a média +/- erro padrão da média do percentual de plaquetas positivas para a secreção de PF4/CXCL4.

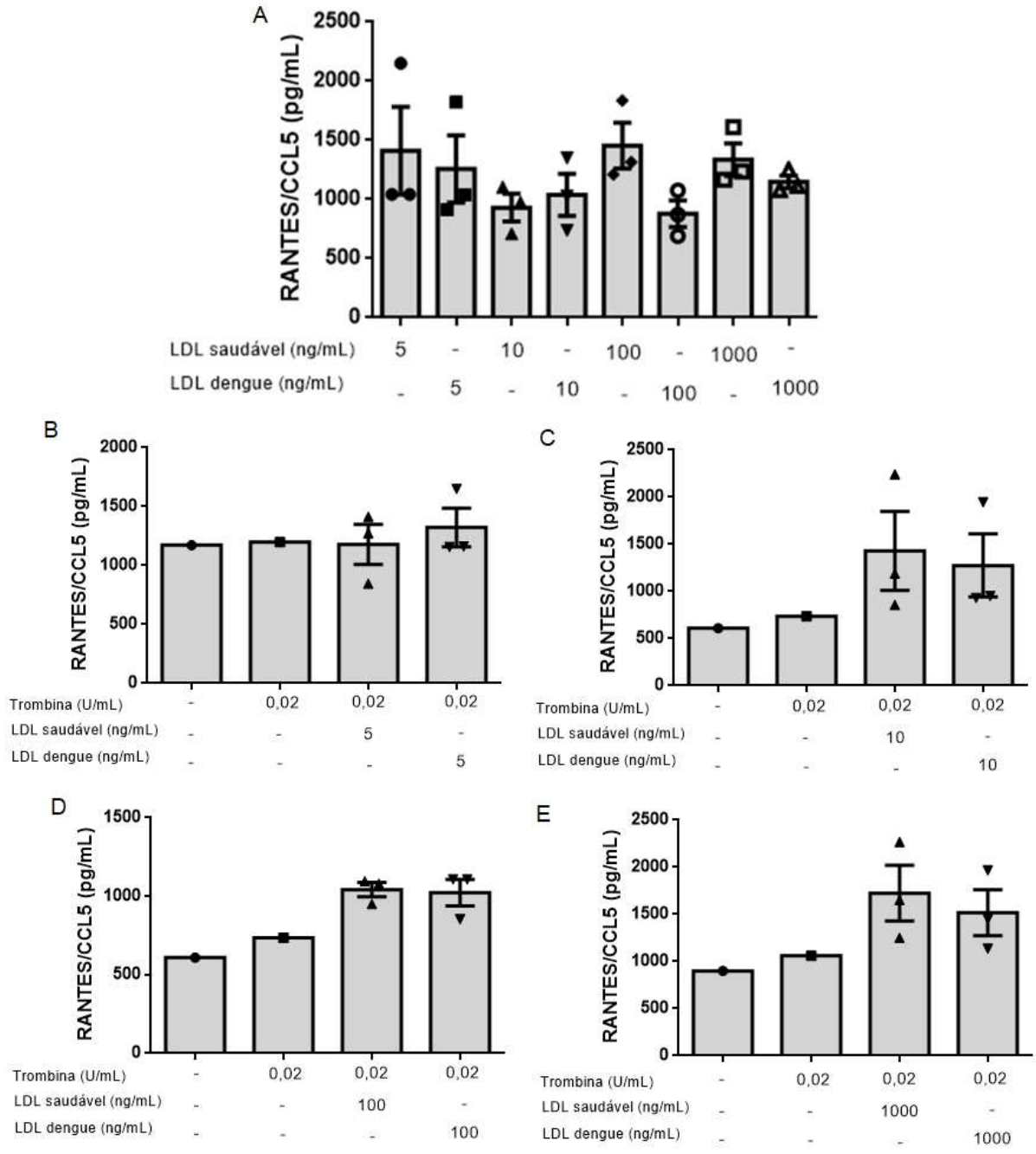


Figura 16 – Avaliação da secreção de RANTES/CCL5 frente estímulo plaquetário por LDL de indivíduo saudável ou LDL proveniente de paciente com dengue. A secreção de RANTES/CCL5 foi quantificada (pg/mL) no sobrenadante de plaquetas estimuladas por 3 LDL provenientes de três pacientes com dengue ou três voluntários saudáveis, a 5, 10, 100 ou 1000ng/ml **(A)**; e no sobrenadante de plaquetas estimuladas por dose subótima de trombina (0,02U/mL) após estímulo com LDL de 3 pacientes com dengue ou LDL de 3 voluntários saudáveis, nas concentrações de 5ng/mL **(B)**; 10ng/mL **(C)**; 100ng/mL **(D)** e 1000ng/mL **(E)**. Nos gráficos estão apresentados a média +/- erro padrão da média do percentual de plaquetas positivas para a secreção de RANTES/CCL5.

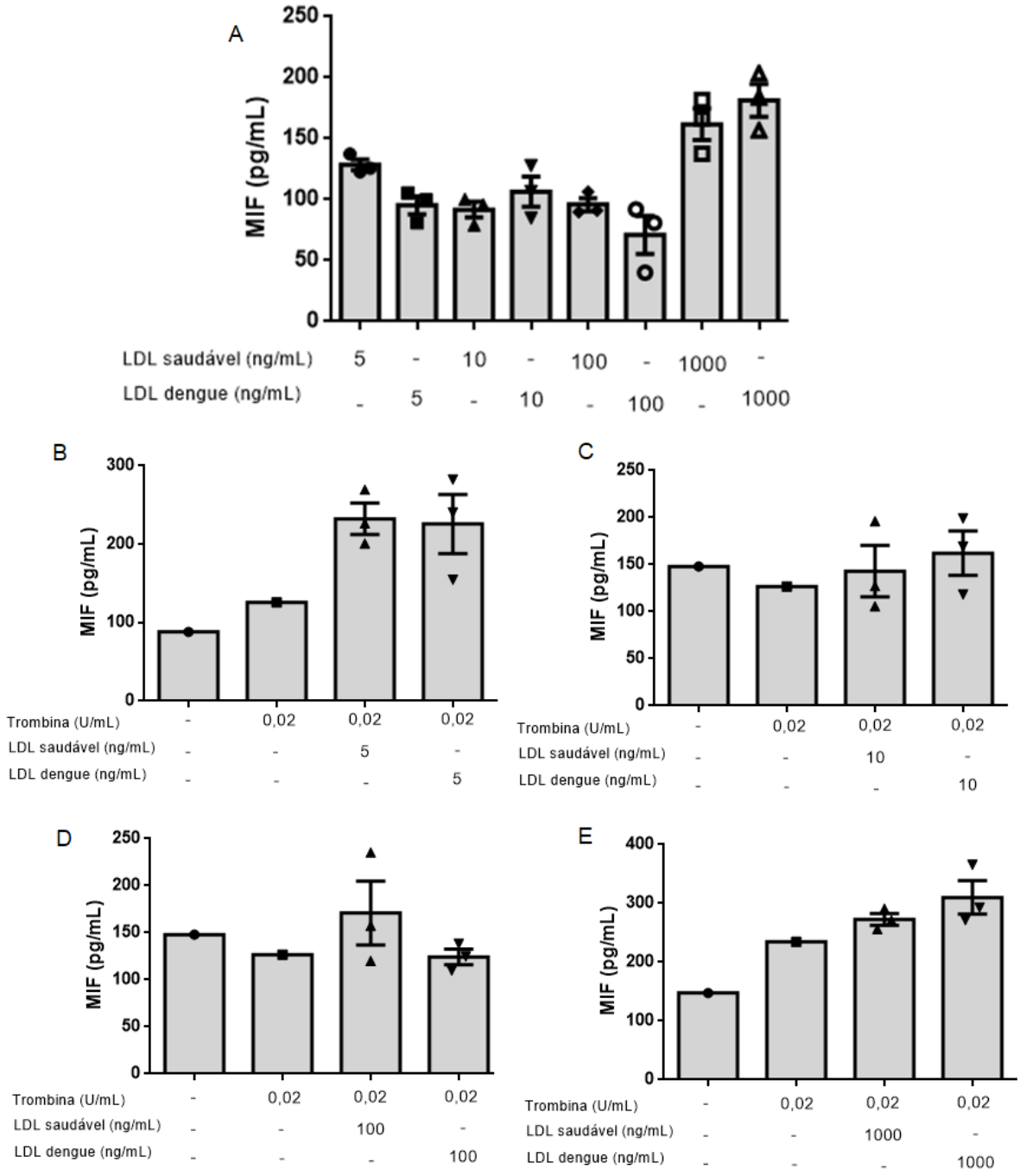


Figura 17 – Avaliação da secreção de MIF frente estímulo plaquetário por LDL de indivíduo saudável ou LDL proveniente de paciente com dengue. A secreção de MIF foi quantificada (pg/mL) no sobrenadante de plaquetas estimuladas por 3 LDL provenientes de três pacientes com dengue ou três voluntários saudáveis, a 5, 10, 100 ou 1000ng/ml **(A)**; e no sobrenadante de plaquetas estimuladas por dose subótima de trombina (0,02U/mL) após estímulo com LDL de 3 pacientes com dengue ou LDL de 3 voluntários saudáveis, nas concentrações de 5ng/mL **(B)**; 10ng/mL **(C)**; 100ng/mL **(D)** e 1000ng/mL **(E)**. Nos gráficos estão apresentados a média +/- erro padrão da média do percentual de plaquetas positivas para a secreção de MIF.

6 DISCUSSÃO

Alterações significativas dos lipídios séricos foram descritas na dengue grave, havendo uma ligação direta entre a progressão da infecção pela dengue e as alterações do perfil lipídico (CUI *et al.*, 2013; DURÁN *et al.*, 2015; VOGE *et al.*, 2016). Durán e colaboradores (2015) descreveram as seguintes alterações no curso da dengue: aumento de HDL na dengue com sinais de alarme; aumento de triglicerídeos, HDL e VLDL e diminuição de LDL na dengue grave; e a diminuição do colesterol total foi encontrada em todos os quadros de dengue. Além disso, análises metabolômicas de amostras séricas de pacientes com dengue apontaram alterações significativas de metabólitos lipídicos no curso da dengue (CUI *et al.*, 2013; VOGE *et al.*, 2016). Foi observada uma diminuição de fosfolipídios e um aumento de ácidos graxos poliinsaturados (PUFAs, do inglês *poli-unsaturated fatty acids*), indicando um possível aumento do catabolismo fosfolipídico nas fases febril e de defervescência da dengue comparadas com a fase de convalescença e controle. É descrito também um aumento de substratos associados à biossíntese e β-oxidação de ácidos graxos e à via metabólica da lipólise no curso da dengue comparado ao controle (CUI *et al.*, 2013). Além disso, metabólitos fosfolipídicos como lisofosfatidilcolina e fosfatidilcolina, e ácidos graxos poliinsaturados como ácido araquidônico foram significativamente associados à DHF/DSS em relação à DF (VOGE *et al.,* 2016). Essas alterações lipídicas observadas na dengue corroboram com o aumento da demanda lipídica e conseqüente catabolismo lipídico das células infectadas, tendo em vista que é descrito que os lipídios são essenciais para a entrada e replicação do DENV (CEBALLOS-OLVERA et al., 2010; HEATON; RANDALL, 2010; OSUNA-RAMOS; REYES-RUIZ; DEL ÁNGEL, 2018; SAMSA et al., 2009; SOTO-ACOSTA et al., 2013; TONGLUAN et al., 2017). Em células infectadas pelo DENV observa-se um aumento da formação e consumo de corpúsculos lipídicos (organelas formadas por uma monocamada de fosfolipídios que englobam lipídios neutros) e de *lipids rafts* (microdomínios membranares ricos em colesterol e esfingolipídios), além do aumento de LDLR na superfície celular e da atividade da HMG-CoA redutase envolvidos na biossíntese do colesterol (HEATON; RANDALL, 2010; SAMSA *et al.*, 2009; SOTO-ACOSTA *et al.,* 2013). Nesse contexto, podemos imaginar um cenário

em que a maior requisição celular de lipídios por células infectadas pelo DENV poderia contribuir para os menores valores observados de LDL no plasma, que estaria sendo mais consumida. Também podemos propor paralelamente que a elevada demanda de lipídios nas células infectadas poderia contribuir para o aumento da exposição dessas partículas à oxidação.

É consensual que a resposta inflamatória decorrente, por exemplo, de infecções virais, está associada a um ambiente pró-oxidante, com presença de enzimas leucocitárias e vasculares envolvidas na produção de espécies reativas de oxigênio (ROS) e de nitrogênio (RNS) no local da infecção, contribuindo para o estresse oxidativo. Este estresse oxidativo torna-se um desafio sistêmico em respostas inflamatórias exacerbadas com disfunção endotelial e dano vascular (AVIRAM *et al.*, 1996; FENSTER; TSAO; ROCKSON, 2003; HAZEN; HEINECKE, 1997; VALACCHI *et al.,* 2018). Os mecanismos pelos quais o estresse oxidativo alimenta a resposta inflamatória e contribui para o dano vascular envolvem processos de peroxidação lipídica. Portanto, nesse cenário de aumento da peroxidação lipídica frente à inflamação e estresse oxidativo, sugerimos um possível aumento de oxLDL no curso da dengue, que poderia estar influenciando fortemente os baixos níveis de LDL na dengue grave. De fato, essa hipótese corrobora com os resultados de Soundravally e colaboradores (2008) que descreveram um aumento significativo de MDA sérico e proteínas carboniladas séricas (estas podem ser formadas por MDA e 4HNEque formam adutos com as proteínas) em pacientes com dengue (DF, DHF e DSS) em relação ao controle. Na DHF e DSS houve um aumento significativo de MDA e de proteínas carboniladas séricas no curso da doença e uma diminuição significativa do status antioxidante total do plasma, o que não ocorreu na DF. Nossos dados corroboram com esses resultados e demonstram um aumento significativo de marcadores de peroxidação lipídica (MDA e 4HNE) nas LDLs provenientes de pacientes com dengue em relação às LDLs provenientes de indivíduos saudáveis.

É reconhecido que a HDL possui atividade antioxidante ao remover lipídios oxidados da partícula de LDL e dos tecidos. Esses lipídios podem ser hidrolisados por enzimas como paraoxonase (PON1) presente na HDL, reduzidos pela apolipoproteína Apo-AI e seletivamente removidos pelos hepatócitos, saindo de circulação (CHRISTISON *et al.*, 1996; NAVAB *et al.,* 2000a, 2000b; WATSON *et al*.,

1995). Apesar da atividade antioxidante proposta, é descrito que em respostas agudas, como na influenza e em respostas inflamatórias crônicas, como na aterosclerose e síndrome metabólica, o estresse oxidativo contribui para a disfunção da atividade antioxidante da HDL, com aumento de lipídios oxidados nessas lipoproteínas e com falhas na inibição da oxidação de LDL (HANSEL et al., 2004; LENTEN et al., 1995; MCMAHON et al., 2006; MORGANTINI et al., 2011; NAVAB et al., 2000a, 2000b; VAN LENTEN et al., 2001). Portanto, algumas vias poderiam ser propostas de mecanismos envolvidos no aumento de oxLDL no plasma de pacientes com dengue frente ao aumento do consumo lipídico e resposta inflamatória exacerbada. A HDL poderia, por exemplo, captar lipídios oxidados perifericamente no efluxo de colesterol e trocar tais lipídios com a LDL sérica. Na camada subendotelial, a LDL por sua vez, também poderia sofrer oxidação dos seus próprios compostos lipídicos, contribuindo para o aumento de oxLDL na dengue (NAVAB *et al.,* 2000b). Além disso, sugerimos também que a transferência dos lipídios oxidados da HDL para os hepatócitos e a infecção de hepatócitos pelo DENV poderiam contribuir para que o fígado liberasse partículas de VLDL já contendo lipídios oxidados, dando origem às oxLDLs na circulação. Apesar de todas essas hipóteses, as possíveis origens e vias da oxLDL na dengue ainda precisam ser elucidadas.

É descrito que oxLDLs possuem fosfolipídios semelhantes ao Fator de Ativação Plaquetário (PAF, 1-O-alkyl-2-acetyl-sn-glycero-3-phosphocholine) gerados pela oxidação não enzimática de PUFAs. O PAF é um reconhecido mediador lipídico pró-inflamatório ligante de um GPCR, denominado PAFR(MARATHE *et al.,* 1999; ZIMMERMAN *et al.*, 2002). Segundo Marathe e colaboradores (1999) o processo de oxidação das LDLs leva à oxidação de alguns fosfolipídios na posição *sn-2,* fazendo com que se assemelhem estruturalmente ao PAF. É descrito que alguns fosfolipídios oxidados *in vitro* ou provenientes da oxLDL que se assemelham à PAF levam ao aumento de cálcio citosólico em plaquetas assim como o PAF, através do PAFR plaquetário (CHEN *et al.*, 2009; MARATHE *et al.*, 2002). Além disso, partículas inteiras de oxLDL em baixas doses (5μg/ml) demonstraram estimular plaquetas através do PAFR em sinergismo com doses subótimas de trombina (0,02U/ml), ADP (1 μM) e colágeno (0,1 μg/ml) aumentando significativamente o cálcio intracelular, assim como aumentando a expressão de P-selectina no sinergismo com a trombina (0,02U/ml)(CHEN *etal.*, 2009). Em contrapartida a esses resultados, foi descrito que

LDLs extensamente oxidadas provenientes de pacientes com infarto agudo do miocárdio induziram a agregação plaquetária em sinergismo com ADP somente em doses maiores (25 ou 50 µg/ml), o que não ocorreu com a menor dose de 5 µg/ml de LDL extensamente oxidada associada ao ADP(H.-C. *et al.,* 2013). Além disso, 25 µg/ml dessa LDL extensamente oxidada foi capaz de aumentar a expressão de P-selectina e ativação de GPIIb/IIIa sem a presença de agonistas plaquetários (H.-C. *et al.,* 2013).

As diferenças de respostas plaquetárias à diferentes doses de LDL e na presença ou não de agonistas podem estar associadas às diferenças possíveis nos níveis de oxidação e vias de sinalização envolvidas em diferentes condições. No estudo de Chan e colaboradores (2013), por exemplo, os autores consideraram que as LDLs extensamente oxidadas são LDLs mais eletronegativas. O aumento da carga negativa (L5) permite com que ocorram interações dessa LDL com resíduos carregados positivamente do receptor *scavenger* LOX1 (do inglês, *Lectin-like oxidized low-density lipoprotein receptor-1*) (L.-Y. *et al.*, 2011). De fato, Chan e colaboradores (2013) demonstraram que as vias envolvidas na ativação plaquetária por L5 parecem envolver PAFR, LOX-1 e as proteínas de sinalização PKC, Akt e PI3K.Caso o LOX-1 seja um importante receptor mediando a ativação plaquetária no estudo de Chan *et al* (2013), as menores doses de oxLDL associadas ao ADP poderiam não estar sendo capazes de induzir a expressão de LOX-1. É descrito que esse receptor só é expresso após ativação plaquetária, não mediando a ligação das oxLDLs em plaquetas não estimuladas, diferentemente do CD36, um receptor *scavenger* constitutivamente expresso em plaquetas que medeia a interação de oxLDL com plaquetas não estimuladas (CHEN *et al.,* 2001).

No estudo realizado por Podrez e colaboradores (2007) foi demonstrado que a oxidação de fosfolipídios encontrados na LDL (PAPL, 1-hexadecanoil-2-eicosatetra-5′,8′,11′,14′-enoil-sn-glicero-3-fosfocolina e PLPC, 1-hexadecanoil-2-octadecadi-9′,12′-enoil-sn-glicero-3-fosfocolina*)* e da LDL pela enzima mieloperoxidase leva à interação destes fosfolipídios e da LDL oxidada com o receptor CD36 nas plaquetas. O fosfolipídio KODA-PC (do inglês, *9-keto-12-oxo-10-dodecenoic acid ester of 2-lyso-phosphocholine*) proveniente da oxidação de PLPC, assim como oxPAPL e oxLDL (6 µg/mL) induziram através do CD36 a ativação da integrina GPIIbIIIa e expressão de P-selectina plaquetária (PODREZ *et al.,* 2007).

Além disso, um estudo recente demonstrou, ao bloquear os receptores plaquetários TLR2 e TLR6 *in vitro* e ao utilizar plaquetas provenientes de camundongos com deleção genética de TLRs e MyD88, que a ativação plaquetária por KODA-PC envolve a sinalização de TLR2 e TLR6 via formação de complexo CD36/TLR2/TLR6, induzindo a ativação da integrina GPIIbIIIa e expressão de P-selectina nas plaquetas (BISWAS S., ZIMMAN A., GAO D., BYZOVA T., 2017). Em contrapartida a esses resultados, nossos dados demonstram que a LDL oxidada proveniente dos pacientes com dengue não induziu alteração da expressão do CD36, ativação da integrina GPIIbIIIa e expressão de P-selectina plaquetária.

As diferenças associadas às composições lipídicas das oxLDL, assim como a extensão dessa oxidação podem explicar as diferenças nas respostas plaquetárias frente ao estímulo por LDL oxidadas em diferentes condições. A oxidação das LDL na dengue poderia, por exemplo, não estar associada com a formação de $oxPC_{CD36}$ (família de glicerofosfolipídios de colina oxidados que servem como ligantes de alta afinidade para o receptor CD36, como o KODA-PC) e sim com a formação de fosfolipídios oxidados que não demonstram alta afinidade de interação com CD36, como o OV-PC livre (1-palmitoil-2- (5-oxovaleroil) -sn-glicero-3-fosfatidilcolina) também formado em LDL oxidadas (BOULLIER *et al*., 2005; PODREZ *et al.*, 2002; WATSON *et al*., 1997). Além da hipótese qualitativa para nossos resultados, que diz respeito à composição lipídica, também podemos propor uma hipótese quantitativa, na qual as LDL oxidadas na dengue podem até formar lipídios oxidados associados à respostas plaquetárias, mas em concentrações não suficientes para tal. Segundo Levitan e colaboradores (2010), a composição reportada de malondialdeído em LDL minimamente oxidadas fica abaixo de 30 nmol/mg ApoB100 e ao avaliarmos a concentração de MDA em LDL de pacientes com dengue, estas segundo esta classificação poderiam ser categorizadas como LDL minimamente oxidadas. Nesse cenário, a extensão da oxidação da LDL poderia depender das apresentações clínicas da doença, em que casos de dengue branda podem não favorecer a oxidação severa das LDL, enquanto que nos casos que evoluem para dengue grave, o ambiente seria mais propício para a extensa oxidação das mesmas. Na coorte utilizada em nosso estudo (Tabela 1), tendo em vista que as amostras de LDL foram provenientes de pacientes com dengue branda ou com dengue branda com sinais de alarme, um menor grau de oxidação das

mesmas poderia ser esperado em comparação ao que ocorre em casos que evoluem para dengue grave. Nesse sentido, a extensa oxidação das LDL poderia ter um papel relevante na amplificação dos eventos imunopatogênicos e evolução para a dengue grave.

Em relação às vias de sinalização da ativação do CD36, foi demonstrado que a ativação de CD36 plaquetário com 50 µg/ml de oxLDL leva a fosforilação de Src quinase e síntese pela enzima NOX de espécies reativas, como ânion superóxido ($O_2^{\bullet -}$) e superóxido dismutase (H_2O_2). As espécies reativas de oxigênio modulam a sinalização da MAPK ERK5 nas plaquetas, resultando em agregação plaquetária (YANG *et al.*, 2017). Nesse cenário, é sabido que radicais livres podem induzir a via intrínseca de apoptose e, eventos apoptóticos plaquetários poderiam contribuir fortemente para a trombocitopenia característica da patogênese da dengue. Sendo assim,em nossos experimentos com marcação de fosfatidilserina e análise da polarização mitocondrial, exploramos o efeito das LDLs de pacientes com dengue sobre a apoptose, um processo de morte celular que cursa sem perda da integridade de membrana plasmática (ELMORE, 2007). No entanto, assim como as LDL de pacientes com dengue não induziram ativação plaquetária, também não foram capazes de induzir apoptose plaquetária.

O CD36 plaquetário também foi sugerido como um importante receptor envolvido na captação de oxLDL por monócitos mediada por plaquetas (BADRNYA *et al.,* 2014). Badrnya *et al* (2014) demonstraram que as plaquetas formam complexos com monócitos (PMA) em resposta ao estímulo com 50 µg/ml de oxLDL *in vitro* de forma dependente de P-selectina, assim como a formação de PMA ocorre *in vivo* em camundongos C57BL/6J em resposta a infusão de oxLDL. Além disso, as plaquetas quando associadas à oxLDL contribuem para ativação de monócitos e aumentam significativamente a transmigração de monócitos através de uma monocamada de células endoteliais da veia umbilical humana (BADRNYA *et al.*, 2014). Corroborando com esses dados, a ativação plaquetária mediada por LOX-1 e oxLDL (25, 50 e 100 µg/ml) *in vitro* aumentou significativamente a expressão de CD147 nas plaquetas, um indutor de metaloproteinases da matriz extracelular, o qual por sua vez também foi apontado como um possível mediador da interação plaquetas-monócitos *in vitro* (SCHULZ *et al.*, 2011; YANG; LI; DU, 2013). Nesse cenário, vale ressaltar os níveis aumentados de agregados plaquetas-monócitos no

sangue de pacientes com dengue, os quais conforme já citamos foram correlacionados positivamente com o aumento da permeabilidade endotelial (HOTTZ *et al.,* 2014). Como demonstramos que a oxidação das LDL de pacientes com dengue não foram suficientes para ativação plaquetária, não podemos afirmar que os agregados plaquetas-monócitos poderiam ter influência da ativação plaquetária por oxLDL. No entanto, a interação de LDL minimamente oxidadas com monócitos é bem descrita e, portanto, podemos sugerir a possibilidade desse evento configurar uma via indireta de ativação plaquetária por oxLDL e interação plaqueta-monócitos na dengue (LEE et al., 1999; WATSON et al., 1997).

É sugerido que as plaquetas na dengue liberem *in vivo* PF4/CXCL4 e RANTES/CCL5 de seus grânulos α, devido à redução dessas quimiocinas nessas plaquetas *ex vivo*, contribuindo assim para os níveis plasmáticos aumentados de PF4/CXCL4 e RANTES/CCL5 em pacientes infectados com dengue em comparação a voluntários saudáveis (TRUGILHO *et al.*, 2017). A ativação plaquetária com diferentes concentrações de oxLDL levou à liberação de CXCL4 pelas plaquetas de forma dose-dependente *in vitro* (BADRNYA *et al.*, 2014). No entanto, ainda não havia sido investigado se a ativação plaquetária por LDL de pacientes com dengue poderia induzir a secreção dessas quimiocinas ou outras citocinas contribuindo para a patogênese da dengue. Nesse sentido, em nossos experimentos de análise da secreção de mediadores inflamatórios plaquetários frente estímulo por LDL de pacientes com dengue, nós demonstramos que não houve secreção de quimiocinas (PF4/CXCL4 e RANTES/CCL5) e nem de citocinas (IL-1α, IL-1β e MIF).

Além dos fosfolipídios oxidados semelhantes ou não à PAF, produtos fosfolipídicos decorrentes da oxidação dos mesmos são gerados nas oxLDL. Um produto fosfolipídico da oxidação da LDL, denominado lisofosfatidilcolina (LPC, 1-acila-sn-glicerol-3-fosfocolina), é descrito ser produzido a partir da ação da enzima PAF-acetil hidrolase (PAF-AH) (CHAPMAN *et al.*, 2020; LEVITAN; VOLKOV; SUBBAIAH, 2010; MAHFOUZ; KUMMEROW, 2000; MATSUMOTO; KOBAYASHI; KAMATA, 2007). Esta consiste em uma fosfolipase que atua na fosfatidilcolina oxidada que se assemelha ao PAF removendo ácidos graxos da posição *sn*-2 (CHAPMAN *et al*., 2020; LEVITAN; VOLKOV; SUBBAIAH, 2010; MATSUMOTO; KOBAYASHI; KAMATA, 2007). As plaquetas expressam o receptor de LPC, denominado receptor G2A ou GPR132 (do inglês *G protein coupled receptor*

132)(DIEHL *et al.*, 2019). É descrito que efeitos plaquetários decorrentes do estímulo por LPC dependem das concentrações presentes na oxLDL. Em doses de 60 ug/mL ou 130µg/ml este produto fosfolipídico demonstrou contribuir para a ativação plaquetária e em altas doses (300 µg/ml) esteve associado à inibição da ativação plaquetária na presença de agonistas (DIEHL *et al.*, 2019; KOROTAEVA; CHEGLAKOV; PROKAZOVA, 1997; MAHFOUZ; KUMMEROW, 2000). No trabalho de Mahfouz e Kummerow (2000) também foi demonstrado que quando a concentração de LPC foi aumentada de 15 µM para 30 µM ou mais, houve um aumento repentino da perda de lactato desidrogenase(LDH) pelas plaquetas demonstrando a possibilidade de perturbação da membrana e/ou lise plaquetária.

Além do LPC, outro lisofosfolipídio bioativo descrito estar presente em LDLs levemente oxidadas é o ácido lisofosfatídico (LPA, mono acilglicerol-3-fosfato). O LPA pode ser sintetizado a partir da ação da PAF-AH que lisa o ácido fosfatídico (diacil-glicerolfosfolipídeo) na posição *sn*-2 ou a partir da lisofosfolipase D que cliva a LPC, removendo o grupo colina (LEVITAN; VOLKOV; SUBBAIAH, 2010; SIESS *et al.*, 1999). O LPA em baixas doses (18nM) já foi capaz de induzir mudança conformacional nas plaquetas *in vitro* e em doses maiores (10-100 µM) induziu secreção de serotonina (grânulo denso) e agregação plaquetária irreversível no sangue total, no PRP e em plaquetas isoladas na presença de fibrinogênio em sinergismo com ADP plaquetário (HASERÜCK et al., 2004; MASCHBERGER et al., 2000; SIESS et al., 1999). Em altas doses também levou à exposição de P-selectina em plaquetas isoladas e induziu a agregação plaquetas-monócitos no sangue total de forma dependente de LPA, dependente de P-selectina e independente de fibrinogênio (HASERÜCK *et al.*, 2004). É importante ressaltar, portanto, que os estudos avaliando a ação de lisofosfolipídios formados em oxLDL como estímulos plaquetários demonstram que as concentrações dessas partículas influenciam diretamente nas respostas plaquetárias, estando na maioria das vezes, doses maiores associadas a efeitos mais significativos. Sendo assim, esses dados contribuem para o melhor entendimento dos nossos resultados, pois o fato das LDL provenientes dos pacientes com dengue não induzirem ativação plaquetária pode estar associado à extensão da oxidação dessas partículas não ser suficiente para tais efeitos biológicos.

Nesse cenário, em que o grau de oxidação das LDL importa, é válido

considerar também que as condições metabólicas pré-infecção com o vírus da dengue poderiam ter forte influência na extensão de oxidação das LDL na dengue e possivelmente nos efeitos destas sobre a ativação plaquetária ou em outros processos inflamatórios. Diversos estudos demonstram um aumento de oxLDL circulante em pacientes com diabetes mellitus e com resistência a insulina (ISHIGAKI; OKA; KATAGIRI, 2009; LINNA *et al.*, 2015; NAKHJAVANI *et al*., 2010). Além disso, a perda de peso está associada com a diminuição dos níveis de oxLDL em indivíduos obesos e altos níveis de oxLDL foram associados ao aumento da incidência de síndrome metabólica geral, bem como de seus componentes de obesidade abdominal, hiperglicemia e hipertrigliceridemia (HOLVOET *et al*., 2008; UZUN *et al.,* 2004; VASANKARI *et al.*, 2001). Nesse sentido, a presença de oxLDL em doenças crônicas pode ser apontada como um importante link entre tais doenças e o risco aumentado de doenças cardiovasculares, tendo em vista que as oxLDL são consideradas importantes fatores patogênicos na formação de placas ateroscleróticas (GAO *et al.,* 2017; TRPKOVIC *et al.*, 2015). Sendo assim, as conseqüências cardiovasculares e imunopatogênicas das oxLDL poderiam ter impacto no prognóstico de doenças infecciosas, como a dengue. Em nosso artigo publicado recentemente, a oxidação da LDL é apontada como um fator possivelmente envolvido no aumento do risco cardiovascular e pior prognóstico de obesos com influenza ou doença por corona vírus 2019 (ANEXO A). No entanto, a utilização dos dados clínicos metabólicos pré-infecção como biomarcadores do pior prognóstico em doenças infecciosas ainda requer maiores elucidações. Nesse sentido, seria interessante em estudos futuros a caracterização da oxidação das LDL em associação com dados clínicos desses pacientes pré-infecção, assim como com os desfechos clínicos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trombocitopenia é um importante parâmetro associado à evolução para o quadro grave da dengue e, portanto, é de extrema importância investigar a participação das plaquetas na doença. Evidências emergentes apontam para a

participação das plaquetas em processos inflamatórios, atuando não somente com ações hemostáticas, mas também secretando mediadores inflamatórios, expressando moléculas de interação com outras células imunológicas e amplificando a resposta inflamatória. Sendo assim, sugerimos que a ativação plaquetária possa estar envolvida na resposta inflamatória exacerbada e tempestade de citocinas descritas nos quadros graves da dengue (DIB et al., 2020; FITCH-TEWFIK; FLAUMENHAFT, 2013). Os estímulos para ativação plaquetária ainda precisam ser avaliados e neste trabalho sugerimos que as oxLDL poderiam ser potenciais alvos nesse sentido.

Evidências corroboram com essa hipótese demonstrando que os parâmetros lipídicos são alterados no curso da doença e identificando que a peroxidação lipídica está elevada nesses pacientes. Além disso, a peroxidação lipídica se correlaciona negativamente com a contagem de plaquetas, enquanto a quantificação da LDL sérica se correlaciona positivamente (CUI et al., 2013; DURÁN et al., 2015; SOUNDRAVALLY et al., 2008). Nossos dados de análise das LDLs provenientes de pacientes com dengue demonstraram um aumento da oxidação nessas lipoproteínas. No entanto, devido à grande variabilidade em relação aos componentes lipídicos oxidados presentes na LDL, assim como diferenças no grau e extensão dessa oxidação, apesar do maior nível de oxidação das LDLs de pacientes com dengue branda em relação as LDL de indivíduos saudáveis, estas não foram capazes de induzir ativação, apoptose e secreção de mediadores inflamatórios plaquetários, não podendo ser apontadas, portanto, como contribuintes para amplificação inflamatória plaquetária da infecção.

Outros estímulos envolvidos na ativação plaquetária durante a dengue devem ser elucidados, incluindo aqueles que podem atuar em sinergismo com as LDL oxidadas dos pacientes. Além disso, também sugerimos que condições metabólicas pré-existentes que cursam com inflamação crônica e estresse oxidativo, como obesidade, possam influenciar na extensão da oxidação das partículas de LDL na dengue e na gravidade da doença. A gravidade da doença por sua vez também poderia contribuir para a maior extensão de oxidação das LDLs. Em estudos futuros, a associação da caracterização das LDL com informações clínicas metabólicas e com os desfechos clínicos, podem ser interessantes para maiores elucidações do envolvimento da oxLDL no curso clínico da dengue.

8 CONCLUSÃO

- Nós observamos um aumento significativo da oxidação nas LDL provenientes de pacientes com dengue branda com ou sem sinais de alarme em comparação com as LDL provenientes de voluntários saudáveis.

- As LDL oxidadas dos pacientes com dengue branda com ou sem sinais de alarme não induzem um aumento da expressão da P-selectina, ativação da integrina αIIbβ3 ou alteração da expressão do receptor CD36 nas plaquetas, quando comparadas com as LDLs de voluntários saudáveis. Assim como não potencializaram a ativação plaquetária na presença de dose subótima de trombina.

- As LDL oxidadas dos pacientes com dengue branda com ou sem sinais de alarme também não induzem um aumento da apoptose plaquetária, quando comparadas com as LDLs de voluntários saudáveis na ausência ou na presença de dose subótima de trombina.

- As LDL oxidadas dos pacientes com dengue branda com ou sem sinais de alarme não induzem um aumento da secreção de mediadores inflamatórios (MIF, RANTES, PF4, IL-1β e IL-1α) pelas plaquetas, quando comparadas com as LDLs de voluntários saudáveis. Assim como também não potencializaram a secreção de mediadores inflamatórios plaquetários na presença de dose subótima de trombina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONZO, M. T. G. et al. Platelet Apoptosis and Apoptotic Platelet Clearance by Macrophages in Secondary Dengue Virus Infections. **The Journal of Infectious Diseases**, v. 205, n. 8, p. 1321–1329, 15 abr. 2012.

ALVAREZ, M. et al. Dengue hemorrhagic fever caused by sequential dengue 1-3 virus infections over a long time interval: Havana epidemic, 2001-2002. **American Journal of Tropical Medicine and Hygiene**, v. 75, n. 6, p. 1113–1117, 2006.

ANABEL, A.-S. et al. Human platelets express Toll-like receptor 3 and respond to poly I:C. **Human immunology**, v. 75, n. 12, p. 1244–51, dez. 2014.

AVIRAM, M. et al. Activation of NADPH oxidase is required for macrophage-mediated oxidation of low-density lipoprotein. **Metabolism: Clinical and Experimental**, v. 45, n. 9, p. 1069–1079, 1996.

AYALA, A.; MUÑOZ, M. F.; ARGÜELLES, S. Lipid peroxidation: Production, metabolism, and signaling mechanisms of malondialdehyde and 4-hydroxy-2-nonenal. **Oxidative Medicine and Cellular Longevity**, v. 2014, p. 31, 2014.

AZEREDO, E. L. et al. NK cells, displaying early activation, cytotoxicity and adhesion molecules, are associated with mild dengue disease. **Clinical and Experimental Immunology**, v. 143, n. 2, p. 345–356, 2006.

BADRNYA, S. et al. Platelets mediate oxidized low-density lipoprotein-induced monocyte extravasation and foam cell formation. **Arteriosclerosis, Thrombosis, and Vascular Biology**, v. 34, n. 3, p. 571–580, 2014.

BARBOSA-LIMA, G. et al. Dengue virus-activated platelets modulate monocyte immunometabolic response through lipid droplet biogenesis and cytokine signaling. **Journal of Leukocyte Biology**, p. 1–14, 2020.

BEGUM, F. et al. Insight into the tropism of dengue virus in humans. **Viruses**, v. 11, n. 1136, p. 1–19, 2019.

BERKEL, T. J. C. V et al. LDL receptor-independent and -dependent uptake of lipoproteins. **Atherosclerosis**, v. 118, n. Suppl, p. 43–50, 1995.

BHATT, S. et al. The global distribution and burden of dengue. **Nature**, v. 496, n. 7446, p. 504–507, 2013.

BISWAS S., ZIMMAN A., GAO D., BYZOVA T., P. E. TLR2 Plays a Key Role in Platelet Hyperreactivity and Accelerated Thrombosis Associated with Hyperlipidemia. **Circulation Research**, v. 121, n. 8, p. 951–962, 2017.

BLEDZKA, K.; SMYTH, S. S.; PLOW, E. F. Integrin αIIbβ3: from discovery to efficacious therapeutic target. **Circulation research**, v. 112, n. 8, p. 1189–1200, 2013.

BOEHM, U. et al. Cellular Responses to Interferon-γ. **Annu. Rev. Immunol.**, v. 15, p. 749–795, 1997.

BOILARD, E. et al. Influenza virus H1N1 activates platelets through FcgRIIA signaling and thrombin generation. **Platelets and thrombopoiesis**, v. 123, n. 18, p. 2854–2864, 2016.

BORST, O. et al. The Inflammatory Chemokine CXCL16 Triggers Platelet Activation and Adhesion via CXCR6-Dependent PI3K/Akt Signaling. **Circulation Research**, v. 111, n. 10, p. 1297–1307, 2012.

BOULLIER, A. et al. Phosphocholine as a pattern recognition ligand for CD36. **Journal of Lipid Research**, v. 46, n. 5, p. 969–976, 2005.

BOZZA, F. A. et al. Multiplex cytokine profile from dengue patients: MIP-1beta and IFN-gamma as predictive factors for severity. **BMC infectious diseases**, v. 8, n. 86, p. 1–11, 25 jun. 2008.

BRACIALE, T. J.; HAHN, Y. S. Immunity to viruses. **Immunol Rev**, v. 255, n. 1, p. 1–7, 2013.

BROWN, M. S.; RADHAKRISHNAN, A.; GOLDSTEIN, J. L. **Retrospective on Cholesterol Homeostasis: The Central Role of Scap**. [s.l: s.n.]. v. 87

BUTTHEP, P. et al. Alteration of cytokines and chemokines during febrile episodes associated with endothelial cell damage and plasma leakage in dengue hemorrhagic fever. **The Pediatric Infectious Disease Journal**, v. 31, n. 12, p. 232–238, 2012.

CEBALLOS-OLVERA, I. et al. JNK phosphorylation, induced during dengue virus infection, is important for viral infection and requires the presence of cholesterol. **Virology**, v. 396, n. 1, p. 30–36, 2010.

CHAO, C.-H. et al. Dengue virus nonstructural protein 1 activates platelets via Toll-like receptor 4, leading to thrombocytopenia and hemorrhage. **PLOS Pathogens**, v. 15, n. 4, p. e1007625, abr. 2019.

CHAPMAN, M. J. et al. LDL subclass lipidomics in atherogenic dyslipidemia:Effect of statin therapy on bioactive lipids and dense LDL. **Journal of Lipid Research**, 2020.

CHARNSILPA, W. et al. Nitric oxide radical suppresses replication of wild-type dengue 2 viruses in vitro. **Journal of Medical Virology**, v. 77, n. 1, p. 89–95, 2005.

CHATTERJEE, M. et al. Macrophage migration inhibitory factor limits activation-induced apoptosis of platelets via CXCR7-dependent Akt signaling. **Circulation Research**, v. 115, n. 11, p. 939–949, 2014.

CHEN, H. R. et al. Macrophage migration inhibitory factor is critical for dengue NS1-induced endothelial glycocalyx degradation and hyperpermeability. **PLoS Pathogens**, v. 14, n. 4, p. 1–22, 2018.

CHEN, L.-C. et al. Correlation of serum levels of macrophage migration inhibitory factor with disease severity and clinical outcome in dengue patients. **The American journal of tropical medicine and hygiene**, v. 74, n. 1, p. 142–147, jan. 2006.

CHEN, M. et al. Activation-dependent surface expression of LOX-1 in human platelets. **Biochemical and Biophysical Research Communications**, v. 282, n. 1, p. 153–158, 2001.

CHEN, R. et al. Platelet activation by low concentrations of intact oxidized LDL particles involves the PAF receptor. **Arteriosclerosis, Thrombosis, and Vascular Biology**, v. 29, n. 3, p. 363–371, 2009.

CHEN, R.; VASILAKIS, N. Dengue - Quo tu et quo vadis? **Viruses**, v. 3, n. 9, p. 1562–1608, 2011.

CHISTIAKOV, D. A. et al. Mechanisms of foam cell formation in atherosclerosis. **Journal of Molecular Medicine**, v. 95, n. 11, p. 1153–1165, 2017.

CHRISTISON, J. et al. Rapid reduction and removal of HDL- but not LDL-associated cholesteryl ester hydroperoxides by rat liver perfused in situ. **Biochemical Journal**, v. 314, p. 739–742, 1996.

CHYU, K. Y. et al. CD8 + T cells mediate the athero-protective effect of immunization with an ApoB-100 peptide. **PLoS ONE**, v. 7, n. 2, 2012.

CIPITELLI, M. DA C. et al. Influence of chemokines on the endothelial permeability and cellular transmigration during dengue. **Immunology Letters**, v. 212, n. 2019, p. 88–97, 2019.

CLARK, S. R. et al. Platelet TLR4 activates neutrophil extracellular traps to ensnare bacteria in septic blood. **Nature medicine**, v. 13, n. 4, p. 463–9, abr. 2007.

CLYDE, K.; KYLE, J. L.; HARRIS, E. Recent Advances in Deciphering Viral and Host Determinants of Dengue Virus Replication and Pathogenesis. **Journal of Virology**, v. 80, n. 23, p. 11418–11431, 2006.

COGNASSE, F. et al. Evidence of Toll-like receptor molecules on human platelets. **Immunology and Cell Biology**, v. 83, n. 2, p. 196–198, 2005.

COLOGNA, R.; ARMSTRONG, P. M.; RICO-HESSE, R. Selection for Virulent Dengue Viruses Occurs in Humans and Mosquitoes. **Journal of Virology**, v. 79, n. 2, p. 853–859, 2005.

CUI, L. et al. Serum Metabolome and Lipidome Changes in Adult Patients with Primary Dengue Infection. **PLoS Neglected Tropical Diseases**, v. 7, n. 8, p. e2373, 2013.

DALRYMPLE, N.; MACKOW, E. R. Productive Dengue Virus Infection of Human Endothelial Cells Is Directed by Heparan Sulfate-Containing Proteoglycan Receptors. **Journal of Virology**, v. 85, n. 18, p. 9478–9485, 2011.

DEEN, J. L. et al. The WHO dengue classifi cation and case defi nitions: time for a reassessment. **Lancet**, v. 368, p. 170–173, 2006.

DENIS, M. M. et al. Escaping the nuclear confines: Signal-dependent pre-mRNA splicing in anucleate platelets. **Cell**, v. 122, n. 3, p. 379–391, ago. 2005.

DIAMOND, M. S. et al. Modulation of Dengue Virus Infection in Human Cells by Alpha, Beta, and Gamma Interferons. **Journal of Virology**, v. 74, n. 11, p. 4957–4966, 2000.

DIB, P. R. B. et al. Innate immune receptors in platelets and platelet-leukocyte interactions. **Journal of Leukocyte Biology**, p. 1–26, 2020.

DIEHL, P. et al. Lysophosphatidylcholine is a Major Component of Platelet Microvesicles Promoting Platelet Activation and Reporting Atherosclerotic Plaque Instability. **Thrombosis and Haemostasis**, v. 119, n. 8, p. 1295–1310, 2019.

DOMINGUES, R. M. et al. Lipoxidation adducts with peptides and proteins: Deleterious modifications or signaling mechanisms? **Journal of Proteomics**, v. 92, p. 110–131, 2013.

DURÁN, A. et al. Association of lipid profile alterations with severe forms of dengue in humans. **Archives of Virology**, v. 160, n. 7, p. 1687–1692, 2015.

ELMORE, S. Apoptosis: A Review of Programmed Cell Death. **Toxicologic Pathology**, v. 35, n. 4, p. 495–516, 2007.

ENGELKING, L. R. Lipoprotein Complexes. In: **Textbook of Veterinary Physiological Chemistry**. [s.l: s.n.]. p. 406–410.

ESTERBAUER, H.; SCHAUR, R. J.; ZOLLNER, H. Chemistry and biochemistry of 4-hydroxynonenal, malonaldehyde and related aldehydes. **Free Radical Biology and**

Medicine, v. 11, p. 81–128, 1991.

FENSTER, B. E.; TSAO, P. S.; ROCKSON, S. G. Endothelial dysfunction: Clinical strategies for treating oxidant stress. **American Heart Journal**, v. 146, n. 2, p. 218–226, 2003.

FITCH-TEWFIK, J. L.; FLAUMENHAFT, R. Platelet granule exocytosis: A comparison with chromaffin cells. **Frontiers in Endocrinology**, v. 4, n. 77, p. 1–11, 2013.

FRIED, J. R. et al. Serotype-specific differences in the risk of dengue hemorrhagic fever: An analysis of data collected in Bangkok, Thailand from 1994 to 2006. **PLoS Neglected Tropical Diseases**, v. 4, n. 3, p. 1–6, 2010.

GAO, S. et al. Association Between Circulating Oxidized LDL and Atherosclerotic Cardiovascular Disease: A Meta-analysis of Observational Studies. **Canadian Journal of Cardiology**, v. 33, n. 12, p. 1624–1632, 2017.

GUBLER, D. J. Dengue and Dengue Hemorrhagic Fever. **Clinical Microbiology Reviews**, v. 11, n. 3, p. 480–496, 1998.

GUZMÁN, M. G. et al. Epidemiologic Studies on Dengue in Santiago de Cuba, 1997. **American Journal of epidemiology**, v. 152, n. 9, p. 794–799, 2000.

H.-C., C. et al. Highly Electronegative LDL is elevated in patients with acute myocardial infarction and triggers platelet activation and aggregation. **The American Society of Hematology**, v. 122, n. 22, p. 3632–3642, 2013.

HALSTEAD, S. B.; NIMMANNITYA, S.; COHEN, S. N. OBSERVATIONS RELATED TO PATHOGENESIS OF DENGUE HEMORRHAGIC FEVER. IV. RELATION OF DISEASE SEVERITY TO ANTIBODY RESPONSE AND VIRUS RECOVERED. **Yale journal of biology and medicine**, v. 42, n. 7, p. 311–328, 1970.

HAMBURGER, S. A.; MCEVER, R. P. GMP-140 mediates adhesion of stimulated platelets to neutrophils. **Blood**, v. 75, n. 3, p. 550–554, 1990.

HANSEL, B. et al. Metabolic syndrome is associated with elevated oxidative stress and dysfunctional dense high-density lipoprotein particles displaying impaired antioxidative activity. **Journal of Clinical Endocrinology and Metabolism**, v. 89, n. 10, p. 4963–4971, 2004.

HASERÜCK, N. et al. The plaque lipid lysophosphatidic acid stimulates platelet activation and platelet-monocyte aggregate formation in whole blood: Involvement of P2Y 1 and P2Y12 receptors. **HEMOSTASIS, THROMBOSIS,AND VASCULAR BIOLOGY**, v. 103, n. 7, p. 2585–2592, 2004.

HAZEN, S. L.; HEINECKE, J. W. 3-Chlorotyrosine, a specific marker of myeloperoxidase-catalyzed oxidation, is markedly elevated in low density lipoprotein isolated from human atherosclerotic intima. **Journal of Clinical Investigation**, v. 99, n. 9, p. 2075–2081, 1997.

HEATON, N. S.; RANDALL, G. Dengue virus-induced autophagy regulates lipid metabolism. **Cell Host and Microbe**, v. 8, n. 5, p. 422–432, 2010.

HENCHAL, E. A.; HENCHAL, L. S.; SCHLESINGER, J. J. Synergistic interactions of anti-NS1 monoclonal antibodies protect passively immunized mice from lethal challenge with dengue 2 virus. **Journal of General Virology**, v. 69, n. 8, p. 2101–2107, 1988.

HOLVOET, P. et al. Association Between Circulating Oxidized Low-Density Lipoprotein and Incidence of the Metabolic Syndrome. **Jama**, v. 299, n. 19, p. 2287–2293, 2008.

HOTTZ, E. et al. Platelets in dengue infection. **Drug Discovery Today: Disease Mechanisms**, v. 8, n. 1–2, p. e33–e38, 2011.

HOTTZ, E. D. et al. Platelets mediate increased endothelium permeability in dengue through NLRP3-inflammasome activation. **Blood**, v. 122, n. 20, p. 3405–3414, 2013a.

HOTTZ, E. D. et al. Dengue induces platelet activation, mitochondrial dysfunction and cell death through mechanisms that involve DC-SIGN and caspases. **Journal of thrombosis and haemostasis**, v. 11, n. 5, p. 951–62, maio 2013b.

HOTTZ, E. D. et al. Platelet activation and apoptosis modulate monocyte inflammatory responses in dengue. **J Immunol.**, v. 193, n. 4, p. 1864–1872, 2014.

HOTTZ, E. D.; BOZZA, F. A.; BOZZA, P. T. Platelets in Immune Response to Virus and Immunopathology of Viral Infections. **Frontiers in Medicine**, v. 5, n. 121, 30 abr. 2018.

HUY, N. T. et al. Factors Associated with Dengue Shock Syndrome: A Systematic Review and Meta-Analysis. **PLoS Neglected Tropical Diseases**, v. 7, n. 9, 2013.

ISHIGAKI, Y.; OKA, Y.; KATAGIRI, H. Circulating oxidized LDL: A biomarker and a pathogenic factor. **Current Opinion in Lipidology**, v. 20, n. 5, p. 363–369, 2009.

JOHNSON, A. J.; ROEHRIG, J. T. New Mouse Model for Dengue Virus Vaccine Testing. **Journal of Virology**, v. 73, n. 1, p. 783–786, 1999.

KAR, M. et al. Dengue Virus Entry and Replication Does Not Lead to Productive Infection in Platelets. **Open forum infectious diseases**, v. 4, n. 2, 2017.

KEATING, F. K.; SCHNEIDER, D. J. The influence of platelet activating factor on the effects of platelet agonists and antiplatelet agents in vitro. **Journal of Thrombosis and Thrombolysis**, v. 28, n. 1, p. 38–45, 2009.

KELLEY, J. F.; KAUFUSI, P. H.; NERURKAR, V. R. Dengue Hemorrhagic Fever-Associated Immunomediators Induced via Maturation of Dengue Virus Nonstructural 4B Protein in Monocytes Modulate Endothelial Cell Adhesion Molecules and Human Microvascular Endothelial Cells Permeability. **Virology**, v. 422, n. 2, p. 326–337, 2012.

KHOSRAVI, M.; HOSSEINI-FARD, R.; NAJAFI, M. Circulating low density lipoprotein (LDL). **Hormone Molecular Biology and Clinical Investigation**, v. 35, n. 2, p. 1–12, 2018.

KLING, D. et al. Pharmacological control of platelet-leukocyte interactions by the human anti-P-selectin antibody inclacumab - Preclinical and clinical studies. **Thrombosis Research**, v. 131, n. 5, p. 401–410, 2013.

KOROTAEVA, A. A.; CHEGLAKOV, I. B.; PROKAZOVA, N. V. Inhibitory effect of lysophosphatidylcholine and phospholipase A2 - Treated low density lipoproteins on receptor-dependent regulation of [Ca2+](i) in platelets. **Platelets**, v. 8, n. 1, p. 43–52, 1997.

KOUPENOVA, M. et al. Platelet-TLR7 mediates host survival and platelet count during viral infection in the absence of platelet-dependent thrombosis. **Blood**, v. 124, n. 5, p. 791–802, jul. 2014.

KOUPENOVA, M. et al. Circulating Platelets as Mediators of Immunity, Inflammation and Thrombosis. **Circ Res.**, v. 122, n. 2, p. 337–351, 2018.

KOUPENOVA, M. et al. The role of platelets in mediating a response to human influenza infection. **Nature Communications**, v. 10, n. 1780, dez. 2019.

KRISHNAMURTI, C. et al. Mechanisms of hemorrhage in dengue without circulatory collapse. **American Journal of Tropical Medicine and Hygiene**, v. 65, n. 6, p. 840–847, 2001.

KRISHNAMURTI, C. et al. Platelet adhesion to dengue-2 virus-infected endothelial cells. **American Journal of Tropical Medicine and Hygiene**, v. 66, n. 4, p. 435–441, 2002.

KUMAR, S.; BANDYOPADHYAY, U. Free heme toxicity and its detoxification systems in human. **Toxicology Letters**, v. 157, n. 3, p. 175–188, 2005.

L.-Y., K. et al. Chemical composition–oriented receptor selectivity of L5, a naturally occurring atherogenic low-density lipoprotein. **Pure Appl Chem**, v. 83, n. 9, p. 974–981, 2011.

LEE, C. et al. All ApoB-Containing Lipoproteins Induce Monocyte Chemotaxis and Adhesion When Minimally Modified. **Arteriosclerosis, Thrombosis, and Vascular Biology**, v. 19, n. 6, p. 1437–1446, 1999.

LEE, Y. R. et al. MCP1, a highly expressed chemokine in dengue haemorrhagic fever/dengue shock syndrome patients, may cause permeability change, possibly through reduced tight junctions of vascular endothelium cells. **Journal of General Virology**, v. 87, n. 12, p. 3623–3630, 2006.

LENTEN, B. J. VAN et al. Anti-inflammatory HDL Becomes Pro-inflammatory during the Acute Phase Response. **Journal of Clinical Investigation**, v. 96, p. 2758–2767, 1995.

LEVITAN, I.; VOLKOV, S.; SUBBAIAH, P. V. Oxidized LDL: Diversity, Patterns of Recognition, and Pathophysiology. **Antioxidants & Redox Signaling**, v. 13, n. 1, p. 39–75, 2010.

LEYTIN, V. Apoptosis in the anucleate platelet. **Blood Reviews**, v. 26, n. 2, p. 51–63, 2012.

LINDOW, J. C. et al. Primary vaccination with low dose live dengue 1 virus generates a proinflammatory, multifunctional T cell response in humans. **PLoS Neglected Tropical Diseases**, v. 6, n. 7, p. 1–10, 2012.

LINNA, M. S. et al. Co-existence of insulin resistance and high concentrations of circulating oxidized LDL lipids. **Annals of Medicine**, v. 47, n. 5, p. 394–398, 2015.

LIU, J. et al. Oxidized low-density lipoprotein increases the proliferation and migration of human coronary artery smooth muscle cells through the upregulation of osteopontin. **International Journal of Molecular Medicine**, v. 33, n. 5, p. 1341–1347, 2014.

LOPEZ, J. J. et al. Thrombin induces activation and translocation of Bid, Bax and Bak to the mitochondria in human platelets. **Journal of Thrombosis and Haemostasis**, v. 6, n. 10, p. 1780–1788, 2008.

MA, F. et al. Retinoid X receptor α attenuates host antiviral response by suppressing type I interferon. **Nat Commun**, v. 5, n. 5494, p. 139–148, 2015.

MAHFOUZ, M. M.; KUMMEROW, F. A. Oxidized low-density lipoprotein (LDL) enhances thromboxane A2 synthesis by platelets, but lysolecithin as a product of LDL oxidation has an inhibitory effect. **Prostaglandins and Other Lipid Mediators**, v. 62, n. 2, p. 183–200, 2000.

MALAVIGE, G. N.; OGG, G. S. Pathogenesis of vascular leak in dengue virus infection. **Immunology**, v. 151, n. 3, p. 261–269, 2017.

MANNE, B. K. et al. Platelet Gene Expression and Function in COVID-19 Patients Tracking. **Blood**, n. 007214R2, 2020.

MANOKARAN, G. et al. Dengue subgenomic RNA binds TRIM25 to inhibit interferon expression for epidemiological fitness. **Science.**, v. 350, n. 6257, p. 217–221, 2015.

MARATHE, G. K. et al. Inflammatory platelet-activating factor-like phospholipids in oxidized low density lipoproteins are fragmented alkyl phosphatidylcholines. **Journal of Biological Chemistry**, v. 274, n. 40, p. 28395–28404, 1999.

MARATHE, G. K. et al. Activation of vascular cells by PAF-like lipids in oxidized LDL. **Vascular Pharmacology**, v. 38, n. 4, p. 193–200, 2002.

MASCHBERGER, P. et al. Mildly oxidized low density lipoprotein rapidly stimulates via activation of the lysophosphatidic acid receptor Src family and Syk tyrosine kinases and Ca2+ influx in human platelets. **Journal of Biological Chemistry**, v. 275, n. 25, p. 19159–19166, 2000.

MASON, K. D. et al. Programmed Anuclear Cell Death Delimits Platelet Life Span. **Cell**, v. 128, n. 6, p. 1173–1186, 2007.

MATSUMOTO, T.; KOBAYASHI, T.; KAMATA, K. Role of Lysophosphatidylcholine (LPC) in Atherosclerosis. **Current Medicinal Chemistry**, v. 14, n. 30, p. 3209–3220, 2007.

MAYER, S. V.; TESH, R. B.; VASILAKIS, N. The emergence of arthropod-borne viral diseases: a global prospective on dengue, chikungunya and zika fevers. **Acta Trop**, v. 166, p. 155–163, 2017.

MCMAHON, M. et al. Proinflammatory high-density lipoprotein as a biomarker for atherosclerosis in patients with systemic lupus erythematosus and rheumatoid arthritis. **Arthritis and Rheumatism**, v. 54, n. 8, p. 2541–2549, 2006.

MESSINA, J. P. et al. The current and future global distribution and population at risk of dengue. **Nature Microbiology**, v. 4, n. 9, p. 1508–1515, 2019.

MICHELS, M. et al. Platelet function alterations in dengue are associated with plasma leakage. **Thrombosis and haemostasis**, v. 112, n. 2, p. 352–62, 4 ago. 2014.

MILLER, Y. I.; SHYY, J. Y.-J. Context-dependent role of oxidized lipids and lipoproteins in inflammation. **Trends Endocrinol Metab.**, v. 28, n. 2, p. 143–152, 2017.

MONGKOLSAPAYA, J. et al. Original antigenic sin and apoptosis in the pathogenesis of dengue hemorrhagic fever. **Nature Medicine**, v. 9, n. 7, p. 921–927, 2003.

MORGANTINI, C. et al. Anti-inflammatory and antioxidant properties of HDLs are impaired in type 2 diabetes. **Diabetes**, v. 60, n. 10, p. 2617–2623, 2011.

MOURÃO, M. P. G. et al. Thrombocytopenia in patients with dengue virus infection in the Brazilian Amazon. **Platelets**, v. 18, n. 8, p. 605–612, 2007.

MS/SVS. Vigilância em Saúde no Brasil 2003|2019. **Boletim Epidemiológico**, v. 50, p. 1–154, 2019.

MS/SVS. Monitoramento dos casos de arboviroses urbanas transmitidas pelo Aedes. **Boletim Epidemiológico Arboviroses**, v. 51, n. 24, p. 1–13, 2020.

MURTHY, S. et al. LXR/RXR activation enhances basolateral efflux of cholesterol in CaCo-2 cells. **Journal of Lipid Research**, v. 43, n. 7, p. 1054–1064, 2002.

NAKHJAVANI, M. et al. Serum oxidized-LDL is associated with diabetes duration independent of maintaining optimized levels of LDL-cholesterol. **Lipids**, v. 45, n. 4, p. 321–

327, 2010.

NASIRUDEEN, A. M. A. et al. RIG-i, MDA5 and TLR3 synergistically play an important role in restriction of dengue virus infection. **PLoS Neglected Tropical Diseases**, v. 5, n. 1, p. e926, 2011.

NAVAB, M. et al. Monocyte transmigration induced by modification of low density lipoprotein in cocultures of human aortic wall cells is due to induction of monocyte chemotactic protein 1 synthesis and is abolished by high density lipoprotein. **Journal of Clinical Investigation**, v. 88, n. 6, p. 2039–2046, 1991.

NAVAB, M. et al. Normal high density lipoprotein inhibits three steps in the formation of mildly oxidized low density lipoprotein: Steps 1. **Journal of Lipid Research**, v. 41, n. 9, p. 1495–1508, 2000a.

NAVAB, M. et al. Normal high density lipoprotein inhibits three steps in the formation of mildly oxidized low density lipoprotein: Steps 2 and 3. **Journal of Lipid Research**, v. 41, n. 9, p. 1495–1508, 2000b.

NUNES, P. C. G. et al. 30 years of fatal dengue cases in Brazil: A review. **BMC Public Health**, v. 19, n. 329, p. 1–11, 2019.

OJHA, A. et al. Platelet activation determines the severity of thrombocytopenia in dengue infection. **Scientific reports**, v. 7, n. 41697, p. 1–10, 31 dez. 2017.

OMS. Dengue haemorrhagic fever : diagnosis, treatment, prevention and control. **Organização Mundial da Saúde**, n. 2 edição, p. 12–23, 1997.

OMS. Dengue: GUIDELINES FOR DIAGNOSIS, TREATMENT, PREVENTION AND CONTROL. **Organização Mundial da Saúde**, p. 257–259, 2009.

OMS. **Comprehensive guidelines for prevention and control of dengue and dengue haemorrhagic feverOrganização Mundial da Saúde**, 2011. Disponível em: <http://scholar.google.com/scholar?hl=en&btnG=Search&q=intitle:Comprehensive+Guidelines+for+Prevention+and+Control+of+Dengue+and+Dengue+Haemorrhagic+Fever#1>

OMS. Global strategy for dengue prevention and control 2012-2020. **Organização Mundial da Saúde**, p. 1–34, 2012.

OMS. **Dengue and Severe Dengue**. Disponível em: <http://www9.who.int/mediacentre/factsheets/fs117/en/>. Acesso em: 25 mar. 2020.

OMS. **Dengue and Severe Dengue**. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/dengue-and-severe-dengue>. Acesso em: 25 mar. 2020.

ORDOVAS, J. M. Lipoproteins. **Encyclopedia of Food Sciences and nutrition**, p. 3543–3552, 2003.

OSUNA-RAMOS, J. F.; REYES-RUIZ, J. M.; DEL ÁNGEL, R. M. The Role of Host Cholesterol During Flavivirus Infection. **Frontiers in cellular and infection microbiology**, v. 8, n. 388, 2018.

PAN, P. et al. Dengue Virus M Protein Promotes NLRP3 Inflammasome Activation To Induce Vascular Leakage in Mice. **Journal of Virology**, v. 93, n. 21, p. 1–19, 2019a.

PAN, P. et al. Dengue Virus Infection Activates Interleukin-1β to Induce Tissue Injury and Vascular Leakage. **Frontiers in Microbiology**, v. 10, n. 2637, 22 nov. 2019b.

PARTHASARATHY, S. et al. Oxidized Low-density Lipoprotein. **Methods Mol Biol**, v. 610, n. 1, p. 403–417, 2010.

PATKO, Z. et al. Roles of Mac-1 and glycoprotein IIb/IIIa integrins in leukocyte platelet aggregate formation: Stabilization by Mac-1 and inhibition by GpIIb/IIIa blockers. **Platelets**, v. 23, n. 5, p. 368–375, 2012.

PERERA, R.; KUHN, R. J. Structural Proteomics of Dengue Virus Rushika. **Curr Opin Microbiol**, v. 11, n. 4, p. 369–377, 2008.

PERTTILÄ, J. et al. OSBPL10, a novel candidate gene for high triglyceride trait in dyslipidemic Finnish subjects, regulates cellular lipid metabolism. **Journal of Molecular Medicine**, v. 87, n. 8, p. 825–835, 2009.

PODREZ, E. A. et al. Identification of a novel family of oxidized phospholipids that serve as ligands for the macrophage scavenger receptor CD36. **Journal of Biological Chemistry**, v. 277, n. 41, p. 38503–38516, 2002.

PODREZ, E. A. et al. Platelet CD36 links hyperlipidemia, oxidant stress and a prothrombotic phenotype. **Nature Medicine**, v. 13, n. 9, p. 1086–1095, 2007.

PÓVOA, T. F. et al. The pathology of severe dengue in multiple organs of human fatal cases: Histopathology, ultrastructure and virus replication. **PLoS ONE**, v. 9, n. 4, p. e83386, 2014.

PÓVOA, T. F. et al. Peripheral organs of dengue fatal cases present strong pro-inflammatory response with participation of IFN-Gamma-, TNF-Alpha and RANTES-Producing cells. **PLoS ONE**, v. 11, n. 12, p. 1–19, 2016.

PRIYADARSHINI, D. et al. Clinical findings and pro-inflammatory cytokines in dengue patients in Western India: A facility-based study. **PLoS ONE**, v. 5, n. 1, p. e8709, 2010.

QUIRINO-TEIXEIRA, A. C. et al. Inflammatory signaling in dengue-infected platelets requires translation and secretion of nonstructural protein 1. **Blood Advances**, v. 4, n. 9, 2020.

REAL, F. et al. Platelets from HIV-infected individuals on antiretroviral drug therapy with poor CD4+ T cell recovery can harbor replication-competent HIV despite viral suppression. **Science Translational Medicine**, v. 12, n. 535, 18 mar. 2020.

ROSENSON, R. S. et al. Cholesterol efflux and atheroprotection: Advancing the concept of reverse cholesterol transport. **Circulation**, v. 125, n. 15, p. 1905–1919, 2012.

SAMSA, M. M. et al. Dengue virus capsid protein usurps lipid droplets for viral particle formation. **PLoS Pathogens**, v. 5, n. 10, 2009.

SCHAEFFER, E. et al. Dermal CD14 + dendritic cell and macrophage infection by dengue virus is stimulated by interleukin-4. **Journal of Investigative Dermatology**, v. 135, n. 7, p. 1743–1751, 2015.

SCHAUFELBERGER, H. D. et al. Platelets in ulcerative colitis and Crohn's disease express functional interleukin-1 and interleukin-8 receptors. **European Journal of Clinical Investigation**, v. 24, n. 10, p. 656–663, 1994.

SCHULZ, C. et al. EMMPRIN (CD147/basigin) mediates platelet-monocyte interactions in vivo and augments monocyte recruitment to the vascular wall. **Journal of Thrombosis and Haemostasis**, v. 9, n. 5, p. 1007–1019, 2011.

SCHWERTZ, H. et al. Signal-dependent splicing of tissue factor pre-mRNA modulates the thrombogenecity of human platelets. **Journal of Experimental Medicine**, v. 203, n. 11, p.

2433–2440, out. 2006.

SEMPLE, J. W.; ITALIANO, J. E.; FREEDMAN, J. Platelets and the immune continuum. **Nature Reviews Immunology**, v. 11, n. 4, p. 264–274, abr. 2011.

SHASHKIN, P. N. et al. Lipopolysaccharide is a Direct Agonist for Platelet RNA Splicing M. **J Immunol.**, v. 181, n. 5, p. 3495–3502, 2008.

SHELNESS, G. S.; SELLERS, J. A. Very-low-density lipoprotein assembly and secretion. **Current Opinion in Lipidology**, v. 12, n. 2, p. 151–157, 2001.

SHEPARD, D. S. et al. The global economic burden of dengue: a systematic analysis. **The Lancet Infectious Diseases**, v. 16, n. 8, p. 935–941, 2016.

SHIRAKI, R. et al. Expression of Toll-like receptors on human platelets. **Thrombosis research**, v. 113, n. 6, p. 379–85, 2004.

SIERRA, B. et al. OSBPL10, RXRA and lipid metabolism confer African-ancestry protection against dengue haemorrhagic fever in admixed CUBANS. **PLoS Pathogens**, v. 13, n. 2, p. 1–21, 2017.

SIESS, W. et al. Lysophosphatidic acid mediates the rapid activation of platelets and endothelial cells by mildly oxidized low density lipoprotein and accumulates in human atherosclerotic lesions. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, v. 96, n. 12, p. 6931–6936, 1999.

SILVERSTEIN, R. L. Type 2 scavenger receptor CD36 in platelet activation: The role of hyperlipemia and oxidative stress. **Clinical Lipidology**, v. 4, n. 6, p. 767–779, 2009.

SIMON, A. Y.; SUTHERLAND, M. R.; PRYZDIAL, E. L. G. Dengue virus binding and replication by platelets. **Blood**, v. 126, n. 3, p. 378–385, 2015.

SOTO-ACOSTA, R. et al. The increase in cholesterol levels at early stages after dengue virus infection correlates with an augment in LDL particle uptake and HMG-CoA reductase activity. **Virology**, v. 442, n. 2, p. 132–147, 2013.

SOUNDRAVALLY, R. et al. Oxidative stress in severe dengue viral infection: Association of thrombocytopenia with lipid peroxidation. **Platelets**, v. 19, n. 6, p. 447–454, 2008.

SPROKHOLT, J. K. et al. RIG-I–like Receptor Triggering by Dengue Virus Drives Dendritic Cell Immune Activation and TH1 Differentiation. **The Journal of Immunology**, v. 198, n. 12, p. 4764–4771, 2017.

SRICHAIKUL, T.; NIMMANNITYA, S. Haematology in dengue and dengue haemorrhagic fever. **Bailliere's Clinical Haematology**, v. 13, n. 2, p. 261–276, 2000.

STANAWAY, J. D. et al. The Global Burden of Dengue: an analysis from the Global Burden of Disease Study 2013. **Lancet Infect Dis**, v. 16, n. 6, p. 712–723, 2016.

SUNG, P. S.; HUANG, T. F.; HSIEH, S. L. Extracellular vesicles from CLEC2-activated platelets enhance dengue virus-induced lethality via CLEC5A/TLR2. **Nature Communications**, v. 10, n. 2402, p. 1–13, 2019.

TAKEI, A.; HUANG, Y.; LOPES-VIRELLA, M. F. Expression of adhesion molecules by human endothelial cells exposed to oxidized low density lipoprotein: Influences of degree of oxidation and location of oxidized LDL. **Atherosclerosis**, v. 154, n. 1, p. 79–86, 2001.

TONGLUAN, N. et al. Involvement of fatty acid synthase in dengue virus infection. **Virology**

Journal, v. 14, n. 1, p. 14–28, 2017.

TRPKOVIC, A. et al. Oxidized low-density lipoprotein as a biomarker of cardiovascular diseases. **Critical Reviews in Clinical Laboratory Sciences**, v. 52, n. 2, p. 70–85, 2015.

TRUGILHO, M. R. DE O. et al. Platelet proteome reveals novel pathways of platelet activation and platelet-mediated immunoregulation in dengue. **PLoS Pathogens**, v. 13, n. 5, p. 1–27, 2017.

TSAI, J.-J. et al. Frequency alterations in key innate immune cell components in the peripheral blood of dengue patients detected by FACS analysis. **Journal of innate immunity**, v. 3, n. 5, p. 530–40, 2011.

UZUN, H. et al. Changes in leptin, plasminogen activator factor and oxidative stress in morbidly obese patients following open and laparoscopic Swedish adjustable gastric banding. **Obesity Surgery**, v. 14, n. 5, p. 659–665, 2004.

VALACCHI, G. et al. OxInflammation: From subclinical condition to pathological biomarker. **Frontiers in Physiology**, v. 9, p. 1–15, 2018.

VALDES, K. et al. Human dengue antibodies against structural and nonstructural proteins. **Clinical and Diagnostic Laboratory Immunology**, v. 7, n. 5, p. 856–857, 2000.

VAN DER MEIJDEN, P. E. J.; HEEMSKERK, J. W. M. Platelet biology and functions: new concepts and clinical perspectives. **Nature Reviews Cardiology**, v. 16, n. 3, p. 166–179, 2019.

VAN LENTEN, B. J. et al. High-density lipoprotein loses its anti-inflammatory properties during acute influenza A infection. **Circulation**, v. 103, n. 18, p. 2283–2288, 2001.

VASANKARI, T. et al. Reduced oxidized low-density lipoprotein after weight reduction in obese premenopausal women. **International Journal of Obesity**, v. 25, n. 2, p. 205–211, 2001.

VOGE, N. V. et al. Metabolomics-Based Discovery of Small Molecule Biomarkers in Serum Associated with Dengue Virus Infections and Disease Outcomes. **PLoS Neglected Tropical Diseases**, v. 10, n. 2, p. 1–27, 2016.

WANG, H. H. et al. Cholesterol and lipoprotein metabolism and atherosclerosis: Recent advances in reverse cholesterol transport. **Annals of Hepatology**, v. 16, p. s27–s42, 2017.

WANG, T. et al. Pro-atherogenic activation of A7r5 cells induced by the oxLDL/β2GPI/anti-β2GPI complex. **International Journal of Molecular Medicine**, v. 42, n. 4, p. 1955–1966, 2018.

WATSON, A. D. et al. Effect of platelet activating factor-acetylhydrolase on the formation and action of minimally oxidized low density lipoprotein. **Journal of Clinical Investigation**, v. 95, n. 2, p. 774–782, 1995.

WATSON, A. D. et al. Structural identification by mass spectrometry of oxidized phospholipids in minimally oxidized low density lipoprotein that induce monocyte/endothelial interactions and evidence for their presence in vivo. **Journal of Biological Chemistry**, v. 272, n. 21, p. 13597–13607, 1997.

WILDER-SMITH, A. et al. Dengue. **The Lancet**, v. 393, p. 350–363, 2019.

WILLS, B. et al. Hemostatic changes in Vietnamese children with mild dengue correlate with the severity of vascular leakage rather than bleeding. **American Journal of Tropical**

Medicine and Hygiene, v. 81, n. 4, p. 638–644, 2009.

WOLSKA, A. et al. Apolipoprotein C-II: New findings related to genetics, biochemistry, and role in triglyceride metabolism. **Atherosclerosis**, v. 267, p. 49–60, 2017.

YANG, M. et al. Platelet CD36 promotes thrombosis by activating redox sensor ERK5 in hyperlipidemic conditions. **Blood**, v. 129, n. 21, p. 2917–2927, 2017.

YANG, S. H.; LI, Y. T.; DU, D. Y. Oxidized low-density lipoprotein-induced CD147 expression and its inhibition by high-density lipoprotein on platelets in vitro. **Thrombosis Research**, v. 132, n. 6, p. 702–711, 2013.

YAUCH, L. E. et al. A Protective Role for Dengue Virus-Specific CD8 + T Cells . **The Journal of Immunology**, v. 182, n. 8, p. 4865–4873, 2009.

YU, I. M. et al. Structure of the immature dengue virus at low pH primes proteolytic maturation. **Science**, v. 319, n. 5871, p. 1834–1837, 2008.

ZELCER, N.; TONTONOZ, P. Liver X receptors as integrators of metabolic and inflammatory signaling. **The Journal of Clinical Investigation**, v. 116, n. 3, p. 607–614, 2006.

ZHANG, L. et al. Feedback regulation of cholesterol uptake by the LXR-IDOL- LDLR axis. **Arterioscler Thromb Vasc Biol.**, v. 32, n. 11, p. 2541–2546, 2012.

ZIMMERMAN, G. A. et al. The platelet-activating factor signaling system and its regulators in syndromes of inflammation and thrombosis. **Critical Care Medicine**, v. 30, n. 5, p. S294–S301, 2002.

frontiers in Cellular and Infection Microbiology

REVIEW
published: 17 March 2021
doi: 10.3389/fcimb.2021.638852

The Weight of Obesity in Immunity from Influenza to COVID-19

Fernanda B. Andrade[1†], Ana Gualberto[2†], Camila Rezende[3], Nathércia Percegoni[3‡], Jacy Gameiro[2*‡] and Eugenio D. Hottz[1*‡]*

[1] Laboratory of Immunothrombosis, Department of Biochemistry, Institute of Biological Sciences, Federal University of Juiz de Fora, Juiz de Fora, Brazil, [2] Laboratory of Immunology, Obesity and Infectious Diseases, Department of Parasitology, Microbiology and Immunology, Institute of Biological Sciences, Federal University of Juiz de Fora, Juiz de Fora, Brazil, [3] Department of Nutrition, Institute of Biological Sciences, Federal University of Juiz de Fora, Juiz de Fora, Brazil

OPEN ACCESS

Edited by:
Geneviève Pépin,
Université du Québec à Trois-Rivières, Canada

Reviewed by:
Mehreen Arshad,
Northwestern University, United States
Kirsty Renfree Short,
The University of Queensland, Australia

***Correspondence:**
Eugenio D. Hottz
eugenio.hottz@icb.ufjf.br
Jacy Gameiro
jacy.gameiro@gmail.com
Nathércia Percegoni
natherciapercegoni@gmail.com

[†]These authors have contributed equally to this work and share first authorship

[‡]These authors have contributed equally to this work and share last authorship

Specialty section:
This article was submitted to Microbes and Innate Immunity, a section of the journal Frontiers in Cellular and Infection Microbiology

Received: 07 December 2020
Accepted: 19 February 2021
Published: 17 March 2021

Citation:
Andrade FB, Gualberto A, Rezende C, Percegoni N, Gameiro J and Hottz ED (2021) The Weight of Obesity in Immunity from Influenza to COVID-19. Front. Cell. Infect. Microbiol. 11:638852. doi: 10.3389/fcimb.2021.638852

The severe acute respiratory syndrome coronavirus 2 (SARS-CoV-2) has emerged in December 2019 and rapidly outspread worldwide endangering human health. The coronavirus disease 2019 (COVID-19) manifests itself through a wide spectrum of symptoms that can evolve to severe presentations as pneumonia and several non-respiratory complications. Increased susceptibility to COVID-19 hospitalization and mortality have been linked to associated comorbidities as diabetes, hypertension, cardiovascular diseases and, recently, to obesity. Similarly, individuals living with obesity are at greater risk to develop clinical complications and to have poor prognosis in severe influenza pneumonia. Immune and metabolic dysfunctions associated with the increased susceptibility to influenza infection are linked to obesity-associated low-grade inflammation, compromised immune and endocrine systems, and to high cardiovascular risk. These preexisting conditions may favor virological persistence, amplify immunopathological responses and worsen hemodynamic instability in severe COVID-19 as well. In this review we highlight the main factors and the current state of the art on obesity as risk factor for influenza and COVID-19 hospitalization, severe respiratory manifestations, extrapulmonary complications and even death. Finally, immunoregulatory mechanisms of severe influenza pneumonia in individuals with obesity are addressed as likely factors involved in COVID-19 pathophysiology.

Keywords: obesity, COVID-19, severe influenza, immunity, immunopathology

INTRODUCTION

In December 2019, several cases of acute pneumonia of unknown etiology emerged in Wuhan, China. The new pathogen was readily sequenced and phylogenetically related to the previous severe acute respiratory syndrome coronavirus (SARS-CoV). The new coronavirus was therefore termed SARS-CoV-2, the etiological agent of the coronavirus disease 2019 (COVID-19) (Li et al., 2020; Zhou P. et al., 2020). By march 2020 the coronavirus outbreak had emerged to the status of pandemic, significantly challenging human health worldwide (Li et al., 2020; Zhou P. et al., 2020). Clinical manifestations of SARS-CoV-2 infection may vary from asymptomatic infection to mild or severe respiratory syndromes. Approximately 15% of infected individuals develop severe diseases that require hospitalization and ventilation support, whereas 5% of them need admission in intensive care units

(ICU) due to complications such as acute respiratory distress syndrome (ARDS), sepsis, thromboembolism, and/or multiorgan failure (Feng et al., 2020).

There are no specific clinical signs to anticipate the progression of mild COVID-19 to severe presentations. However, some pre-established conditions including older age and the presence of comorbidities, such as hypertension, diabetes and obesity were identified as risk factors for severe COVID-19, as previously shown for severe influenza pneumonia as well (Guo T. et al., 2020; Hartshorn, 2020; Shi et al., 2020; Zhou F. et al., 2020). Obesity is a high prevalent disease that has major impact on global health. According to the WHO (2020), overweight and obesity almost tripled from 1975 to 2016, with more than 1.9 billion overweight adults and 650 million ones with obesity. Data from 2016 have shown that almost 40% of the world population were overweight and approximately 13% were obese (Chooi et al., 2018; World Health Organization, 2020). The countries leading the ranking of obesity prevalence in the world are: China, USA, Brazil, India, Russia, Mexico, Germany, UK, Italy and France; and the countries leading the rank of severe obesity are: USA, China, Russia, Brazil, Mexico, Egypt, UK, Germany, Turkey and France (NCD Risk Factor, 2016). In addition, obesity estimates for 2030 antecipates an increse towards 42.1% of the populationin in the African continent, 45.5% in Asia, 36% in Europe, 44.5% in North America, 35.2% in South America and 65.8% in Oceania (Ampofo and Boateng, 2020).

Epidemiological evidences have shown obese COVID-19 patients at increased risk to require hospitalization, ICU admission and to evolve to death (Popkin et al., 2020). This increased susceptibility is positively correlated to the body mass index (BMI) with increasing risk of severity in overweight individuals, stage I obesity and stage II obesity. The BMI is currently used to stratify subjects as overweight (BMI 25 - 30 kg/m^2) obesity stage I (BMI 30 - 35 kg/m^2), obesity stage II (BMI 35 - 40 kg/m^2) and obesity stage III (BMI > 40 kg/m^2) (Bhaskaran et al., 2018). Obesity has been highlighted as significant risk factor for COVID-19 severity even at younger ages (Busetto et al., 2020; Malik et al., 2020). Accordingly, overweight and obesity were independent risk factors for severe COVID-19 in patients with type 2 diabetes, a risk that was no longer observed in elderly patients (above 75 years) (Smati et al., 2020). A similar risk has been observed for severe influenza pneumonia among people living with obesity. Epidemiological studies reveal that obesity significantly increases the risk of critical and fatal complications of influenza virus infection (van Kerkhove et al., 2011; Sun et al., 2016). In addition, individuals with obesity have less protection against influenza, and are 2 to 3 times more likely to develop disease than non-obese individuals (Neidich et al., 2017). Obese patients with influenza also take longer to eliminate the virus, which may increase the risk of transmission (Maier et al., 2018). Similar immune processes responsible for the increased susceptibility of obese individuals to influenza, including dysregulated innate immunity, are very likely involved in the increased risk of obese individuals to develop severe COVID-19 (Hartshorn, 2020).

People with obesity are known to present changes at different innate and adaptive immune responses due to chronic low-grade inflammation (Karczewski et al., 2018). These preexisting responses may contribute to increased morbidity and mortality in severe respiratory diseases, since overwhelming cytokine production – known as cytokine storm – is a key pathological phenomenon in severe influenza pneumonia and COVID-19 (Gu et al., 2019; Coperchini et al., 2020; Ye et al., 2020). Metabolic and immunological changes in obesity constitute a favorable environment for the development of cardiovascular disorders, which are strongly associated with COVID-19 and influenza severity and mortality (Mamas et al., 2008; Csige et al., 2018; Fountoulaki et al., 2018; Graupera and Claret, 2018; Guo T. et al., 2020; Nishiga et al., 2020; Shi et al., 2020). Thus, this review aims to address metabolic, immunological and inflammatory disorders in obesity that may contribute to pathophysiological mechanisms involved in severe influenza pneumonia and COVID-19.

IMMUNE RESPONSE IN OBESITY

Obesity is a non-transmissible chronic disease that has outspread and became highly prevalent in humans worldwide. It is described as a multifactorial and endocrine-metabolic disease that involves interactions among hormonal, genetic and environmental factors triggering adiposity in excess (McCafferty et al., 2020). The adipose tissue is a metabolically active organ, and therefore, featuring obesity just as fat accumulation is an oversimplistic view (Vegiopoulos et al., 2017). The loss of fat storage capacity in dysfunctional white adipose tissue during obesity impairs metabolic and endocrine processes leading to systemic low-grade inflammation in obese individuals. These alterations set the stage for metabolic and cardiovascular complications such as insulin resistance, diabetes, atherosclerosis, hypertension and many cancer types (Karczewski et al., 2018).

The Dysfunctional Adipose Tissue in Obesity

Several factors contribute as potential triggers of systemic and adipose tissue inflammation in obesity. First, adipocyte hypertrophy and fat storage capacity loss *per se* is linked to inflammation, as the flow of lipids to non-adipose organs and ectopic fat accumulation lead to lipotoxic effects, tissue inflammation and metabolic dysfunction (**Figures 1A, B**) (Vegiopoulos et al., 2017). In this regard, although the hypertrophy of subcutaneous adipose tissue (SAT) and visceral adipose tissue (VAT) are both positively correlated to metabolic risk factors, VAT expansion is closely associated with adverse metabolic complications (Fox et al., 2007). It has been observed that VAT and perivascular adipose tissue (PVAT) have a twice higher macrophage infiltration than SAT (Kralova Lesna et al., 2016). Macrophages are activated by saturated fatty acids (SFA) through the interaction with pattern recognition receptors (PRRs) of the innate immunity, including Toll Like receptor-4

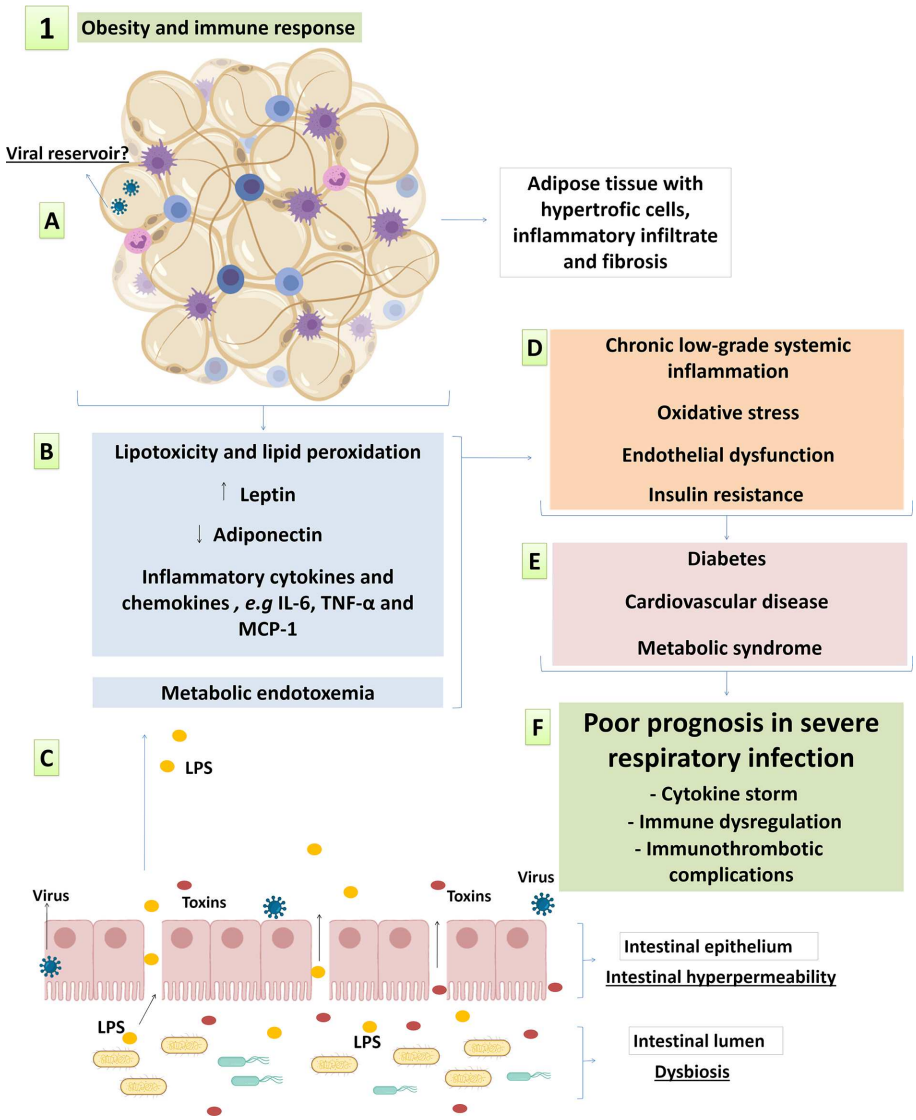


FIGURE 1 | Main factors of obesity-related inflammation and metabolic syndrome possibly involved in pathophysiology of respiratory viral infections. **(A)** changes in adipose tissue architecture with hypertrophic adipocytes, inflammatory infiltrate and fibrosis; **(B)** the loss of fat storage capacity and altered adipokinesecretionin dysfunctional white adipose tissue; and **(C)** metabolic endotoxemia resulting from the intestinal endothelial hyperpermeability also contribute to systemic metabolic and immunological complications; leading to **(D)** systemic low-grade inflammation, metabolic syndrome and increased cardiovascular risk. This syndrome evolves with **(E)** obesity-associated comorbidities and **(F)** increased susceptibility to infectious diseases, including Influenza and COVID-19. See the text for details and references.

(TLR-4), TLR-2/1 and TLR-2/6 (Lee et al., 2004; Nguyen et al., 2007). In addition, the pro-inflammatory and pro-oxidant environment of obesity allows oxidation of polyunsaturated fatty acids (PUFAs). Increase lipid peroxidation and circulation of oxidized low-density lipoproteins (oxLDL) are often observed in people living with obesity, and are associated with increased risk for cardiovascular diseases (Njajou et al., 2009; Ayala et al., 2014; Caimi et al., 2019). Lipid peroxidation culminates in the formation of damage-associated molecular patterns (DAMPs) that activate many PRRs present in innate immune cells and other cell types, including in vascular and stromal cells (Miller and Shyy, 2017).

Inflammatory Infiltrate in Adipose Tissue

Macrophage infiltration is a characteristic of obesity that is positively associated with the BMI and adipocytes size (Weisberg et al., 2003). Macrophages' infiltration in adipose tissue comes along with the switch from alternatively activated anti-inflammatory (M2) to classically activated pro-inflammatory (M1) macrophages (Lumeng et al., 2007). These two main macrophage phenotypes are the extremes of a broad

spectrum of functions that range from tolerogenic to pro-inflammatory properties. Macrophages are polarized to the M1 profile when activated by PAMPS as LPS or proinflammatory cytokines as IFN-γ and TNF-α. The secretion of TNF-α, IL-1β, IL-6 and CCL2 and the increased expression of iNOS are classical M1 profile markers (Murray et al., 2014). M2 polarization is achieved by stimulation with anti-inflammatory cytokines and its hallmarks are the expression of arginase-1 and production of CCL22, CCL17 and IL-10 (Murray et al., 2014). Therefore, M1 polarization in adipose tissue macrophages strongly contributes to the proinflammatory environment in obesity (Lumeng et al., 2007). Alongside macrophages, both B and T cells, from CD4+ and CD8+ subsets, infiltrate the hypertrophic adipose tissue, whereas regulatory T cells reduction is observed, contributing to increased cytokine production, mainly in VAT (Duffaut et al., 2009; Feuerer et al., 2009; Yang et al., 2010; Mclaughlin et al., 2014).

Adipokines

Besides ectopic fat deposition and lipotoxicity, other adipose-derived mediators are important triggers of inflammation. It is well documented that adipocytes release hormones and cytokines that are collectively classified as adipokines, including leptin and adiponectin, which have pro- and anti-inflammatory effects respectively (**Figure 1B**) (Giralt et al., 2015). Leptin is produced by adipocytes and hyperleptinemia is observed during obesity in parallel to central resistance to its anorexigenic action (Myers et al., 2010). In addition, leptin has several effects on a variety of immune cells, including: 1) increased secretion of proinflammatory cytokines and increased phagocytosis by monocytes, dendritic cells and macrophages (Mancuso et al., 2012; Tsiotra et al., 2012; Moraes-Vieira et al., 2014); 2) increased neutrophil migration (Souza-Almeida et al., 2018); 3) improved cytotoxic activity and IFN-γ secretion in NK cells, but reduced NK cell proliferation and function after long-term exposure (Wrann et al., 2011); and 4) immunometabolic reprogramming of T cells promoting Th1 and Th17 polarization alongside immune tolerance inhibition (Liu et al., 2012; Saucillo et al., 2014; Reis et al., 2015). Adiponectin, on the other hand, is reduced in individuals with obesity. The levels of adiponectin are negatively correlated with visceral fat, insulin resistance, type 2 diabetes and cardiovascular complications (Hoffstedt et al., 2004; Nakamura et al., 2004; Li et al., 2009; Ye and Scherer, 2013). The correlation between low adiponectin levels and obesity-associated comorbidities may be explained by adiponectin's anti-inflammatory effects, including: 1) macrophage reprogramming from M1 to M2 polarization (Ohashi et al., 2010); 2) TLR-mediated signaling inhibition (Yamaguchi et al., 2005); 3) Suppression of class A scavenger receptor-mediated foam cell formation (Ouchi et al., 2001); and 4) improved endothelial function by increased NO generation and reduced superoxide production (Deng et al., 2010).

Adipocytes also secrete inflammatory cytokines and chemokines as IL-8, IL-6, TNF-α and MCP-1 (**Figure 1B**) (Skurk et al., 2007). Pro-inflammatory cytokines secretion, as well as leptin secretion, are significantly higher in adipocytes presenting greater volume (Skurk et al., 2007). Moreover, it is reported that leptin induces pro-inflammatory cytokine profile in adipocytes, including IL-6 and TNF-α secretion (Palhinha et al., 2019). In addition to increased inflammatory cytokines, the expansion of adipose tissue with hypertrophic adipocytes contributes to impaired vascularization, local hypoxia, fibrosis and cell death (Rausch et al., 2008; Halberg et al., 2009; Spencer et al., 2011). Collectively, these changes in adipose tissue architecture alongside high infiltration of immune cells contribute to chronic low-grade systemic inflammation, metabolic syndrome, oxidative stress and endothelial dysfunction (**Figures 1A, B**) (Weisberg et al., 2003; Curat et al., 2004; Cancello et al., 2005; Vegiopoulos et al., 2017; Graupera and Claret, 2018; Karczewski et al., 2018).

Intestinal Hyperpermeability and Metabolic Endotoxemia

Intestinal hyperpermeability in individuals with obesity leads to metabolic endotoxemia by increasing the amount of circulating LPS, which is a powerful innate immunity trigger (Damms-Machado et al., 2016). LPS triggers inflammation in TLR4-bearing cells, including macrophages and adipocytes (Song et al., 2006; Medzhitov and Horng, 2009) and may contribute to systemic and adipose tissue inflammation in obese individuals. Metabolic endotoxemia is positively correlated to inflammation, oxidative stress, and macrophage infiltration in the adipose tissue, which were all reduced by antibiotic therapy in high-fat diet (HFD)-fed mice (**Figure 1C**) (Cani et al., 2008a; Cani et al., 2008b). These findings are in line with the "infectobesity" concept, according to which in addition to intestinal microbial agents, viral infections are also associated with adipogenesis and inflammation (Voss and Dhurandhar, 2017; Tian et al., 2019). Even though the cause and effect relationship is not well established, a reciprocal causality may be proposed in which chronic low-grade inflammation in obesity leads to an impaired immunity to pathogens, whereas infections contributes to systemic inflammation and unbalanced lipolysis and adiposity (Voss and Dhurandhar, 2017; Honce and Schultz-Cherry, 2019).

Metainflammation

It is well established that pro-inflammatory cytokines impair the insulin signaling pathway and consequently lead to insulin resistance (Lackey and Olefsky, 2016). In the absence of insulin orchestration, metabolic impairment advances with increased lipolysis and low glucose uptake. This process leads to hyperglycemia and lipotoxicity, and reciprocally feeds inflammation and oxidative stress (Perry et al., 2015) (**Figure 1D**). This metabolic attachment to the immune response in obesity is called "metainflammation" and is the basis for metabolic and cardiovascular complications, which turns obesity into strong risk factor for chronic diseases such as diabetes, atherosclerosis and hypertension (**Figure 1E**) (Lackey and Olefsky, 2016). It is important highlighting that although inflammatory and metabolic dysfunctions prevail in elderly individuals, they increasingly affect youngsters, who have been

more often obese nowadays than in the past. Thus, factors associated with life style, including the ones accounting for weight gain, are causing earlier hyperinflammatory reactions in the general population (Wärnberg et al., 2007). This host homeostasis reprogramming process changes the immune response regulation and the inflammatory environment during infections, including the ones caused by influenza and SARS-CoV-2, over which obesity and metabolic syndrome have major consequences to disease progression, severity and mortality (**Figure 1F**) (Nishiga et al., 2020; Richardson et al., 2020; Wang et al., 2020a; Yang J. et al., 2020).

IMMUNE RESPONSE TO INFLUENZA AND COVID-19 IN OBESITY

Epidemiological analyses of COVID-19 have highlighted obesity as a risk factor for severe disease complications. Based on these analysis, the likelihood of individuals with obesity to develop severe COVID-19 syndrome is higher regardless of sex, age and existence of associated comorbidities (Busetto et al., 2020; Malik et al., 2020; Simonnet et al., 2020). Individuals who have obesity are at higher risk of progressing to critical COVID-19 and of requiring admission to intensive care units (ICU) (Sales-Peres et al., 2020), as well as of presenting non-respiratory-related mortality such as shock and acute renal failure (Onder et al., 2020). Recent studies highlight that presenting with overweight is sufficient to increase the risk of hospitalization and even mechanical ventilation during COVID-19, even though the risk is further increased by mild and severe obesity (Lighter et al., 2020; Simonnet et al., 2020; Wang et al., 2020b). In agreement, COVID-19 morbidity and mortality are further increased in obese individuals who present visceral adiposity and ectopic fat deposition (Yang Y. et al., 2020). Regardless the risk of severity, people with overweight and obesity have greater chances of a positive result in SARS-CoV-2 diagnosis, suggesting higher risk of infection and/or symptomatic illness (Eastment et al., 2020; Kim et al., 2020; Wang et al., 2020b; Breland et al., 2021). Similarly, overweight and obesity also increase the risk of having a positive diagnosis for influenza and increased risk of hospitalization for influenza pneumonia, with even higher risk identified among people with severe obesity (Karki et al., 2018).

Immunopathogenesis

The COVID-19 immunopathological processes are not completely understood, but they may involve similar systemic and airway inflammation processes observed in influenza pneumonia. Severe COVID-19 presentations are associated with imbalance between protective antiviral response and exacerbated pro-inflammatory injury, leading to viral persistence and tissue damage (Felsenstein et al., 2020). The virus can evade innate immunity allowing replication in the initially infected tissues. It is suggested that SARS-CoV-2 infection reduces type I IFN secretion and signaling, pointing to a critical role of IFN-induced anti-viral response in pathogen control (Blanco-Melo et al., 2020; Hadjadj et al., 2020). The lack of virological control may contribute to overwhelmed inflammation and cytokine storm (Tang Y. et al., 2020), which have been associated with COVID-19 and influenza pneumonia main clinical and pathological presentations as ARDS and multiple organ failure (Huang et al., 2020). Along with the cytokine storm, one can observe the disruption of the immune homeostasis with an exacerbated response from the innate immunity, like neutrophils and macrophages, and the impairment of natural killer (NK) and CD8+ T cells, both cytotoxic cells directly involved in viral elimination (Giamarellos-Bourboulis et al., 2020). Thus, patients with severe COVID-19 and influenza pneumonia have irregular immune response that leads to lung injury and increased mortality (Lin et al., 2020; Xu et al., 2020; Zhang et al., 2020a). In this sense, chronic inflammation during obesity may contribute to dysregulated immune homeostasis associated with severe lung injury in SARS-CoV-2 infection, similarly to what is observed in patients with influenza (Luzi and Radaelli, 2020).

Obesity-associated chronic low-grade inflammation sets a preexisting release of inflammatory factors and impaired immune system, which increases the susceptibility of individuals with obesity to infections (De Heredia et al., 2012; Hegde and Dhurandhar, 2013). Given the high prevalence of people with obesity among severe COVID-19 patients (Sales-Peres et al., 2020), it is of paramount importance to clarify the immunoregulatory mechanisms of COVID-19 in people with obesity. It is noteworthy that inflammatory cytokines are already increased in people with overweight, including inflammatory cytokines as IL-6, IL-4, MCP-1 and TNF-α. Nevertheless, the levels of the pro-inflammatory cytokines show greater increment in obese individuals and are even higher in severe obesity, since the white adipose tissue itself is a source of these cytokines (Calder et al., 2011; Fan et al., 2019; Pedersen et al., 2019). TNF-α, IL-1 and IL-6 are the main inflammatory cytokines derived from adipose tissue (Skurk et al., 2007) and increased IL-6 levels are predictive of COVID-19 severity and mortality (Ulhaq and Soraya, 2020). Therefore, pro-inflammatory environment prior to SARS-CoV-2 infection as observed in obesity could contribute to amplify the cytokine storm and COVID-19 severity (**Figure 2A**). However, further studies are needed to clarify the role played by IL-6 and other cytokines in individuals with obesity and overweight presenting with SARS-CoV-2 infection.

The Impact of Metainflammation in COVID-19 and Influenza

Several cytokines and hormones may mediate obesity effects on metabolic reprogramming and impaired effector functions of immune cells. Thus, leptin has several actions in innate and adaptive immunity that can contribute to exacerbate the inflammatory response during respiratory infections. From this viewpoint, leptin is increased in human and murine lungs after severe lung injury due to bacterial sepsis or influenza A (H1N1) pneumonia (Ubags et al., 2015). When it comes to the possible

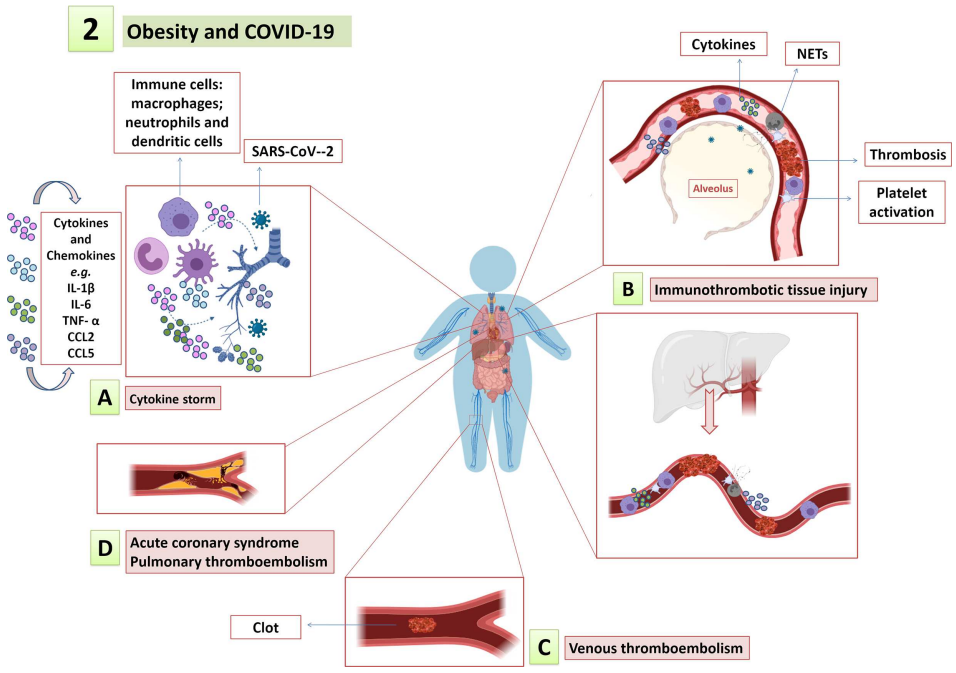


FIGURE 2 | Obesity and COVID-19. The low-grade systemic inflammation, endothelial dysfunction and procoagulant state in obesity amplify and contribute to COVID-19 immunopathology, such as **(A)** cytokine storm; **(B)** immunothrombotic tissue injury; and **(C)** increased risk for thromboembolic events, including **(D)** myocardial infarction, pulmonary thromboembolism, among others.

immunoregulatory effects of leptin observed in lung injury models, one can state that leptin plays important roles in recruiting neutrophils to the airways in pneumonia models *in vivo*. This finding corroborates leptin's likely participation in inflammatory amplification and tissue damage in COVID -19 (Kordonowy et al., 2012; Ubags et al., 2015). Severe COVID-19 patients have increased neutrophil count and activation compared to mild infection, it is also possible observing neutrophil infiltration and extracellular trap (NETs) extrusion in the lungs of critically ill patients (Middleton et al., 2020; Nicolai et al., 2020a). Therefore, we can hypothesize that leptin can also contribute to neutrophils' infiltration in airways and in other tissues during COVID-19, which also contribute to worsen prognosis in obese individuals. Thus, leptin is an interesting target for future mechanistic research on factors involved in obesity immune dysregulations affecting influenza and COVID-19 pathogenesis.

Chronic inflammation in obesity is followed by immune dysregulation and dysfunctional NK and CD8+ T cells, which also have their function impaired in severe COVID-19 and influenza patients (Sheridan et al., 2012; Zheng et al., 2020). The lipotoxic environment in obesity reduces NK cell counts and impairs NK cells cytotoxic activity, leading to immune paralysis (Michelet et al., 2018). In addition to lipotoxicity, some adipokines as IL-6 and leptin that get higher in obesity also impair the cytotoxic activity of NK cells (Lamas et al., 2013; Cifaldi et al., 2015; Bähr et al., 2017; Bähr et al., 2020). Actually, weight loss in people with obesity increases the secretion of IFN-γ by NK cells (Jahn et al., 2015). In addition, obesity negatively regulates the number of T cell progenitors in the thymus and bone marrow, limits TCR diversification and impairs the metabolic reprogramming of effector CD8+ T cells (Rebeles et al., 2019). Peripheral blood mononuclear cells (PBMC) from people with obesity and overweight show less CD8+ T cell activation and cytotoxic granule release when they are challenged by the influenza virus than cells from eutrophic individuals (Sheridan et al., 2012; Paich et al., 2013). Experimental influenza in HFD-fed mice has been associated with reduced IFN-γ secretion by memory CD8+ T cells in the lungs of mice during secondary influenza infection (Rebeles et al., 2019). Based on the aforementioned processes, obesity-associated inability to produce type I and II interferons during influenza infection allows viral replication and persistence (Honce and Schultz-Cherry, 2019). In order to clarify the association between obesity and influenza virus transmission, some studies have shown that obesity significantly increased the duration of virus shedding by obese adults when compared to eutrophic individuals (Maier et al., 2018), and viral quantification in air samples exhaled by people with influenza showed a positive correlation between obesity and the amount of virus released (Yan et al., 2018). Thus, since immunological changes in obesity during influenza infection increase the risk of severity and potential for transmission, we hypothesize that obesity in individuals with COVID-19 may behave in a similar

fashion, which requires new studies. If this hypothesis becomes to be true, it has major implications for social distancing measures, masking and vaccination among people with obesity.

Is Adipose Tissue a Target for Viruses?

Viruses often take several routes to maximize their infectious potential. SARS-CoV-2 attachment into host cells is known to occur through ACE2 (angiotensin-converting enzyme 2) (Shang et al., 2020). Patients with COVID-19 who present comorbidities such as hypertension and respiratory diseases have higher pulmonary expression of ACE2 (Pinto et al., 2020). Such a fact likely explains how these comorbidities, which are closely related to obesity, contribute to COVID-19 severity (Richardson et al., 2020; Yang X. et al., 2020). Overloading transcription, expression and enzymatic activity of ACE2 have been observed in adipocytes in murine model of diet-induced obesity (Gupte et al., 2008). In addition, a study based on a large cohort of obese patients with COVID-19 showed increased serum ACE2 levels in this population (Emilsson et al., 2020). Individuals with obesity have larger adipose tissue volume and a larger number of cells expressing ACE2, which may favor viral replication. Dipeptidil Peptidase 4 (DPP4) is another receptor involved in SARS-CoV-2 entry found in adipose tissue and in epithelial cells of various organs besides the lungs (Bassendine et al., 2020). Considered an adipokine (Lamers et al., 2011), DPP4 is involved in glucose homeostasis, inflammation and immunity. Experimental obesity in mice showed greater DPP4 release compared to lean. If one takes in consideration DPP4 overloading in obesity (Lamers et al., 2011), increased DPP4 expression may favor SARS-CoV-2 entry in host cells in addition to altering the immunological and metabolic processes involved in COVID- 19 pathogenesis. In addition, studies have shown that SARS-CoV-2 is capable of binding the receptor neuropilin-1 (NRP1), which is abundantly expressed in the respiratory and olfactory epithelium. However, despite satisfactory *in vitro* results, further studies are still needed to clarify the mechanisms of SARS-CoV-2 attachment to NRP1, especially in adipose tissue and neuro-adipose connections (Cantuti-Castelvetri et al., 2020; Daly et al., 2020). The impact of the adipocyte expression of SARS-CoV-2 receptors on the pathogenesis of COVID-19 and the virus likelihood of replicating in adipose tissue are topics that still deserve in-depth investigation.

OBESITY AND INCREASED CARDIOVASCULAR RISK IN INFLUENZA AND COVID-19

As already mentioned, chronic inflammation and oxidative stress in obesity set up a fertile ground for insulin resistance and endothelial injury, increasing the risk of diabetes and cardiovascular complications (Engin, 2017). Accordingly, the high cardiovascular risk (HCR) posed to individuals with obesity could be related to COVID-19 severity. Likewise, HCR can also be involved in increased risk for obesity-associated comorbidities such as hypertension and diabetes (Nishiga et al., 2020; Richardson et al., 2020; Yang J. et al., 2020; Zhou F. et al., 2020). This pre-existing cardiovascular risk may contribute to COVID-19 severity as SARS-CoV-2 infection *per se* can cause complications as acute coronary syndrome and venous and arterial thromboembolism, which are leading causes of mortality (Klok et al., 2020; Nishiga et al., 2020). Accordingly, laboratory analyses point towards significant increase in cardiac injury and coagulation activation markers as predictive of mortality in severe COVID-19 (Tang N. et al., 2020; Zhou F. et al., 2020). The risk of thromboembolic complications as acute myocardial infarction is also higher in influenza virus infection (Kwong et al., 2018; Musher et al., 2019). Nevertheless, alveolar-capillary microvascular thrombosis is almost ten times more frequent in autopsies from COVID-19 fatalities than in those from H1N1 influenza pneumonia (Ackermann et al., 2020). This finding highlights differences in pathophysiological mechanisms linked to the risk of thrombosis between these diseases.

Vascular Disorders in Influenza and COVID-19

Increased cardiovascular complications of acute influenza pneumonia involve endothelial damage, inflammation and coagulation activation (Fountoulaki et al., 2018; Peretz et al., 2019). Assumingly, cytokine storm in influenza leads to endothelial barrier rupture and vascular hyperpermeability (Wang et al., 2010). Studies conducted with proatherogenic animal models have evidenced that the influenza virus, besides leading to systemic inflammation, also infects and resides in arterial walls and atherosclerotic plaques. Such a process may contribute to mechanisms of cardiovascular complication and thromboembolic events in influenza (Naghavi et al., 2003; Haidari et al., 2010). Extrapolating this process to COVID-19, it is not yet known whether vascular disorders result from a direct effect of the virus on atherosclerotic or normal arteries. However, some findings point towards the presence of the virus in human endothelial cells, and it possibly contributes to the endothelial damage observed in some tissues (lung, kidneys, small bowel, skin) and to multiorgan impairment (Colmenero et al., 2020; Pons et al., 2020; Varga et al., 2020). Endothelial inflammation is a potential trigger for atherosclerosis and represents an initial pathological event of cardiovascular diseases, such as myocardial infarction and other thromboembolic events described in COVID-19 (Gimbrone and García-Cardeña, 2016; Nishiga et al., 2020). Thus, endothelial inflammation could play important roles in cardiovascular disorders caused by COVID-19 and this hypothesis should be strongly considered as pathogenic mechanism.

The mechanisms involved in cardiovascular complications of COVID-19 still need further clarification. Assumingly, the development of cardiovascular and thromboembolic complications due to SARS-CoV-2 infection also involves the direct cytopathic effect of the virus, systemic inflammation and cytokine storm (Sokolowska et al., 2020), which contributes to platelet activation, neutrophils recruitment and endothelial activation/injury, mainly in severe cases (Hottz et al., 2020;

Huertas et al., 2020; Middleton et al., 2020). On this regard, increased platelet activation and platelet-monocyte interaction leading to pathogenic tissue factor expression has been associated with hypercoagulability, severity and mortality in severe COVID-19 patients (Hottz et al., 2020). Platelet-neutrophil interactions have been also reported alongside NET extrusion in pulmonary microvascular thrombi from COVID-19 autopsies (Middleton et al., 2020), as well as in other organs (Nicolai et al., 2020a). A recent report have shown higher levels of NET-containing pulmonary vascular occlusive thrombi in COVID-19 than in H1N1 influenza pneumonia (Nicolai et al., 2020b), and this finding suggests differences in the mechanisms of thromboinflammation between influenza and COVID-19.

Obesity: A Breeding Ground for Cardiovascular Risk During COVID-19 and Influenza

If one takes into consideration that the factors associated with cardiovascular complications in viral infections involve endothelial dysfunction linked to inflammatory and pro-coagulant responses, some pre-existing conditions such as obesity could contribute to cardiovascular complications of the infection. Accordingly, it is well described that chronic inflammation in obesity disrupts endothelial homeostasis (Kwaifa et al., 2020). The endothelial and vascular dysfunction observed in multiple tissues in overweight and obese individuals is closely associated with increased risk for metabolic and cardiovascular disorders (Csige et al., 2018; Graupera and Claret, 2018). Endothelial homeostatic imbalance under these conditions involves reduced availability of vasoprotective and vasodilator molecules, including NO (Förstermann and Sessa, 2012; Xia and Li, 2017), also contributing to inflammatory infiltration (Tabit et al., 2010; Sansbury et al., 2012; Savini et al., 2013; Yao et al., 2017).

Aligned with endothelial dysfunction in obesity, high oxLDL and adipokines levels support the development of atherosclerosis (Berkel et al., 1995; Morange and Alessi, 2013; Chistiakov et al., 2017). Some leptin effects support atherogenesis by increasing oxidative stress, proliferation and matrix remodeling in vascular endothelial and smooth muscle cells, which are linked to plaque vulnerability (Konstantinides et al., 2001; Yamagishi et al., 2001; Li et al., 2005). On the other hand, adiponectin reduction in obesity contributes to increased cardiovascular risk as its protective roles in atherogenesis oppose that of leptin (Okamoto et al., 2002; Yamauchi et al., 2002). Therefore, the association of atherosclerotic process in individuals who have obesity with vascular stress induced by SARS-CoV-2 infection may trigger the rupture of already vulnerable atherosclerotic plaques, leading to arterial thromboembolic events and tissue ischemia. Consistently, platelet activation, which has been associated with COVID-19 severity and mortality (Hottz et al., 2020), is also described in individuals with obesity and is positively correlated with the BMI (Koupenova et al., 2015; Barrachina et al., 2019). Thus, low-grade systemic inflammation, endothelial dysfunction and procoagulant state in obesity could amplify immunothrombotic tissue injury and contribute to thromboembolic events described in COVID-19 (**Figures 2B–D**). A recent study pointed out obesity as strong risk factor for venous thromboembolism in patients with COVID-19 (Hendren et al., 2021). However, BMI effect on cardiovascular outcomes in patients with COVID-19 or influenza remains uncertain and needs to be evaluated in studies with larger and more diverse populations. Besides, experimental animal models could be used to assess the possible cardiovascular outcomes in obese animals with influenza or COVID-19 infection when compared to eutrophic infected animals.

Metabolic Syndrome, Hyperglycemia and Cardiovascular Risk in COVID-19

Obesity-associated inflammatory and metabolic changes contribute to insulin resistance and increase the risk for diabetes, which, in turns, is a risk factor for COVID-19 severity and mortality (Zhang et al., 2020b; Zhu et al., 2020). Since diabetes has been associated with poor prognosis in COVID-19, the glycemic control of COVID-19 patients has gained great attention. Improved clinical outcomes are observed after better glycemic control of COVID-19 patients with pre-existing type 2 diabetes (Zhu et al., 2020). Although the potential pathogenic link between COVID-19 severity and hyperglycemia are not yet fully clarified, it assumingly involves the HCR associated with inflammation, oxidative stress and endothelial dysfunction under hyperglycemic conditions (Lim et al., 2021). It is well described that hyperglycemia is an independent risk factor for cardiovascular complications (Stratton et al., 2000; Elley et al., 2008). The induction of hyperglycemia acts directly on endothelial dysfunction through pro-inflammatory and pro-oxidative processes described in both diabetes and obesity/overweight (Ceriello et al., 2002; Perkins et al., 2015; Low Wang et al., 2016). The pro-inflammatory environment associated with acute hyperglycemia also impairs the innate immune response, which may harm the fight against SARS-CoV-2 and possibly contribute to COVID-19 poor prognosis (Jafar et al., 2016; Guo W. et al., 2020; Pal and Bhadada, 2020). Some studies suggest that SARS-CoV-2 infection contributes to hyperglycemia and worsens dysglycemia in patients with this pre-existing condition. This finding points to likely bidirectional relationship between COVID-19 and comorbidities as diabetes and obesity/overweight (Apicella et al., 2020; Pal and Bhadada, 2020).

In addition to the physiological vascular consequences of hyperglycemia, a recent study indicates that increased glucose availability contributes for viral replication and leukocyte inflammation in SARS-CoV-2 infection (Codo et al., 2020). Thus, the metabolic reprogramming of monocytes infected by SARS-CoV2 requires the glycolytic metabolism supporting increased inflammatory response, viral replication and pulmonary epithelial cell death (Codo et al., 2020). These data suggest the important participation of glucose metabolism in monocyte-driven exacerbated inflammation, immune dysfunction and lung injury in SARS-CoV-2 infection. Altogether, the abovementioned evidences highlight the well-

established contribution of insulin resistance and hyperglycemia to inflammation, oxidative stress and endothelial dysfunction, which breeds the ground for cardiovascular diseases (Petrie et al., 2018). Diabetes involvement in worsening COVID-19 prognosis assumingly involves similar mechanisms as obesity, such as metabolic impairment, pre-existing inflammation, immune dysregulation and cardiovascular disorders (Muniyappa and Gubbi, 2020).

Overall, it is possible suggesting that immune dysregulation, exacerbated inflammation, and high cardiovascular risk could be powerful links between obesity and the severity of influenza and SARS-CoV-2 infection. However, it is essential to better understanding the obesity-related pathophysiological mechanisms exclusively involved in the pathogenesis of severe COVID-19 and the ones shared with influenza virus infection, since it can contribute to improved clinical management and therapeutic strategies applied to individuals with obesity.

CONCLUSION

Obesity emerged as important risk factor during viral infections throughout the years, not just because of its persistent proinflammatory condition but also due to its associated metabolic complications and comorbidities, such as diabetes, hypertension, endocrine dysfunctions and immune dysregulation, among others. Altogether, these factors play important roles in worsening viral infections. Better understanding how these conditions contribute to COVID-19 and influenza severity may help decision-making processes at patient screening and management, since early intervention is key to prevent mortality. Besides, it may support the formulation of health policies and hospital beds projections in ICUs and wards. Based on the recent pandemic, it will be essential to stablish stricter surveillance for viral detection and disease morbidity and mortality, by developing therapeutic and clinical strategies for obesity-related mechanisms of pathology in COVID-19 and influenza pneumonia, as well in other infections.

Understanding the mechanisms underlying overwhelming inflammation, cytokine storm and immune dysfunction will be of paramount importance to determine life-style and environmental interventions to mitigate the risk of individuals with obesity to severe respiratory infections. Efforts on future research will solidify the scientific basis and guide health professionals in the clinical management of patients with obesity. While specific therapies and vaccine coverage to control the pandemic are yet to emerge, special care must be provided mainly to the most vulnerable populations, among them elderlies, immunosuppressed patients and people with obesity.

AUTHOR CONTRIBUTIONS

FA, AG, and CR wrote the manuscript draft. NP, JG, and EH edited and revised the manuscript. All authors contributed to the article and approved the submitted version.

ACKNOWLEDGMENTS

The authors thank the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) and the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) for the funding support.

REFERENCES

Ackermann, M., Verleden, S., Kuehnel, M., Haverich, A., Welte, T., Laenger, F., et al. (2020). Pulmonary Vascular Endothelialitis, Thrombosis, and Angiogenesis in Covid-19. *N. Engl. J. Med.* 383, 120–128. doi: 10.1056/NEJMoa2015432

Ampofo, A. G., and Boateng, E. B. (2020). Beyond 2020: Modelling obesity and diabetes prevalence. *Diabetes Res. Clin. Pract.* 167:108362. doi: 10.1016/j.diabres.2020.108362

Apicella, M., Campopiano, M. C., Mantuano, M., Mazoni, L., Coppelli, A., and Del Prato, S. (2020). COVID-19 in people with diabetes: understanding the reasons for worse outcomes. *Lancet Diabetes Endocrinol.* 8, 782–792. doi: 10.1016/S2213-8587(20)30238-2

Ayala, A., Muñoz, M. F., and Argüelles, S. (2014). Lipid peroxidation: Production, metabolism, and signaling mechanisms of malondialdehyde and 4-hydroxy-2-nonenal. *Oxid. Med. Cell. Longev.* 2014, 31. doi: 10.1155/2014/360438

Bähr, I., Goritz, V., Doberstein, H., Hiller, G. G. R., Rosenstock, P., Jahn, J., et al. (2017). Diet-Induced Obesity Is Associated with an Impaired NK Cell Function and an Increased Colon Cancer Incidence. *J. Nutr. Metab.* 2017, 1–14. doi: 10.1155/2017/4297025

Bähr, I., Spielmann, J., Quandt, D., and Kielstein, H. (2020). Obesity-Associated Alterations of Natural Killer Cells and Immunosurveillance of Cancer. *Front. Immunol.* 11, 1–22. doi: 10.3389/fimmu.2020.00245

Barrachina, M. N., Sueiro, A. M., Izquierdo, I., Hermida-Nogueira, L., Guitián, E., Casanueva, F. F., et al. (2019). GPVI surface expression and signalling pathway activation are increased in platelets from obese patients: Elucidating potential anti-atherothrombotic targets in obesity. *Atherosclerosis* 281, 62–70. doi: 10.1016/j.atherosclerosis.2018.12.023

Bassendine, M. F., Bridge, S. H., McCaughan, G. W., and Gorrell, M. D. (2020). COVID-19 and comorbidities: A role for dipeptidyl peptidase 4 (DPP4) in disease severity? *J. Diabetes* 12, 649–658. doi: 10.1111/1753-0407.13052

Berkel, T. J. C. V., Fluiter, K., Velzen, A.G.V., Vogelezang, C. J. M., and Ziere, G. J. (1995). LDL receptor-independent and -dependent uptake of lipoproteins. *Atherosclerosis* 118, 43–50. doi: 10.1016/0021-9150(95)90072-1

Bhaskaran, K., dos-Santos-Silva, I., Leon, D. A., Douglas, I. J., and Smeeth, L. (2018). Association of BMI with overall and cause-specific mortality: a population-based cohort study of 3·6 million adults in the UK. *Lancet Diabetes Endocrinol.* 6, 944–953. doi: 10.1016/S2213-8587(18)30288-2

Blanco-Melo, D., Nilsson-Payant, B. E., Liu, W.-C., Uhl, S., Hoagland, D., Moller, R., et al. (2020). Imbalanced Host Response to SARS-CoV-2 Drives Development of COVID-19. *Cell* 181, 1036–1045. doi: 10.1016/j.cell.2020.04.026

Breland, J. Y., Wong, M. S., Steers, W. N., Yuan, A. H., Haderlein, T. P., and Washington, D. L. (2021). Body Mass Index and Risk for Severe COVID-19 among Veterans Health Administration Patients. *Obes. (Silver Spring).* 5, 0–1. doi: 10.1002/oby.23121

Busetto, L., Bettini, S., Fabris, R., Serra, R., Dal Pra, C., Maffei, P., et al. (2020). Obesity and COVID-19: An Italian Snapshot. *Obesity* 28, 1600–1605. doi: 10.1002/oby.22918

Caimi, G., Canino, B., Montana, M., Urso, C., Calandrino, V., Presti, R., et al. (2019). Lipid Peroxidation, Protein Oxidation, Gelatinases, and Their

Inhibitors in a Group of Adults with Obesity. *Horm. Metab. Res.* 51, 389–395. doi: 10.1055/a-0887-2770

Calder, P. C., Ahluwalia, N., Brouns, F., Buetler, T., Clement, K., Cunningham, K., et al. (2011). Dietary factors and low-grade inflammation in relation to overweight and obesity. *Br. J. Nutr.* 106, S5–78. doi: 10.1017/s0007114511005460

Cancello, R., Henegar, C., Viguerie, N., Taleb, S., Poitou, C., Rouault, C., et al. (2005). Reduction of macrophage infiltration and chemoattractant gene expression changes in white adipose tissue of morbidly obese subjects after surgery-induced weight loss. *Diabetes* 54, 2277–2286. doi: 10.2337/diabetes.54.8.2277

Cani, P. D., Bibiloni, R., Knauf, C., Waget, A., Neyrinck, A. M., Delzenne, N. M., et al. (2008a). Changes in gut microbiota control metabolic endotoxemia-induced inflammation in high-fat diet-induced obesity and diabetes in mice. *Diabetes* 57, 1470–1481. doi: 10.2337/db07-1403

Cani, P. D., Delzenne, N. M., Amar, J., and Burcelin, R. (2008b). Role of gut microflora in the development of obesity and insulin resistance following high-fat diet feeding. *Pathol. Biol.* 56, 305–309. doi: 10.1016/j.patbio.2007.09.008

Cantuti-Castelvetri, L., Ojha, R., Pedro, L. D., Djannatian, M., Franz, J., Kuivanen, S., et al. (2020). Neuropilin-1 facilitates SARS-CoV-2 cell entry and infectivity. *Science (80-.)* 370, 1–9. doi: 10.1126/science.abd2985

Ceriello, A., Taboga, C., Tonutti, L., Quagliaro, L., Piconi, L., Bais, B., et al. (2002). Evidence for an independent and cumulative effect of postprandial hypertriglyceridemia and hyperglycemia on endothelial dysfunction and oxidative stress generation: Effects of short- and long-term simvastatin treatment. *Circulation* 106, 1211–1218. doi: 10.1161/01.CIR.0000027569.76671.A8

Chistiakov, D. A., Melnichenko, A. A., Myasoedova, V. A., Grechko, A. V., and Orekhov, A. N. (2017). Mechanisms of foam cell formation in atherosclerosis. *J. Mol. Med.* 95, 1153–1165. doi: 10.1007/s00109-017-1575-8

Chooi, Y. C., Ding, C., and Magkos, F. (2018). The epidemiology of obesity. *Metabolism* 92, 6–10. doi: 10.1016/j.metabol.2018.09.005

Cifaldi, L., Prencipe, G., Caiello, I., Bracaglia, C., Locatelli, F., De Benedetti, F., et al. (2015). Inhibition of natural killer cell cytotoxicity by interleukin-6: Implications for the pathogenesis of macrophage activation syndrome. *Arthritis Rheumatol.* 67, 3037–3046. doi: 10.1002/art.39295

Codo, A. C., Davanzo, G. G., Monteiro, L., de, B., Souza, G. F., Muraro, S. P., et al. (2020). Elevated Glucose Levels Favor SARS-CoV-2 Infection and Monocyte Response through a HIF-1a/ Glycolysis-Dependent Axis. *Cell Metab.* 32, 437–446. doi: 10.1016/j.cmet.2020.07.007

Colmenero, I., Santonja, C., Alonso-Riaño, M., Noguera-Morel, L., Hernández-Martín, A., Andina, D., et al. (2020). SARS-CoV-2 endothelial infection causes COVID-19 chilblains: histopathological, immunohistochemical and ultrastructural study of seven paediatric cases. *Br. J. Dermatol.* 183, 729–737. doi: 10.1111/bjd.19327

Coperchini, F., Chiovato, L., Croce, L., Magri, F., and Rotondi, M. (2020). The cytokine storm in COVID-19: An overview of the involvement of the chemokine/chemokine-receptor system. *Cytokine Growth Factor Rev.* 53, 25–32. doi: 10.1016/j.cytogfr.2020.05.003

Csige, I., Ujvárosy, D., Szabó, Z., Lorincz, I., Paragh, G., Harangi, M., et al. (2018). The Impact of Obesity on the Cardiovascular System. *J. Diabetes Res.* 2018, 1–12. doi: 10.1155/2018/3407306

Curat, C. A., Miranville, A., Sengenés, C., Diehl, M., Tonus, C., Busse, R., et al. (2004). From Blood Monocytes to Adipose Tissue–Resident Macrophages: Induction of diapedesis by human mature adipocytes. *Diabetes* 53, 1285–1292. doi: 10.2337/diabetes.53.5.1285

Daly, J. L., Simonetti, B., Klein, K., Chen, K. E., Williamson, M. K., Antón-Plágaro, C., et al. (2020). Neuropilin-1 is a host factor for SARS-CoV-2 infection. *Science (80-.)* 370, 861–865. doi: 10.1126/science.abd3072

Damms-Machado, A., Louis, S., Schnitzer, A., Volynets, V., Rings, A., Basrai, M., et al. (2016). Gut permeability is related to body weight, fatty liver disease, and insulin resistance in obese individuals undergoing weight reduction. *Am. J. Clin. Nutr.* 105, 1–9. doi: 10.3945/ajcn.116.131110

De Heredia, F. P., Gómez-Martínez, S., and Marcos, A. (2012). Chronic and degenerative diseases: Obesity, inflammation and the immune system. *Proc. Nutr. Soc* 71, 332–338. doi: 10.1017/S0029665112000092

Deng, G., Long, Y., Yu, Y.-R., and Li, M.-R. (2010). Adiponectin directly improves endothelial dysfunction in obese rats through the AMPK-eNOS Pathway. *Int. J. Obes.* 34, 165–171. doi: 10.1038/ijo.2009.205

Duffaut, C., Galitzky, J., Lafontan, M., and Bouloumié, A. (2009). Unexpected trafficking of immune cells within the adipose tissue during the onset of obesity. *Biochem. Biophys. Res. Commun.* 384, 482–485. doi: 10.1016/j.bbrc.2009.05.002

Eastment, M. C., Berry, K., Locke, E., Green, P., O'Hare, A., Crothers, K., et al. (2020). Body mass index (BMI) and outcomes of SARS-CoV-2 among US veterans. *Obesity.* 18, 1–25. doi: 10.1002/oby.23111

Elley, C. R., Kenealy, T., Robinson, E., and Drury, P. L. (2008). Glycated haemoglobin and cardiovascular outcomes in people with Type 2 diabetes: A large prospective cohort study. *Diabet. Med.* 25, 1295–1301. doi: 10.1111/j.1464-5491.2008.02581.x

Emilsson, V., Gudmundsson, E. F., Aspelund, T., Jonsson, B. G., Gudjonsson, A., Launer, L. J., et al. (2020). ACE2 levels are altered in comorbidities linked to severe outcome in COVID-19. *MedRxiv* 5, 1–14. doi: 10.1101/2020.06.04.20122044

Engin, A. (2017). "Endothelial Dysfunction in Obesity," in. *Obes. Lipotoxicity* 960, 345–379. doi: 10.1007/978-3-319-48382-5

Fan, R., Zhao, L., Tong, C., Qian, X. M., Xiao, R., and Ma, W. W. (2019). Inflammation and cognitive function in overweight and obese Chinese individuals. *Cogn. Behav. Neurol.* 32, 217–224. doi: 10.1097/WNN.0000000000000206

Felsenstein, S., Herbert, J. A., Mcnamara, P. S., and Hedrich, C. M. (2020). COVID-19: Immunology and treatment options. *Clin. Immunol.* 215, 1–14. doi: 10.1016/j.clim.2020.108448

Feng, Z., Li, Q., Zhang, Y., Wu, Z., Dong, X., Ma, H., et al. (2020). The Epidemiological Characteristics of an Outbreak of 2019 Novel Coronavirus Diseases (COVID-19) — China 2020. *China CDC Wkly.* 2, 113–122. doi: 10.2139/ssrn.3548755

Feuerer, M., Herrero, L., Cipolletta, D., Naaz, A., Wong, J., Nayer, A., et al. (2009). Fat Treg cells: a liaison between the immune and metabolic systems. *Nat. Med.* 15, 930–939. doi: 10.1038/nm.2002

Förstermann, U., and Sessa, W. C. (2012). Nitric oxide synthases: Regulation and function. *Eur. Heart J.* 33, 829–837. doi: 10.1093/eurheartj/ehr304

Fountoulaki, K., Tsiodras, S., Polyzogopoulou, E., Olympios, C., and Parissis, J. (2018). Beneficial effects of vaccination on cardiovascular events: Myocardial infarction, stroke, heart failure. *Cardiol* 141, 98–106. doi: 10.1159/000493572

Fox, C. S., Massaro, J. M., Hoffmann, U., Pou, K. M., Maurovich-Horvat, P., Liu, C. Y., et al. (2007). Abdominal visceral and subcutaneous adipose tissue compartments: Association with metabolic risk factors in the framingham heart study. *Circulation* 116, 39–48. doi: 10.1161/CIRCULATIONAHA.106.675355

Giamarellos-Bourboulis, E. J., Netea, M. G., Rovina, N., Akinosoglou, K., Antoniadou, A., Antonakos, N., et al. (2020). Complex Immune Dysregulation in COVID-19 Patients with Severe Respiratory Failure. *Cell Host Microbe* 27, 992–1000. doi: 10.1016/j.chom.2020.04.009

Gimbrone, M. A., and García-Cardeña, G. (2016). Endothelial cell dysfunction and the pathobiology of atherosclerosis. *Circ. Res.* 118, 620–636. doi: 10.1161/CIRCRESAHA.115.306301

Giralt, M., Cereijo, R., and Villarroya, F. (2015). Adipokines and the Endocrine Role of Adipose Tissues. *Handb. Exp. Pharmacol.* 1, 251–263. doi: 10.1007/164_2015_6

Graupera, M., and Claret, M. (2018). Endothelial Cells: New Players in Obesity and Related Metabolic Disorders. *Cell Press* 29, 781–794. doi: 10.1016/j.tem.2018.09.003

Gu, Y., Hsu, A. C., Pang, Z., Pan, H., Zuo, X., Wang, G., et al. (2019). Role of the Innate Cytokine Storm Induced by the Influenza A Virus. *Viral Immunol.* 32, 244–251. doi: 10.1089/vim.2019.0032

Guo, T., Fan, Y., Chen, M., Wu, X., Zhang, L., He, T., et al. (2020). Cardiovascular Implications of Fatal Outcomes of Patients with Coronavirus Disease 2019 (COVID-19). *JAMA Cardiol.* 5, 811–818. doi: 10.1001/jamacardio.2020.1017

Guo, W., Li, M., Dong, Y., Zhou, H., Zhang, Z., Tian, C., et al. (2020). Diabetes is a risk factor for the progression and prognosis of COVID-19. *Diabetes Metab. Res. Rev.* e3319, 1–9. doi: 10.1002/dmrr.3319

Gupte, M., Boustany-Kari, C. M., Bharadwaj, K., Police, S., Thatcher, S., Gong, M. C., et al. (2008). ACE2 is expressed in mouse adipocytes and regulated by a high-fat diet. *Am. J. Physiol. - Regul. Integr. Comp. Physiol.* 295, 781–789. doi: 10.1152/ajpregu.00183.2008

Hadjadj, J., Yatim, N., Barnabei, L., Corneau, A., Boussier, J., Smith, N., et al. (2020). Impaired type I interferon activity and inflammatory responses in severe COVID-19 patients. *Science* 369, 718–724. doi: 10.1126/science.abc6027

Haidari, M., Wyde, P. R., Litovsky, S., Vela, D., Ali, M., Casscells, S. W., et al. (2010). Influenza virus directly infects, inflames, and resides in the arteries of atherosclerotic and normal mice. *Atherosclerosis* 208, 90–96. doi: 10.1016/j.atherosclerosis.2009.07.028

Halberg, N., Khan, T., Trujillo, M. E., Wernstedt-Asterholm, I., Attie, A. D., Sherwani, S., et al. (2009). Hypoxia-Inducible Factor 1α Induces Fibrosis and Insulin Resistance in White Adipose Tissue. *Mol. Cell. Biol.* 29, 4467–4483. doi: 10.1128/mcb.00192-09

Hartshorn, K. L. (2020). Innate Immunity and Influenza A Virus Pathogenesis: Lessons for COVID-19. *Front. Cell. Infect. Microbiol.* 10:563850. doi: 10.3389/fcimb.2020.563850

Hegde, V., and Dhurandhar, N. V. (2013). Microbes and obesity-interrelationship between infection, adipose tissue and the immune system. *Clin. Microbiol. Infect.* 19, 314–320. doi: 10.1111/1469-0691.12157

Hendren, N. S., de Lemos, J. A., Ayers, C., Das, S. R., Rao, A., Carter, S., et al. (2021). Association of Body Mass Index and Age With Morbidity and Mortality in Patients Hospitalized With COVID-19. *Circulation* 143, 135–144. doi: 10.1161/circulationaha.120.051936

Hoffstedt, J., Arvidsson, E., Sjölin, E., Wåhlén, K., and Arner, P. (2004). Adipose tissue adiponectin production and adiponectin serum concentration in human obesity and insulin resistance. *J. Clin. Endocrinol. Metab.* 89, 1391–1396. doi: 10.1210/jc.2003-031458

Honce, R., and Schultz-Cherry, S. (2019). Impact of obesity on influenza A virus pathogenesis, immune response, and evolution. *Front. Immunol.* 10, 1–15. doi: 10.3389/fimmu.2019.01071

Hottz, E. D., Azevedo-Quintanilha, I. G., Palhinha, L., Teixeira, L., Barreto, E. A., Pão, C. R. R., et al. (2020). Platelet activation and platelet-monocyte aggregates formation trigger tissue factor expression in severe COVID-19 patients. *Blood* 136, 1330–1341. doi: 10.1182/blood.2020007252

Huang, C., Wang, Y., Li, X., Ren, L., Zhao, J., Hu, Y., et al. (2020). Clinical features of patients infected with 2019 novel coronavirus in Wuhan, China. *Lancet* 395, 497–506. doi: 10.1016/S0140-6736(20)30183-5

Huertas, A., Montani, D., Savale, L., Pichon, J., Tu, L., Parent, F., et al. (2020). Endothelial cell dysfunction: A major player in SARS-CoV-2 infection (COVID-19)? *Eur. Respir. J.* 56, 2001634. doi: 10.1183/13993003.01634-2020

Jafar, N., Edriss, H., and Nugent, K. (2016). The effect of short-term hyperglycemia on the innate immune system. *Am. J. Med. Sci.* 351, 201–211. doi: 10.1016/j.amjms.2015.11.011

Jahn, J., Spielau, M., Brandsch, C., Stangl, G. I., Delank, K. S., Bähr, I., et al. (2015). Decreased NK cell functions in obesity can be reactivated by fat mass reduction. *Obesity* 23, 2233–2241. doi: 10.1002/oby.21229

Karczewski, J., Śledzińska, E., Baturo, A., Jończyk, I., Maleszko, A., Samborski, P., et al. (2018). Obesity and inflammation. *Eur. Cytokine Netw.* 29, 83–94. doi: 10.1684/ecn.2018.0415

Karki, S., Muscatello, D. J., Banks, E., MacIntyre, C. R., McIntyre, P., and Liu, B. (2018). Association between body mass index and laboratory-confirmed influenza in middle aged and older adults: a prospective cohort study. *Int. J. Obes.* 42, 1480–1488. doi: 10.1038/s41366-018-0029-x

Kim, T. S., Roslin, M., Wang, J. J., Kane, J., Hirsch, J. S., and Kim, E. J. (2020). BMI as a Risk Factor for Clinical Outcomes in Patients Hospitalized with COVID-19 in New York. *Obesity* 29, 1–17. doi: 10.1002/oby.23076

Klok, F. A., Kruip, M. J. H. A., van der Meer, N. J. M., Arbous, M. S., Gommers, D. A. M. P. J., Kant, K. M., et al. (2020). Incidence of thrombotic complications in critically ill ICU patients with COVID-19. *Thromb. Res.* 191, 145–147. doi: 10.1016/j.thromres.2020.04.013

Konstantinides, S., Schäfer, K., Koschnick, S., and Loskutoff, D. J. (2001). Leptin-dependent platelet aggregation and arterial thrombosis suggests a mechanism for atherothrombotic disease in obesity. *J. Clin. Invest* 108, 1533–1540. doi: 10.1172/jci200113143

Kordonowy, L. L., Burg, E., Lenox, C. C., Gauthier, L. M., Petty, J. M., Antkowiak, M., et al. (2012). Obesity is associated with neutrophil dysfunction and attenuation of murine acute lung injury. *Am. J. Respir. Cell Mol. Biol.* 47, 120–127. doi: 10.1165/rcmb.2011-0334OC

Koupenova, M., Mick, E., Mikhalev, E., Benjamin, E. J., Tanriverdi, K., and Freedman, J. E. (2015). Sex differences in platelet toll-like receptors and their association with cardiovascular risk factors. *Arterioscler. Thromb. Vasc. Biol.* 35, 1030–1037. doi: 10.1161/ATVBAHA.114.304954

Kralova Lesna, I., Kralova, A., Cejkova, S., Fronek, J., Petras, M., Sekerkova, A., et al. (2016). Characterisation and comparison of adipose tissue macrophages from human subcutaneous, visceral and perivascular adipose tissue. *J. Transl. Med.* 14, 1–9. doi: 10.1186/s12967-016-0962-1

Kwaifa, I. K., Bahari, H., Yong, Y. K., and Noor, S. M. (2020). Endothelial Dysfunction in Obesity-Induced Inflammation: Molecular Mechanisms and Clinical Implications. *Biomolecules* 10 (2), 291. doi: 10.3390/biom10020291

Kwong, J. C., Schwartz, K. L., Campitelli, M. A., Chung, H., Crowcroft, N. S., Karnauchow, T., et al. (2018). Acute Myocardial Infarction after Laboratory-Confirmed Influenza Infection. *N. Engl. J. Med.* 378, 345–353. doi: 10.1056/nejmoa1702090

Lackey, D. E., and Olefsky, J. M. (2016). Regulation of metabolism by the innate immune system. *Nat. Rev. Endocrinol.* 12, 15–20. doi: 10.1038/nrendo.2015.189

Lamas, B., Goncalves-Mendes, N., Nachat-Kappes, R., Rossary, A., Caldefie-Chezet, F., Vasson, M. P., et al. (2013). Leptin modulates dose-dependently the metabolic and cytolytic activities of NK-92 cells. *J. Cell. Physiol.* 228, 1202–1209. doi: 10.1002/jcp.24273

Lamers, D., Famulla, S., Wronkowitz, N., Hartwig, S., Lehr, S., Ouwens, D. M., et al. (2011). Dipeptidyl peptidase 4 is a novel adipokine potentially linking obesity to the metabolic syndrome. *Diabetes* 60, 1917–1925. doi: 10.2337/db10-1707

Lee, J. Y., Zhao, L., Youn, H. S., Weatherill, A. R., Tapping, R., Feng, L., et al. (2004). Saturated Fatty Acid Activates but Polyunsaturated Fatty Acid Inhibits Toll-like Receptor 2 Dimerized with Toll-like Receptor 6 or 1. *J. Biol. Chem.* 279, 16971–16979. doi: 10.1074/jbc.M312990200

Li, L., Mamputu, J. C., Wiernsperger, N., and Renier, G. (2005). Signaling pathways involved in human vascular smooth muscle cell proliferation and matrix metalloproteinase-2 expression induced by leptin: Inhibitory effect of metformin. *Diabetes* 54, 2227–2234. doi: 10.2337/diabetes.54.7.2227

Li, S., Shin, H. J., Ding, E. L., and van Dam, R. M. (2009). Adiponectin Levels and Risk of Type 2 Diabetes. *Jama* 302, 179–188. doi: 10.1001/jama.2009.976

Li, H., Liu, S., Yu, X., Tang, S., and Tang, C. (2020). Coronavirus disease 2019 (COVID-19): current status and future perspectives. *Int. J. Antimicrob. Agents* 55, 1–8. doi: 10.1016/j.ijantimicag.2020.105951

Lighter, J., Phillipis, M., Hochman, S., Sterling, S., Johnson, D., Francois, F., et al. (2020). Obesity in patients younger than 60 years is a risk factor for Covid-19 hospital admission. *Clin. Infect. Dis.* 71, 1–17. doi: 10.1093/cid/ciaa415

Lim, S., Bae, J. H., Kwon, H. S., and Nauck, M. A. (2021). COVID-19 and diabetes mellitus: from pathophysiology to clinical management. *Nat. Rev. Endocrinol.* 17, 11–30. doi: 10.1038/s41574-020-00435-4

Lin, L., Lu, L., Cao, W., and Li, T. (2020). Hypothesis for potential pathogenesis of SARS-CoV-2 infection–a review of immune changes in patients with viral pneumonia. *Emerg. Microbes Infect.* 9, 727–732. doi: 10.1080/22221751.2020.1746199

Liu, Y., Yu, Y., Matarese, G., and La Cava, A. (2012). Cutting Edge: Fasting-Induced Hypoleptinemia Expands Functional Regulatory T Cells in Systemic Lupus Erythematosus. *J. Immunol.* 188, 2070–2073. doi: 10.4049/jimmunol.1102835

Low Wang, C. C., Hess, C. N., Hiatt, W. R., and Goldfine, A. B. (2016). Atherosclerotic Cardiovascular Disease and Heart Failure in Type 2 Diabetes – Mechanisms, Management, and Clinical Considerations. *Circulation* 133, 2459–2502. doi: 10.1161/CIRCULATIONAHA.116.022194.Atherosclerotic

Lumeng, C. N., Bodzin, J. L., and Saltiel, A. R. (2007). Obesity induces a phenotypic switch in adipose tissue macrophage polarization. *J. Clin. Invest* 117, 175–184. doi: 10.1172/JCI29881

Luzi, L., and Radaelli, M. G. (2020). Influenza and obesity: its odd relationship and the lessons for COVID-19 pandemic. *Acta Diabetol.* 57, 759–764. doi: 10.1007/s00592-020-01522-8

Maier, H. E., Lopez, R., Sanchez, N., Ng, S., Gresh, L., Ojeda, S., et al. (2018). Obesity increases the duration of influenza a virus shedding in adults. *J. Infect. Dis.* 218, 1354–1355. doi: 10.1093/infdis/jiy370

Malik, V. S., Ravindra, K., Attri, S. V., Bhadada, S. K., and Singh, M. (2020). Higher Body Mass Index Is an Important Risk Factor in COVID-19 Patients: A Systematic Review and meta-analysis. *Environ. Sci. Pollut. Res.* 27, 1–9. doi: 10.1007/s11356-020-10132-4

Mamas, M. A., Fraser, D., and Neyses, L. (2008). Cardiovascular manifestations associated with influenza virus infection. *Int. J. Cardiol.* 130, 304–309. doi: 10.1016/j.ijcard.2008.04.044

Mancuso, P., Meyers, M. G.Jr., Goel, D., Serezani, C. H., O'Brien, E., Goldberg, J., et al. (2012). Ablation of Leptin Receptor Mediated Extracellular Regulated Kinase Activation Impairs Host Defense against Gram-Negative Pneumonia. *J. Immunol.* 189, 867–875. doi: 10.1038/jid.2014.371

McCafferty, B. J., Hill, J. O., and Gunn, A. J. (2020). Obesity: Scope, Lifestyle Interventions, and Medical Management. *Tech. Vasc. Interv. Radiol.* 23, 1–8. doi: 10.1016/j.tvir.2020.100653

Mclaughlin, T., Liu, L., Lamendola, C., Shen, L., Morton, J., Rivas, H., et al. (2014). T-Cell Profile in Adipose Tissue is Associated with Insulin Resistance and Systemic Inflammation in Humans. *Arter. Thromb. Vasc. Biol.* 34, 2637–2643. doi: 10.1161/ATVBAHA.114.304636

Medzhitov, R., and Horng, T. (2009). Transcriptional control of the inflammatory response. *Nat. Rev. Immunol.* 9, 692–703. doi: 10.1038/nri2634

Michelet, X., Dyck, L., Hogan, A., Loftus, R. M., Duquette, D., Wei, K., et al. (2018). Metabolic reprogramming of natural killer cells in obesity limits antitumor responses. *Nat. Immunol.* 19, 1330–1340. doi: 10.1038/s41590-018-0251-7

Middleton, E. A., He, X.-Y., Denorme, F., Campbell, R. A., Ng, D., Salvatore, S. P., et al. (2020). Neutrophil Extracellular Traps (NETs) Contribute to Immunothrombosis in COVID-19 Acute Respiratory Distress Syndrome. *Blood* 136, 1169–1179. doi: 10.1182/blood.2020007008

Miller, Y. I., and Shyy, J. Y.-J. (2017). Context-dependent role of oxidized lipids and lipoproteins in inflammation. *Trends Endocrinol. Metab.* 28, 143–152. doi: 10.1016/j.tem.2016.11.002

Moraes-Vieira, P. M. M., Larocca, R. A., Bassi, E. J., Peron, J. P. S., Andrade-Oliveira, V., Wasinski, F., et al. (2014). Leptin deficiency impairs maturation of dendritic cells and enhances induction of regulatory T and Th17 cells. *Eur. J. Immunol.* 44, 794–806. doi: 10.1002/eji.201343592

Morange, P.-E., and Alessi, M.-C. (2013). Thrombosis in central obesity and metabolic syndrome: Mechanisms and epidemiology. *Thromb. Haemost.* 110, 669–680. doi: 10.1160/TH13-01-0075

Muniyappa, R., and Gubbi, S. (2020). COVID-19 pandemic, coronaviruses, and diabetes mellitus. *Am. J. Physiol. Endocrinol. Metab.* 318, E736–E741. doi: 10.1152/ajpendo.00124.2020

Murray, P. J., Allen, J. E., Biswas, S. K., Fisher, E. A., Gilroy, D. W., Goerdt, S., et al. (2014). Macrophage activation and polarization: nomenclature and experimental guidelines. *Immunity* 41, 14–20. doi: 10.1016/j.immuni.2014.06.008

Musher, D. M., Abers, M. S., and Corrales-Medina, V. F. (2019). Acute Infection and Myocardial Infarction. *N. Engl. J. Med.* 380, 171–176. doi: 10.1056/nejmra1808137

Myers, M. G., Leibel, R. L., Seeley, R. J., and Schwartz, M. W. (2010). Obesity and leptin resistance: Distinguishing cause from effect. *Trends Endocrinol. Metab.* 21, 643–651. doi: 10.1016/j.tem.2010.08.002

Naghavi, M., Wyde, P., Litovsky, S., Madjid, M., Akhtar, A., Naguib, S., et al. (2003). Influenza infection exerts prominent inflammatory and thrombotic effects on the atherosclerotic plaques of apolipoprotein E-deficient mice. *Circulation* 107, 762–768. doi: 10.1161/01.CIR.0000048190.68071.2B

Nakamura, Y., Shimada, K., Fukuda, D., Shimada, Y., Ehara, S., Hirose, M., et al. (2004). Implications of plasma concentrations of adiponectin in patients with coronary artery disease. *Heart* 90, 528–533. doi: 10.1136/hrt.2003.011114

NCD Risk Factor, C (2016). Trends in adult body-mass index in 200 countries from 1975 to 2014: A pooled analysis of 1698 population-based measurement studies with 19.2 million participants. *Lancet* 387, 1377–1396. doi: 10.1016/S0140-6736(16)30054-X

Neidich, S. D., Green, W. D., Rebeles, J., Karlsson, E. A., Schultz-Cherry, S., Noah, T. L., et al. (2017). Increased risk of influenza among vaccinated adults who are obese. *Int. J. Obes.* 41, 1324–1330. doi: 10.1038/ijo.2017.131

Nguyen, M. T. A., Favelyukis, S., Nguyen, A. K., Reichart, D., Scott, P. A., Jenn, A., et al. (2007). A subpopulation of macrophages infiltrates hypertrophic adipose tissue and is activated by free fatty acids via toll-like receptors 2 and 4 and JNK-dependent pathways. *J. Biol. Chem.* 282, 35279–35292. doi: 10.1074/jbc.M706762200

Nicolai, L., Leunig, A., Brambs, S., Kaiser, R., Weinberger, T., Weigand, M., et al. (2020a). Immunothrombotic Dysregulation in COVID-19 Pneumonia is Associated with Respiratory Failure and Coagulopathy. *Circulation* 142,1176–1189. doi: 10.1161/ CIRCULATIONAHA.120.048488

Nicolai, L., Leunig, A., Kaiser, R., Muenchhoff, M., Bulow, D., and Pekayvaz, K. A. (2020b). Vascular neutrophilic inflammation and immunothrombosis distinguish severe COVID-19 from influenza pneumonia. *J. Thromb. Haemost.* 19, 0–19. doi: 10.1111/jth.15179

Nishiga, M., Wang, D. W., Han, Y., Lewis, D. B., and Wu, J. C. (2020). COVID-19 and cardiovascular disease: from basic mechanisms to clinical perspectives. *Nat. Rev. Cardiol.* 17, 543–558. doi: 10.1038/s41569-020-0413-9

Njajou, O. T., Kanaya, A. M., Holvoet, P., Connelly, S., Strotmeyer, E. S., Harris, T. B., et al. (2009). Association between oxidized LDL, obesity and type 2 diabetes in a population-based cohort, the health, aging and body composition study. *Diabetes Metab. Res. Rev.* 25, 733–739. doi: 10.1002/dmrr.1011

Ohashi, K., Parker, J. L., Ouchi, N., Higuchi, A., Vita, J. A., Gokce, N., et al. (2010). Adiponectin promotes macrophage polarization toward an anti-inflammatory phenotype. *J. Biol. Chem.* 285, 6153–6160. doi: 10.1074/jbc.M109.088708

Okamoto, Y., Kihara, S., Ouchi, N., Nishida, M., Arita, Y., Kumada, M., et al. (2002). Adiponectin reduces atherosclerosis in apolipoprotein E-deficient mice. *Circulation* 106, 2767–2770. doi: 10.1161/01.CIR.0000042707.50032.19

Onder, G., Palmieri, L., Vanacore, N., Giuliano, M., Brusaferro, S., Palmieri, L., et al. (2020). Nonrespiratory Complications and Obesity in Patients Dying with COVID 19 in Italy. *Obesity* 00, 1–4. doi: 10.1002/oby.23007

Ouchi, N., Kihara, S., Arita, Y., Nishida, M., Matsuyama, A., Okamoto, Y., et al. (2001). Adipocyte-Derived Plasma Protein, Adiponectin, Suppresses Lipid Accumulation and Class A Scavenger Receptor Expression in Human Monocyte-Derived Macrophages. *Circulation* 103, 1057–1063. doi: 10.1161/01.CIR.103.8.1057

Paich, H. A., Sheridan, P. A., Handy, J., Karlsson, E. A., Schultz-, S., Hudgens, M. G., et al. (2013). Overweight and obese adult humans have a defective cellular immune response to pandemic H1N1 influenza A virus. *Obes. (Silver Spring)* 21, 2377–2386. doi: 10.1002/oby.20383.Overweight

Pal, R., and Bhadada, S. K. (2020). COVID-19 and diabetes mellitus: An unholy interaction of two pandemics. *Diabetes Metab. Syndr. Clin. Res. Rev.* 14, 513–517. doi: 10.1016/j.dsx.2020.04.049

Palhinha, L., Liechocki, S., Hottz, E. D., Pereira, J. A., da, S., de Almeida, C. J., et al. (2019). Leptin Induces Proadipogenic and Proinflammatory Signaling in Adipocytes. *Front. Endocrinol.* 10, 1–15. doi: 10.3389/fendo.2019.00841

Pedersen, L. R., Olsen, R. H., Anholm, C., Astrup, A., Eugen-Olsen, J., Fenger, M., et al. (2019). Effects of 1 year of exercise training versus combined exercise training and weight loss on body composition, low-grade inflammation and lipids in overweight patients with coronary artery disease: A randomized trial. *Cardiovasc. Diabetol.* 18, 1–13. doi: 10.1186/s12933-019-0934-x

Peretz, A., Azrad, M., and Blum, A. (2019). Influenza virus and Atherosclerosis. *QJM* 112, 749–755. doi: 10.1093/qjmed/hcy305

Perkins, J. M., Joy, N. G., Tate, D. B., and Davis, S. N. (2015). Acute effects of hyperinsulinemia and hyperglycemia on vascular inflammatory biomarkers and endothelial function in overweight and obese humans. *Am. J. Physiol. - Endocrinol. Metab.* 309, E168–E176. doi: 10.1152/ajpendo.00064.2015

Perry, R. J., Camporez, J.-P. G., Kursawe, R., Titchenell, P. M., Zhang, D., Perry, C. J., et al. (2015). Hepatic Acetyl CoA Links Adipose Tissue Inflammation to Hepatic Insulin Resistance and Type 2 Diabetes. *Cell* 160, 745–758. doi: 10.1016/j.cell.2015.01.012

Petrie, J. R., Guzik, T. J., and Touyz, R. M. (2018). Diabetes, Hypertension, and Cardiovascular Disease: Clinical Insights and Vascular Mechanisms. *Can. J. Cardiol.* 34, 575–584. doi: 10.1016/j.cjca.2017.12.005

Pinto, B. G. G., Oliveira, A. E. R., Singh, Y., Jimenez, L., Gonçalves, A. N. A., Ogava, R. L. T., et al. (2020). ACE2 Expression is Increased in the Lungs of Patients with Comorbidities Associated with Severe COVID-19. *J. Infect. Dis.* 222, 556–563. doi: 10.1016/j.euroneuro.2016.03.007

Pons, S., Fodil, S., Azoulay, E., and Zafrani, L. (2020). The vascular endothelium: The cornerstone of organ dysfunction in severe SARS-CoV-2 infection. *Crit. Care* 24, 4–11. doi: 10.1186/s13054-020-03062-7

Popkin, B. M., Du, S., Green, W. D., Beck, M. A., Algaith, T., Herbst, C. H., et al. (2020). Individuals with obesity and COVID-19: A global perspective on the epidemiology and biological relationships. *Obes. Rev.* 21, 1–17. doi: 10.1111/obr.13128

Rausch, M. E., Weisberg, S., Vardhana, P., and Tortoriello, D. V. (2008). Obesity in C57BL/6J mice is characterized by adipose tissue hypoxia and cytotoxic T-cell infiltration. *Int. J. Obes.* 32, 451–463. doi: 10.1038/sj.ijo.0803744

Rebeles, J., Green, W. D., Alwarawrah, Y., Nichols, A. G., Eisner, W., Danzaki, K., et al. (2019). Obesity-induced changes in T-cell metabolism are associated with impaired memory T-cell response to influenza and are not reversed with weight loss. *J. Infect. Dis.* 219, 1652–1661. doi: 10.1093/infdis/jiy700

Reis, B. S., Lee, K., Fanok, M. H., Mascaraque, C., Amoury, M., Cohn, L. B., et al. (2015). Leptin Receptor Signaling in T Cells Is Required for Th17 Differentiation. *J. Immunol.* 194, 5253–5260. doi: 10.4049/jimmunol.1402996

Richardson, S., Hirsch, J. S., Narasimhan, M., Crawford, J. M., McGinn, T., Davidson, K. W., et al. (2020). Presenting Characteristics, Comorbidities, and Outcomes among 5700 Patients Hospitalized with COVID-19 in the New York City Area. *JAMA* 323, 2052–2059. doi: 10.1001/jama.2020.6775

Sales-Peres, S. H. de C., Azevedo-Silva, L.J. de, Bonato, R. C. S., Sales-Peres, M. de C., Pinto, A. C. S., et al. (2020). Coronavirus (SARS-CoV-2) and the risk of obesity for critically illness and ICU admitted: Meta-analysis of the epidemiological evidence. *Obes. Res. Clin. Pract.* 14, 389–397. doi: 10.1016/j.orcp.2020.07.007

Sansbury, B. E., Cummins, T. D., Tang, Y., Hellmann, J., Holden, C. R., Harbeson, M. A., et al. (2012). Overexpression of endothelial nitric oxide synthase prevents diet-induced obesity and regulates adipocyte phenotype. *Circ. Res.* 111, 1176–1189. doi: 10.1161/CIRCRESAHA.112.266395

Saucillo, D. C., Gerriets, V. A., Sheng, J., Rathmell, J. C., and MacIver, N. J. (2014). Leptin Metabolically Licenses T Cells for Activation to Link Nutrition and Immunity. *J. Immunol.* 192, 1–7. doi: 10.4049/jimmunol.1301158

Savini, I., Catani, M. V., Evangelista, D., Gasperi, V., and Avigliano, L. (2013). Obesity-associated oxidative stress: Strategies finalized to improve redox state. *Int. J. Mol. Sci.* 14, 10497–10538. doi: 10.3390/ijms140510497

Shang, J., Ye, G., Shi, K., Wan, Y., Luo, C., Aihara, H., et al. (2020). Structural basis of receptor recognition by SARS-CoV-2. *Nature* 581, 221–224. doi: 10.1038/s41586-020-2179-y

Sheridan, P. A., Paich, H. A., Handy, J., Karlsson, E. A., Hudgens, M. G., Sammon, A. B., et al. (2012). Obesity is associated with impaired immune response to influenza vaccination in humans. *Int. J. Obes.* 36, 1072–1077. doi: 10.1038/ijo.2011.208

Shi, S., Qin, M., Shen, B., Cai, Y., Liu, T., Yang, F., et al. (2020). Association of Cardiac Injury with Mortality in Hospitalized Patients with COVID-19 in Wuhan, China. *JAMA Cardiol.* 5, 802–810. doi: 10.1001/jamacardio.2020.0950

Simonnet, A., Chetboun, M., Poissy, J., Raverdy, V., Noulette, J., Duhamel, A., et al. (2020). High Prevalence of Obesity in Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus-2 (SARS-CoV-2) Requiring Invasive Mechanical Ventilation. *Obesity* 28, 1195–1199. doi: 10.1002/oby.22831

Skurk, T., Alberti-Huber, C., Herder, C., and Hauner, H. (2007). Relationship between adipocyte size and adipokine expression and secretion. *J. Clin. Endocrinol. Metab.* 92, 1023–1033. doi: 10.1210/jc.2006-1055

Smati, S., Tramunt, B., Wargny, M., Caussy, C., Gaborit, B., Vatier, C., et al. (2020). Relationship between obesity and severe COVID-19 outcomes in patients with type 2 diabetes: Results from the CORONADO study. *Diabetes Obes. Metab.* 23, 391–403. doi: 10.1111/dom.14228

Sokolowska, M., Lukasik, Z. M., Agache, I., Akdis, C. A., Akdis, D., Barcik, W., et al. (2020). Immunology of COVID 19: mechanisms, clinical outcome, diagnostics and perspectives – a report of the European Academy of Allergy and Clinical Immunology (EAACI). *Allergy* 75, 2445–2476. doi: 10.1111/all.14462

Song, M. J., Kim, K. H., Yoon, J. M., and Kim, J. B. (2006). Activation of Toll-like receptor 4 is associated with insulin resistance in adipocytes. *Biochem. Biophys. Res. Commun.* 346, 739–745. doi: 10.1016/j.bbrc.2006.05.170

Souza-Almeida, G., D'Avila, H., Almeida, P. E., Luna-Gomes, T., Liechocki, S., Walzog, B., et al. (2018). Leptin mediates in vivo neutrophil migration: Involvement of tumor necrosis factor-alpha and CXCL1. *Front. Immunol.* 9, 1–10. doi: 10.3389/fimmu.2018.00111

Spencer, M., Unal, R., Zhu, B., Rasouli, N., McGehee, R. E., Peterson, C. A., et al. (2011). Adipose tissue extracellular matrix and vascular abnormalities in obesity and insulin resistance. *J. Clin. Endocrinol. Metab.* 96, 1990–1998. doi: 10.1210/jc.2011-1567

Stratton, I. M., Adler, A. I., Neil, H. A. W., Matthews, D. R., Manley, S. E., Cull, C. A., et al. (2000). Association of glycaemia with macrovascular and microvascular complications of type 2 diabetes (UKPDS 35): Prospective observational study. *Br. Med. J.* 321, 405–412. doi: 10.1136/bmj.321.7258.405

Sun, Y., Wang, Q., Yang, G., Lin, C., Zhang, Y., and Yang, P. (2016). Weight and prognosis for influenza A(H1N1)pdm09 infection during the pandemic period between 2009 and 2011: a systematic review of observational studies with meta-analysis. *Infect. Dis.* 48, 813–822. doi: 10.1080/23744235.2016.1201721

Tabit, C. E., Chung, W. B., and Hamburg, N. M. (2010). Endothelial dysfunction in diabetes mellitus: Molecular mechanisms and clinical implications. *Rev. Endocr. Metab. Disord.* 11, 61–74. doi: 10.1046/j.1365-2044.2000.01554.x

Tang, N., Li, D., Wang, X., and Sun, Z. (2020). Abnormal coagulation parameters are associated with poor prognosis in patients with novel coronavirus pneumonia. *J. Thromb. Haemost.* 18, 844–847. doi: 10.1111/jth.14768

Tang, Y., Liu, J., Zhang, D., Xu, Z., Ji, J., and Wen, C. (2020). Cytokine Storm in COVID-19: The Current Evidence and Treatment Strategies. *Front. Immunol.* 11:1708. doi: 10.3389/fimmu.2020.01708

Tian, Y., Jennings, J., Gong, Y., and Sang, Y. (2019). Viral infections and interferons in the development of obesity. *Biomolecules* 9, 1–17. doi: 10.3390/biom9110726

Tsiotra, P. C., Boutati, E., Dimitriadis, G., and Raptis, S. A. (2012). High insulin and leptin increase resistin and inflammatory cytokine production from human mononuclear cells. *BioMed. Res. Int.* 2013, 1–10. doi: 10.1155/2013/487081

Ubags, N. D., Vernooy, J. H., Burg, E., Hayes, C., Bement, J., Dilli, E., et al. (2015). The role of leptin in the development of pulmonary neutrophilia in infection and Acute Lung Injury. *Crit. Care Med.* 42, 1–19. doi: 10.1097/CCM.0000000000000048

Ulhaq, Z. S., and Soraya, G. V. (2020). Interleukin-6 as a potential biomarker of COVID-19 pro- gression. *Méd. Mal. Infect.* 50, 382–383. doi: 10.1016/j.medmal.2020.04.002

van Kerkhove, M. D., Vandemaele, K. A. H., Shinde, V., Jaramillo-Gutierrez, G., Koukounari, A., Donnelly, C. A., et al. (2011). Risk factors for severe outcomes following 2009 influenza a (H1N1) infection: A global pooled analysis. *PLoS Med.* 8, 1–12. doi: 10.1371/journal.pmed.1001053

Varga, Z., Flammer, A. J., Steiger, P., Haberecker, M., Andermatt, R., Zinkernagel, A. S., et al. (2020). Endothelial cell infection and endotheliitis in COVID-19. *Lancet* 395, 1417–1418. doi: 10.1016/S0140-6736(20)30937-5

Vegiopoulos, A., Rohm, M., and Herzig, S. (2017). Adipose tissue: between the extremes. *EMBO J.* 36, 1999–2017. doi: 10.15252/embj.201696206

Voss, J. D., and Dhurandhar, N. V. (2017). Viral Infections and Obesity. *Curr. Obes. Rep.* 6, 28–37. doi: 10.1007/s13679-017-0251-1

Wang, S., Le, T. Q., Kurihara, N., Chida, J., Cisse, Y., Yano, M., et al. (2010). Influenza virus-cytokine-protease cycle in the pathogenesis of vascular hyperpermeability in severe influenza. *J. Infect. Dis.* 202, 991–1001. doi: 10.1086/656044

Wang, D., Hu, B., Hu, C., Zhu, F., Liu, X., Zhang, J., et al. (2020a). Clinical Characteristics of 138 Hospitalized Patients with 2019 Novel Coronavirus-Infected Pneumonia in Wuhan, China. *JAMA* 323, 1061–1069. doi: 10.1001/jama.2020.1585

Wang, J., Zhu, L., Liu, L., Zhao, X., Zhang, Z., Xue, L., et al. (2020b). Overweight and Obesity are Risk Factors of Severe Illness in Patients with COVID-19. *Obesity* 28, 2049–2055. doi: 10.1002/oby.22979

Wärnberg, J., Nova, E., Romeo, J., Moreno, L. A., Sjöström, M., and Marcos, A. (2007). Lifestyle-related determinants of inflammation in adolescence. *Br. J. Nutr.* 98, 116–120. doi: 10.1017/S0007114507839614

Weisberg, S. P., McCann, D., Desai, M., Rosenbaum, M., Leibel, R. L., and Ferrante, A. W. (2003). Obesity is associated with macrophage accumulation in adipose tissue. *J. Clin. Invest* 112, 1796–1808. doi: 10.1172/JCI200319246

World Health Organization (2020). *Obesity and Overweight*. Available at: https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/obesity-and-overweight (accessed 19 Jan, 2021).

Wrann, C. D., Laue, T., Hübner, L., Kuhlmann, S., Jacobs, R., Goudeva, L., et al. (2011). Short-term and long-term leptin exposure differentially affect human natural killer cell immune functions. *Am. J. Physiol. Endocrinol. Metab.* 302, 108–117. doi: 10.1152/ajpendo.00057.2011

Xia, N., and Li, H. (2017). The role of perivascular adipose tissue in obesity-induced vascular dysfunction. *Br. J. Pharmacol.* 174, 3425–3442. doi: 10.1111/bph.13650

Xu, X., Yu, C., Qu, J., Zhang, L., Jiang, S., Huang, D., et al. (2020). Imaging and clinical features of patients with 2019 novel coronavirus SARS-CoV-2. *Eur. J. Nucl. Med. Mol. Imaging* 47, 1275–1280. doi: 10.1007/s00259-020-04735-9

Yamagishi, S. I., Edelstein, D., Du, X. L., Kaneda, Y., Guzmán, M., and Brownlee, M. (2001). Leptin Induces Mitochondrial Superoxide Production and Monocyte Chemoattractant Protein-1 Expression in Aortic Endothelial Cells by Increasing Fatty Acid Oxidation via Protein Kinase A. *J. Biol. Chem.* 276, 25096–25100. doi: 10.1074/jbc.M007383200

Yamaguchi, N., Argueta, J. G. M., Masuhiro, Y., Kagishita, M., Nonaka, K., Saito, T., et al. (2005). Adiponectin inhibits Toll-like receptor family-induced signaling. *FEBS Lett.* 579, 6821–6826. doi: 10.1016/j.febslet.2005.11.019

Yamauchi, T., Kamon, J., Waki, H., Imai, Y., Shimozawa, N., Hioki, K., et al. (2002). Globular adiponectin protected ob/ob mice from diabetes and ApoE-deficient mice from atherosclerosis. *J. Biol. Chem.* 278, 2461–2468. doi: 10.1074/jbc.M209033200

Yan, J., Grantham, M., Pantelic, J., De Mesquita, P. J. B., Albert, B., Liu, F., et al. (2018). Infectious virus in exhaled breath of symptomatic seasonal influenza cases from a college community. *Proc. Natl. Acad. Sci. U. S. A.* 115, 1081–1086. doi: 10.1073/pnas.1716561115

Yang, H., Youm, Y.-H., Vandanmagsar, B., Ravussin, A., Gimble, J. M., Greenway, F., et al. (2010). Obesity Increases the Production of Proinflammatory Mediators from Adipose Tissue T Cells and Compromises TCR Repertoire Diversity: Implications for Systemic Inflammation and Insulin Resistance. *J. Immunol.* 185, 1836–1845. doi: 10.4049/jimmunol.1000021

Yang, J., Zheng, Y., Gou, X., Pu, K., Chen, Z., Guo, Q., et al. (2020). Prevalence of comorbidities and its effects in patients infected with SARS-CoV-2. *Int. J. Infect. Dis.* 94, 91–95. doi: 10.1016/j.ijid.2020.03.017

Yang, X., Yu, Y., Xu, J., Shu, H., Xia, J., Liu, H., et al. (2020). Clinical Course and outcomes of critically ill patients with COVID19 in Wuhan China: a single-centered, retrospective, observational study. *Lancet* 8, 475–481. doi: 10.1016/S2213-2600(20)30079-5

Yang, Y., Ding, L., Zou, X., Shen, Y., Hu, D., Hu, X., et al. (2020). Visceral Adiposity and High Intramuscular Fat Deposition Independently Predict Critical Illness in Patients with SARS-CoV-2. *Obesity* 28, 2040–2048. doi: 10.1002/oby.22971

Yao, L., Bhatta, A., Xu, Z., Chen, J., Toque, H. A., Chen, Y., et al. (2017). Obesity-induced vascular inflammation involves elevated arginase activity. *Am. J. Physiol.* 313, R560–R571. doi: 10.1152/ajpregu.00529.2016

Ye, Q., Wang, B., and Mao, J. (2020). The pathogenesis and treatment of the 'Cytokine Storm' in COVID-19. *J. Infect.* 80, 607–613. doi: 10.1016/j.jinf.2020.03.037

Ye, R., and Scherer, P. E. (2013). Adiponectin, driver or passenger on the road to insulin sensitivity? *Mol. Metab.* 2, 133–141. doi: 10.1016/j.molmet.2013.04.001

Zhang, J.j., Dong, X., Cao, Y.y., Yuan, Y.d., Yang, Y.b., Yan, Y.q., et al. (2020a). Clinical characteristics of 140 patients infected with SARS-CoV-2 in Wuhan, China. *Allergy* 75, 1730–1741. doi: 10.1111/all.14238

Zhang, J., Kong, W., Xia, P., Xu, Y., Li, L., Li, Q., et al. (2020b). Impaired Fasting Glucose and Diabetes Are Related to Higher Risks of Complications and Mortality Among Patients With Coronavirus Disease 2019. *Front. Endocrinol.* 11, 1–11. doi: 10.3389/fendo.2020.00525

Zheng, M., Gao, Y., Wang, G., Song, G., Liu, S., Sun, D., et al. (2020). Functional exhaustion of antiviral lymphocytes in COVID-19 patients. *Cell. Mol. Immunol.* 17, 533–535. doi: 10.1038/s41423-020-0402-2

Zhou, P., Yang, X.L., Wang, X. G., Hu, B., Zhang, L., Zhang, W., et al. (2020a). A pneumonia outbreak associated with a new coronavirus of probable bat origin. *Nature* 579, 270–273. doi: 10.1038/s41586-020-2012-7

Zhou, F., Du, R., Fan, G., Liu, Y., and Liu, Z. (2020b). Clinical course and risk factors for mortality of adult inpatients with COVID-19 in Wuhan, China: a retrospective cohort study. *Lancet* 395, 1054–1052. doi: 10.1016/S0140-6736(20)30566-3

Zhu, L., She, Z. G., Cheng, X., Qin, J. J., Zhang, X. J., Cai, J., et al. (2020). Association of Blood Glucose Control and Outcomes in Patients with COVID-19 and Pre-existing Type 2 Diabetes. *Cell Metab.* 31, 1068–1077. doi: 10.1016/j.cmet.2020.04.021

Conflict of Interest: The authors declare that the research was conducted in the absence of any commercial or financial relationships that could be construed as a potential conflict of interest.

ANEXO B

DOI: 10.1002/JLB.4MR0620-701R

JLB JOURNAL OF LEUKOCYTE BIOLOGY

REVIEW

Innate immune receptors in platelets and platelet-leukocyte interactions

Paula Ribeiro Braga Dib[1,2] | **Anna Cecíllia Quirino-Teixeira**[1] | **Laura Botelho Merij**[1] | **Mariana Brandi Mendonça Pinheiro**[1] | **Stephane Vicente Rozini**[1] | **Fernanda Brandi Andrade**[1] | **Eugenio Damaceno Hottz**[1]

[1]Laboratory of Immunothrombosis, Department of Biochemistry, Institute of Biological Sciences, Federal University of Juiz de Fora, Juiz de Fora, Brazil

[2]Laboratory of Immunology, Infectious Diseases and Obesity, Department of Parasitology, Microbiology and Immunology, Institute of Biological Sciences, Federal University of Juiz de Fora, Juiz de Fora, Brazil

Correspondence
Eugenio Damaceno Hottz, Laboratory of Immunothrombosis, Department of Biochemistry, Institute of Biological Sciences, Federal University of Juiz de Fora, Brazil.
Email: eugenio.hottz@icb.ufjf.br

Abstract

Platelets are chief cells in hemostasis. Apart from their hemostatic roles, platelets are major inflammatory effector cells that can influence both innate and adaptive immune responses. Activated platelets have thromboinflammatory functions linking hemostatic and immune responses in several physiological and pathological conditions. Among many ways in which platelets exert these functions, platelet expression of pattern recognition receptors (PRRs), including TLR, Nod-like receptor, and C-type lectin receptor families, plays major roles in sensing and responding to pathogen-associated or damage-associated molecular patterns (PAMPs and DAMPs, respectively). In this review, an increasing body of evidence is compiled showing the participation of platelet innate immune receptors, including PRRs, in infectious diseases, sterile inflammation, and cancer. How platelet recognition of endogenous DAMPs participates in sterile inflammatory diseases and thrombosis is discussed. In addition, platelet recognition of both PAMPs and DAMPs initiates platelet-mediated inflammation and vascular thrombosis in infectious diseases, including viral, bacterial, and parasite infections. The study also focuses on the involvement of innate immune receptors in platelet activation during cancer, and their contribution to tumor microenvironment development and metastasis. Finally, how innate immune receptors participate in platelet communication with leukocytes, modulating leukocyte-mediated inflammation and immune functions, is highlighted. These cell communication processes, including platelet-induced release of neutrophil extracellular traps, platelet Ag presentation to T-cells and platelet modulation of monocyte cytokine secretion are discussed in the context of infectious and sterile diseases of major concern in human health, including cardiovascular diseases, dengue, HIV infection, sepsis, and cancer.

KEYWORDS

innate immunity, pattern recognition receptors, platelet activation, thromboinflammation

Abbreviations: ADP, adenosine diphosphate; AIDS, acquired immunodeficiency syndrome; ApoE, apolipoprotein E; ART, antiretroviral therapy; BAD, BCL2 antagonist of cell death; C1q, complement component 1q; C3, complement factor 3; CAPs, carboxy(alkylpyrrole) protein adducts; cGMP, cyclic guanosine monophosphate; CLEC, C-type lectin-like receptor; CLR, C-type lectin receptors family; CRP, C reactive protein; DAMP, damage-associated molecular patterns; DC, dendritic cell; DC-SIGN, dendritic cell-specific intercellular adhesion molecule-3-grabbing non-integrin; DENV, dengue virus; ERK, extracellular signal-regulated kinase; FcγR, receptor for Fc-portion of immunoglobulin-G; FcεR, receptor for the Fc region of immunoglobulin-E; GP, glycoprotein; HETE, Dihydroxyicosatetraenoic acid; HFD, high fat diet; HLA, human leukocyte Ags; IAV, influenza A virus; ICOSL, inducible T cell costimulator ligand; IFITM3, IFN-induced transmembrane protein 3; IL-1R, IL-1 receptor; IL-2R, IL-2 receptor; ITAM, immune receptor tyrosine-based activation motif; LOX-1, lectin-like oxidized low-density lipoprotein receptor-1; Mac-1, Mϕ-1 Ag; MCP-1, monocyte chemoattractant protein-1; MDC, Mϕ-derived chemokine; MDP, muramyl dipeptide; MIF, Mϕ migration inhibitory factor; MVs, microvesicles; NET, neutrophil extracellular trap ; NKG2D, natural killer group 2D receptor; NLR, Nod like receptor; NLRP, nucleotide-binding domain leucine-rich repeat containing pyrin; NO, nitric oxide; NOD, nucleotide-binding oligomerization domain; NS1, nonstructural protein 1; ObR, leptin receptor; oxLDL, oxidized low-density lipoprotein; PAF, platelet-activating factor; PAFR, platelet-activating factor receptor; PAMP, pathogen-associated molecular patterns; PAR, protease-activated receptor; PDGF, platelet-derived growth factor; PF4, platelet factor 4; PRR, pattern recognition receptor; PSGL, P-selectin glycoprotein ligand; RA, rheumatoid arthritis RAGE; RANTES, regulated upon activation in normal T cells expressed and secreted; RAGE, receptor for advanced glycation end products; RBC, red blood cells; ROS, reactive oxygen species; SCD, sickle cell disease; sCD40L, soluble CD40 ligand; SDF-1α, stromal cell-derived factor 1α; TARC, thymus- and activation-regulated chemokine; Tat, HIV-1 transactivator of transcription; TNFR, TNF receptor; TRIF, TIR-domain containing adapter-inducing interferon-β; TXA_2, thromboxane A_2; VEGF, vascular endothelial growth factor.

Received: 1 February 2020 | Revised: 11 June 2020 | Accepted: 28 June 2020

1 | INTRODUCTION

Platelets are chief cells of hemostasis and pathological thrombosis. Considering their small and anucleate status, platelet activities described in the literature were, for a long time, limited to rapid activation-dependent responses involved in hemostasis and wound repair.[1,2] However, new studies have shown platelets as important effectors of innate and adaptive immunity through many functions that last hours after pro-hemostatic adhesion and aggregation.[3–5]

Platelets circulate at high-shear rates and are activated following binding to subendothelial matrix proteins exposed during vascular injury or inflammation.[6–9] Stable adhesion to endothelium promotes platelet release of several stored mediators, as coagulation and growth factors from α-granules or serotonin and nucleotides from dense-granules, and newly synthesized eicosanoids, especially thromboxane A_2 (TXA_2). These secreted mediators amplify platelet activation and hemostatic responses.[10,11] These classical platelet activation pathways generally involve activation of G protein-coupled receptors and are regulated by rapid responses involving intracellular calcium signaling and platelet adhesion through integrins and selectins.[4,12]

Beyond classical pro-hemostatic activities, platelets are capable of recognizing damage- and pathogen-associated molecular patterns (DAMPs and PAMPs, respectively) by several pattern recognition receptors (PRRs), initiating inflammatory and immune responses.[13–15] Aside from pathogen sensing, many recently identified platelet functions participate in both coagulation and inflammation. Platelets contain RNA molecules and activation-dependent post-transcriptional mechanisms for process intronic RNA enabling the synthesis of immunoregulatory proteins such as IL-1β and antimicrobial peptides such as β-defensins, among others.[16–20] Activated platelets also release several inflammatory molecules from α-granules, including chemokines and cytokines, critical for the assembly of immune response.[21–24] Platelets have been also demonstrated at the extravascular space, influencing local immune responses in different tissues,[25–27] including the synovia during rheumatoid arthritis,[28,29] lungs in influenza,[26] and in solid tumors.[30] Thus, platelets are recognized as sentinels with surveillance activities in the vasculature and at the extravascular milieu. Platelet activities initiated by PAMPs and DAMPs engagement to innate immune receptors will be the subject of this review, and the participation of platelet PRRs and platelet-leukocyte interactions in the pathogenesis of sterile inflammation and infectious diseases will be addressed in the following sections.

2 | PATTERN RECOGNITION RECEPTORS IN PLATELETS

Platelets express different families of PRRs, which can be encountered on platelet surface or intracellularly, in their cytoplasm and endosomes (Fig. 1). The PRR families described in platelets are TLRs, NOD-like receptors (NLRs), and C-type lectin receptors (CLRs).[13–15,31] Platelets express several TLRs including TLR1, 2, 4, and 6 on surface, and TLR3, 7, and 9 in endosomes.[14,32–34] TLR4 is the best described in the literature, especially in response to LPS.[35–40] Although platelets lack membrane-bound CD14 as co-receptor for TLR4, soluble CD14 enhances platelet response to LPS.[38–40] Upon LPS stimulation in vitro, platelets respond with P-selectin surface expression, secretion of soluble CD40 ligand (sCD40L), and other inflammatory mediators as cytokines and chemokines.[35,36,39] Platelet TLR4 activation by LPS occurs through MyD88 or TRIF-dependent pathways, leading to NF-κB activation.[36,39] Since NF-κB and other transcription factors regulate platelet functions despite the absence of nucleus, transcription factors have non-transcriptional activities in platelets (and nucleated cells) that remain under investigation.[41–44]

Besides LPS, other PAMPs and DAMPs induce platelet TLR4 activation. Cell-free histones activate platelet TLR2 and TLR4 leading to P-selectin translocation, aggregation, chemokine secretion, and thrombin generation.[45–47] In vitro and in vivo experiments using platelet-specific TLR4 knockout demonstrated that high-mobility group box 1 (HMGB1) induces platelet activation and thrombosis via TLR4 and cGMP signaling.[48,49] Recent studies have shown that nonstructural protein 1 (NS1), a viral PAMP secreted by dengue virus (DENV)-infected cells, stimulates platelet activation depending on TLR4[31,50] (see Section 6.1).

Another TLR widely studied in platelets is TLR2, which forms heterodimers with TLR1 or 6.[51] Stimulation with the TLR2/1 synthetic agonist Pam_3CSK_4 induces platelet aggregation, adhesion, and release of chemokines.[35,52,53] Opposed to its signaling in nucleated cells, platelet TLR2/1 activation requires glycoprotein (GP)VI signaling cascade.[54,55] Besides, platelet TLR2/6, but not TLR2/1, cooperates with CD36 scavenger receptor in response to oxidized phospholipids found in dyslipidemia[56,57] (see Section 5.1). Regarding full pathogens, platelet TLR2 triggers platelet activation in response to human cytomegalovirus[58] and strains of group B streptococci[59] (see Section 6).

Endosomal TLRs are specialized in recognizing genetic material from pathogens, especially viruses.[60] TLR7 is an important endosomal receptor for single-stranded viral RNA,[61] while TLR3 and 9 recognize double-stranded RNA and unmethylated DNA, respectively.[62,63] Platelet stimulation with the TLR7 synthetic agonist Loxoribine or infection with RNA viruses increase platelet-neutrophil aggregation.[14,64] This platelet response leads to thrombocytopenia in mice as platelets become activated and aggregate with neutrophils (details in Section 6.1).[14,64] While nucleated cells express TLR9 exclusively within the endosomes, platelets translocate TLR9 to the surface under activation.[65] Classical platelet agonists as thrombin, ADP, and collagen induce TLR9 translocation.[66,67] Platelet TLR9 stimulation using its synthetic agonist oligodeoxynucleotide induces α- and dense-granules release.[68] TLR9 activation by carboxy(alkylpyrrole) protein adducts (CAPs), an endogenous DAMP, also leads to platelet activation and aggregation in vitro and participates in thrombosis in atherosclerotic mice[69] (see Section 5.1).

CLRs recognize PAMPs and DAMPs containing glycoproteins and glycolipids.[70] C-type lectin-like receptor 2 (CLEC2) is a transmembrane receptor expressed as a dimer and activated by its endogenous glycoprotein ligand podoplanin, expressed on the surface of several

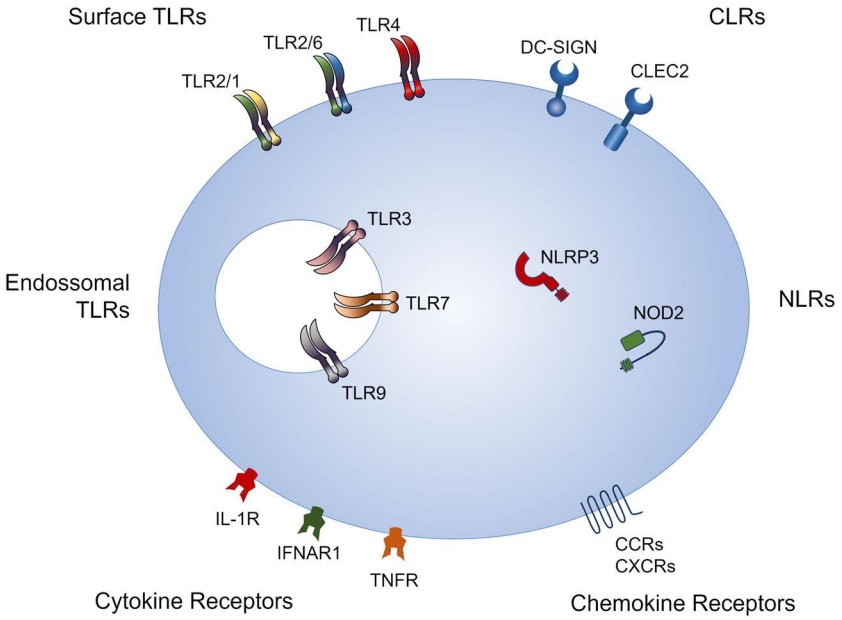


FIGURE 1 Pattern recognition receptors, cytokine receptors and chemokine receptors are present in platelets. Platelets possess the main families of pattern recognition receptors including TLRs, which can be expressed on platelet surface (TLR1, 2, 4, and 6) or in endosomal vesicles (TLR3, 7, and 9); C-type lectin receptors (CLR) expressed on cell surface (CLEC-2 and DC-SIGN); and NOD-like receptors (NLR) at the cytosol (NOD2 and NLRP3). Platelets also express major type I and II cytokine receptors as IL-1 receptor (IL-1R), type I IFN receptor (IFNARI), and TNF-α receptor (TNFRI and TNFRII), as well as CC motif-containing and CXC motif-containing chemokine receptors (CCRs and CXCRs). See the text for details and references

cells.[71] Physiologically, CLEC2-podoplanin engagement maintains the separation between blood and lymphatic vessels,[72,73] but also plays an indispensable role in pathological thrombosis.[74] CLEC2 is also involved in platelet activation by pathogens as DENV and HIV, leading to α- and dense-granules release and shedding of microvesicles (MVs).[75,76] Both DENV and HIV-1 can be recognized by another CLR, namely dendritic cell-specific intercellular adhesion molecule-3-grabbing non-integrin (DC-SIGN), also leading to platelet activation[13,77,78] (see Section 6.1). Apart from pathogens, platelet DC-SIGN recognizes extracellular mitochondrial DNA, inducing platelet activation and thrombus formation.[79,80]

Regarding platelet cytosolic sensors the main family is NLRs, including nucleotide-binding oligomerization domain 2 (NOD2) and nucleotide-binding domain leucine-rich repeat-containing pyrin 3 (NLRP3).[81–83] NLRP3 is an important mediator of inflammasome assembly, which activates caspase-1 to cleave the pro-inflammatory cytokines pro-IL-1β and pro-IL-18 into active cytokines.[84,85] Inflammasome assembly and cytokine processing in nucleated cells require 2 signals: the first to induce transcription of the cytokines and inflammasome components and the second to trigger inflammasome activation.[83] Recent reports using different models have shown that platelet inflammasome activation requires TLR4-mediated signaling,[15,86,87] suggesting a similar 2-signals response in platelets. The involvement of ATP from dense-granules in platelet NLRP3 activation is shown to mediate platelet prothrombotic responses through IL-1β secretion.[88] During dengue infection, platelet inflammasome activation requires reactive oxygen species generated in mitochondria, but not ATP release from granules[50,83] (see Section 6.1). Hence, other evidence regarding NLRP3 and IL-1β participation in platelet prothrombotic responses have emerged.[15,86–90]

NOD2 receptor is characterized by 2 caspase activation and recruitment N-terminal domains and recognizes muramyl dipeptide (MDP) from Gram-positive and Gram-negative bacteria.[91,92] Platelet NOD2 activation with MDP potentiates platelet aggregation, ATP release, and clot retraction in response to prothrombotic stimuli.[81] Accordingly, transfusion of MDP-treated platelets accelerates thrombosis in $FeCl_3$-injured artery depending on platelet NOD2 expression.[81] Furthermore, MDP-stimulated platelets release mature IL-1β depending on NOD2,[81] suggesting a link between NOD2 and inflammasome activation in platelets.

3 | CYTOKINE AND CHEMOKINE RECEPTORS ON PLATELETS

Cytokines are a group of small proteins secreted by immune cells with anti- and pro-inflammatory effects when signaling through their receptors.[93] There are evidences of cytokine receptors on platelets and megakaryocytes (Fig. 1) influencing either thrombopoiesis or peripheral platelet activities.[17,94–99] IL-1 receptor (IL-1R) is a receptor of type 1 ILs expressed on platelets amongst other immune cells.[17,98] Platelet IL-1R stimulation potentiates thrombin-induced aggregation and adhesion to collagen and fibrinogen.[98] This receptor is activated by platelet-derived IL-1β through an autocrine loop after inflammatory and prothrombotic stimuli as LPS and thrombin.[17,88] Blood stimulation with IL-1β, among other cytokines as IL-6 and IL-8, induces platelet hyperactivation and unstable clot formation, but whether this depends on platelet responses directly to the cytokines is unknown.[100]

TNF receptors, TNFRI and TNFRII, are also expressed by platelets.[95] Increased TNFR expression and TNF-α binding on platelets are observed in diabetes mellitus,[95] but whether platelet TNFR engagement participates in diabetes-associated thrombosis remains to be demonstrated. In a mouse model of aging, enhanced TNF-α levels increase platelet activation and adhesion.[96] These peripheral platelet responses depend on TNF-α-induced changes of megakaryocyte transcriptome and proteome, leading to the production of hyperactive platelets.[96] Similarly, RNA for IFN receptor

subunits is present in megakaryocytes and platelets, although the protein is expressed and functional only in megakaryocytes.[101,102] The type I IFNs, IFN-α and -β, are produced mainly by virus-infected cells exhibiting potent antiviral activity by inducing IFN-stimulated genes (ISGs).[102] Type I IFN signaling in megakaryocytes inhibits thrombopoiesis, causing thrombocytopenia in viral infections.[101,103] A recent study demonstrated up-regulated expression of the ISG IFN-induced transmembrane protein 3 (IFITM3) in platelets from dengue and influenza patients.[94] This may occur through IFN signaling in megakaryocytes, once IFN-stimulated or DENV-infected megakaryocytes increase IFITM3 expression, protecting these cells from subsequent viral challenge.[94]

Leptin is a hormone produced by adipocytes, classically described as a regulator of food intake and energy balance.[97] Recent studies have shown leptin signaling in immune cells, characterizing it as a cytokine.[104,105] Leptin signals through its membrane receptor (ObR) and the long-form ObRb is expressed by platelets.[99] Leptin induces phosphorylation of JAK2-STAT3/AKT pathway leading to TXA_2 synthesis in platelets, which potentiates platelet adhesion and aggregation in response to ADP.[99,106,107] Leptin involvement in platelet activation and thrombosis in obesity is discussed in Section 5.2.

Fewer studies have investigated anti-inflammatory cytokine receptors on platelets.[108,109] Platelets are known to express the surface receptor glycoprotein-A repetitions predominant for TGF-β, also reported on regulatory T cells.[108] TGF-β is an abundant cytokine from megakaryocytes and platelets that mediate anti-inflammatory responses.[109] More studies are necessary to investigate platelet receptors for classical anti-inflammatory cytokines such as IL-10 and IL-4.

Regarding chemokines, platelets express both CC and CXC motif-containing chemokine receptors (CCR and CXCR) including CCR1, 3 and 4, and CXCR1, 2, 3, 4, 6 and 7.[110–115] PI3K-Akt signaling is initiated in platelets after CXCR6 and CXCR7 activation by CXCL16 or Mϕ migration inhibitory factor (MIF), respectively.[111,112] These pathways may either enhance platelet prothrombotic responses following CXCL16,[111] or inhibit BAD-mediated apoptosis after MIF-CXCR7 engagement.[112] Likewise, stromal cell-derived factor 1α (SDF-1α/CXCL12) engages CXCR4 and CXCR7 on platelets rescuing them from apoptosis.[113,114] MDC/CCL22 or TARC/CCL17 binding to platelet CCR4 and eotaxin/CCL11 or RANTES/CCL5 engagement to CCR3 lead to Ca^{++} influx-mediated platelet aggregation and degranulation.[110,115] These evidence indicate the participation of cytokine and chemokine receptors in platelet prothrombotic and inflammatory responses.

4 | INNATE IMMUNE RECEPTORS IN PLATELET-LEUKOCYTE INTERACTIONS

Besides inducing platelet aggregation, adhesion, and secretion, prothrombotic or inflammatory stimuli (including PAMPs, DAMPs, and cytokines) also induce platelet-leukocyte aggregation[116] (Fig. 2). These aggregates involve regulated protein interactions that signal to leukocyte oxidative burst, extravasation, phagocytosis, NF-κB activation, transcription and release of cytokines, and neutrophil extracellular traps (NET).[117–121] Platelets induce IL-1β and NLRP3 transcription in leukocytes, potentiating their response to classical inflammasome triggers as ATP and nigericin.[122] Thus, platelets provide the first signal for leukocyte inflammasome. It is well established that platelet-leukocyte aggregation is mediated by the interaction of P-selectin on activated platelets with P-selectin glycoprotein ligand (PSGL)-1 on leukocytes.[123,124] P-selectin, stored in α-granules, is translocated to the surface under stimulation allowing PSGL-1 adhesion.[23] Integrin αIIbβ3 and Mac-1 fibrinogen receptors also play important roles in platelet-leukocyte aggregation,[125–129] hence fibrinogen bridges platelet and leukocyte integrins.[125–129] Besides contact-dependent signaling, platelet soluble factors participate in leukocyte reprogramming during platelet-leukocyte interactions.[122,130,131]

The interaction between platelets and neutrophils is well established (Fig. 2A). NET extrusion by platelet-neutrophil aggregates depends on P-selectin-PSGL-1 binding[23] and platelet GPIb interaction with neutrophil Mac-1.[132] Beyond classical platelet agonists,[23,132] platelet TLRs engagement also induce the release of NET.[64,118] This biological feature has been shown in platelet TLR4 stimulation by LPS,[118] platelet TLR2 in response to Pam3CSK4,[132] and through TLR7 in platelets infected with influenza A virus (IAV).[64] CLEC2 activation by podoplanin or DENV signals NET extrusion through neutrophil CLEC5 and TLR2.[75] P-selectin-mediated adhesion also induces the synthesis of the eicosanoid 12(S),20-Dihydroxyicosatetraenoic acid (12,20-HETE) by neutrophils through the transfer of 12-HETE from platelets.[133–135] Furthermore, neutrophils secrete matrix metalloproteinase 9, myeloperoxidase, and translocate CD11b upon interaction with activated platelets.[64,136]

Platelets also interact with and reprogram monocyte responses (Fig. 2B). Thrombin-activated platelets induce PSGL1-mediated NF-κB translocation, increasing IL-1β, TNF-α, IL-8, and monocyte chemoattractant protein 1 (MCP-1) secretion, as well as cyclooxygenase 2 expression by monocytes.[119,137–139] Beyond P-selectin-PSGL1 adhesion, monocyte cyclooxygenase 2 expression depends on IL-1β signaling, and MCP-1 secretion depends on RANTES from activated platelets.[137,139] Stimulation with LPS increases platelet-monocyte aggregation and monocyte IL-10 expression through CD40-CD40L binding.[22] TLR4 also participates in platelet-monocyte interaction in sterile inflammation. TLR4 deficiency impairs P-selectin-mediated platelet-monocyte aggregation and TNF-α expression in experimental liver disease.[140] Platelet CD36 activation by oxidized low-density lipoprotein (oxLDL) also induces platelet-monocyte aggregates through P-selectin-PSGL1 binding, increasing foam-cell formation, CD11b expression, and monocyte extravasation in vitro and in vivo.[141]

Regarding platelet-Mϕ interactions, platelets are phagocytosed by Mϕs through GPIbα-mediated adhesion and phosphatidylserine recognition, triggering proinflammatory cytokine secretion.[142,143] Under subthreshold LPS stimulation, platelets induce Mϕ polarization into pro-inflammatory (M1-like) profile depending on GPIb-CD11b

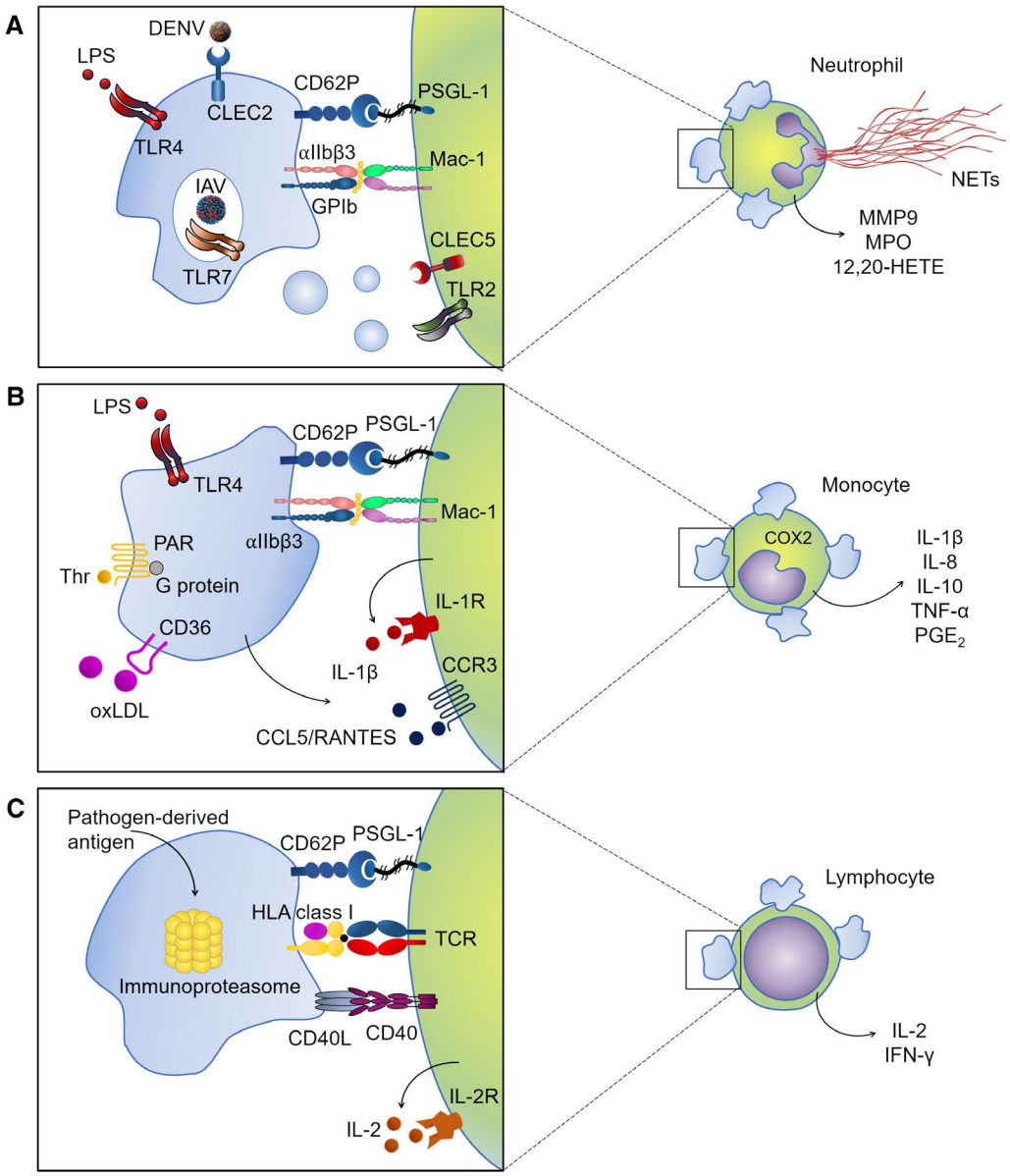


FIGURE 2 **Innate immune receptors participate in platelet-leukocyte interactions.** Schematic representation of the main pattern recognition receptors involved in recognition of PAMPs and DAMPs by platelets, and their consequence to platelet interactions with **(A)** neutrophils, **(B)** monocytes, and **(C)** lymphocytes. The molecular interactions (receptors and adhesion molecules) involved in platelet interaction with leukocytes are represented at the left; leukocytes responses modulated by these interactions, including neutrophil extracellular traps (NET) release and secretion of cytokines and eicosanoids, are represented at the right. See the text for details and references

interaction[144] (see Section 6.2). Platelet-Mϕ interaction in an arthritis model by zymosan-TLR2 also leads to M1-like polarization through GPVI-mediated activation and TXA_2 release.[145] However, long-term co-culture with platelets during monocyte differentiation into Mϕs have been shown to induce polarization toward anti-inflammatory (M2-like) profile.[146,147] New studies are still necessary to address how platelets under different stimulation and co-culture conditions distinctly interfere in Mϕs polarization.

The interaction of platelets with dendritic cells (DC) has been demonstrated. Platelet-DC aggregation leads to maturation of DC and platelet phagocytosis in vitro.[148] Platelets interaction with bone marrow-derived DC through CD40-CD40L induces IL-6 and IL-12 secretion.[149] Besides, platelet-plasmacytoid DC aggregation increases IFN-α release in systemic lupus erythematosus.[150]

Fewer studies have reported the interaction between platelets and lymphocytes (Fig. 2C). Platelets interact with B-cells through CD40L-CD40 participating in Ab isotype switch, and with T cells increasing the frequency of IFN-γ-expressing Th1 subset.[149] Importantly, platelets have the necessary machinery for Ag presentation, including immunoproteasome, β2-microglobulin, and all human leukocyte Ags (HLA) (or MHC in mice) class I subunits.[151–153] Platelets also express the co-stimulatory molecules CD86, CD40, and ICOSL, being able to present Ags to T lymphocytes inducing both IL-2 and IFN-γ secretion and CD69 and IL-2R expression.[154]

5 | PLATELET INNATE IMMUNE RECEPTORS IN STERILE INFLAMMATION

Sterile inflammation consists of an immune response in the absence of infection, in which inflammatory triggers can be broadly divided between intracellular components or extracellular matrix molecules.[155] In these cases, intracellular and extracellular DAMPs are recognized by PRRs and non-PRRs on both immune and non-immune cells.[156] Depending on the inflammatory trigger, the receptors involved in sterile inflammation may be shared with the response to pathogens.[155] The participation of platelet innate immune receptors in chronic conditions that trigger sterile inflammation including atherosclerosis,[157] obesity,[158] sickle cell disease (SCD),[159] and rheumatoid arthritis[160] are summarized in Fig. 3 and will be discussed in this section.

5.1 | Platelet innate immune receptors in atherosclerosis and cardiovascular diseases

Atherosclerosis is a low-grade chronic inflammatory disease that involves complex vascular injury and represents initial pathological events of cardiovascular diseases.[157] Genetic and environmental risk factors are associated with atherosclerosis pathogenesis involving 2 fundamental characteristics: inflammation and dyslipidemia.[157,161] In this inflammatory environment, circulating lipoproteins are oxidized and captured by Mϕs forming the foam cells, which support smooth muscle proliferation, angiogenesis, and plaque formation.[162] Finally, rupture or erosion of vulnerable atherosclerotic plaques leads to arterial thromboembolic events, which may lead to skeletal muscle ischemia or fatal outcomes as myocardial infarction and stroke.[2]??

Platelets are recruited into atherosclerotic plaques for their well-described functions in thrombosis and emerging roles in vascular inflammation.[157] Platelet adhesion to the carotid artery endothelium temporally precedes leukocytes recruitment.[163] Blocking platelet adhesion through anti-GPIbα Abs or P-selectin genetic deletion reduces leukocyte recruitment to atherosclerotic lesions and plaque development.[163,164] Platelet-leukocyte aggregation through CD40L-CD40 also facilitates leukocyte arrest on inflamed endothelium, accelerating atherosclerosis.[165,166] Platelet-derived RANTES and PF4 are chief chemokines for leukocyte recruitment into atherosclerotic plaques in ApoE$^{-/-}$ (proatherogenic) mice models.[21,164,167–169] Additionally, PF4 facilitates the esterification and uptake of oxLDL by Mϕs leading to foam cell development,[170] a key feature in atherosclerosis. Therefore, platelet-leukocyte interactions contribute to thromboinflammation and vascular remodeling in atherosclerosis.[2]

In atherosclerotic plaques, DAMPs as oxLDL,[171] CAPs,[69] podoplanin,[172] and HMGB1[173] serve as triggers of platelet activation (Fig. 3A). OxLDL can activate platelets through diverse pathways, including scavenger receptors and platelet-activating factor (PAF) receptor (PAFR).[171,174,175] OxLDL contains PAF-like oxidized phospholipids, serving as agonists for PAFR-expressing cells.[176,177] Platelet PAFR activation by oxLDL occurs in synergism with classical agonists as thrombin and ADP initiating prothrombotic responses.[171] Platelet LOX-1, a scavenger receptor, recognizes oxLDL in atherogenic environment inducing platelet activation and aggregation.[174] In addition, oxLDL engages platelet CD36 inducing platelet activation, adhesion, and aggregation through ROS-dependent activation of ERK5 redox sensor.[175] Accordingly, platelet-specific ERK5 deficiency decreases arterial thrombosis in high-fat diet (HFD)-fed proatherogenic mice,[175] highlighting the importance of this pathway in atherosclerosis.

TLRs may be involved in platelet activation during cardiovascular diseases. TLR2 and 4 are enriched in platelets from patients with acute coronary syndrome, stable angina pectoris, and atrial fibrillation.[178–180] Platelet transcripts for both, TLR2 and 4, positively correlate with circulating inflammatory markers as C reactive protein (CRP) and IL-6 in patients with high-risk factors for cardiovascular diseases.[181] Similarly, TLR9 expression is elevated on platelets from acute coronary syndrome patients,[68] and TLR1 and 4 are up-regulated in patients that had suffered an acute myocardial infarction.[182] Although TLR-mediated platelet activation was not shown, these reports suggest that platelet TLRs may play a role in cardiovascular diseases.

As aforementioned, CAPs are endogenous protein adducts from phospholipid oxidation. Increased CAPs levels in plasma and atherosclerotic plaques, as well CAPS sequestration by platelets, are observed in HFD-fed proatherogenic mice.[69] CAPs engage to platelet TLR9 inducing platelet activation in vitro and accelerating arterial thrombosis in vivo.[69] Also, phosphatidylethanolamine (PE) oxidative modification generate CAP-PE derivatives that activate platelets through TLR2/1.[56] HFD-fed proatherogenic mice have increased plasma levels of CAP-PE, which accelerates thrombosis through mechanisms depending on TLR2/1 and CD36 independently.[56] TLR2/6, on the other hand, cooperates with CD36 in platelet activation, contributing to in vivo thrombosis in hyperlipidemic mice.[57] It was reported that TLR2, TLR6, and/or CD36 deficiency similarly protect atherosclerotic mice from platelet aggregation and thrombosis.[57] Besides, oxidized phospholipids activate platelets in vitro through CD36/TLR2/TLR6 supercomplex,[57] confirming the cooperation of these receptors for platelet hyperreactivity in hyperlipidemia.[57]

Besides DAMPs from lipid oxidation abovementioned, HMGB1 is present in coronary artery thrombi[183] and platelets[180] from patients with cardiovascular diseases. HFD-fed proatherogenic mice treated with anti-HMGB1 Abs show reduced plaque infiltration and slower atherosclerotic development.[184] HMGB1 is expressed by platelets along NETs in coronary thrombi of patients with acute myocardial infarction.[185] Complementary in vitro experiments using pharmacologic and genetic models show that platelet HMGB1 induces NET via the receptor for advanced glycation end products (RAGE) on neutrophils.[185] Besides, platelet RAGE expression is up-regulated in patients with acute ST-elevation myocardial infarction.[183] These evidence suggest that platelet HMGB1 and RAGE have crucial roles in cardiovascular diseases. Even though serum HMGB1 and platelet TLR4 are increased in atrial fibrillation patients,[180] HMGB1-mediated platelet TLR4 activation in cardiovascular diseases remains elusive.[183]

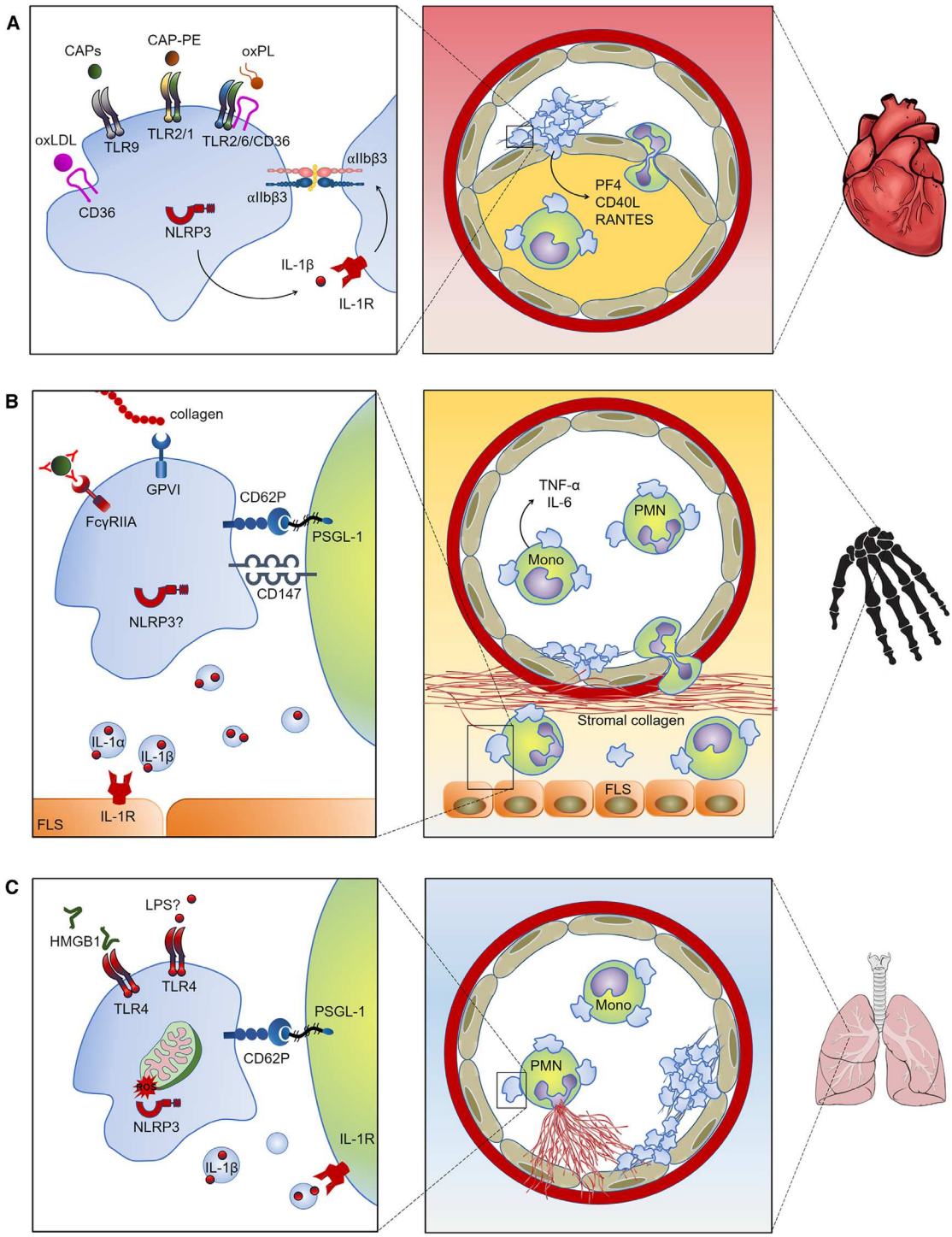


FIGURE 3 **Innate immune receptors in platelets and platelet-leukocyte aggregates participate in pathogenesis of sterile inflammatory diseases. (A)** DAMPs generated by hyperlipidemia and oxidative stress activate platelet PRRs triggering platelet activation, aggregation and thrombosis in atherosclerosis and cardiovascular diseases. Platelet aggregation and thrombosis require NLRP3-dependent IL-1β signaling to inside-out activation of integrin αIIbβ3. **(B)** FcγRIIA and GPVI are the main triggers of platelet activation in rheumatoid arthritis. Platelet activation by local exposure to collagen at inflamed joints induces the release of IL-1-containing microvesicles that amplify inflammation by activating fibroblast-like synoviocytes (FLS). **(C)** Platelet TLR4 activation by HMGB1 or exogenous LPS leads to NLRP-3 dependent IL-1β-mediated neutrophil extracellular traps (NET) release and pulmonary vaso-occlusion in sickle cell disease. See the text for details and references

TLR4 and NLRP3 signaling in platelets participate in muscle ischemia-reperfusion in mice.[86] Increased caspase-1 activation and IL-1β processing in platelets from ischemic mice depend on NLRP3 activation, and are inhibited in mice whose platelets lack TLR4, indicating TLR4-mediated inflammasome activation.[86] NLRP3 or platelet TLR4 deficiency impairs platelet hyperaggregability and improves ischemic muscle reperfusion over time,[86] suggesting involvement of these receptors in prothrombotic and pro-angiogenic responses. Accordingly, platelet NLRP3 and IL-1β participate in arterial thrombosis.[17,88] IL-1β from platelet translation accumulates in carotid artery occlusive thrombus in vivo[17] and in platelet-fibrin clump in vitro.[186] Transfusion of NLRP3$^{-/-}$ platelets in wild-type mice is sufficient to reduce thrombi size and shorten the time to occlusion after arterial injury.[88] Complementary platelet functional assays show that aggregation, adhesion, and clot retraction depend on platelet NLRP3 and IL-1R signaling.[88,90] Mechanistically, NLRP3-dependent platelet IL-1β secretion sustains integrin αIIbβ3 outside-in signaling, supporting platelet aggregation and thrombosis[88] (Fig. 3A).

These reports show activation of platelet innate immune receptors during cardiovascular diseases in the interplay of hemostasis and inflammation, promoting atherogenesis in early stages and affecting cardiovascular dysfunction at the late stages of these diseases.

5.2 | Platelet innate immune receptors in obesity

Obesity is a metabolic and inflammatory disease characterized by adipose tissue accumulation as a consequence of adipocyte hypertrophy and hyperplasia.[187] Impaired capacity to further store fat alongside a pro-inflammatory and lipolytic environment leads to free fatty acids circulation and ectopic fat deposition, inducing tissue inflammation, and metabolic syndrome.[188] Dyslipidemia and increased risk of thromboembolic events are among the features of obesity-associated metabolic syndrome.[189] Platelet activation and hyperaggregability are increased in obese compared to eutrophic individuals, which may be associated with impaired L-arginine-NO pathway.[190,191]

Large platelet transcriptome studies demonstrated an association of higher body mass index with the up-regulation of inflammatory genes, particularly those in NF-kB pathway such as IL-1R and TLRs.[192,193] Platelet mRNA sequencing also demonstrated the up-regulation of CLEC2 transcript in platelets from morbid obese individuals.[194] These reports suggest that PRRs and cytokine receptors may be involved in platelet activation in obesity-related inflammation and procoagulant state.

Hypercholesterolemia alongside systemic inflammation generates high levels of oxLDL in obesity.[195] OxLDL from obese individuals increases TXA_2 secretion and platelet hyperaggregability through p38-MAPK signaling.[195] However, the receptors mediating oxLDL-induced platelet hyperactivity in obesity remain unknown. Another feature of obesity is hyperleptinemia.[196] The participation of leptin in thrombosis is evidenced by unstable non-occlusive thrombus formed in leptin-deficient (ob/ob) mice after carotid injury, which is reversed by exogenous leptin injection.[197] Leptin induces hyperaggregability of wild-type, but not ObR deficient (*db/db*) platelets, evidencing specific receptor-mediated activity.[197] ObR-dependent leptin-induced hyperaggregability is also observed in platelets from obese and overweight individuals, although platelets may represent a site of leptin resistance in obesity.[97]

5.3 | Platelet innate immune receptors in rheumatoid arthritis

Rheumatoid arthritis (RA) is characterized by a chronic inflammation of the synovia resulting in painful joint deformity and immobility.[25,198,199] RA evolves with an elevated risk of cardiovascular diseases and thromboembolic events, the main mortality cause in the disease.[200–202] Exposure of extracellular matrix in the inflamed joint and the inflammatory milieu of RA represent relevant agonistic stimuli for platelet activation.[198,199,203] Increased platelet counts and activation markers such as P-selectin, sCD40L, and platelet-leukocyte aggregation associate with disease activity score and with cardiovascular complications in arthritic patients.[200–204]

Platelet activation by collagen in exposed extracellular matrix plays major roles in RA pathogenesis, contributing to a prothrombotic and proinflammatory state.[198,199] Platelet immune receptor tyrosine-based activation motif (ITAM) GPVI and FcγRIIa are directly involved in these processes (Fig. 3B).[199,202] Studies using pharmacologic and genetic models demonstrated that the collagen receptor GPVI is a key trigger for platelet MVs, amplifying joint inflammation through IL-1-mediated activation of synoviocytes.[199] GPVI and FcγR genetic deficiency both decrease platelet MVs production.[199] Platelet activation via FcγRIIa engagement occurs mostly by anti-citrullinated protein Abs,[202] which are highly specific for RA and predictive of the onset of symptoms.[205] Platelet activation is increased in RA patients presenting these Abs.[202,206] Exposure to plasma from these patients activate platelets ex vivo, which is prevented by neutralizing Abs against FcγRIIa,[202] supporting participation of immune complexes and FcγRIIa in platelet activation during RA.[202]

Platelet-leukocyte interactions are commonly observed in arthritic patients.[200–204] Direct platelet-monocyte interaction during RA induces a decrease of the classical and expansion of the intermediate and inflammatory monocyte subsets, with increased expression of TNF-α and IL-6.[204] In co-culture experiments, CD147 neutralization prevents platelet-monocyte aggregation and partially reverses the alterations of monocyte subpopulations,[204] suggesting a role in monocyte reprogramming in RA. In Ag-induced arthritis in mice, P-selectin-dependent platelet-leukocyte interaction facilitates leukocyte recruitment into the inflamed synovium,[207,208] worsening clinical and histological indices.[208] Therefore, platelet activation and platelet-mediated leukocyte reprogramming contribute to inflammation and joint pathology in arthritis.

5.4 | Platelet innate immune receptors in sickle cell disease

SCD is a genetic mutation in hemoglobin β subunit that results in altered RBC shape.[209,210] Sickle RBCs interact with multiple immune

cells promoting inflammation, endothelial damage, vascular obstruction, pain crisis, and may lead to death.[209,211] Platelet activation is elevated in patients under steady-state conditions and can be further enhanced during acute vaso-occlusive crisis.[212] High platelet activation is mainly related with the hemolysis of sickle RBCs that release classical platelet agonists as ADP and ATP and erythrocyte-derived DAMPs such as hemoglobin, which blocks the inhibitory effects of NO.[87,212,213] In addition, free heme is a known DAMP that activates TLR4 in nucleated cells,[214] but the role of heme in platelet TLR4 activation remains unknown.

SCD patients exhibit high levels of tissue factor, thrombin, and fibrin degradation products, characterizing an hypercoagulability state.[215–218] Thrombin activates protease-activated receptors (PAR) in different cell types, including platelets, inducing inflammatory cytokines and platelet-leukocyte aggregation in SCD.[219–221] Platelets from patients or animal models of SCD are more sensitive to PAR4 agonists,[212,213] and PAR4 hyperstimulation is enhanced in patients presenting pulmonary hypertension.[212] Activated platelets promote sickle RBC adhesion to endothelium and multicellular aggregation with leukocytes, supporting vascular occlusion, pulmonary hypertension, and lung injury.[212,222–226] Platelet-neutrophil aggregation occurs mostly in a P-selectin-dependent manner, contributing to vaso-occlusion and acute lung injury by amplifying the inflammatory process.[225–227]

This inflammatory amplification may occur by increased platelet production of cytokines as IL-1β, in which secretion by platelets correlates with allo or autoantibodies.[228] In addition to secreting free IL-1β, platelets in SCD patients also release MVs,[228,229] which have been shown to carry active IL-1β and caspase-1 in SCD patients and animal models.[87] Platelet inflammasome activation in patients has been demonstrated by NLRP3 and ASC colocalization and increased caspase-1 activity,[15,87] which is higher at the onset of pain crisis.[15] A main trigger of platelet NLRP3 in SCD is HMGB1, which is increased in plasma from SCD patients.[15,230] HMGB1 in SCD plasma activates caspase 1 in platelets from healthy volunteers depending on NLRP3 and TLR4.[15] Platelet-neutrophil aggregation in blood from SCD patients is triggered by a subthreshold LPS stimuli depending on caspase-1 and mitochondrial ROS signaling.[87] In an SCD murine model, challenging with LPS or MVs from LPS-treated SCD mice increases platelet-neutrophil aggregation in the lungs, leading to vaso-occlusion and lung injury through IL-1β-dependent NET release.[87] These translational data from SCD patients and animal models show HMGB1 and NLRP3 participation in platelet-neutrophil pathogenic interactions inducing acute chest syndrome, a major complication of SCD[87] (Fig. 3C).

Translocation of LPS from the gut into the bloodstream contribute to vaso-occlusion in SCD mice through neutrophil activation.[87,231,232] However, the role of LPS from a microbial translocation in platelet activation during SCD has not been formally shown. Indeed, oral or gut microbial translocation has been also described in other sterile inflammatory diseases such as obesity, atherosclerosis, and cardiovascular diseases.[233,234] Hence, the "sterile" condition may be questioned in the majority of the diseases discussed in this section. Although the onset of the immune process is not infectious, inflammation perpetuation generates microbial translocation and, therefore, LPS among other PAMPs amplifies the inflammatory process.[232,234] Nonetheless, platelet activation by PAMPs in sterile inflammatory diseases has not been investigated.

6 | PLATELET INNATE IMMUNE RECEPTORS IN INFECTIOUS DISEASES

Infectious diseases are an important cause of mortality worldwide. Infectious diseases increase the risk of thrombosis, and thrombocytopenia is a common feature during infections.[235–238] It is noticeable that platelets play a key role during infections, participating as procoagulant or inflammatory agents in protective or damaging responses.[26,239,240] Among many ways platelets may be involved in pathogenesis of infectious diseases, recognition of PAMPs by innate immune receptors has critical roles in platelet-mediated responses.[31,64,118] Platelet activities triggered by innate immune receptors participating in protective or pathogenic responses to bacterial, viral, and parasite infections will be discussed in this chapter.

6.1 | Platelet innate immune receptors in viral infections

Viruses rely on viral particles engulfment and viral genome replication by target cells to their dissemination in the host. Many PRRs are exploited by viruses to attachment and entry in host cells, especially those from the CLR family.[70] Platelets possess the cellular machinery for viral attachment, entry, and replication.[78,82] They also sense and respond to viral components through PRRs, especially surface TLRs and CLRs for viral binding, and endosomal TLRs for viral genome recognition.[14,58,64,70,76] Human cytomegalovirus, for example, engages platelet TLR2 leading to platelet-neutrophil interaction and pro-inflammatory cytokine release.[58] Platelet neutrophil-aggregates are also observed after platelet recognition of encephalomyocarditis virus through TLR7, inducing thrombocytopenia but also protective immune response in mice.[14] Broader discussions on viruses attachment to a diversity of platelet receptors have been reviewed elsewhere.[82,241–244] In this section, we will focus on the participation of platelet innate immune receptors in 3 viral infections of global impact in human health: dengue, HIV, and influenza (Fig. 4).

Endocytosed viral particles and the presence of viral genome have been evidenced in circulating platelets from dengue, HIV, and influenza-infected patients, as well in platelets infected with these viruses in vitro.[64,77,245–249] Image tracking analysis of platelets infected with an HIV-1 reporter virus revealed virus trafficking from early to late endosomes,[250] which led to platelet activation through TLRs.[250] Endocytosed influenza A virus (IAV) also induces platelet activation through TLR7, increasing platelet-neutrophil aggregation and NET release in vitro and in vivo.[64] These data highlight platelets' ability to endocytose viral particles and employ endosomal TLRs, a classical viral recognition pathway, to respond to viruses of different etiologies, including airborne and blood-borne viruses (Fig. 4).

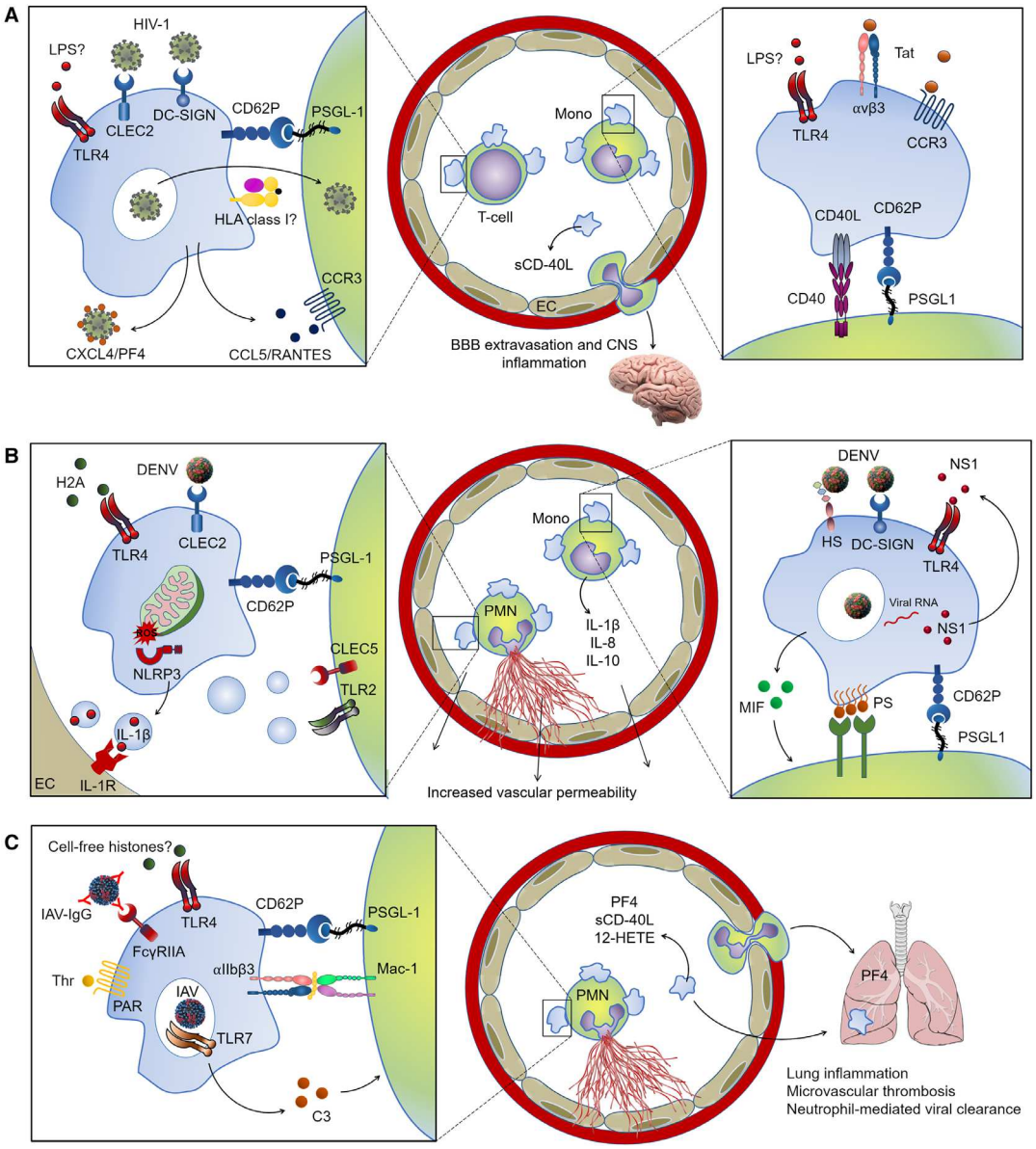


FIGURE 4 **Innate immune receptors in platelets and platelet-leukocyte interactions during viral infections.** (A, left panel) HIV-1 internalization in platelets through DC-SIGN and CLEC2 supports HIV-1 transinfection to susceptible T-cells in vitro. Activated platelets can also inhibit HIV-1 infection through the secretion of the HIV suppressive chemokines PF4/CXCL4 and RANTES/CCL5. (A, right panel) Platelet activation by HIV-1 transactivator of transcription (Tat) and platelet expression of CD40L play a major role in HIV-associated neuroinflammation by increasing blood-brain barrier (BBB) permeability and monocyte adhesion and migration to the central nervous system (CNS). (B, left panel) Platelet PRRs including TLR4, CLEC2, and NLRP3 participate in dengue-associated vascular dysfunction through mechanisms involving secretion of IL-1β-containing microvesicles and induction of neutrophil extracellular traps (NET). (B, right panel) Platelets internalize DENV through DC-SIGN and heparan sulphate proteoglycans (HS) and support DENV genome translation and replication, which amplify platelet activation through NS1-TLR4 engagement. DENV-infected platelets expose P-selectin (CD62P) and phosphatidylserine (PS) modulating monocyte cytokine secretion in platelet-monocyte interactions. (C) Platelet TR7 recognizes endocytosed IAV genome and platelet FcγRIIA recognizes IAV-IgG immunocomplexes leading to platelet activation, platelet-neutrophil aggregates and NET release. Platelet-factor 4 (PF4/CXCL4) also participates in neutrophil migration to the lungs. See the text for details and references

Even though the emergence of antiretroviral therapy (ART) has changed HIV-1 epidemiology from life-threatening AIDS into a chronic manageable disease,[251] people living with HIV still experience earlier mortality by an increased incidence of non-infectious comorbidities, especially cardiovascular diseases.[252–254] HIV-1 enters target T-cells through the interaction of viral glycoprotein 120 (GP120) with the cellular receptor CD4 and the co-receptors CCR5 or CXCR4.[255] In addition, HIV-1 enter non-target cells as DCs and platelets through DC-SIGN or other CLRs.[76,77,256] Through this pathway, HIV-1 is internalized without membrane fusion and stored in endosomes as infective viral particles that can be transferred to T-cells during Ag presentation.[256,257] This intercellular transmission is called HIV-1

transinfection.[76,257,258] Platelets interact with and internalize HIV-1 through DC-SIGN and CLEC2.[76,77,246] Platelet ability to preserve HIV-1 infectivity and transfer it to T-cells has been evidenced in vitro[76] and, recently, in platelets from HIV-infected subjects, especially those with poor immunological recovery after ART.[247] However, the participation of HLA class I Ag presentation in platelet HIV-1 transinfection remains unknown (Fig. 4A, left panel).

Ultrastructural studies show activation-associated morphology in platelets that endocytosed GP120-expressing transgenic lentiviruses, and evidence fusion of virus-containing endosomal vesicles with α-granules allowing viral degradation.[77] PF4 was identified as the main viral-restrictive factor in platelet granules.[259] PF4 dose-dependently inhibits HIV-1 infectivity to T-cells and Mϕs through direct interacting with GP120.[260] RANTES, another chemokine abundantly expressed in platelet granules, inhibits HIV-1 entry by binding the R5 co-receptors.[261] In platelet-T-cell co-cultures, platelets were able to inhibit HIV-1 spread in a concentration- and activation-dependent manner.[259] Exhausted platelets lost their inhibitory capacity while activated platelet supernatants conserved the inhibitory activity depending on PF4.[259] However, a recent study showed PF4 restrictive effects in a narrow concentration range, while physiologically relevant concentrations actually intensified virus attachment by bridging GP120 to cell surface glycosaminoglycans.[262] These evidence indicate that platelets may have a dual role in HIV spreading, being able to inactivate or shelter endocytosed viruses depending on platelet α-granules content (Fig. 4A). Of note, increased platelet activation with the exhaustion of α-granule chemokines is associated with high viral load and immune suppression in AIDS patients,[263] and persists in HIV-infected subjects under virologic control.[264,265]

Increased levels of platelet-derived sCD40L participate in HIV-associated neuroinflammation by inducing platelet-monocyte aggregation and infiltration through the blood-brain barrier (Fig. 4A).[266–268] HIV-1 transactivator of transcription (Tat), a viral protein found in the circulation of infected individuals, activates platelets through β3 integrin and CCR3 chemokine receptor.[269] In Tat injected mice, platelet-derived CD40L mediates leukocyte adhesion, rolling, and transmigration through the blood-brain barrier.[267] Consistently, postmortem brain tissue sections from patients who died of HIV-associated encephalopathy show increased platelet-monocytes aggregates attached to the brain microvasculature, suggesting an association with neuroinflammation.[268] Tat synergizes with CD40L inducing the secretion of TNF-α by the microglia, thereby amplifying inflammatory processes within the central nervous system and influencing neuronal survival.[266]

The most characteristic feature of platelets in viral infections is thrombocytopenia. Lower platelet counts in AIDS patients are usually reversed by ART,[235] but persists in average 20% of HIV-infected subjects.[270] Thrombocytopenia is also a hallmark of dengue, being associated with increased vascular instability and the severity of dengue syndrome.[82,236,271] Combined factors may contribute to thrombocytopenia in both infections.[235,272,273] Increased platelet activation and apoptosis have been reported in both dengue and HIV[13,245,264] and associate with the degree of thrombocytopenia in dengue.[13,245] Decreased platelet counts also correlate with increased platelet-monocyte aggregation in both diseases.[138,274,275] On this regard, apoptotic platelets from patients with dengue or from in vitro infection are phagocytosed when co-cultured with monocytes depending on phosphatidylserine recognition.[245,276]

Severe dengue is characterized by increased vascular leakage, hemorrhage, and organ failure due to systemic inflammation.[271,277–280] Increased platelet activation contributes to thromboinflammatory responses in dengue by secreting inflammatory mediators and by reprogramming leukocyte functions.[45,83,138,281] These platelet responses involve platelet recognition of PAMPs and DAMPs through specialized receptors (Fig. 4B). Platelets from dengue patients or platelets infected with DENV in vitro secrete stored chemokines as PF4 and RANTES, small molecules as NO and serotonin, and newly synthesized cytokines as IL-1β.[45,50,83,138,281–283] Such mediators are potentially involved in dengue-associated vasculopathy. Activation of the NLRP3 inflammasome and increased caspase-1 activity supports the shedding of IL-1β-containing MVs in dengue.[83] Platelet caspase-1 activity and IL-1β expression in platelets and platelet-derived MVs correlate with increased vascular permeability in dengue patients, and MVs from infected platelets increase the permeability of endothelial cell cultures through IL-1R.[83] Therefore, platelet NLRP3 and IL-1β may contribute to vascular leakage during dengue infection.

Platelets internalize DENV after viral attachment to DC-SIGN and heparan sulfate proteoglicans.[78] DENV-infected platelets sustain viral genome replication and viral protein translation, as evidenced by accumulation of viral RNA and DENV NS1.[50,78,284] However, platelets do not sustain the secretion of infective viral particles to the extracellular milieu,[50,78,284] indicating an abortive DENV replication in platelets. DENV attachment to DC-SIGN also increases platelet activation and apoptosis, which has been observed in vitro and in platelets from patients.[13,245] This activation signaling may involve viral genome replication and recognition, since the levels of DENV RNA in platelets from patients correlate with platelet activation.[245] Interestingly, DC-SIGN expression is decreased on platelets from severe dengue patients,[285] which may be a protective platelet response against infection or a consequence of activated and apoptotic platelet clearance. Aside from DC-SIGN, DENV activates platelet CLEC2, resulting in α- and dense-granules secretion, MVs release and platelet-neutrophil aggregation.[75]

TLR4 participates in platelet activation in dengue. Recent studies demonstrated that NS1, a viral PAMP secreted by DENV-infected cells, activates platelet TLR4 inducing platelet activation, aggregation with monocytes and endothelial cells, and secretion of inflammatory cytokines.[31,50] In DENV-infected platelets, an NS1-TLR4 autocrine loop contributes to platelet activation.[50] DENV-induced thrombocytopenia and hemorrhage in mice are diminished under TLR4 deficiency or in mice infected with NS1-depleted inoculum,[31] indicating the participation of NS1 in dengue pathogenesis. In a work from our group, higher levels of histones H2A were found in plasma from severe dengue.[45] Histone H2A in plasma from patients activates platelets from healthy volunteers ex vivo depending on TLR4.[45] These data show TLR4 participation in platelet activation during dengue infection (Fig. 4B).

Dengue induces the expression of P-selectin, CD40L, and HLA class I on the platelet surface,[13,45,286] all involved in platelet-leukocyte interactions (Fig. 2). Platelet-leukocyte aggregates are observed among lymphocytes, monocytes, and neutrophils in dengue.[138,287] Platelet-monocyte aggregation correlates with increased vascular permeability in dengue patients.[138,287] Platelets activated by dengue infection reprograms monocyte responses ex vivo inducing the secretion of IL-1β, IL-10, and IL-8.[138] Complementary in vitro experiments show that cytokine secretion by platelet-monocyte interaction is regulated by P-selectin-mediated adhesion and phosphatidylserine recognition on activated and apoptotic platelets.[138] In addition, combined signaling of platelet adhesion plus MIF from DENV-infected platelets induces lipid droplets biogenesis and PGE_2 synthesis in monocytes.[131] During platelet-neutrophil interactions, platelet MVs from CLEC2 activation act upon neutrophil CLEC5 and TLR2 inducing NET release.[75] Platelet-induced CLEC5 and TLR2-dependent NETosis increase endothelial permeability in co-culture with endothelial cells and in experimental DENV infection in mice.[75] Hence, platelet and leukocyte innate immune receptors participate in pathogenic cellular interactions during dengue, inducing hyperinflammation and vasculopathy (Fig. 4B).

Platelet-induced intravascular NETosis is also observed in influenza infection (Fig. 4C). TRL7-dependent platelet activation increases C3 release, which mediates NET and myeloperoxidase extrusion by neutrophils in vitro and in vivo. C3 levels and NETosis are both increased in patients with influenza, and platelets are the main source of C3 in IAV-infected mice.[64] In another study, extracellular histones (which may or may not come from NETosis) are highly present in nasal wash samples from influenza A patients and in bronchoalveolar wash from infected mice.[288] Experimental influenza revealed extracellular histones in association with platelets, CD40L, and fibrin mesh in the pulmonary vasculature, indicating their role in pulmonary microvascular thrombosis.[288] Potential receptors mediating this interaction include TLR2 and 4,[46,47] but their participation in platelet activation during influenza pneumonia remains to be investigated.

Pulmonary microvascular thrombosis alongside exacerbated inflammation of the airways are chief pathological features in influenza pneumonia.[289–291] Platelet activation in the lungs participates in both prothrombotic and inflammatory features of lung injury in influenza.[26,292] Platelets also participate in innate mechanisms of viral clearance and survival during experimental influenza through PF4-dependent neutrophils recruitment to the lungs (Fig. 4C).[239] Beyond the recognition of PAMPs and DAMPs mentioned above, immune complexes formed by IAV with specific (H1N1) or cross-reactive (H3N2) Abs also activate platelets promoting degranulation, 12-HETE synthesis, and MVs release through FcγRIIA signaling.[292] Highlighting the thromboinflammatory overlap in IAV infections, a synergism between FcγRIIA and thrombin amplifies platelet responses in influenza.[292]

Secondary bacterial infection is a major complication and cause of mortality in severe influenza pneumonia.[293] In addition, microbial translocation is observed in HIV-1 and severe dengue, with increased levels of LPS in circulation setting systemic immune activation and thromboinflammation.[294–296] Nevertheless, whether LPS or other bacterial PAMPs contribute to platelet activation in these viral infections remains unknown. Platelet innate immune receptors involved in thrombotic and inflammatory responses to bacteria are discussed below.

6.2 | Platelet innate immune receptors in bacterial infections and sepsis

Sepsis and septic shock represent a dysregulated systemic inflammatory response to infection driving life-threatening organ dysfunction.[297,298] Septic shock is a severe manifestation of sepsis with the circulatory and metabolic collapse that substantially increase the mortality risk.[298] Cardiovascular system, lungs, and kidneys are the most affected organs due to macro and microcirculatory failure.[299,300] Hypercoagulability and thrombocytopenia are associated with a poor prognosis in sepsis.[301–303] Early during infection, platelet activation contributes to host defense and bacterial clearance.[144,304,305] However, uncontrolled platelet activation can contribute to sepsis pathogenesis through hyperinflammation and disseminated intravascular coagulation (DIC).[237,303,306] Platelet activities mediated by innate immune receptors in sepsis are summarized in Fig. 5A and will be discussed below.

Platelet TLRs have major relevance during bacterial infection and sepsis.[118,307–309] Specific deletion of MyD88 in platelets demonstrates TLR-induced platelet activation during *Klebsiella pneumonia* infection, inducing high levels of TNF-α, CXCL1, and MCP-1.[307] Since these cytokines are absent in platelets, this report highlights the importance of platelet TLRs to leukocyte inflammatory response during infection.[307] Platelet TLR4 is the main responsible for microvascular thrombosis in endotoxemia. Transfusing wild-type platelets into TLR4-deficient mice is sufficient to restore thromboembolic vascular occlusion after LPS injection.[310] Platelet stimulation with LPS or plasma from septic patients induces platelet-neutrophil aggregation and NET release depending on TRL4 signaling.[118] LPS-induced platelet-neutrophil aggregates increase *E. coli* trapping by neutrophils in vivo, but also results in endothelial and liver damage in infected mice.[118,311] Similarly, platelet-Mϕ interaction reprogram Mϕs toward a pro-inflammatory profile with higher bacterial phagocytosis capacity.[144] This Mϕ phenotype is observed in mice receiving early platelet transfusion during polymicrobial sepsis, impacting bacterial clearance and survival[144] (Fig. 5A, right panel).

TLR2 also participates in platelet activation in sepsis. Platelet stimulation with Group B *Streptococci* isolated from septic patients enhances TLR2 expression and induces TLR2-dependent hyperaggregability.[59] DAMPs generated from tissue damage also induce platelet TLR activation in sepsis. Platelets were identified as the main source of circulating HMGB1 in sepsis.[309] Platelet-specific HMGB1 deficiency impairs platelet activation, platelet-neutrophil aggregation, and neutrophil chemotaxis, worsening bacterial clearance and survival in polymicrobial sepsis.[312] Other DAMPs potentially involved in platelet TLR activation during sepsis are the extracellular histones. The degree of thrombocytopenia and DIC correlates with plasma H3 histones in sep-

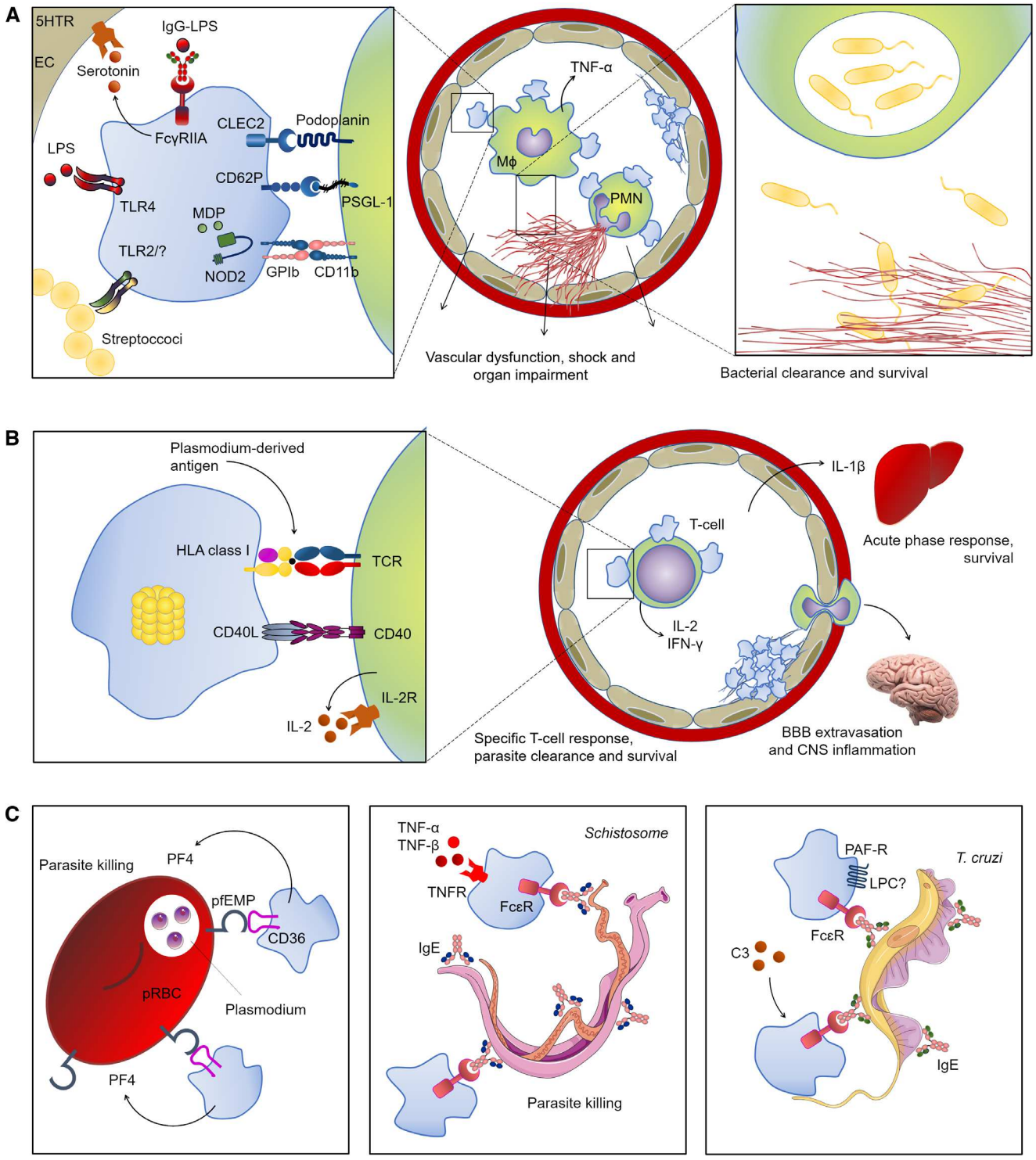


FIGURE 5 **Innate immune receptors in platelets and platelet-leukocyte interactions during bacterial and parasite infections.** (A, left panel) Platelet innate immune receptors are activated by immunocomplexes and bacterial-derived PAMPs, such as LPS and MDP, mediating immunopathogenic responses in sepsis. Platelet-derived serotonin, platelet-dependent NET extrusion, and platelet CLEC2 activation by podoplanin-expressing Mϕs play major roles in tissue damage and shock in sepsis. (A, right panel) Platelet-dependent bacterial clearance by neutrophils and Mϕs. Platelet-Mϕ interaction induces polarization toward a pro-inflammatory (M1-like) phenotype with increased bacterial phagocytosis and clearance. Platelet-dependent NET extrusion also induces bacterial trapping in sepsis. (B, left panel) Platelets present *Plasmodium*-derived Ags to $CD4^+$ and $CD8^+$ T-cells inducing Ag-specific immune response in malaria. (B, right panel) Platelet-mediated clumping and cytoadherence are pathological, while platelet-derived IL-1β has protective roles in cerebral malaria. (C) Mechanisms of platelet-mediated parasite killing involve the receptor for Fc portion of IgE (FcεR), TNF-α and β receptor (TNFR) and CD36 scavenger receptor. Platelet adhesion to *Plasmodium* parasitized red blood cells (pRBC) depends on CD36 binding to *Plasmodium falciparum* erythrocyte membrane protein (pfEMP), and induce PF4/CXCL4-mediated parasite killing. See the text for details and references

tic patients.[313] Nevertheless, new studies are still necessary to establish platelet activation by cell-free histones in sepsis.

Platelets ITAM receptors GPVI, CLEC2, and FcγRIIA also participate in platelet responses in sepsis.[314–316] In *K. pneumoniae* infection, platelet GPVI is indispensable for local host defense and bacterial clearance from the lungs.[314] To reaffirm GPVI importance, the addition of GPVI agonist in *K. pneumoniae*-infected blood increased platelet-leukocyte aggregation and bacteria phagocytosis by monocytes and neutrophils.[314] Regarding CLEC2, platelet activation by podoplanin-expressing liver Mϕs causes thrombocytopenia and liver vascular thrombosis in systemic *Salmonella typhimurium* infection.[317] In another study, however, platelet CLEC2a has a protective response in sepsis.[315] Platelet CLEC2 deletion increased organ damage and pro-inflammatory cytokines production in mice subjected to endotoxemia or polymicrobial sepsis.[315] Both protective and pathological platelet responses depended on podoplanin expression by leukocytes, suggesting a role for CLEC2 in platelet-leukocyte interactions.[315,317] Finally, FcγRIIA has been implicated in the onset of shock in a model of endotoxemia. In transgenic mice expressing FcγRIIA, LPS-immunization led to anti-LPS immunocomplexes during endotoxemia, which activates FcγRIIA inducing transient platelet aggregation and thrombocytopenia. Aggregated platelets secrete high levels of serotonin, which was the major driver of shock in this model[316] (Fig. 5A, left panel).

Among NLRs, platelets NOD2 and NLRP3 are both involved in pathogenic mechanisms of sepsis.[81,318] Plasma from septic patients induces platelet hyperaggregability depending on NOD2 expression, indicating platelet NOD2 activation by MDP or other agonists produced in sepsis.[81] Moreover, platelets from CLP rats have shown increased colocalization of NLRP3 and ASC, as well as caspase-1 activation and IL-1β secretion, suggesting NLRP3 activation during experimental sepsis in mice. However, new studies are still necessary to investigate the role of NLRs in systemic inflammation and organ dysfunction in sepsis.[318]

6.3 | Platelet innate immune receptors in parasite infections

Parasites are still important causes of human diseases worldwide.[319] Increased platelet activation is observed in protozoa and helminthic infections[320–323] and platelets participate in immune response against parasites.[324–327] In this section, we will focus on platelet receptors and molecular mechanisms involved in malaria, Chagas disease, and schistosomiasis (Fig. 5B and C). A common feature of these diseases is thrombocytopenia,[238,328–331] which associates with the severity of each disease.[321,329–332] Thrombocytopenia may be related with increased platelet activation in these infections.[333,334] Higher levels of sP-selectin associated with the onset of cardiac disease in chronic chagasic patients.[322] There is evidence of hemostatic dysfunctions in malaria, Chagas disease, and schistosomiasis leading to hypercoagulability,[322,329,333,335] even though hypocoagulability and hyperfibrinolysis may be also present.[329,333]

Evidence from integrated metabolomics and transcriptomics revealed platelet activation as one of the most changed processes in *Plasmodium vivax* malaria.[336] Platelet accumulation in brain microvasculature[337,338] contributes to the cytoadherence and clustering of parasitized RBC (pRBC). This cell clustering involves platelet CD36 and C1q receptors and supports cerebrovascular obstruction and injury.[339–341] Besides, platelet degranulation with increased levels of PF4 in both brain and plasma is involved in blood-brain barrier permeability and T cell infiltration to CNS, contributing to higher mortality in experimental cerebral malaria[337,342] (Fig. 5B).

Despite the pathological consequences of platelet activation at the late stages of infection, early platelet activation has a protective role in experimental cerebral malaria, which depends on platelet-derived IL-1β.[343] Platelet depletion completely blunts IL-1β levels in infected mice, highlighting platelets and platelet-leukocyte interactions as main sources of IL-1β.[343] Platelet-dependent IL-1β secretion triggers the acute phase response in the liver, limiting parasite burden and improving survival.[343] Platelet depletion also has major impacts in T-cell activation, as platelets present plasmodium-derived Ag on HLA class I.[154] Accordingly, vaccination with Ag-pulsed platelets enhance specific T-cell activation and memory, reducing parasitemia and mortality in a subsequent malaria chalange[154] (Fig. 5B). Thus, platelets bridge innate and acquired immunity in malaria. Finally, platelets induce intraerythrocytic parasite killing of all major *Plasmodium* species.[324,344] Platelet CD36 binds to pRBC through *P. falciparum* erythrocyte membrane protein.[324,337,345] In this interaction, PF4 through the erythrocyte Duffy-Ag receptor for chemokines induces the disruption of the parasite digestive vacuoles and plasmodial killing without RBC lysis[324,344,346,347] (Fig. 5C, left panel).

Platelets also have antiparasitic effects against *T. cruzi* and schistosomes evidenced by increased parasitemia in platelet-depleted mice.[348,349] Specific IgE Abs and platelet FcεR participate in platelet-mediated cytotoxicity against these parasites[325,326] (Fig. 5C, middle and right panel). Platelets exposed to serum from chronic chagasic patients had increased cytotoxic activity against *T. cruzi* trypomastigotes in vitro.[350] Besides, anti-*T. cruzi* immune serum or purified IgG from *T. cruzi*-infected mice induce platelet clumping with consequent parasite lysis, which was impaired in the absence of C3.[350] Therefore, Ab-mediated platelet antiparasitic effects may involve complement activation. Other serum components implicated in platelet-mediated parasite killing are CRP,[327] TNF-α, and TNF-β.[351] There is a significant increase in serum CRP in rats infected with *S. mansoni*.[327] Platelets activated with CRP-containing serum have greater cytotoxic activity than with CRP-depleted serum, and transfusing CRP-stimulated platelets protect rats from subsequent schistosome infection.[327] Platelets also exhibit enhanced cytotoxicity to schistosomula following exposure to recombinant TNF-α or -β, and passive transfer of TNF-stimulated platelets reduces the worm burden up to 65%.[351]

Despite their participation in defense, platelet adhesion to schistosome eggs contributes to their attachment to the endothelium, facilitating their extravasation and liver pathology.[352] Moreover, adhesive properties of schistosome outer surfaces differ dramatically in the different life-cycle stages. Mature adult worms are unable to support platelet adhesion and have evasion mechanisms that inhibit platelet activation.[352] The schistosome tegumental ATP diphospho-

hydrolase, for example, inhibit platelet-mediated killing by degrading host inflammatory and prothrombotic signals as ATP and ADP.[353] Adversely, a scape mechanism of *T. cruzi* involves the synthesis of a parasite lysophosphatidylcholine ($_{TC}$LPC) with PAF-like activity.[354,355] This lipid stimulates epimastigotes differentiation into metacyclic trypomastigotes and induces platelet aggregation through PAFR.[354,355]

These evidence demonstrate platelets' participation in beneficial and harmful responses in parasite infections. The contribution of $_{TC}$LPC in platelet-mediated inflammation during Chagas disease, as well as the participation of RBC-derived DAMPs and classical malarial PAMPs as hemozoin,[356] glycosylphosphatidylinositol anchors,[357] and plasmodial DNA[358] in platelet activation during malaria remain to be determined. New studies are still necessary to understand the signaling pathways and effector responses induced by platelet innate immune receptors in parasite infections.

7 | PLATELET INNATE IMMUNE RECEPTORS IN CANCER

Cancers are complex microenvironments composed of different cell types, including vascular cells, leukocytes, and matrix-producing fibroblasts.[359,360] Platelets have major roles in tumor microenvironment development and tumor progression.[361,362] Cancer patients present a hypercoagulability state with elevated risk for thromboembolic events.[363,364] While increased platelet counts are associated with poor prognosis, thrombocytopenia has been related to protection against metastasis and death.[365–367] These evidence suggest that platelets play crucial roles in cancer pathogenesis. In this section, we focus on platelet immune receptors in direct interactions with tumor cells and their contributions to tumor microenvironment development (Fig. 6A).

Tumor cells interact with and influence platelet physiology, while activated platelets reciprocally participate in tumor growth and invasion.[368–370] Diverse human carcinoma cell lines promote platelet aggregation in co-culture.[371–373] Beyond platelet aggregation, platelet-tumor cell interaction induces thrombin and TXA_2 generation[374–376] and secretion of granule-stored mediators, including growth factors of major importance for tumor development.[377,378] Accordingly, platelet depletion reduces vessel density and tumor perfusion, increasing primary tumor hemorrhage and preventing metastasis in a melanoma model.[379,380] Tumoral hemorrhage in thrombocytopenic mice is reversed by transfusion of resting, but not degranulated platelets, indicating that platelet stored factors contribute to tumor vascular stability.[380] Thus, platelet activation in tumor stroma may support tumor development by maintaining vascular stability and inducing angiogenesis (Fig. 6A).

Platelets are a rich source of angiogenic factors as platelet-derived growth factor (PDGF), TGF-β, and vascular endothelial growth factor (VEGF).[378,381,382] In healthy individuals and cancer patients, platelets are the major source of VEGF, contributing to >80% of the circulating levels.[383,384] Platelet-derived VEGF stimulates new blood vessel formation and supports oxygen and nutrients diffusion for tumor growth.[378] Platelets are also the largest storage of TGF-β, a critical cytokine for tumor development.[385,386] Platelet-specific TGF-β knockout damps the invasiveness of mesenchymal-like tumor cells and lung metastasis in mice.[386] This epithelial-mesenchymal transition is characteristic of early tumor migration and is supported by platelet-derived TGF-β in many metastatic murine models.[386–388] Platelets also have crucial roles in leukocyte recruitment to metastatic sites.[389,390] Platelet-tumor cell interaction triggers platelet chemokines secretion, including SDF-1α, a critical factor in leukocyte recruitment into tumor microenvironment.[390,391] Platelet-derived SDF-1α is also critical for migration of $CXCR4^+$ tumor cells and directly stimulates their growth.[391] However, the mechanisms of platelet activation in tumor stroma remain poorly characterized, even though innate immune receptors are involved (Fig. 6A).

TLR4 directly mediates platelet interaction with HMGB1-expressing tumor cells.[392] TLR4-deficient platelets have reduced adhesion to carcinoma cells compared to wild-type. Interaction with TLR4-deficient platelets induces lower TGF-β secretion and reduced invasiveness of carcinoma cell lines.[392] These TLR4-dependent platelet responses were dumped by HMGB1 neutralization in vitro and in vivo.[392] Studies regarding the participation of other platelet TLRs in cancer are still needed. Another PRR involved in tumor development and cancer-associated mortality is NLRP3. In a murine model of pancreatic cancer, platelet NLRP3 signaling is up-regulated promoting platelet activation and aggregation.[89] Transfusion of NLRP3-deficient platelets after platelet depletion improved the survival of wild-type mice to pancreatic cancer compared to animals receiving wild-type platelets.[89] Nevertheless, the triggers of NLRP3-induced platelet responses in this model remain unknown.

Platelet activation through the ITAM receptors CLEC2 and GPVI also participate in cancer pathogenesis.[393,394] Podoplanin-positive tumor cells induce platelet aggregation and secretion of PDGF and TGF-β through CLEC2 activation,[387,395] supporting tumor cell proliferation and epithelial-mesenchymal transition. In a melanoma murine model, platelet-fibrin(ogen) microthrombi and platelet adhesion to tumor microvasculature are abrogated by anti-CLEC2 Abs, demonstrating CLEC2-mediated intratumoral thrombosis.[395] These podoplanin-expressing tumor cells have increased capacity of lung metastasis, which is inhibited in CLEC2-deficient mice.[387,394,395] Thus, podoplanin-CLEC2-mediated aggregation facilitates tumor embolization, tumor cells extravasation, and metastasis. Similarly, GPVI deficiency reduces tumor metastasis in the lungs during melanoma, colon, breast, and Lewis lung carcinoma models.[396,397] Anti-GPVI Abs inducing either platelet depletion or GPVI functional inhibition induce tumor hemorrhage and decrease primary tumor growth.[393] Accordingly, traditional chemotherapy combined with GPVI inhibition increase intratumoral deposition of the chemotherapeutic agents and reduced prostate and mammary tumors in mice.[393] Thus, platelets emerge as a potential strategy of antitumor co-therapy.

Aside from their roles in chemotaxis and angiogenesis, platelets shield circulating tumor cells from blood shear stress and immunosurveillance, supporting tumor metastasis[398–400] (Fig. 6B). Adhered platelets form a physical shield around circulating tumor cells that

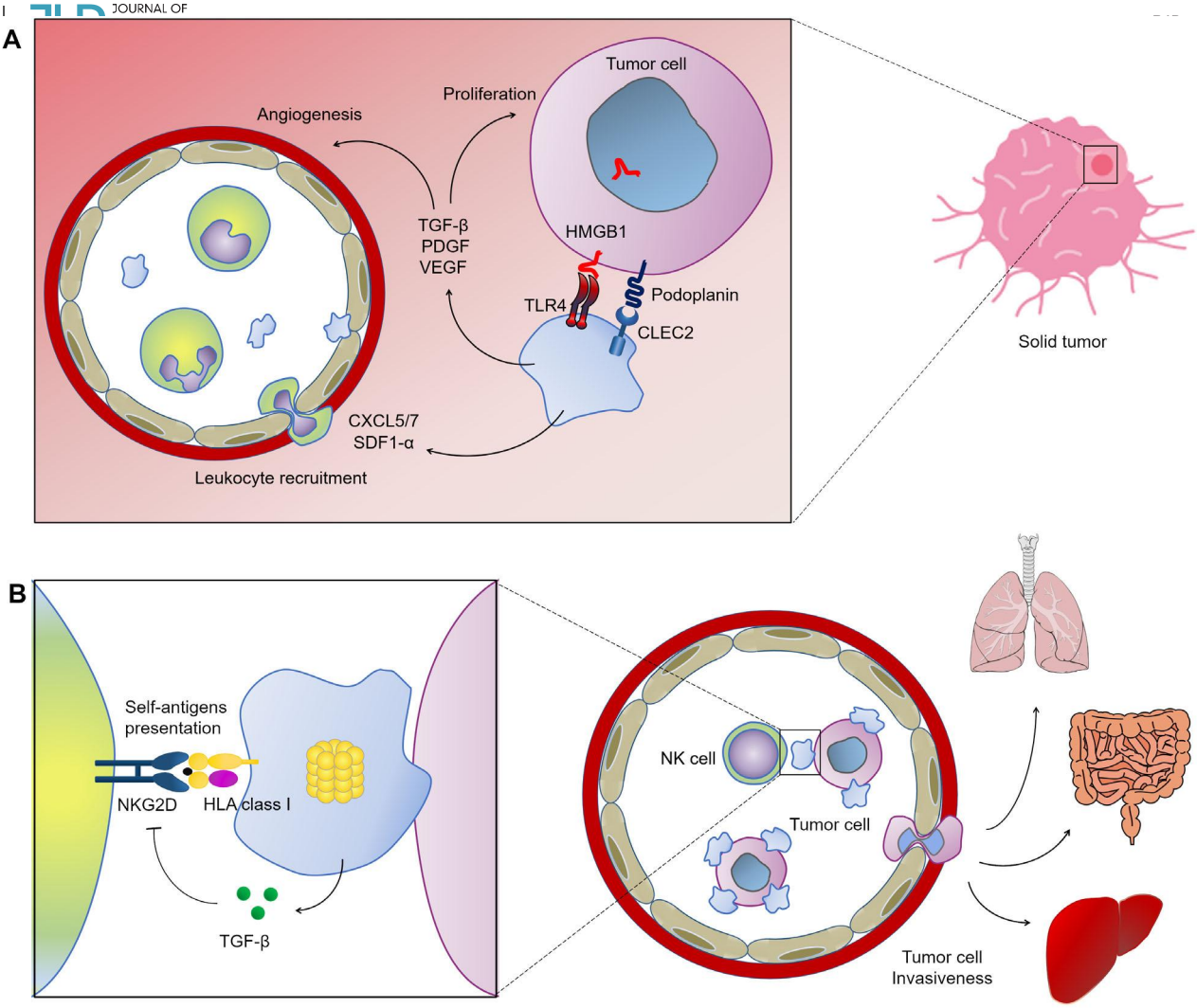


FIGURE 6 **Innate immune receptors in platelets and platelet-leukocyte aggregates participate in tumor development and metastasis. (A)** Platelets in contact with solid tumors become activated through TLR4 engagement of tumor-derived HMGB1, and CLEC2 interaction with podoplanin-expressing tumor cells. Activated platelets secrete chemokines and growth factors that support tumor microenvironment development by inducing proliferation, angiogenesis and leukocyte infiltration. **(B)** Platelets also aggregate with circulating tumor cells and protect them from immunosurveillance by presenting self-Ags to NK cells, which confers a pseudonormal phenotype to platelet-tumor cell aggregates and support metastasis

impair NK cell cytotoxic activity.[398,399] Platelet-tumor cell interaction confers platelet HLA class I molecules to circulating tumor cells, thereby preventing NK cell-mediated destruction.[400] Furthermore, platelet-derived TGF-β1 down-regulates NKG2D on NK cells, leading to decreased NK cell cytotoxicity and IFN-γ production, important antitumor effector functions.[401] Altogether, these evidence show platelet participation in cancer pathophysiology by supporting both tumor microenvironment development and metastasis.

8 | CONCLUSION

Platelets are dynamic and crucial cells for prothrombotic and proinflammatory processes in different pathological conditions. We compiled reports of platelet responses to infectious and immunoinflammatory stimuli through several mechanisms involving innate immune receptors. As discussed above, platelet activation through PRRs influences the secretion of stored and newly synthesized mediators and complex interactions with leukocytes either in the vasculature or the extravascular space. These platelet features may have beneficial or harmful immune functions and directly affect infectious diseases, sterile inflammation, thrombosis, and cancer. Therefore, a better understanding of immunoregulatory abilities of innate immune receptors on platelets will improve the knowledge on platelet contributions to a wide range of pathologies, as well as therapeutic strategies and clinical management.

AUTHORSHIP

P.R.B.D., A.C.Q.-T., L.B.M., M.B.M.P., S.V.R., and F.B.A. wrote the manuscript draft. P.R.B.D. and E.D.H. drew the figures. E.D.H. designed

the review article, edited, and revised the manuscript. All authors discussed the concepts.

ACKNOWLEDGMENTS

The authors thank the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) and the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) for the funding support.

DISCLOSURE

The authors declare no conflict of interest.

ORCID

Eugenio Damaceno Hottz https://orcid.org/0000-0002-2201-1742

REFERENCES

1. Versteeg HH, Heemskerk JWM, Levi M, Reitsma PH. New fundamentals in hemostasis. *Physiol Rev*. 2013;93:327-358.
2. van der Meijden PEJ, Heemskerk JWM. Platelet biology and functions: new concepts and clinical perspectives. *Nat Rev Cardiol*. 2019;16:166-179.
3. Semple JW, Italiano JE, Freedman J. Platelets and the immune continuum. *Nat Rev Immunol*. 2011;11:264-174.
4. Vieira-de-Abreu A, Campbell RA, Weyrich AS, Zimmerman GA. Platelets: versatile effector cells in hemostasis, inflammation, and the immune continuum. *Semin Immunopathol*. 2012;34:5-30.
5. Garraud O, Cognasse F. Are platelets cells? And if yes, are they immune cells?. *Front Immunol*. 2015;6:70.
6. Moroi M, Jung SM, Shinmyozu K, Tomiyama Y, Ordinas A, Diaz-Ricart M. Analysis of platelet adhesion to a collagen-coated surface under flow conditions: the involvement of glycoprotein VI in the platelet adhesion. *Blood*. 1996;88:2081-2092.
7. Savage B, Saldívar E, Ruggeri ZM. Initiation of platelet adhesion by arrest onto fibrinogen or translocation on von Willebrand factor. *Cell*. 1996;84:289-297.
8. Nesbitt WS, Kulkarni S, Giuliano S, et al. Distinct glycoprotein Ib/V/IX and integrin αIIbβ3-dependent calcium signals cooperatively regulate platelet adhesion under flow. *J Biol Chem*. 2002;277:2965-2972.
9. McFadyen JD, Jackson SP. Differentiating haemostasis from thrombosis for therapeutic benefit. *Thromb Haemost*. 2013;110:859-867.
10. Jin J, Daniel JL, Kunapuli SP. Molecular basis for ADP-induced platelet activation: II. The P2Y1 receptor mediates ADP-induced intracellular calcium mobilization and shape change in platelets. *J Biol Chem*. 1998;273:2030-2034.
11. Li Z, Delaney MK, O'Brien KA, Du X. Signaling during platelet adhesion and activation. *Arterioscler Thromb Vasc Biol*. 2010;30:2341-2349.
12. Linden MD. Platelet physiology. In: Monagle P, ed. *Haemostasis Methods in Molecular Biology (Methods and Protocols)*. New York, NY: Humana Press; 2013:13-30.
13. Hottz ED, Oliveira MF, Nunes PCG, et al. Dengue induces platelet activation, mitochondrial dysfunction and cell death through mechanisms that involve DC-SIGN and caspases. *J Thromb Haemost*. 2013;11:951-962.
14. Koupenova M, Vitseva O, MacKay CR, et al. Platelet-TLR7 mediates host survival and platelet count during viral infection in the absence of platelet-dependent thrombosis. *Blood*. 2014;124:791-802.
15. Vogel S, Arora T, Wang X, et al. The platelet NLRP3 inflammasome is upregulated in sickle cell disease via HMGB1/TLR4 and Bruton tyrosine kinase. *Blood Adv*. 2018;2:2672-2680.
16. Denis MM, Tolley ND, Bunting M, et al. Escaping the nuclear confines: signal-dependent pre-mRNA splicing in anucleate platelets. *Cell*. 2005;122:379-391.
17. Brown GT, Narayanan P, Li W, Silverstein RL, McIntyre TM. Lipopolysaccharide stimulates platelets through an IL-1β autocrine loop. *J Immunol*. 2013;191:5196-5203.
18. Pabla R, Weyrich AS, Dixon DA, et al. Integrin-dependent control of translation: engagement of integrin α(IIb)β3 regulates synthesis of proteins in activated human platelets. *J Cell Biol*. 1999;144:175-184.
19. Kraemer BF, Campbell RA, Schwertz H, et al. Novel anti-bacterial activities of β-defensin 1 in human platelets: suppression of pathogen growth and signaling of neutrophil extracellular trap formation. *PLoS Pathog*. 2011;7:e1002355. DeLeo FR, editor.
20. Schwertz H, Tolley ND, Foulks JM, et al. Signal-dependent splicing of tissue factor pre-mRNA modulates the thrombogenecity of human platelets. *J Exp Med*. 2006;203:2433-2440.
21. Von Hundelshausen P, Weber KSC, Huo Y, et al. RANTES deposition by platelets triggers monocyte arrest on inflamed and atherosclerotic endothelium. *Circulation*. 2001;103:1772-1777.
22. Gudbrandsdottir S, Hasselbalch HC, Nielsen CH. Activated platelets enhance IL-10 secretion and reduce TNF-α secretion by monocytes. *J Immunol*. 2013;191:4059-4067.
23. Etulain J, Martinod K, Wong SL, Cifuni SM, Schattner M, Wagner DD. P-selectin promotes neutrophil extracellular trap formation in mice. *Blood*. 2015;126:242-246.
24. Golebiewska EM, Poole AW. Platelet secretion: from haemostasis to wound healing and beyond. *Blood Rev*. 2015;29:153-162.
25. Olumuyiwa-Akeredolu OO, MJ Page, Soma P, Pretorius E. Platelets: emerging facilitators of cellular crosstalk in rheumatoid arthritis. *Nat Rev Rheumatol*. 2019;15:237-248.
26. Lê VB, Schneider JG, Boergeling Y, et al. Platelet activation and aggregation promote lung inflammation and influenza virus pathogenesis. *Am J Respir Crit Care Med*. 2015;191:804-819.
27. Middleton EA, Weyrich AS, Zimmerman GA. Platelets in pulmonary immune responses and inflammatory lung diseases. *Physiol Rev*. 2016;96:1211-1259.
28. Yaron M, Djaldetti M. Platelets in synovial fluid. *Arthritis Rheum*. 1978;21:607-608.
29. Farr M, Wainwright A, Salmon M, Hollywell CA, Bacon PA. Platelets in the synovial fluid of patients with rheumatoid arthritis. *Rheumatol Int*. 1984;4:13-17.
30. Yan M, Jurasz P. The role of platelets in the tumor microenvironment: from solid tumors to leukemia. *Biochim Biophys Acta - Mol Cell Res*. 2016;1863:392-400.
31. Chao C-H, Wu W-C, Lai Y-C, et al. Dengue virus nonstructural protein 1 activates platelets via Toll-like receptor 4, leading to thrombocytopenia and hemorrhage. *PLOS Pathog*. 2019;15:e1007625. Kuhn RJ, editor.
32. Anabel A-S, Eduardo P-C, Pedro Antonio H-C, et al. Human platelets express Toll-like receptor 3 and respond to poly I:c. *Hum Immunol*. 2014;75:1244-1251.
33. Zakeri A, Russo M. Dual role of Toll-like Receptors in human and experimental asthma models. *Front Immunol*. 2018;9:1027.
34. Shiraki R, Inoue N, Kawasaki S, et al. Expression of Toll-like receptors on human platelets. *Thromb Res*. 2004;113:379-385.
35. Koessler J, Niklaus M, Weber K, et al. The role of human platelet preparation for Toll-like receptors 2 and 4 related platelet responsiveness. *TH Open*. 2019;3:94-102.
36. Zhang G, Han J, Welch EJ, et al. Lipopolysaccharide stimulates platelet secretion and potentiates platelet aggregation via TLR4/MyD88 and the cGMP-dependent protein kinase pathway. *J Immunol*. 2009;182:7997-8004.

37. Cognasse F, Hamzeh-Cognasse H, Lafarge S, et al. Toll-like receptor 4 ligand can differentially modulate the release of cytokines by human platelets. *Br J Haematol*. 2008;141:84-91.
38. Damien P, Cognasse F, Eyraud M-A, et al. LPS stimulation of purified human platelets is partly dependent on plasma soluble CD14 to secrete their main secreted product, soluble-CD40-Ligand. *BMC Immunol*. 2015;16:3.
39. Berthet J, Damien P, Hamzeh-Cognasse H, et al. Human platelets can discriminate between various bacterial LPS isoforms via TLR4 signaling and differential cytokine secretion. *Clin Immunol*. 2012;145:189-200.
40. Shashkin PN, Brown GT, Ghosh A, Marathe GK, McIntyre TM. Lipopolysaccharide is a direct agonist for platelet RNA splicing. *J Immunol*. 2008;181:3495-3502.
41. Hachem A, Yacoub D, Zaid Y, Mourad W, Merhi Y. Involvement of nuclear factor κB in platelet CD40 signaling. *Biochem Biophys Res Commun*. 2012;425:58-63.
42. Lannan KL, Sahler J, Kim N, et al. Breaking the mold: transcription factors in the anucleate platelet and platelet-derived microparticles. *Front Immunol*. 2015;6:48.
43. Gambaryan S, Kobsar A, Rukoyatkina N, et al. Thrombin and collagen induce a feedback inhibitory signaling pathway in platelets involving dissociation of the catalytic subunit of protein kinase a from an NFκB-IκB complex. *J Biol Chem*. 2010;285:18352-18363.
44. Unsworth AJ, Flora GD, Gibbins JM. Non-genomic effects of nuclear receptors: insights from the anucleate platelet. *Cardiovasc Res*. 2018;114:645-655.
45. Trugilho MRdO, Hottz ED, Brunoro GVF, et al. Platelet proteome reveals novel pathways of platelet activation and platelet-mediated immunoregulation in dengue. *PLoS Pathog*. 2017;13:e1006385.
46. Semeraro F, Ammollo CT, Morrissey JH, et al. Extracellular histones promote thrombin generation through platelet-dependent mechanisms: involvement of platelet TLR2 and TLR4. *Blood*. 2011;118:1952-1961.
47. Carestia A, Rivadeneyra L, Romaniuk MA, Fondevila C, Negrotto S, Schattner M. Functional responses and molecular mechanisms involved in histone-mediated platelet activation. *Thromb Haemost*. 2013;110:1035-1045.
48. Vogel S, Bodenstein R, Chen Q, et al. Platelet-derived HMGB1 is a critical mediator of thrombosis. *J Clin Invest*. 2015;125:4638-4654.
49. Yang X, Wang H, Zhang M, Liu J, Lv B, Chen F. HMGB1: a novel protein that induced platelets active and aggregation via Toll-like receptor-4, NF-κB and cGMP dependent mechanisms. *Diagn Pathol*. 2015;10:1-14.
50. Quirino-Teixeira AC, Rozini SV, Barbosa-Lima G, et al. Inflammatory signaling in dengue-infected platelets requires translation and secretion of nonstructural protein 1. *Blood Adv*. 2020;4:2018-2031.
51. D'Atri LP, Schattner M. Platelet toll-like receptors in thromboinflammation. *Front Biosci*. 2017;22:1867-1883.
52. Rex S, Beaulieu LM, Perlman DH, et al. Immune versus thrombotic stimulation of platelets differentially regulates signalling pathways, intracellular protein-protein interactions, and alpha-granule release. *Thromb Haemost*. 2009;102:97-110.
53. Blair P, Rex S, Vitseva O, et al. Stimulation of Toll-like receptor 2 in human platelets induces a thromboinflammatory response through activation of phosphoinositide 3-kinase. *Circ Res*. 2009;104:346-354.
54. Fälker K, Klarström-Engström K, Bengtsson T, Lindahl TL, Grenegård M. The toll-like receptor 2/1 (TLR2/1) complex initiates human platelet activation via the src/Syk/LAT/PLCγ2 signalling cascade. *Cell Signal*. 2014;26:279-286.
55. Klarström Engström K, Brommesson C, Kälvegren H, Bengtsson T. Toll like receptor 2/1 mediated platelet adhesion and activation on bacterial mimetic surfaces is dependent on src/Syk-signaling and purinergic receptor P2X1 and P2Y12 activation. *Biointerphases*. 2014;9:041003.
56. Biswas S, Xin L, Panigrahi S, et al. Novel phosphatidylethanolamine derivatives accumulate in circulation in hyperlipidemic ApoE-/- mice and activate platelets via TLR2. *Blood*. 2016;127:2618-2629.
57. Biswas S, Zimman A, Gao D, Byzova T V, Podrez EA. TLR2 plays a key role in platelet hyperreactivity and accelerated thrombosis associated with hyperlipidemia. *Circ Res*. 2017;121:951-962.
58. Assinger A, Kral JB, Yaiw KC, et al. Human cytomegalovirus–platelet interaction triggers Toll-like receptor 2–dependent proinflammatory and proangiogenic responses. *Arterioscler Thromb Vasc Biol*. 2014;34:801-809.
59. Liu X, Liu H, Luo X, et al. Strains of group B streptococci from septic patients induce platelet activation via Toll-like receptor 2. *Clin Exp Pharmacol Physiol*. 2017;44:335-343.
60. Crozat K, Beutler B. TLR7: a new sensor of viral infection. *Proc Natl Acad Sci USA*. 2004;101:6835-6836.
61. Lund JM, Alexopoulou L, Sato A, et al. Recognition of single-stranded RNA viruses by Toll-like receptor 7. *Proc Natl Acad Sci USA*. 2004;101:5598-5603.
62. Hemmi H, Takeuchi O, Kawai T, et al. A Toll-like receptor recognizes bacterial DNA. *Nature*. 2000;408:740-745.
63. Alexopoulou L, Holt AC, Medzhitov R, Flavell RA. Recognition of double-stranded RNA and activation of NF-κB by Toll-like receptor 3. *Nature*. 2001;413:732-738.
64. Koupenova M, Corkrey HA, Vitseva O, et al. The role of platelets in mediating a response to human influenza infection. *Nat Commun*. 2019;10:1780.
65. Cognasse F, Hamzeh H, Chavarin P, Acquart S, Genin C, Garraud O. Evidence of Toll-like receptor molecules on human platelets. *Immunol Cell Biol*. 2005;83:196-198.
66. Thon JN, Peters CG, Machlus KR, et al. T granules in human platelets function in TLR9 organization and signaling. *J Cell Biol*. 2012;198:561-574.
67. Aslam R, Speck ER, Kim M, et al. Platelet Toll-like receptor expression modulates lipopolysaccharide-induced thrombocytopenia and tumor necrosis factor-alpha production in vivo. *Blood*. 2006;107:637-641.
68. Hally KE, La Flamme AC, Larsen PD, Harding SA. Toll-like receptor 9 expression and activation in acute coronary syndrome patients on dual anti-platelet therapy. *Thromb Res*. 2016;148:89-95.
69. Panigrahi S, Ma Y, Hong L, et al. Engagement of platelet toll-like receptor 9 by novel endogenous ligands promotes platelet hyperreactivity and thrombosis. *Circ Res*. 2013;112:103-112.
70. Monteiro J, Lepenies B. Myeloid C-type lectin receptors in viral recognition and antiviral immunity. *Viruses*. 2017;9:59.
71. Rayes J, Watson SP, Nieswandt B. Functional significance of the platelet immune receptors GPVI and CLEC-2. *J Clin Invest*. 2019;129:12-23.
72. Osada M, Inoue O, Ding G, et al. Platelet activation receptor CLEC-2 regulates blood/lymphatic vessel separation by inhibiting proliferation, migration, and tube formation of lymphatic endothelial cells. *J Biol Chem*. 2012;287:22241-22252.
73. Suzuki-Inoue K, Inoue O, Ding G, et al. Essential in vivo roles of the C-type lectin receptor CLEC-2: embryonic/neonatal lethality of CLEC-2-deficient mice by blood/lymphatic misconnections and impaired thrombus formation of CLEC-2-deficient platelets. *J Biol Chem*. 2010;285:24494-25507.
74. Payne H, Ponomaryov T, Watson SP, Brill A. Mice with a deficiency in CLEC-2 are protected against deep vein thrombosis. *Blood*. 2017;129:2013-2020.
75. Sung P-S, Huang T-F, Hsieh S-L. Extracellular vesicles from CLEC2-activated platelets enhance dengue virus-induced lethality via CLEC5A/TLR2. *Nat Commun*. 2019;10:2402.

76. Chaipan C, Soilleux EJ, Simpson P, Hofmann H, Gramberg T, Marzi A, et al. DC-SIGN and CLEC-2 mediate human immunodeficiency virus type 1 capture by platelets. *J Virol*. 2006;80:8951-8960.
77. Boukour S, Massé JM, Bénit L, Dubart-Kupperschmitt A, Cramer EM. Lentivirus degradation and DC-SIGN expression by human platelets and megakaryocytes. *J Thromb Haemost*. 2006;4:426-435.
78. Simon AY, Sutherland MR, Pryzdial ELG. Dengue virus binding and replication by platelets. *Blood*. 2015;126:378-385.
79. Xin G, Wei Z, Ji C, et al. Xanthohumol isolated from Humulus lupulus prevents thrombosis without increased bleeding risk by inhibiting platelet activation and mtDNA release. *Free Radic Biol Med*. 2017;108:247-257.
80. Huang W, Xin G, Wei Z, et al. Metformin uniquely prevents thrombosis by inhibiting platelet activation and mtDNA release. *Sci Rep*. 2016;6:36222.
81. Zhang S, Zhang S, Hu L, et al. Nucleotide-binding oligomerization domain 2 receptor is expressed in platelets and enhances platelet activation and thrombosis. *Circulation*. 2015;131:1160-1170.
82. Hottz ED, Bozza FA, Bozza PT. Platelets in immune response to virus and immunopathology of viral infections. *Front Med*. 2018;5:121.
83. Hottz ED, Lopes JF, Freitas C, et al. Platelets mediate increased endothelium permeability in dengue through NLRP3-inflammasome activation. *Blood*. 2013;122:3405-3414.
84. Shi J, Zhao Y, Wang K, et al. Cleavage of GSDMD by inflammatory caspases determines pyroptotic cell death. *Nature*. 2015;526:660-665.
85. Agostini L, Martinon F, Burns K, McDermott MF, Hawkins PN, Tschopp J. NALP3 forms an IL-1β-processing inflammasome with increased activity in Muckle-Wells autoinflammatory disorder. *Immunity*. 2004;20:319-325.
86. Vogel S, Murthy P, Cui X, Lotze MT, Zeh HJ, Sachdev U. TLR4-dependent upregulation of the platelet NLRP3 inflammasome promotes platelet aggregation in a murine model of hindlimb ischemia. *Biochem Biophys Res Commun*. 2019;508:614-619.
87. Vats R, Brzoska T, Bennewitz MF, et al. Platelet extracellular vesicles drive inflammasome-IL1β-dependent lung injury in sickle cell disease. *Am J Respir Crit Care Med*. 2020;201:33-46.
88. Qiao J, Wu X, Luo Q, et al. NLRP3 regulates platelet integrin αIIbβ3 outside-in signaling, hemostasis and arterial thrombosis. *Haematologica*. 2018;103:1568-1576.
89. Boone BA, Murthy P, Miller-Ocuin JL, et al. The platelet NLRP3 inflammasome is upregulated in a murine model of pancreatic cancer and promotes platelet aggregation and tumor growth. *Ann Hematol*. 2019;98:1603-1610.
90. Murthy P, Durco F, Miller-Ocuin JL, et al. The NLRP3 inflammasome and bruton's tyrosine kinase in platelets co-regulate platelet activation, aggregation, and in vitro thrombus formation. *Biochem Biophys Res Commun*. 2017;483:230-236.
91. Kim YK, Shin JS, Nahm MH. NOD-like receptors in infection, immunity, and diseases. *Yonsei Med J*. 2016;57:5-14.
92. Girardin SE, Boneca IG, Viala J, et al. NOD2 is a general sensor of peptidoglycan through muramyl dipeptide (MDP) detection. *J Biol Chem*. 2003;278:8869-8872.
93. Zhang J-M, An J. Cytokines, inflammation, and pain. *Int Anesthesiol Clin*. 2007;45:27-37.
94. Campbell RA, Schwertz H, Hottz ED, et al. Human megakaryocytes possess intrinsic antiviral immunity through regulated induction of IFITM3. *Blood*. 2019;133:2013-2026.
95. Limb GA, Webster L, Soomro H, Janikoun S, Shilling J. Platelet expression of tumour necrosis factor-alpha (TNF-α), TNF receptors and intercellular adhesion molecule-1 (ICAM-1) in patients with proliferative diabetic retinopathy. *Clin Exp Immunol*. 1999;118:213-218.
96. Davizon-Castillo P, McMahon B, Aguila S, et al. TNF-a–driven inflammation and mitochondrial dysfunction define the platelet hyperreactivity of aging. *Blood*. 2019;134:727-740.
97. Corsonello A, Perticone F, Malara A, et al. Leptin-dependent platelet aggregation in healthy, overweight and obese subjects. *Int J Obes*. 2003;27:566-573.
98. Beaulieu LM, Lin E, Mick E, et al. Interleukin 1 receptor 1 and interleukin 1β regulate megakaryocyte maturation, platelet activation, and transcript profile during inflammation in mice and humans. *Arterioscler Thromb Vasc Biol*. 2014;34:552-564.
99. Nakata M, Yada T, Soejima N, Maruyama I. Leptin promotes aggregation of human platelets via the long form of its receptor. *Diabetes*. 1999;48:426-529.
100. Bester J, Pretorius E. Effects of IL-1β, IL-6 and IL-8 on erythrocytes, platelets and clot viscoelasticity. *Sci Rep*. 2016;6:1-10.
101. Pozner RG, Ure AE, de Giusti CJ, et al. Junín virus infection of human hematopoietic progenitors impairs in vitro proplatelet formation and platelet release via a bystander effect involving type I IFN signaling. *PLoS Pathog*. 2010;6:1-14.
102. Negrotto S, De Giusti CJ, Lapponi MJ, et al. Expression and functionality of type I interferon receptor in the megakaryocytic lineage. *J Thromb Haemost*. 2011;9:2477-2485.
103. Yamane A, Nakamura T, Suzuki H, et al. Interferon-α2b - Induced thrombocytopenia is caused by inhibition of platelet production but not proliferation and endomitosis in human megakaryocytes. *Blood*. 2008;112:542-550.
104. Naylor C, Petri WA. Leptin regulation of immune responses. *Trends Mol Med*. 2016;22:88-98.
105. Lord GM. Leptin as a proinflammatory cytokine. *Contrib Nephrol*. 2006;151:151-164.
106. Giandomenico G, Dellas C, Czekay RP, Koschnick S, Loskutoff DJ. The leptin receptor system of human platelets. *J Thromb Haemost*. 2005;3:1042-1049.
107. Dellas C, Schäfer K, Rohm IK, et al. Leptin signalling and leptin-mediated activation of human platelets: importance of JAK2 and the phospholipases Cgamma2 and A2. *Thromb Haemost*. 2007;98:1063-1071.
108. Tran DQ, Andersson J, Wang R, Ramsey H, Unutmaz D, Shevach EM. GARP (LRRC32) is essential for the surface expression of latent TGF-β on platelets and activated FOXP3+ regulatory T cells. *Proc Natl Acad Sci USA*. 2009;106:13445-13450.
109. Abbonante V, Di Buduo CA, Gruppi C, et al. Thrombopoietin/TGF-β1 loop regulates megakaryocyte extracellular matrix component synthesis. *Stem Cells*. 2016;34:1123-1133.
110. Abi-Younes S, Si-Tahar M, Luster AD. The CC chemokines MDC and TARC induce platelet activation via CCR4. *Thromb Res*. 2001;101:279-289.
111. Borst O, Münzer P, Gatidis S, et al. The inflammatory chemokine CXC motif ligand 16 triggers platelet activation and adhesion via CXC motif receptor 6-dependent phosphatidylinositide 3-kinase/akt signaling. *Circ Res*. 2012;111:1297-1307.
112. Chatterjee M, Borst O, Walker B, et al. Macrophage migration inhibitory factor limits activation-induced apoptosis of platelets via CXCR7-dependent Akt signaling. *Circ Res*. 2014;115:939-949.
113. Chatterjee M, Seizer P, Borst O, et al. SDF-1α: induces differential trafficking of CXCR4-CXCR7 involving cyclophilin A, CXCR7 ubiquitination and promotes platelet survival. *FASEB J*. 2014;28:2864-2878.
114. Rath D, Chatterjee M, Holtkamp A, et al. Evidence of an interaction between TGF-β1 and the SDF-1/CXCR4/CXCR7 axis in human platelets. *Thromb Res*. 2016;144:79-84.
115. Clemetson KJ, Clemetson JM, Proudfoot AE, et al. Functional expression of CCR1, CCR3, CCR4, and CXCR4 chemokine receptors on human platelets. *Blood*. 2000;13:4046-54.
116. Koupenova M, Clancy L, Corkrey HA, Freedman JE. Circulating platelets as mediators of immunity, inflammation, and thrombosis. *Circ Res*. 2018;122:337-351.

117. Kral JB, Schrottmaier WC, Salzmann M, Assinger A. Platelet Interaction with innate immune cells. *Transfus Med Hemother*. 2016;43:78-88.
118. Clark SR, Ma AC, Tavener SA, et al. Platelet TLR4 activates neutrophil extracellular traps to ensnare bacteria in septic blood. *Nat Med*. 2007;13:463-469.
119. Bournazos S, Rennie J, Hart SP, Fox KAA, Dransfield I. Monocyte functional responsiveness after PSGL-1-mediated platelet adhesion is dependent on platelet activation status. *Arterioscler Thromb Vasc Biol*. 2008;28:1491-1498.
120. Gros A, Syvannarath V, Lamrani L, et al. Single platelets seal neutrophil-induced vascular breaches via GPVI during immune-complex-mediated inflammation in mice. *Blood*. 2015;126:1017-1026.
121. Yu C, Zhang S, Wang Y, Zhang S, Luo L, Thorlacius H. Platelet-derived CCL5 regulates CXC chemokine formation and neutrophil recruitment in acute experimental colitis. *J Cell Physiol*. 2016;231:370-376.
122. Rolfes V, Ribeiro LS, Hawwari I, et al. Platelets fuel the inflammasome activation of innate immune cells. *Cell Reports*. 2020;31(6):107615.
123. Moore KL, Stults NL, Diaz S, et al. Identification of a specific glycoprotein ligand for P-selectin (CD62) on myeloid cells. *J Cell Biol*. 1992;118:445-456.
124. Kling D, Stucki C, Kronenberg S, et al. Pharmacological control of platelet-leukocyte interactions by the human anti-P-selectin antibody inclacumab - Preclinical and clinical studies. *Thromb Res*. 2013;131:401-410.
125. Simon DI, Chen Z, Xu H, et al. Platelet glycoprotein Ibα is a counter-receptor for the leukocyte integrin Mac-1 (CD11b/CD18). *J Exp Med*. 2000;192:193-204.
126. Ehlers R, Ustinov V, Chen Z, et al. Targeting platelet-leukocyte interactions: identification of the integrin Mac-1 binding site for the platelet counter receptor glycoprotein Ibα. *J Exp Med*. 2003;198:1077-1088.
127. Flick MJ, LaJeunesse CM, Talmage KE, et al. Fibrin(ogen) exacerbates inflammatory joint disease through a mechanism linked to the integrin αMβ2 binding motif. *J Clin Invest*. 2007;117:3224-3235.
128. Patko Z, Csaszar A, Acsady G, Peter K, Schwarz M. Roles of Mac-1 and glycoprotein IIb/IIIa integrins in leukocyteplatelet aggregate formation: stabilization by Mac-1 and inhibition by GpIIb/IIIa blockers. *Platelets*. 2012;23:368-375.
129. Neumann FJ, Zohlnhöfer D, Fakhoury L, Ott I, Gawaz M, Schömig A. Effect of glycoprotein IIb/IIIa receptor blockade on platelet-leukocyte interaction and surface expression of the leukocyte integrin Mac-1 in acute myocardial infarction. *J Am Coll Cardiol*. 1999;34:1420-1146.
130. Stephen J, Emerson B, Fox KAA, Dransfield I. The uncoupling of monocyte–platelet interactions from the induction of proinflammatory signaling in monocytes. *J Immunol*. 2013;191:5677-5683.
131. Barbosa-Lima G, Hottz ED, Assis EF, et al. Dengue virus-activated platelets modulate monocyte immunometabolic response through lipid droplet biogenesis and cytokine signaling. *J Leukoc Biol*. 2020. In press.
132. Carestia A, Kaufman T, Rivadeneyra L, et al. Mediators and molecular pathways involved in the regulation of neutrophil extracellular trap formation mediated by activated platelets. *J Leukoc Biol*. 2016;99:153-162.
133. Marcus AJ, Safier LB, Ullman HL, et al. 12S,20-dihydroxyicosatetraenoic acid: a new icosanoid synthesized by neutrophils from 12S-hydroxyicosatetraenoic acid produced by thrombin- or collagen-stimulated platelets. *Proc Natl Acad Sci USA*. 1984;81:903-907.
134. Maugeri N, Evangelista V, Celardo A, et al. Polymorphonuclear leukocyte-platelet interaction: role of P-selectin in thromboxane B2 and leukotriene C4 cooperative synthesis. *Thromb Haemost*. 1994;72:450-456.
135. Marcus AJ, Safier LB, Ullman HL, et al. Platelet-neutrophil interactions. (12S)-hydroxyeicosatetraen-1,20-dioic acid: a new eicosanoid synthesized by unstimulated neutrophils from (12S)-20-dihydroxyeicosatetraenoic acid. *J Biol Chem*. 1988;263:2223-2229.
136. Hurley SM, Kahn F, Nordenfelt P, Mörgelin M, Sørensen OE, Shannon O. Platelet-dependent neutrophil function is dysregulated by M protein from *Streptococcus pyogenes*. *Infect Immun*. 2015;83:3515-3525.
137. Weyrich AS, Elstad MR, McEver RP, et al. Activated platelets signal chemokine synthesis by human monocytes. *J Clin Invest*. 1996;97:1525-1534.
138. Hottz ED, Medeiros-de-Moraes IM, Vieira-de-Abreu A, et al. Platelet activation and apoptosis modulate monocyte inflammatory responses in dengue. *J Immunol*. 2014;193:1864-1872.
139. Dixon DA, Tolley ND, Bemis-Standoli K, et al. Expression of COX-2 in platelet-monocyte interactions occurs via combinatorial regulation involving adhesion and cytokine signaling. *J Clin Invest*. 2006;116:2727-2738.
140. D'Mello C, Almishri W, Liu H, Swain MG. Interactions between platelets and inflammatory monocytes affect sickness behavior in mice with liver inflammation. *Gastroenterology*. 2017;153:1416-1428.e2.
141. Badrnya S, Schrottmaier WC, Kral JB, et al. Platelets mediate oxidized low-density lipoprotein-induced monocyte extravasation and foam cell formation. *Arterioscler Thromb Vasc Biol*. 2014;34:571-580.
142. Scull CM, Hays WD, Fischer TH. Macrophage pro-inflammatory cytokine secretion is enhanced following interaction with autologous platelets. *J Inflamm*. 2010;7:53.
143. Badlou BA, Ya PW, Smid WM, Akkerman JWN. Platelet binding and phagocytosis by macrophages. *Transfusion*. 2006;46:1432-1443.
144. Carestia A, Mena HA, Olexen CM, et al. Platelets promote macrophage polarization toward pro-inflammatory phenotype and increase survival of septic mice. *Cell Rep*. 2019;28:896-908.e5.
145. Pierre S, Linke B, Suo J, et al. GPVI and thromboxane receptor on platelets promote proinflammatory macrophage phenotypes during cutaneous inflammation. *J Invest Dermatol*. 2017;137:686-695.
146. Chatterjee M, von Ungern-Sternberg SNI, Seizer P, et al. Platelet-derived CXCL12 regulates monocyte function, survival, differentiation into macrophages and foam cells through differential involvement of CXCR4–CXCR7. *Cell Death Dis*. 2015;6:e1989.
147. Mehrpouri M, Bashash D, Mohammadi MH, Gheydari ME, Satlsar ES, Hamidpour M. Co-culture of platelets with monocytes induced M2 macrophage polarization and formation of foam cells: shedding light on the crucial role of platelets in monocyte differentiation. *Turkish J Haematol*. 2019;36:97-105.
148. Langer HF, Daub K, Braun G, et al. Platelets recruit human dendritic cells via Mac-1/JAM-C interaction and modulate dendritic cell function in vitro. *Arterioscler Thromb Vasc Biol*. 2007;27:1463-1470.
149. Elzey BD, Tian J, Jensen RJ, et al. Platelet-mediated modulation of adaptive immunity: a communication link between innate and adaptive immune compartments. *Immunity*. 2003;19:9-19.
150. Duffau P, Seneschal J, Nicco C, et al. Platelet CD154 potentiates interferon-secretion by plasmacytoid dendritic cells in systemic lupus erythematosus. *Sci Transl Med*. 2010;2:47ra63-47ra63.
151. Colberg L, Cammann C, Greinacher A, Seifert U. Structure and function of the ubiquitin-proteasome system in platelets. *J Thromb Haemost*;2020:14730.
152. Rowley JW, Oler AJ, Tolley ND, et al. Genome-wide RNA-seq analysis of human and mouse platelet transcriptomes. *Blood*. 2011;118:e101-e111.
153. Klockenbusch C, Walsh GM, Brown LM, et al. Global proteome analysis identifies active immunoproteasome subunits in human platelets. *Mol Cell Proteomics*. 2014;13:3308-3319.
154. Chapman LM, Aggrey AA, Field DJ, et al. Platelets present antigen in the context of MHC class I. *J Immunol*. 2012;189:916-923.

155. Shen H, Kreisel D, Goldstein DR. Processes of sterile inflammation. *J Immunol*. 2013;191:2857-2863.
156. Feldman N, Rotter-Maskowitz A, Okun E. DAMPs as mediators of sterile inflammation in aging-related pathologies. *Ageing Res Rev*. 2015;24:29-39.
157. Poston RN. Atherosclerosis: integration of its pathogenesis as a self-perpetuating propagating inflammation: a review. *Cardiovasc Endocrinol Metab*. 2019;8:51-61.
158. Aktar N, Qureshi NK, Ferdous HS. Obesity: a review of pathogenesis and management strategies in adult. *Delta Med Coll J*. 2017;5:35-48.
159. Sundd P, Gladwin MT, Novelli EM. Pathophysiology of sickle cell disease. *Annu Rev Pathol Mech Dis*. 2019;14:263-292.
160. Smolen JS, Aletaha D, McInnes IB. Rheumatoid arthritis. *Lancet*. 2016;388:2023-2038.
161. Förstermann U, Xia N, Li H. Roles of vascular oxidative stress and nitric oxide in the pathogenesis of atherosclerosis. *Circ Res*. 2017;120:713-735.
162. Falk E. Pathogenesis of atherosclerosis. *J Am Coll Cardiol*. 2006; 47:0-5.
163. Massberg S, Brand K, Grüner S, et al. A critical role of platelet adhesion in the initiation of atherosclerotic lesion formation. *J Exp Med*. 2002;196:887-896.
164. Huo Y, Schober A, Forlow SB, et al. Circulating activated platelets exacerbate atherosclerosis in mice deficient in apolipoprotein E. *Nat Med*. 2003;9:61-67.
165. Gerdes N, Seijkens T, Lievens D, et al. Platelet CD40 exacerbates atherosclerosis by transcellular activation of endothelial cells and leukocytes. *Arterioscler Thromb Vasc Biol*. 2016;36:482-490.
166. Lievens D, Zernecke A, Seijkens T, et al. Platelet CD40L mediates thrombotic and inflammatory processes in atherosclerosis. *Blood*. 2010;116:4317-4327.
167. Schober A, Manka D, Von Hundelshausen P, et al. Deposition of platelet RANTES triggering monocyte recruitment requires P-selectin and is involved in neointima formation after arterial injury. *Circulation*. 2002;106:1523-1529.
168. Koenen RR, Von Hundelshausen P, Nesmelova IV, et al. Disrupting functional interactions between platelet chemokines inhibits atherosclerosis in hyperlipidemic mice. *Nat Med*. 2009;15:97-103.
169. Braunersreuther V, Steffens S, Arnaud C, et al. A novel RANTES antagonist prevents progression of established atherosclerotic lesions in mice. *Arterioscler Thromb Vasc Biol*. 2008;28: 1090-1096.
170. Nassar T, Sachais BS, Akkawi S, et al. Platelet factor 4 enhances the binding of oxidized low-density lipoprotein to vascular wall cells. *J Biol Chem*. 2003;278:6187-6193.
171. Chen R, Chen X, Salomon RG, McIntyre TM. Platelet activation by low concentrations of intact oxidized LDL particles involves the PAF receptor. *Arterioscler Thromb Vasc Biol*. 2009;29:363-371.
172. Hatakeyama K, Kaneko MK, Kato Y, et al. Podoplanin expression in advanced atherosclerotic lesions of human aortas. *Thromb Res*. 2012;129:e70-e76.
173. Kalinina N, Agrotis A, Antropova Y, et al. Increased expression of the DNA-binding cytokine HMGB1 in human atherosclerotic lesions: role of activated macrophages and cytokines. *Arterioscler Thromb Vasc Biol*. 2004;24:2320-2325.
174. Chan H-C, Ke L-Y, Chu C-S, et al. Highly electronegative LDL is elevated in patients with acute myocardial infarction and triggers platelet activation and aggregation. *Circulation*. 2012;126: 3632-3642.
175. Yang M, Cooley BC, Li W, et al. Platelet CD36 promotes thrombosis by activating redox sensor ERK5 in hyperlipidemic conditions. *Blood*. 2017;129:2917-2927.
176. Marathe GK, Zimmerman GA, Prescott SM, McIntyre TM. Activation of vascular cells by PAF-like lipids in oxidized LDL. *Vascul Pharmacol*. 2002;38:193-200.
177. Marathe GK, Davies SS, Harrison KA, et al. Inflammatory platelet-activating factor-like phospholipids in oxidized low density lipoproteins are fragmented alkyl phosphatidylcholines. *J Biol Chem*. 1999;274:28395-28404.
178. Heger LA, Hortmann M, Albrecht M, et al. Inflammation in acute coronary syndrome: expression of TLR2 mRNA is increased in platelets of patients with ACS. *PLoS One*. 2019;14:1-18.
179. Gurses KM, Kocyigit D, Yalcin MU, et al. Enhanced platelet Toll-like receptor 2 and 4 expression in acute coronary syndrome and stable angina pectoris. *Am J Cardiol*. 2015;116:1666-1671.
180. Gurses KM, Kocyigit D, Yalcin MU, et al. Platelet Toll-like receptor and its ligand HMGB-1 expression is increased in the left atrium of atrial fibrillation patients. *Cytokine*. 2018;103:50-56.
181. McManus DD, Beaulieu LM, Mick E, et al. Relationship among circulating inflammatory proteins, platelet gene expression, and cardiovascular risk. *Arterioscler Thromb Vasc Biol*. 2013;33:2666-2673.
182. Hally KE, La Flamme AC, Larsen PD, Harding SA. Platelet Toll-like receptor (TLR) expression and TLR-mediated platelet activation in acute myocardial infarction. *Thromb Res*. 2017;158:8-15.
183. Ahrens I, Chen YC, Topcic D, et al. HMGB1 binds to activated platelets via the receptor for advanced glycation end products and is present in platelet rich human coronary artery thrombi. *Thromb Haemost*. 2015;114:994-1003.
184. Kanellakis P, Agrotis A, Kyaw TS, et al. High-Mobility Group Box Protein 1 neutralization reduces development of diet-induced atherosclerosis in apolipoprotein E-deficient mice. *Arterioscler Thromb Vasc Biol*. 2011;31:313-319.
185. Maugeri N, Campana L, Gavina M, et al. Activated platelets present high mobility group box 1 to neutrophils, inducing autophagy and promoting the extrusion of neutrophil extracellular traps. *J Thromb Haemost*. 2014;12:2074-2088.
186. Lindemann S, Tolley ND, Dixon DA, et al. Activated platelets mediate inflammatory signaling by regulated interleukin 1β synthesis. *J Cell Biol*. 2001;154:485-490.
187. Karczewski J, Śledzińska E, Baturo A, et al. Obesity and inflammation. *Eur Cytokine Netw*. 2018;29:83-94.
188. Goossens GH. The metabolic phenotype in obesity: fat mass, body fat distribution, and adipose tissue function. *Obes Facts*. 2017;10: 207-215.
189. Morange P-E, Alessi M-C. Thrombosis in central obesity and metabolic syndrome: mechanisms and epidemiology. *Thromb Haemost*. 2013;110:669-680.
190. Barrachina MN, Sueiro AM, Izquierdo I, et al. GPVI surface expression and signalling pathway activation are increased in platelets from obese patients: elucidating potential anti-atherothrombotic targets in obesity. *Atherosclerosis*. 2019;281:62-70.
191. Leite NRP, Siqueira de Medeiros M, Mury WV, et al. Platelet hyperaggregability in obesity: is there a role for nitric oxide impairment and oxidative stress?. *Clin Exp Pharmacol Physiol*. 2016;43:738-744.
192. Freedman JE, Larson MG, Tanriverdi K, et al. The relation of platelet and leukocyte inflammatory transcripts to body mass index in the Framingham Heart Study. *Circulation*. 2010;122:119-129.
193. Koupenova M, Mick E, Mikhalev E, Benjamin EJ, Tanriverdi K, Freedman JE. Sex differences in platelet Toll-like receptors and their association with cardiovascular risk factors. *Arterioscler Thromb Vasc Biol*. 2015;35:1030-1037.
194. Heffron SP, Marier C, Parikh M, Fisher EA, Berger JS. Severe obesity and bariatric surgery alter the platelet mRNA profile. *Platelets*. 2019;30:967-974.
195. Colas R, Sassolas A, Guichardant M, et al. LDL from obese patients with the metabolic syndrome show increased lipid peroxidation and activate platelets. *Diabetologia*. 2011;54:2931-2940.
196. Maachi M, Piéroni L, Bruckert E, et al. Systemic low-grade inflammation is related to both circulating and adipose tissue TNFα, leptin and IL-6 levels in obese women. *Int J Obes*. 2004;28:993-997.

197. Konstantinides S, Schäfer K, Loskutoff D. The prothrombotic effects of leptin: possible implications for the risk of cardiovascular disease in obesity. *Ann N Y Acad Sci*. 2001;947:134-142.
198. Harifi G, Sibilia J. Pathogenic role of platelets in rheumatoid arthritis and systemic autoimmune diseases: perspectives and therapeutic aspects. *Saudi Med J*. 2016;37:354-360.
199. Boilard E, Nigrovic PA, Larabee K, et al. Platelets amplify inflammation in arthritis via collagen-dependent microparticle production. *Science*. 2010;327:580-583.
200. Yazici S, Yazici M, Erer B, et al. The platelet indices in patients with rheumatoid arthritis: mean platelet volume reflects disease activity. *Platelets*. 2010;21:122-125.
201. Gasparyan AY, Stavropoulos-Kalinoglou A, Toms TE, Douglas KMJ, Kitas GD. Association of mean platelet volume with hypertension in rheumatoid arthritis. *Inflamm Allergy Drug Targets*. 2010;9:45-50.
202. Habets KLL, Trouw LA, Levarht EWN, et al. Anti-citrullinated protein antibodies contribute to platelet activation in rheumatoid arthritis. *Arthritis Res Ther*. 2015;17:209.
203. Pamuk GE, Ö Vural, Turgut B, Demir M, ÖN Pamuk, Çakir N. Increased platelet activation markers in rheumatoid arthritis: are they related with subclinical atherosclerosis?. *Platelets*. 2008;19:146-154.
204. Rong M, Wang C, Wu Z, et al. Platelets induce a proinflammatory phenotype in monocytes via the CD147 pathway in rheumatoid arthritis. *Arthritis Res Ther*. 2014;16:478.
205. van der Helm-van Mil AHM, Verpoort KN, Breedveld FC, Toes RE, Huizinga TWJ. Antibodies to citrullinated proteins and differences in clinical progression of rheumatoid arthritis. *Arthritis Res Ther*. 2005;7:R949-R958.
206. Stack JR, Madigan A, Helbert L, et al. Soluble glycoprotein VI, a specific marker of platelet activation is increased in the plasma of subjects with seropositive rheumatoid arthritis. *PLoS One*. 2017;12:e0188027.
207. Schmitt-Sody M, Metz P, Gottschalk O, et al. Platelet P-selectin is significantly involved in leukocyte-endothelial cell interaction in murine antigen-induced arthritis. *Platelets*. 2007;18:365-372.
208. Schmitt-Sody M, Metz P, Klose A, et al. In vivo interactions of platelets and leucocytes with the endothelium in murine antigen-induced arthritis: the role of P-selectin. *Scand J Rheumatol*. 2007;36:311-319.
209. Zhang D, Xu C, Manwani D, Frenette PS. Neutrophils, platelets, and inflammatory pathways at the nexus of sickle cell disease pathophysiology. *Blood*. 2016;127:801-809.
210. Lee SP, Ataga KI, Orringer EP, Phillips DR, Parise LV. Biologically active CD40 ligand is elevated in sickle cell anemia: potential role for platelet-mediated inflammation. *Arterioscler Thromb Vasc Biol*. 2006;26:1626-1631.
211. Kapoor S, Little JA, Pecker LH. Advances in the treatment of sickle cell disease. *Mayo Clin Proc*. 2018;93:1810-1824.
212. Villagra J, Shiva S, Hunter LA, Machado RF, Gladwin MT, Kato GJ. Platelet activation in patients with sickle disease, hemolysis-associated pulmonary hypertension, and nitric oxide scavenging by cell-free hemoglobin. *Blood*. 2007;110:2166-2172.
213. Nwankwo JO, Gremmel T, Gerrits AJ, et al. Calpain-1 regulates platelet function in a humanized mouse model of sickle cell disease. *Thromb Res*. 2017;160:58-65.
214. Figueiredo RT, Fernandez PL, Mourao-Sa DS, et al. Characterization of heme as activator of Toll-like receptor 4. *J Biol Chem*. 2007;282:20221-20229.
215. Francis RB. Elevated fibrin D-dimer fragment in sickle cell anemia: evidence for activation of coagulation during the steady state as well as in painful crisis. *Haemostasis*. 1989;19:105-111.
216. Nasimuzzaman M, Malik P. Role of the coagulation system in the pathogenesis of sickle cell disease. *Blood Adv*. 2019;3:3170-3180.
217. Famodu AA, Reid HL. Plasma fibrinogen levels in sickle cell disease. *Trop Geogr Med*. 1987;39:36-38.
218. Buseri FI, Shokunbi WA, Jeremiah ZA. Plasma fibrinogen levels in Nigerian homozygous (Hb SS) sickle cell patients. *Hemoglobin*. 2007;31:89-92.
219. Kahn ML, Nakanishi-Matsui M, Shapiro MJ, Ishihara H, Coughlin SR. Protease-activated receptors 1 and 4 mediate activation of human platelets by thrombin. *J Clin Invest*. 1999;103:879-887.
220. Whelihan MF, Lim MY, Mooberry MJ, et al. Thrombin generation and cell-dependent hypercoagulability in sickle cell disease. *J Thromb Haemost*. 2016;14:1941-1952.
221. Sparkenbaugh EM, Chen C, Brzoska T, et al. Thrombin activation of PAR-1 contributes to microvascular stasis in mouse models of sickle cell disease. *Blood*. 2020;135:1783-1787.
222. Brittain HA, Eckman JR, Swerlick RA, Howard RJ, Wick TM. Thrombospondin from activated platelets promotes sickle erythrocyte adherence to human microvascular endothelium under physiologic flow: a potential role for platelet activation in sickle cell vaso-occlusion. *Blood*. 1993;81:2137-2143.
223. Wun T, Paglieroni T, Field CL, et al. Platelet-erythrocyte adhesion in sickle cell disease. *J Investig Med*. 1999;47:121-127.
224. Tomer A, Harker LA, Kasey S, Eckman JR. Thrombogenesis in sickle cell disease. *J Lab Clin Med*. 2001;137:398-407.
225. Polanowska-Grabowska R, Wallace K, Field JJ, et al. P-selectin-mediated platelet-neutrophil aggregate formation activates neutrophils in mouse and human sickle cell disease. *Arterioscler Thromb Vasc Biol*. 2010;30:2392-2399.
226. Frelinger AL, Jakubowski JA, Brooks JK, et al. Platelet activation and inhibition in sickle cell disease (PAINS) study. *Platelets*. 2014;25:27-35.
227. Bennewitz MF, Tutuncuoglu E, Gudapati S, et al. P-selectin-deficient mice to study pathophysiology of sickle cell disease. *Blood Adv*. 2020;4:266-273.
228. Davila J, Manwani D, Vasovic L, et al. A novel inflammatory role for platelets in sickle cell disease. *Platelets*. 2015;26:726-729.
229. Wun T, Paglieroni T, Rangaswami A, et al. Platelet activation in patients with sickle cell disease. *Br J Haematol*. 1998;100:741-749.
230. Xu H, Wandersee NJ, Guo YH, et al. Sickle cell disease increases high mobility group box 1: a novel mechanism of inflammation. *Blood*. 2014;124:3978-3981.
231. Bennewitz MF, Jimenez MA, Vats R, et al. Lung vaso-occlusion in sickle cell disease mediated by arteriolar neutrophil-platelet microemboli. *JCI Insight*. 2017;2:e89761.
232. Zhang D, Chen G, Manwani D, et al. Neutrophil ageing is regulated by the microbiome. *Nature*. 2015;525:528-532.
233. Koren O, Spor A, Felin J, et al. Human oral, gut, and plaque microbiota in patients with atherosclerosis. *Proc Natl Acad Sci USA*. 2011;108:4592-4598.
234. Cani PD, Bibiloni R, Knauf C, et al. Changes in gut microbiota control metabolic endotoxemia-induced inflammation in high-fat diet-induced obesity and diabetes in mice. *Diabetes*. 2008;57:1470-1481.
235. Scaradavou A. HIV-related thrombocytopenia. *Blood Rev*. 2002;16:73-76.
236. Mourão MPG, Lacerda MVG, Macedo VO, Santos JB. Thrombocytopenia in patients with dengue virus infection in the Brazilian Amazon. *Platelets*. 2007;18:605-612.
237. de Stoppelaar SF, van 't Veer C, van der Poll T. The role of platelets in sepsis. *Thromb Haemost*. 2014;112:666-677.
238. Arif M, Jelia S, Meena S, et al. A study of thrombocytopenia in malaria and its prognostic significance. *Int J Res Med Sci*. 2016;4:2373-2378.
239. Guo L, Feng K, Wang YC, et al. Critical role of CXCL4 in the lung pathogenesis of influenza (H1N1) respiratory infection. *Mucosal Immunol*. 2017;10:1529-1541.

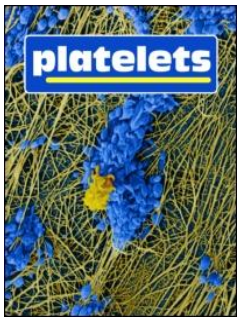
240. Guo L, Rondina MT. The era of thromboinflammation: platelets are dynamic sensors and effector cells during infectious diseases. *Front Immunol*. 2019;10:2204.
241. Seyoum M, Enawgaw B, Melku M. Human blood platelets and viruses: defense mechanism and role in the removal of viral pathogens. *Thromb J*. 2018;16:16.
242. Chabert A, Hamzeh-Cognasse H, Pozzetto B, et al. Human platelets and their capacity of binding viruses: meaning and challenges?. *BMC Immunol*. 2015;16:26.
243. Assinger A. Platelets and infection - an emerging role of platelets in viral infection. *Front Immunol*. 2014;5:649.
244. Flaujac C, Boukour S, Cramer-Bordé E. Platelets and viruses: an ambivalent relationship. *Cell Mol Life Sci*. 2010;67:545-556.
245. Ojha A, Nandi D, Batra H, et al. Platelet activation determines the severity of thrombocytopenia in dengue infection. *Sci Rep*. 2017;7:41697.
246. Youssefian T, Drouin A, Massé JM, Guichard J, Cramer EM. Host defense role of platelets: engulfment of HIV and *Staphylococcus aureus* occurs in a specific subcellular compartment and is enhanced by platelet activation. *Blood*. 2002;99:4021-4029.
247. Real F, Capron C, Sennepin A, et al. Platelets from HIV-infected individuals on antiretroviral drug therapy with poor CD4+ T cell recovery can harbor replication-competent HIV despite viral suppression. *Sci Transl Med*. 2020;12.
248. Noisakran S, Gibbons R V, Songprakhon P, et al. Detection of dengue virus in platelets isolated from dengue patients. *Southeast Asian J Trop Med Public Heal*. 2009;40:253-262.
249. Noisakran S, Chokephaibulkit K, Songprakhon P, et al. A re-evaluation of the mechanisms leading to dengue hemorrhagic fever. *Ann N Y Acad Sci*. 2009;1171:E24-E35.
250. Banerjee M, Huang Y, Joshi S, et al. Platelets endocytose viral particles and are activated via TLR (Toll-like receptor) signaling. *Arterioscler Thromb Vasc Biol*. 2020;40:1635-1650.
251. Maartens G, Celum C, Lewin SR. HIV infection: epidemiology, pathogenesis, treatment, and prevention. *Lancet*. 2014;384:258-271.
252. Marin B, Thiébaut R, Bucher HC, et al. Non-AIDS-defining deaths and immunodeficiency in the era of combination antiretroviral therapy. *AIDS*. 2009;23:1743-1753.
253. Goehringer F, Bonnet F, Salmon D, et al. Causes of death in HIV-infected individuals with immunovirologic success in a national prospective survey. *AIDS Res Hum Retroviruses*. 2017;33:187-193.
254. Hasse B, Ledergerber B, Furrer H, et al. Morbidity and aging in HIV-infected persons: the Swiss HIV cohort study. *Clin Infect Dis*. 2011;53:1130-1139.
255. Deng HK, Liu R, Ellmeier W, et al. Identification of a major co-receptor for primary isolates of HIV-1. *Nature*. 1996;381:661-666.
256. Turville SG, Cameron PU, Handley A, et al. Diversity of receptors binding HIV on dendritic cell subsets. *Nat Immunol*. 2002;3:975-983.
257. Geijtenbeek TBH, Kwon DS, Torensma R, et al. DC-SIGN, a dendritic cell-specific HIV-1-binding protein that enhances trans-infection of T cells. *Cell*. 2000;100:587-597.
258. Olinger GG, Saifuddin M, Spear GT. CD4-negative cells bind human immunodeficiency virus type 1 and efficiently transfer virus to T cells. *J Virol*. 2000;74:8550-8557.
259. Solomon Tsegaye T, Gnirß K, Rahe-Meyer N, et al. Platelet activation suppresses HIV-1 infection of T cells. *Retrovirology*. 2013;10:1-10.
260. Auerbach DJ, Lin Y, Miao H, Cimbro R, et al. Identification of the platelet-derived chemokine CXCL4/PF-4 as a broad-spectrum HIV-1 inhibitor. *Proc Natl Acad Sci USA*. 2012;109:9569-9574.
261. Coffey MJ, Woffendin C, Phare SM, Strieter RM, Markovitz DM. RANTES inhibits HIV-1 replication in human peripheral blood monocytes and alveolar macrophages. *Am J Physiol*. 1997;272:L1025-L1029.
262. Parker ZF, Rux AH, Riblett AM, et al. Platelet factor 4 inhibits and enhances HIV-1 infection in a concentration-dependent manner by modulating viral attachment. *AIDS Res Hum Retroviruses*. 2016;32:705-717.
263. Holme PA, Müller F, Solum NO, Brosstad F, Frøland SS, Aukrust P. Enhanced activation of platelets with abnormal release of RANTES in human immunodeficiency virus type 1 infection. *FASEB J*. 1998;12:79-90.
264. Mesquita EC, Hottz ED, Amancio RT, et al. Persistent platelet activation and apoptosis in virologically suppressed HIV-infected individuals. *Sci Rep*. 2018;8:1-10.
265. Hottz ED, Quirino-Teixeira AC, Valls-de-Souza R, Zimmerman GA, Bozza FA, Bozza PT. Platelet function in HIV plus dengue coinfection associates with reduced inflammation and milder dengue illness. *Sci Rep*. 2019;9:7096.
266. Sui Z, Sniderhan LF, Schifitto G, et al. Functional synergy between CD40 ligand and HIV-1 Tat contributes to inflammation: implications in HIV type 1 dementia. *J Immunol*. 2007;178:3226-3236.
267. Davidson DC, Hirschman MP, Sun A, Singh MV, Kasischke K, Maggirwar SB. Excess soluble CD40L contributes to blood brain barrier permeability in vivo: implications for hiv-associated neurocognitive disorders. *PLoS One*. 2012;7:e51793.
268. Singh M V, Davidson DC, Jackson JW, et al. Characterization of platelet–monocyte complexes in HIV-1–infected individuals: possible role in HIV-associated neuroinflammation. *J Immunol*. 2014;192:4674-4684.
269. Wang J, Zhang W, Nardi MA, Li Z. HIV-1 Tat-induced platelet activation and release of CD154 contribute to HIV-1-associated autoimmune thrombocytopenia. *J Thromb Haemost*. 2011;9:562-573.
270. O'Bryan TA, Okulicz JF, Bradley WP, Ganesan A, Wang X, Agan BK. Impact of the highly active antiretroviral therapy era on the epidemiology of primary HIV-associated thrombocytopenia. *BMC Res Notes*. 2015;8:3-7.
271. Bozza FA, Cruz OG, Zagne SMO, et al. Multiplex cytokine profile from dengue patients: MIP-1beta and IFN-gamma as predictive factors for severity. *BMC Infect Dis*. 2008;8:86.
272. Vannappagari V, Nkhoma ET, Atashili J, Laurent SS, Zhao H. Prevalence, severity, and duration of thrombocytopenia among HIV patients in the era of highly active antiretroviral therapy. *Platelets*. 2011;22:611-618.
273. Hottz E, Tolley ND, Zimmerman GA, Weyrich AS, Bozza FA. Platelets in dengue infection. *Drug Discov Today Dis Mech*. 2011;8:e33-e38.
274. Nkambule BB, Davison G, Ipp H. Platelet leukocyte aggregates and markers of platelet aggregation, immune activation and disease progression in HIV infected treatment naive asymptomatic individuals. *J Thromb Thrombolysis*. 2015;40:458-467.
275. Singh M V, Davidson DC, Kiebala M, Maggirwar SB. Detection of circulating platelet-monocyte complexes in persons infected with human immunodeficiency virus type-1. *J Virol Methods*. 2012;181:170-176.
276. Alonzo MTG, Lacuesta TL V, Dimaano EM, et al. Platelet apoptosis and apoptotic platelet clearance by macrophages in secondary dengue virus infections. *J Infect Dis*. 2012;205:1321-1329.
277. World Health Organization (WHO) and the Special Programme for Research and Tropical Diseases (TDR). Dengue case classification. In: *Dengue: Guidelines for Diagnosis, Treatment, Prevention and Control: New Edition*. Geneva, Switzerland: World Health Organization; 2009:10-12.
278. Assunção-Miranda I, Amaral FA, Bozza FA, et al. Contribution of macrophage migration inhibitory factor to the pathogenesis of dengue virus infection. *FASEB J*. 2010;24:218-228.
279. Chen L-C, Lei H-Y, Liu C-C, et al. Correlation of serum levels of macrophage migration inhibitory factor with disease severity and clinical outcome in dengue patients. *Am J Trop Med Hyg*. 2006;74:142-147.

280. Zhao L, Huang X, Hong W, et al. Slow resolution of inflammation in severe adult dengue patients. *BMC Infect Dis*. 2016;16:291.
281. Michels M, Alisjahbana B, De Groot PG, et al. Platelet function alterations in dengue are associated with plasma leakage. *Thromb Haemost*. 2014;112:352-362.
282. Matsuura C, Moraes TL, Barbosa JB, et al. Nitric oxide activity in platelets of dengue haemorrhagic fever patients: the apparent paradoxical role of ADMA and l-NMMA. *Trans R Soc Trop Med Hyg*. 2012;106:174-179.
283. Bin MasriMF, CK Mantri, Rathore APS, St John AL. Peripheral serotonin causes dengue virus-induced thrombocytopenia through 5HT2 receptors. *Blood*. 2019;133:2325-2337.
284. Kar M, Singla M, Chandele A, Kabra SK, Lodha R, Medigeshi GR. Dengue virus entry and replication does not lead to productive infection in platelets. *Open forum Infect Dis*. 2017;4:ofx051.
285. Tomo S, Mohan S, Ramachandrappa VS, et al. Dynamic modulation of DC-SIGN and FcYR2A receptors expression on platelets in dengue. *PLoS One*. 2018;13:e0206346.
286. Núñez-Avellaneda D, Mosso-Pani M, Sánchez-Torres L, et al. Dengue virus induces the release of sCD40L and changes in levels of membranal CD42b and CD40L molecules in human platelets. *Viruses*. 2018;10:357.
287. Tsai J-J, Jen Y-H, Chang J-S, Hsiao H-M, Noisakran S, Perng GC. Frequency alterations in key innate immune cell components in the peripheral blood of dengue patients detected by FACS analysis. *J Innate Immun*. 2011;3:530-540.
288. Ashar HK, Mueller NC, Rudd JM, et al. The role of extracellular histones in influenza virus pathogenesis. *Am J Pathol*. 2018;188:135-148.
289. Short KR, Kroeze EJBV, Fouchier RAM, Kuiken T. Pathogenesis of influenza-induced acute respiratory distress syndrome. *Lancet Infect Dis*. 2014;14:57-69.
290. Harms PW, Schmidt LA, Smith LB, et al. Autopsy findings in eight patients with fatal H1N1 influenza. *Am J Clin Pathol*. 2010;134:27-35.
291. Kuiken T, Riteau B, Fouchier RAM, Rimmelzwaan GF. Pathogenesis of influenza virus infections: the good, the bad and the ugly. *Curr Opin Virol*. 2012;2:276-286.
292. Boilard E, Paré G, Rousseau M, et al. Influenza virus H1N1 activates platelets through FcγRIIA signaling and thrombin generation. *Blood*. 2014;123:2854-2863.
293. MacIntyre CR, Chughtai AA, Barnes M, et al. The role of pneumonia and secondary bacterial infection in fatal and serious outcomes of pandemic influenza a(H1N1)pdm09. *BMC Infect Dis*. 2018;18.
294. Brenchley JM, Price DA, Schacker TW, et al. Microbial translocation is a cause of systemic immune activation in chronic HIV infection. *Nat Med*. 2006;12:1365-1371.
295. Schechter ME, Andrade BB, He T, et al. Inflammatory monocytes expressing tissue factor drive SIV and HIV coagulopathy. *Sci Transl Med*. 2017;9:5441.
296. van de Weg CAM, Pannuti CS, de Araújo ESA, et al. Microbial translocation is associated with extensive immune activation in dengue virus infected patients with severe disease. *PLoS Negl Trop Dis*. 2013;7:e2236.
297. Taeb AM, Hooper MH, Marik PE. Sepsis: current definition, pathophysiology, diagnosis, and management. *Nutr Clin Pract*. 2017;32:296-308.
298. Gotts JE, Matthay MA. Sepsis: pathophysiology and clinical management. *BMJ*. 2016;353:i1585.
299. Berg D, Gerlach H. Recent advances in understanding and managing sepsis. *F1000Research*. 2018;7:1570.
300. Karlsson S, Varpula M, Ruokonen E, et al. Incidence, treatment, and outcome of severe sepsis in ICU-treated adults in Finland: the Finnsepsis study. *Intensive Care Med*. 2007;33:435-443.
301. Claushuis TAM, Van Vught LA, Scicluna BP, et al. Thrombocytopenia is associated with a dysregulated host response in critically ill sepsis patients. *Blood*. 2016;127:3062-3072.
302. Greinacher A, Selleng S. How i evaluate and treat thrombocytopenia in the intensive care unit patient. *Blood*. 2016;128:3032-3042.
303. Adamzik M, Görlinger K, Peters J, Hartmann M. Whole blood impedance aggregometry as a biomarker for the diagnosis and prognosis of severe sepsis. *Crit Care*. 2012;16:R204.
304. De Stoppelaar SF, Van 't Veer C, Claushuis TAM, Albersen BJA, Roelofs JJTH, Van Der Poll T. Thrombocytopenia impairs host defense in gram-negative pneumonia-derived sepsis in mice. *Blood*. 2014;124:3781-3790.
305. Xiang B, Zhang G, Guo L, et al. Platelets protect from septic shock by inhibiting macrophage-dependent inflammation via the cyclooxygenase 1 signalling pathway. *Nat Commun*. 2013;4:2657.
306. Washington AV, Gibot S, Acevedo I, et al. TREM-like transcript-1 protects against inflammation-associated hemorrhage by facilitating platelet aggregation in mice and humans. *J Clin Invest*. 2009;119:1489-1501.
307. de Stoppelaar SF, Claushuis TAM, Jansen MPB, et al. The role of platelet MyD88 in host response during gram-negative sepsis. *J Thromb Haemost*. 2015;13:1709-1720.
308. Andonegui G, Kerfoot SM, McNagny K, Ebbert KVJ, Patel KD, Kubes P. Platelets express functional Toll-like receptor-4. *Blood*. 2005;106:2417-2423.
309. Dyer MR, Chen Q, Haldeman S, et al. Deep vein thrombosis in mice is regulated by platelet HMGB1 through release of neutrophil-extracellular traps and DNA. *Sci Rep*. 2018;8:2068.
310. Stark RJ, Aghakasiri N, Rumbaut RE. Platelet-derived Toll-like receptor 4 (Tlr-4) is sufficient to promote microvascular thrombosis in endotoxemia. *PLoS One*. 2012;7:e41254.
311. McDonald B, Urrutia R, Yipp BG, Jenne CN, Kubes P. Intravascular neutrophil extracellular traps capture bacteria from the bloodstream during sepsis. *Cell Host Microbe*. 2012;12:324-333.
312. Zhou H, Deng M, Liu Y, et al. Platelet HMGB1 is required for efficient bacterial clearance in intra-abdominal bacterial sepsis in mice. *Blood Adv*. 2018;2:638-648.
313. Wildhagen KCAA, Wiewel MA, Schultz MJ, et al. Extracellular histone H3 levels are inversely correlated with antithrombin levels and platelet counts and are associated with mortality in sepsis patients. *Thromb Res*. 2015;136:542-547.
314. Claushuis TAM, de Vos AF, Nieswandt B, et al. Platelet glycoprotein VI aids in local immunity during pneumonia-derived sepsis caused by Gram-negative bacteria. *Blood*. 2018;131:864-876.
315. Rayes J, Lax S, Wichaiyo S, et al. The podoplanin-CLEC-2 axis inhibits inflammation in sepsis. *Nat Commun*. 2017;8:2239.
316. Cloutier N, Allaeys I, Marcoux G, et al. Platelets release pathogenic serotonin and return to circulation after immune complex-mediated sequestration. *Proc Natl Acad Sci USA*. 2018;115:E1550-E1559.
317. Hitchcock JR, Cook CN, Bobat S, et al. Inflammation drives thrombosis after Salmonella infection via CLEC-2 on platelets. *J Clin Invest*. 2015;125:4429-4446.
318. Cornelius DC, Baik CH, Travis OK, et al. NLRP3 inflammasome activation in platelets in response to sepsis. *Physiol Rep*. 2019;7:1-9.
319. Theel ES, Pritt BS. Parasites. *Microbiol Spectr*. 2016;4:1-53.
320. Ahmed N, Abdallah E-S, El-Nabawy W, et al. Plasma concentration of platelet factor 4: as an evidence of platelet activation in parasitic infections. *Res J Parasitol*. 2012;7:25-31.
321. Thachil J. Platelets and infections in the resource-limited countries with a focus on malaria and viral haemorrhagic fevers. *Br J Haematol*. 2017;177:960-970.
322. Laucella S, De Titto EH, Segura EL, Orn A, Rottenberg ME. Soluble cell adhesion molecules in human Chagas' disease: association with disease severity and stage of infection. *Am J Trop Med Hyg*. 1996;55:629-634.

323. Stanley RG, Ngaiza JR, Atieno E, et al. Immune-dependent thrombocytopaenia in mice infected with Schistosoma mansoni. *Parasitology*. 2003;126:225-229.
324. McMorran BJ, Wieczorski L, Drysdale KE, Chan J-A, Huang HM, Smith C, et al. Platelet factor 4 and Duffy antigen required for platelet killing of *Plasmodium falciparum*. *Science (80-)*. 2012;338:1348-1351.
325. Cabeza Meckert PM, Chambo JG, Spinelli OM, Laguens RP. Antibody-dependent cytotoxicity of human platelets against trypanosoma cruzi. *Platelets*. 1991;2:89-92.
326. Joseph M, Auriault C, Capron A, Vorng H, Viens P. A new function for platelets: igE-dependent killing of schistosomes. *Nature*. 1983;303:810-812.
327. Bout D, Joseph M, Pontet M, Vorng H, Deslee D, Capron A. Rat resistance to schistosomiasis: platelet-mediated cytotoxicity induced by C-reactive protein. *Science (80-)*. 1986;231:153-156.
328. Coelho HCC, Lopes SCP, Pimentel JPD, Nogueira PA, Costa FTM, Siqueira AM, et al. Thrombocytopenia in *Plasmodium vivax* malaria is related to platelets phagocytosis. *PLoS One*. 2013;8:3-9.
329. Leite LAC, Domingues ALC, Lopes EP, et al. Relationship between splenomegaly and hematologic findings in patients with hepatosplenic schistosomiasis. *Rev Bras Hematol Hemoter*. 2013;35:332-336.
330. Correia MCB, Domingues ALC, Lacerda HR, et al. Platelet function and the von Willebrand factor antigen in the hepatosplenic form of schistosomiasis mansoni. *Trans R Soc Trop Med Hyg*. 2009;103:1053-1058.
331. Pengue C, Cesar G, Alvarez MG, et al. Impaired frequencies and function of platelets and tissue remodeling in chronic Chagas disease. *PLoS One*. 2019;14:1-15.
332. Gupta P, Guddattu V, Saravu K. Characterization of platelet count and platelet indices and their potential role to predict severity in malaria. *Pathog Glob Health*. 2019;113:86-93.
333. Mebius MM, van Genderen PJJ, Urbanus RT, Tielens AGM, de Groot PG, van Hellemond JJ. Interference with the host haemostatic system by schistosomes. *PLoS Pathog*. 2013;9:1-8.
334. Wen JJ, Zago MP, Nuñez S, Gupta S, Burgos FN, Garg NJ. Serum proteomic signature of human chagasic patients for the identification of novel potential protein biomarkers of disease. *Mol Cell Proteomics*. 2012;11:435-452.
335. Moxon CA, Wassmer SC, Milner DA, et al. Loss of endothelial protein C receptors links coagulation and inflammation to parasite sequestration in cerebral malaria in African children. *Blood*. 2013;122:842-851.
336. Gardinassi LG, Arévalo-Herrera M, Herrera S, et al. Integrative metabolomics and transcriptomics signatures of clinical tolerance to *Plasmodium vivax* reveal activation of innate cell immunity and T cell signaling. *Redox Biol*. 2018;17:158-170.
337. Srivastava K, Cockburn Ia, Swaim A, et al. Platelet factor 4 mediates inflammation in cerebral malaria. *Cell Host Microbe*. 2009;4:179-187.
338. Grau GE, Mackenzie CD, Carr RA, et al. Platelet accumulation in brain microvessels in fatal pediatric cerebral malaria. *J Infect Dis*. 2003;187:461-466.
339. Biswas AK, Hafiz A, Banerjee B, Kim KS, Datta K, Chitnis CE. Plasmodium falciparum uses gC1qR/HABP1/p32 as a receptor to bind to vascular endothelium and for platelet-mediated clumping. *PLoS Pathog*. 2007;3:1271-1280.
340. Mayor A, Hafiz A, Bassat Q, et al. Association of severe malaria outcomes with platelet-mediated clumping and adhesion to a novel host receptor. *PLoS One*. 2011;6:e19422.
341. Pain A, Ferguson DJP, Kai O, et al. Platelet-mediated clumping of *Plasmodium falciparum*-infected erythrocytes is a common adhesive phenotype and is associated with severe malaria. *Proc Natl Acad Sci USA*. 2001;98:1805-1810.
342. Darling TK, Schenk MP, Zhou CC, et al. Platelet α-granules contribute to organ-specific pathologies in a mouse model of severe malaria. *Blood Adv*. 2020;4:1-8.
343. Aggrey AA, Srivastava K, Ture S, Field DJ, Morrell CN. Platelet induction of the acute-phase response is protective in murine experimental cerebral malaria. *J Immunol*. 2013;190:4685-4691.
344. Kho S, Barber BE, Johar E, et al. Platelets kill circulating parasites of all major Plasmodium species in human malaria. *Blood*. 2018;132:1332-1344.
345. Ockenhouse C, Tandon N, Magowan C, Jamieson G, Chulay J. Identification of a platelet membrane glycoprotein as a falciparum malaria sequestration receptor. *Science (80-)*. 1989;243:1469-1471.
346. Peyron F, Polack B, Lamotte D, Kolodie L, Ambroise-Thomas P. Plasmodium falciparum growth inhibition by human platelets in vitro. *Parasitology*. 1989;99:317-322.
347. McMorran BJ, Marshall VM, de Graaf C, et al. Platelets kill intraerythrocytic malarial parasites and mediate survival to infection. *Science*. 2009;323:797-800.
348. Fernandes M, Irulegui I, Deane MP, de C Ruiz R. *Trypanosoma cruzi*: course of infection in platelets-depleted mice. *Rev Inst Med trop*. 1992;34:9-13.
349. Stanley RG, Ngaiza JR, Wambayi E, Lewis J, Doenhoff MJ. Platelets as an innate defence mechanism against *Schistosoma mansoni* infections in mice. *Parasite Immunol*. 2003;25:467-473.
350. Umekita LFMI. In vitro lysis of sensitized *Trypanosoma cruzi* by platelets: role os C3b receptors. *Parasite Immunol*. 1989;11:561-566.
351. Damonneville M, Pancré V, Capron A, Auriault C. Protection of rats against *Schistosoma mansoni* infection induced by platelets stimulated with the murine recombinant tumor necrosis factor alpha. *Int Arch Allergy Immunol*. 1990;92:361-363.
352. Wu YP, Lenting PJ, Tielens AGM, De Groot PG, van Hellemond JJ. Differential platelet adhesion to distinct life-cycle stages of the parasitic helminth *Schistosoma mansoni*. *J Thromb Haemost*. 2007;5:2146-2148.
353. Da'dara AA, Bhardwaj R, Ali YBM, Skelly PJ. Schistosome tegumental ecto-apyrase (SmATPDase1) degrades exogenous pro-inflammatory and pro-thrombotic nucleotides. *PeerJ*. 2014;2014:1-24.
354. Gomes MT, Monteiro RQ, Grillo LA, et al. Platelet-activating factor-like activity isolated from *Trypanosoma cruzi*. *Int J Parasitol*. 2006;36:165-173.
355. Gazos-Lopes F, Oliveira MM, Hoelz LVB, et al. Structural and functional analysis of a platelet-activating lysophosphatidylcholine of *Trypanosoma cruzi*. *PLoS Negl Trop Dis*. 2014;8:e3077.
356. Omodeo-Salè F, Motti A, Dondorp A, White NJ, Taramelli D. Destabilisation and subsequent lysis of human erythrocytes induced by *Plasmodium falciparum* haem products. *Eur J Haematol*. 2005;74:324-332.
357. Nebl T, De Veer MJ, Schofield L. Stimulation of innate immune responses by malarial glycosylphosphatidylinositol via pattern recognition receptors. *Parasitology*. 2005;130:S45-S62.
358. Gowda NM, Wu X, Gowda DC. The nucleosome (histone-DNA complex) is the TLR9-specific immunostimulatory component of *Plasmodium falciparum* that activates DCs. *PLoS One*. 2011;6:e20398.
359. Hanahan D, Weinberg RA. Hallmarks of cancer: the next generation. *Cell*. 2011;144:646-474.
360. Maman S, Witz IP. A history of exploring cancer in context. *Nat Rev Cancer*. 2018;18:359-376.
361. Gay LJ, Felding-Habermann B. Contribution of platelets to tumour metastasis. *Nat Rev Cancer*. 2011;11:123-134.
362. Plantureux L, Crescence L, Dignat-George F, Panicot-Dubois L, Dubois C. Effects of platelets on cancer progression. *Thromb Res*. 2018;164:S40-S47.
363. Khorana AA, Connolly GC. Assessing risk of venous thromboembolism in the patient with cancer. *J Clin Oncol*. 2009;27:4839-4847.
364. Lyman GH, Khorana AA. Cancer, clots and consensus: new understanding of an old problem. *J Clin Oncol*. 2009;27:4821-4826.

365. Monreal M, Fernandez-Llamazares J, Piñol M, et al. Platelet count and survival in patients with colorectal cancer–a preliminary study. *Thromb Haemost*. 1998;79:916-918.
366. Shimada H, Oohira G, Okazumi SI, et al. Thrombocytosis associated with poor prognosis in patients with esophageal carcinoma. *J Am Coll Surg*. 2004;198:737-741.
367. Gasic GJ, Gasic TB, Stewart CC. Antimetastatic effects associated with platelet reduction. *Proc Natl Acad Sci USA*. 1968;61:46-52.
368. Heinmöller E, Weinel RJ, Heidtmann HH, et al. Studies on tumor-cell-induced platelet aggregation in human lung cancer lines. *J Cancer Res Clin Oncol*. 1996;122:735-744.
369. Han X, Guo B, Li Y, Zhu B. Tissue factor in tumor microenvironment: a systematic review. *J Hematol Oncol*. 2014;7:54.
370. Gomes FG, Sandim V, Almeida VH, et al. Breast-cancer extracellular vesicles induce platelet activation and aggregation by tissue factor-independent and -dependent mechanisms. *Thromb Res*. 2017;159:24-32.
371. Lian L, Li W, Li Z-Y, et al. Inhibition of MCF-7 breast cancer cell-induced platelet aggregation using a combination of antiplatelet drugs. *Oncol Lett*. 2013;5:675-680.
372. Miyata K, Takemoto A, Okumura S, Nishio M, Fujita N. Podoplanin enhances lung cancer cell growth in vivo by inducing platelet aggregation. *Sci Rep*. 2017;7:4059.
373. Riedl J, Preusser M, Nazari PMS, et al. Podoplanin expression in primary brain tumors induces platelet aggregation and increases risk of venous thromboembolism. *Blood*. 2017;129:1831-1839.
374. Pearlstein E, Ambrogio C, Gasic G, Karpatkin S. Inhibition of the platelet-aggregating activity of two human adenocarcinomas of the colon and an anaplastic murine tumor with a specific thrombin inhibitor, dansylarginine N-(3-ethyl-1,5-pentanediyl)amide. *Cancer Res*. 1981;41:4535-4539.
375. Steinert BW, Tang DG, Grossi IM, Umbarger LA, Honn KV. Studies on the role of platelet eicosanoid metabolism and integrin αIIbβ3 in tumor-cell-induced platelet aggregation. *Int J Cancer*. 1993;54:92-101.
376. Wojtukiewicz MZ, Hempel D, Sierko E, Tucker SC, Honn KV. Thrombin—Unique coagulation system protein with multifaceted impacts on cancer and metastasis. *Cancer Metastasis Rev*. 2016;35:213-233.
377. Battinelli EM, Markens BA, Italiano JE. Release of angiogenesis regulatory proteins from platelet alpha granules: modulation of physiologic and pathologic angiogenesis. *Blood*. 2011;118:1359-1369.
378. Wojtukiewicz MZ, Sierko E, Hempel D, Tucker SC, Honn KV. Platelets and cancer angiogenesis nexus. *Cancer Metastasis Rev*. 2017;36:249-262.
379. Li R, Ren M, Chen N, et al. Presence of intratumoral platelets is associated with tumor vessel structure and metastasis. *BMC Cancer*. 2014;14:167.
380. Ho-Tin-Noé B, Goerge T, Cifuni SM, Duerschmied D, Wagner DD. Platelet granule secretion continuously prevents intratumor hemorrhage. *Cancer Res*. 2008;68:6851-6858.
381. Takagi S, Takemoto A, Takami M, Oh-hara T, Fujita N. Platelets promote osteosarcoma cell growth through activation of the platelet-derived growth factor receptor-Akt signaling axis. *Cancer Sci*. 2014;105:983-988.
382. Chatterjee M, Huang Z, Zhang W, et al. Distinct platelet packaging, release, and surface expression of proangiogenic and antiangiogenic factors on different platelet stimuli. *Blood*. 2011;117:3907-3911.
383. Holmes CE, Huang JC, Pace TR, Howard AB, Muss HB. Tamoxifen and aromatase inhibitors differentially affect vascular endothelial growth factor and endostatin levels in women with breast cancer. *Clin Cancer Res*. 2008;14:3070-3076.
384. Gisterek I, Matkowski R, Lacko A, et al. Serum vascular endothelial growth factors A, C and D in human breast tumors. *Pathol Oncol Res*. 2010;16:337-344.
385. Assoian RK, Komoriya A, Meyers CA, Miller DM, Sporn MB. Transforming growth factor-β in human platelets. Identification of a major storage site, purification, and characterization. *J Biol Chem*. 1983;258:7155-7160.
386. Labelle M, Begum S, Hynes RO. Direct signaling between platelets and cancer cells induces an epithelial-mesenchymal-like transition and promotes metastasis. *Cancer Cell*. 2011;20:576-590.
387. Takemoto A, Okitaka M, Takagi S, et al. A critical role of platelet TGF-β release in podoplanin-mediated tumour invasion and metastasis. *Sci Rep*. 2017;7:42186.
388. Wu Y, Liu Q, Yan X, et al. Podoplanin-mediated TGF-β-induced epithelial-mesenchymal transition and its correlation with bHLH transcription factor DEC in TE-11 cells. *Int J Oncol*. 2016;48:2310-2320.
389. Gil-Bernabé AM, Š Ferjančič, Tlalka M, et al. Recruitment of monocytes/macrophages by tissue factor-mediated coagulation is essential for metastatic cell survival and premetastatic niche establishment in mice. *Blood*. 2012;119:3164-3175.
390. Labelle M, Begum S, Hynes RO. Platelets guide the formation of early metastatic niches. *Proc Natl Acad Sci USA*. 2014;111:E3053-E3061.
391. Chatterjee M, Gawaz M. Platelet-derived CXCL12 (SDF-1α): basic mechanisms and clinical implications. *J Thromb Haemost*. 2013;11:1954-1967.
392. Yu L-X, Yan L, Yang W, et al. Platelets promote tumour metastasis via interaction between TLR4 and tumour cell-released high-mobility group box1 protein. *Nat Commun*. 2014;5:5256.
393. Volz J, Mammadova-Bach E, Gil-Pulido J, et al. Inhibition of platelet GPVI induces intratumor hemorrhage and increases efficacy of chemotherapy in mice. *Blood*. 2019;133:2696-2706.
394. Takagi S, Sato S, Oh-hara T, et al. Platelets promote tumor growth and metastasis via direct interaction between aggrus/podoplanin and CLEC-2. *PLoS One*. 2013;8:e73609. Han Z, editor.
395. Shirai T, Inoue O, Tamura S, et al. C-type lectin-like receptor 2 promotes hematogenous tumor metastasis and prothrombotic state in tumor-bearing mice. *J Thromb Haemost*. 2017;15:513-525.
396. Jain S, Russell S, Ware J. Platelet glycoprotein VI facilitates experimental lung metastasis in syngenic mouse models. *J Thromb Haemost*. 2009;7:1713-1717.
397. Mammadova-Bach E, Gil-Pulido J, Sarukhanyan E, et al. Platelet glycoprotein VI promotes metastasis through interaction with cancer cell-derived Galectin-3. *Blood*. 2020;135:1146-1160.
398. Nieswandt B, Hafner M, Echtenacher B, Männel DN. Lysis of tumor cells by natural killer cells in mice is impeded by platelets. *Cancer Res*. 1999;59:1295-1300.
399. Palumbo JS, Talmage KE, Massari J V, et al. Platelets and fibrin(ogen) increase metastatic potential by impeding natural killer cell-mediated elimination of tumor cells. *Blood*. 2005;105:178-185.
400. Placke T, Örgel M, Schaller M, et al. Platelet-derived MHC class I confers a pseudonormal phenotype to cancer cells that subverts the antitumor reactivity of natural killer immune cells. *Cancer Res*. 2012;72:440-448.
401. Kopp HG, Placke T, Salih HR. Platelet-derived transforming growth factor-β down-regulates NKG2D thereby inhibiting natural killer cell antitumor reactivity. *Cancer Res*. 2009;69:7775-7783.

How to cite this article: Dib PRB, Quirino-Teixeira AC, Merij LB, et al. Innate immune receptors in platelets and platelet-leukocyte interactions. *J Leukoc Biol*. 2020;1–26. https://doi.org/10.1002/JLB.4MR0620-701R



Platelets

ANEXO C

ISSN: (Print) (Online) Journal homepage: https://www.tandfonline.com/loi/iplt20

Platelets in dengue infection: more than a numbers game

Anna Cecíllia Quirino-Teixeira, Fernanda Brandi Andrade, Mariana Brandi Mendonça Pinheiro, Stephane Vicente Rozini & Eugenio Damaceno Hottz

To cite this article: Anna Cecíllia Quirino-Teixeira, Fernanda Brandi Andrade, Mariana Brandi Mendonça Pinheiro, Stephane Vicente Rozini & Eugenio Damaceno Hottz (2021): Platelets in dengue infection: more than a numbers game, Platelets, DOI: 10.1080/09537104.2021.1921722

To link to this article: https://doi.org/10.1080/09537104.2021.1921722

Published online: 24 May 2021.

http://www.tandfonline.com/iplt
ISSN: 0953-7104 (print), 1369-1635 (electronic)

Platelets, Early Online: 1–8
 DOI: https://doi.org/10.1080/09537104.2021.1921722

Platelets in dengue infection: more than a numbers game

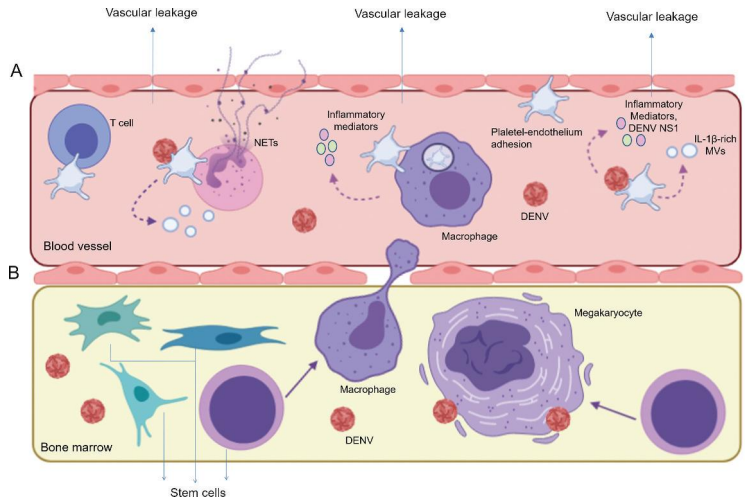
Anna Cecíllia Quirino-Teixeira, Fernanda Brandi Andrade, Mariana Brandi Mendonça Pinheiro, Stephane Vicente Rozini, & Eugenio Damaceno Hottz

Laboratory of Immunothrombosis, Department of Biochemistry, Institute of Biological Sciences, Federal University of Juiz De Fora, Juiz De Fora, Brazil

Abstract

Dengue virus (DENV) infection is responsible for the development of dengue illness, which can be either asymptomatic, present mild manifestations or evolve to severe dengue. Thrombocytopenia is an important characteristic during DENV infection, being observed both in mild and severe dengue, although the lowest platelet counts are encountered during severe cases. This review gathers information regarding several mechanisms that have been related to alterations in platelet number and function, leading to thrombocytopenia but also platelet-mediated immune and inflammatory response. On this regard, we highlight that the decrease in platelet counts may be due to bone marrow suppression or consumption of platelets at the periphery. We discuss the infection of hematopoietic progenitors and stromal cells as mechanisms involved in bone marrow suppression. Concerning peripheral consumption of platelets, we addressed the direct infection of platelets by DENV, adhesion of platelets to leukocytes and vascular endothelium and platelet clearance mediated by anti-platelet antibodies. We also focused on platelet involvement on the dengue immunity and pathogenesis through translation and secretion of viral and host factors and through platelet-leukocyte aggregates formation. Hence, the present review highlights important findings related to platelet activation and thrombocytopenia during dengue infection, and also exhibits different mechanisms associated with decreased platelet counts.

Graphical abstract:
Schematic mechanistic representation of platelet-mediated immune responses and thrombocytopenia during dengue infection. (A) DENV-infected platelets secrete cytokines and chemokines and also adhere to activated vascular endothelium. Platelets aggregate with leukocytes, inducing the secretion of NETs and inflammatory mediators by neutrophils and monocytes, respectively. (B) DENV directly infects stromal cells and hematopoietic precursors, including megakaryocytes, which compromises megakaryopoiesis. Both central and peripheric mechanisms contribute to DENV-associated thrombocytopenia.



Keywords

DENV, inflammation, platelet, platelet-leukocyte adhesion, thrombocytopenia

History

Received 21 February 2021
Revised 19 March 2021
Accepted 5 April 2021

Correspondence: Eugenio Damaceno Hottz eugenio.hottz@icb.ufjf.br
Laboratory of Immunothrombosis, Department of Biochemistry, Institute of Biological Sciences, Federal University of Juiz De Fora, Juiz De Fora, Brazil

Introduction

Dengue is an arboviral disease caused by Dengue virus (DENV) and transmitted by *Aedes* mosquitos. DENV infection is a serious worldwide problem due to its severity, high incidence, and rapid dissemination [1]. Furthermore, dengue presents a wide spectrum of clinical manifestations ranging from asymptomatic cases to severe dengue, characterized by increased vascular leakage, hemorrhage and organ impairment [1]. Recent evidences demonstrate that platelets are important players in disease progression, modulating immune and inflammatory responses through several mechanisms [2–5].

DENV-infected platelets secrete stored and newly synthesized inflammatory mediators as RANTES, MIF and IL-1β, highlighting platelet participation in dengue pathogenesis [2,3]. These inflammatory cytokines and chemokines are elevated in the plasma of severe dengue patients [6,7] contributing to vascular leakage [8,9]. Furthermore, platelets also interact with leukocytes forming platelet-leukocyte aggregates, especially in blood of patients with increased vascular leakage [4,10]. Platelets then induce inflammatory responses by the leukocytes [4,5,11], worsening the vascular leakage.

Platelet-leukocyte aggregates also contribute to decreased platelet counts, which is in agreement with augmented aggregation in thrombocytopenic patients [4]. Thrombocytopenia is a critical feature found both in mild and severe dengue, although severe dengue patients present the lowest platelet counts [12,13]. Furthermore, severe dengue patients present elevated levels of activated platelets in comparison with mild dengue [14]. Our group and others have demonstrated that activated and apoptotic platelets are phagocytosed by monocytes, evidencing an association between activated platelets and thrombocytopenia [4,15]. Considering the association of thrombocytopenia and disease severity during dengue infection, the present review will address the distinct mechanisms underlying the decrease in platelet counts and platelet-mediated inflammatory response in dengue, and the influence of platelets on the development of the disease pathogenesis.

Clinical Aspects

DENV infection has a large spectrum of clinical manifestations that range from asymptomatic to symptomatic disease, initiating as mild dengue with or without warning signs. The warning signs may indicate an evolution to severe dengue, although patients without warning signs may also progress to severe dengue syndrome[1]. The incubation period lasts 4–10 days and the symptoms begin abruptly with fever, malaise, headaches, muscle pain, and vomiting at the febrile phase, when high viremia is detected [1,16]. Usually, fever settles after 3 days, the viremia decreases and around this time of defervescence the critical phase begins [1]. At this point, there is systemic inflammatory response [17], decreased platelet counts, and leukopenia [1]. Plasma leakage also increases, leading to hypotension and hemoconcentration[1]. Following the critical phase, the patient may improve and recover with a gradual reabsorption of extravascular fluid and hemodynamic status stabilization [1]. However, if the inflammatory response is not controlled, the patient can evolve to severe dengue, mostly characterized by increased plasma leakage, severe hemorrhage, and organic failure, which may evolve to death [1,16].

Replication Cycle

DENV targets several cell types, including monocytes, macrophages, lymphocytes, endothelial cells and dendritic cells[18]. Recently, studies have shown that DENV also binds and enters platelets [19,20] through the receptors dendritic cell-specific intercellular adhesion molecule-3-grabbing nonintegrin (DC-SIGN) and heparan sulfate proteoglycan (Figure 2A-B) [20,21]. However, other receptors are described in other cell types, including mannose receptors and CD14 on monocytes/macrophages, and DC-SIGN itself in dendritic cells[18].

DENV entry into the host cell is mediated by the viral envelope (E) glycoprotein binding to permissive cell receptors[18]. Following attachment, DENV is endocytosed, which occurs primarily through clathrin-dependent mechanisms[22]. After internalization, endosome acidification leads to conformational changes in the E protein, catalyzing homotrimerization, and resulting in endosomal-viral membrane fusion[22]. Thus, the nucleocapsid is released into the cytoplasm, the virus is uncoated and the single-stranded positive-sense viral RNA is translated into a polyprotein into the endoplasmic reticulum. The viral polyprotein is cleaved by host and viral proteases into three structural proteins – capsid protein (C), pre-membrane protein (prM), and E protein – and seven non-structural proteins (NS1, NS2A, NS2B, NS3, NS4A, NS4B, and NS5)[22]. Viral NS proteins form the replication complex, which synthesizes a complementary negative-sense RNA from the positive-sense RNA serving as a mold for viral genome replication [22,23]. The encapsidation occurs after translation and replication of the newly synthesized RNA, in which viral RNA is joined by C protein forming nucleocapsids[22]. The nucleocapsids are enveloped by heterodimer prM-E anchored in the endoplasmic reticulum to build immature viral particles[22]. The immature particles transit through the secretory pathway and reach Golgi network, in which viral membrane proteins undergo glycosylation [23]. The trans-Golgi network triggers prM cleavage into M by host furin protease, followed by E protein homodimerization, resulting in the formation of mature virus [22,23]. The infectious virion is then exocytosed [22,23].

Analysis of infected platelets demonstrate increasing detection of DENV RNA copies overtime, indicating that platelets are permissive to viral binding and sustain viral genome replication [2,20]. Intracellular and extracellular NS1 accumulation in infected platelets indicates viral proteins translation, which is indispensable for viral genome replication [2,19]. Nevertheless, DENV genome and infectious particles were not detected in platelet supernatant, indicating that platelets cannot secret newly assembled virions [2,19]. This is consistent with the fact that infectious DENV does not accumulate in platelet supernatant overtime [20]. Altogether, these data indicate that infected platelets produce an abortive DENV replication cycle (Figure 2A-B).

Mechanisms of Thrombocytopenia

Thrombocytopenia is an important hematological change in dengue, with lower platelet counts described in severe dengue cases in association with increased vascular leakage [24,25]. The suggested mechanisms that contribute to thrombocytopenia in dengue include reduced thrombopoiesis through bone marrow (BM) suppression, and increased platelet clearance in peripheral blood (Figure 1)[25]. Regarding the reduced thrombopoiesis, hematopoietic suppression is a well-known phenomenon during DENV infection and probably begins before infection is clinically overt, in the incubation period around 4 ± 5 days after the inoculum [26]. A marked BM hypocellularity is described at onset of the febrile phase with pancytopenia, including megakaryocytes[27]. In fact, DENV infection of humanized mice, elaborated by adoptive transfer of human CD34+ hematopoietic stem cells into immunodeficient mice, leads to decreased platelet production and identifies the depletion of human progenitor cells and

DOI: https://doi.org/10.1080/09537104.2021.1921722

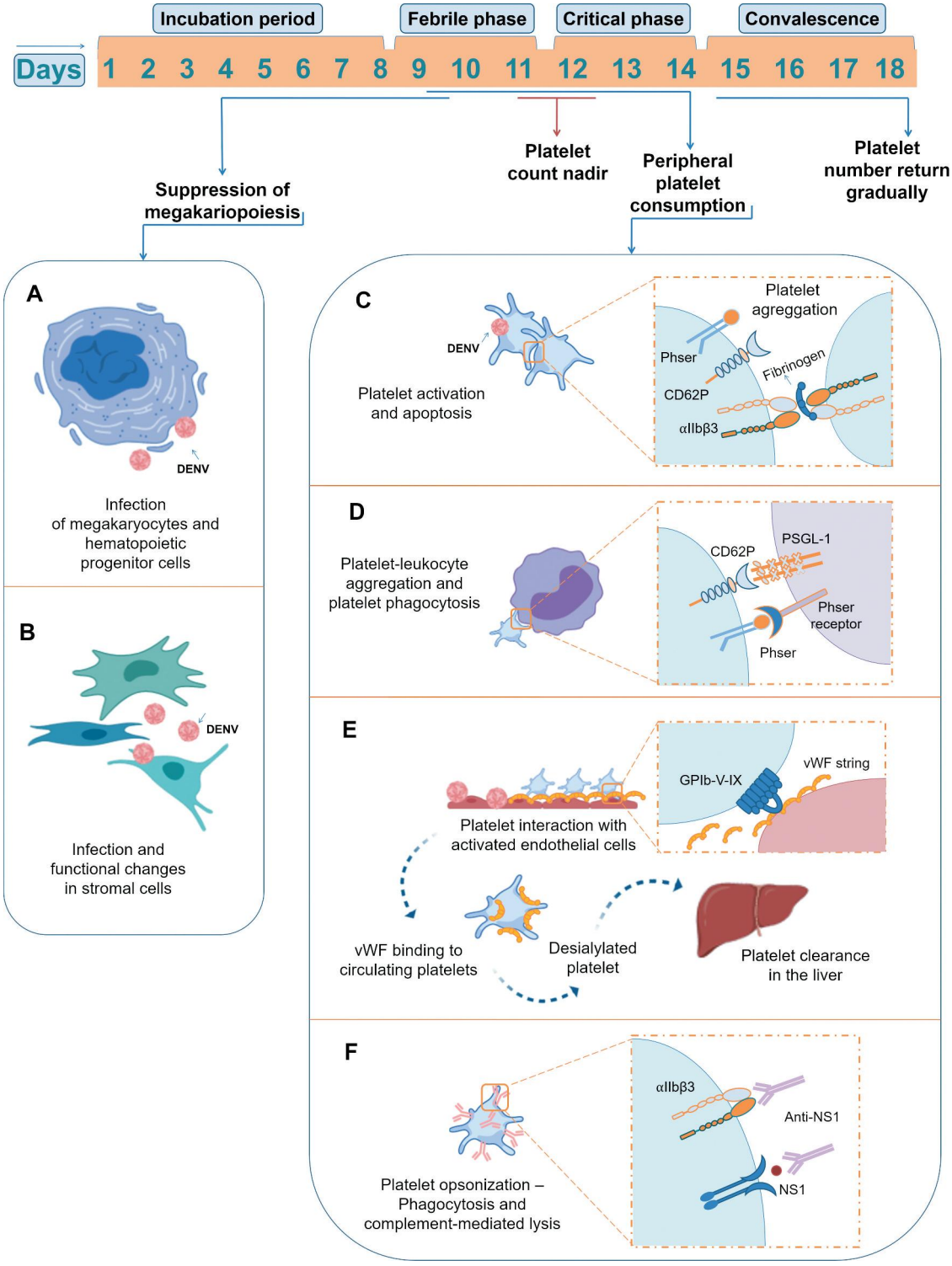


Figure 1. Mechanisms of thrombocytopenia in dengue. Thrombocytopenia may occur due to a reduction in megakaryopoiesis or peripherical consumption of platelets. The suppression of megakaryopoiesis may be caused by (A) the direct infection of megakaryocytes or by (B) the infection of stromal cells. The peripherical platelet consumption may be due to (C) platelet apoptosis, (D-E) platelet heterologous aggregation with (D) leukocytes or (E) endothelial cells, or (F) platelet opsonization by anti-platelets antibodies and complement system.

megakaryocytes as a fundamental mechanism underlying thrombocytopenia[28].

Megakaryopoiesis suppression may occur due to DENV infection of hematopoietic cells, considering that megakaryocyte progenitor cells are permissive to DENV infection[29]. Besides, megakaryocytes from healthy human BM or from *in vitro* differentiated CD34^{+} stem cells are also susceptible and permissive to DENV infection, as well as human megakaryocytes in experimentally infected humanized mice [29,30]. Although *in vitro* experiments demonstrate a reduction in DENV-infected megakaryocytic progenitors' differentiation and possible cell death by apoptosis, the role played by hematopoietic cell infection to thrombocytopenia needs further elucidation[31]. Paradoxically, Sridharan et al. [28] identified megakaryocytes depletion and thrombocytopenia in DENV-infected humanized mice in the absence of DENV-infected hematopoietic cells. On the other

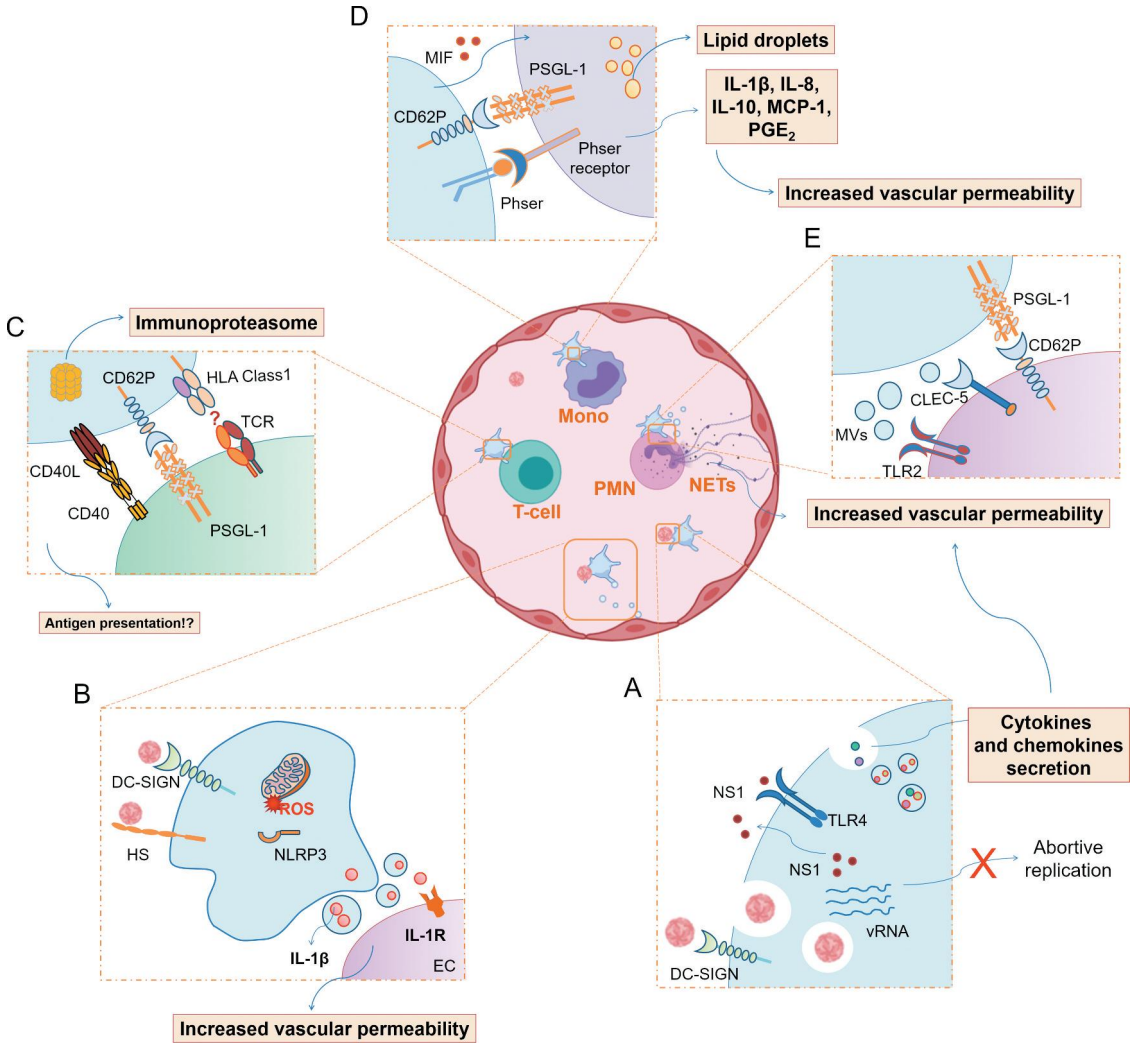


Figure 2. Platelets are major players in the inflammatory response in Dengue. (A) DENV interacts with platelets through DC-SIGN, DENV genome is translated and replicated, leading to the accumulation of viral proteins and new viral RNA copies. DENV-infected platelets secrete cytokines, chemokines and newly synthesized NS1, but do not produce new DENV particles. Platelet-derived NS1 contribute to platelet activation by engaging TLR4 autocrinally. (B) DENV-infected platelets assemble NLRP3 inflammasome and secrete IL-1β-containing EVs, which engage to IL-1R on endothelial cells contributing to increased endothelial permeability. Platelets interact with (C) lymphocytes, (D) monocytes and (E) neutrophils, through CD40-CD40L, CD62P-PSGL-1 and by secreting EVs to bind CLEC-5 and TLR2, respectively. All these interactions contribute to leukocyte activation and induce the release of cytokines, chemokines, eicosanoids and NETosis.

hand, Vogt et al. [30] identified the depletion of mature megakaryocytes alongside megakaryocytes infection in humanized mice regardless the development of thrombocytopenia. Besides, DENV infection did not affect megakaryocyte viability *in vitro* [28,30].

The mechanisms possibly underlying BM suppression and thrombocytopenia may also be associated with functional changes on stromal cells, that regulate cytokine secretion and hematopoiesis, altering platelet production quantitatively and qualitatively [28,29]. Clark et al. [29] identified the presence of DENV antigen in plasmocytoid dendritic cells and monocytes in non-human primates BM, and detected phagocytic cells that have engulfed DENV-positive vesicles from megakaryocytes. Sridharan et al. [28] also identified a significant reduction in $CD4^+/CD8^+$ T cells ratio in the BM of DENV-infected humanized mice, indicating BM microenvironment changes. However, the BM suppression mechanisms underlying thrombocytopenia need further clarification.

Despite BM acute suppression recovery with return of hematopoiesis preceding the critical phase, platelet counts nadir coincides with defervescence and progression to severity, and platelet count recovery only occurs at the convalescence [27,32]. Hence, peripheral platelet clearance mechanisms may play major roles in dengue-associated thrombocytopenia [15,21]. Platelet activation and apoptosis markers as *P*-selectin and CD63 translocation, integrin αIIbβ3 activation, phosphatidylserine exposure, and mitochondrial disfunction are associated to thrombocytopenia during the infection [15,21]. Hence, it is reported that *in vitro* DENV infection induces platelet activation and apoptosis [15,21]. The frequency of apoptotic platelets is significantly increased in severe dengue patients compared to mild dengue. Also, platelet apoptosis during infection correlates with increased monocyte-mediated platelet phagocytosis [32]. Accordingly, apoptotic platelets from patients, or following *in vitro* infection, are phagocytosed by macrophages in phosphatidylserine recognition-dependent manner [32]. *In vitro* platelet phagocytosis involves both phosphatidylserine recognition and platelet activation with surface *P*-selectin contributing to platelet–monocyte interactions [4,15].

In fact, increased platelet-monocyte aggregates formation in dengue patients is associated with thrombocytopenia [4]. During dengue infection, interactions of platelet with leukocytes,

DOI: https://doi.org/10.1080/09537104.2021.1921722

including lymphocytes and granulocytes, are also upregulated in peripheral blood [10]. Similarly, a non-human primate model of DENV-2 infection showed increased platelet-monocytes and -neutrophils aggregates [33]. Besides platelet–leukocyte interaction, platelet–endothelial cell interaction and platelet deposition in the microvascular bed are also encountered, and platelets that interact with *in vitro* infected endothelial cells become activated [4,34]. Accordingly, histopathological and electron microscopy analysis identified platelet adhesion to splenic and hepatic endothelium, and adherent platelets in heart, liver and spleen endothelial cells [35]. Perfusion of DENV-infected whole blood on histamine-activated endothelial cells showed increased thrombus area and platelet-von Willebrand factor (vWF) strings formation compared to uninfected control [15]. Furthermore, endothelial cells can also contribute to platelet clearance by secreting vWF. DENV infection induces a marked increase in vWF binding to circulating platelets, which is inversely correlated to platelet counts [36]. *In vitro* experiments have shown that increased vWF binding to platelet GPIbα is the fundamental mechanism underlying platelet desialylation, observed in circulating platelets from dengue patients [36]. As sialic acid removal exposes terminal β-galactose and accelerates platelet clearance by liver macrophages and hepatocytes, it may contribute to thrombocytopenia in dengue [37].

Dengue-associated thrombocytopenia may also involve antibody-mediated platelet clearance. In patients with secondary dengue infection, inverse correlations between platelet count and platelet-associated immunoglobulins G (IgG) and M (IgM) were observed [38,39]. Platelet-associated immunoglobulins were significantly increased in severe dengue and showed anti-DENV activity, suggesting a cross-reactivity of antibodies against viral proteins to platelet antigens [38]. It is known that anti-NS1 immunoglobulins can opsonize human platelets, leading to complement-mediated lysis and increased platelet–macrophage interactions [40]. This is possible because homologous sequences between NS1 and integrins, such as GPIIb/IIIa in activated platelets, allow a cross-reactivity between anti-NS1 and integrins causing platelet-antibody binding[41]. Hence, *in vitro* DENV-induced platelet activation increased platelet binding to IgG and to complement factor C3 on the plasma of DENV-infected patients [15]. Hence, platelet activation proved to be necessary since in the presence of the platelet inhibitor prostacyclin IgG and C3 binding were abrogated[15]. However, platelet opsonization by cross-reactive anti-DENV antibodies needs further clarification.

Recently, our group has demonstrated that DENV NS1 directly binds to platelets [2]. In addition, it has been shown that soluble NS1 activates the complement complex in the absence of antibodies or in an antibody-dependent manner when associated within cell membrane [42]. Thus, NS1 binding to platelets may be one of the factors contributing to the observations that C3 levels are directly correlated with platelet levels and inversely correlated with C3a and C5a, indicating that the greater the activity of the complement system the lower the platelet count during infection [43]. Through mechanisms as opsonization and complement activation, the binding of antibodies and/or immune complexes to platelets may contribute to platelet activation and thrombocytopenia, supporting pathogenic mechanisms as described below [44].

Several processes associated with BM suppression and platelet activation at the periphery, such as interactions with leukocytes and endothelial cells, phagocytosis, complement-mediated lysis, aggregation and clot formation, may act in succession or in combination and contribute to thrombocytopenia in infected patients [15].

Platelets in the Pathogenesis of Dengue

Until recently, platelets were considered solely as effectors of the coagulation, aiding hemostatic responses through adhesion and secretion of pro-coagulant factors. However, recent studies have demonstrated that platelets are more than just fragments from megakaryocytes, being considered as cells that participate in inflammatory and immunological processes [45,46]. A recent review from our group has summarized platelet participation in several sterile and infectious diseases, gathering information regarding the mechanisms and receptors involved in platelet-mediated inflammatory responses of such conditions, including dengue [46]. Platelets from DENV-infected patients are highly activated and increased platelet activation associates with severe dengue, as demonstrated by increased surface expression of *P*-selectin, CD63, and phosphatidylserine [14,21,47]. Activated platelets have been shown to participate in inflammatory amplification in dengue by interacting with leukocytes and also secreting inflammatory mediators as cytokines and chemokines (Figure 2) [2–4,46].

It is well established that the levels of inflammatory mediators are elevated in DENV-infected patients, in which pro-inflammatory factors play major roles in hemodynamic instability [6,48]. It has already been demonstrated that DENV-infected platelets *in vitro* or platelets from patients with dengue highly secrete stored cytokines and chemokines, as PF4/CXCL4 and RANTES/CCL5 (Figure 2A) [2,14]. Small molecules, such as nitric oxide and intra-platelet serotonin are also increased during dengue infection [49,50]. Platelets have been shown to be an important source of serotonin following dengue infection, and serotonin, in its turn, induces platelet activation[51]. Furthermore, studies have demonstrated that vascular endothelial growth factor (VEGF), which is mainly secreted by platelets [52], is also elevated in DENV-infected patients[53]. Interestingly, elevated VEGF concentrations have been associated with disease severity, once the plasma levels of VEGF positively correlate with markers of liver damage, increased plasma leakage [54] and negatively correlates to platelet counts [53,54].

Despite being anucleated cells, platelets are also capable of synthesizing new proteins through processing of stored RNA [55]. Previously, our group has shown that DENV induces both platelet synthesis of IL-1β and the assemble of nucleotide-binding domain leucine-rich repeat-containing pyrin-3 (NLRP-3) inflammasome, leading to processing and secretion of IL-1β in extracellular vesicles (EVs) (Figure 2B) [3]. This study also demonstrated that platelet IL-1β secretion is associated with increased vascular permeability *in vivo* and increases endothelial permeability *in vitro*. Hence, platelets contribute to vascular leakage through secretion of IL-1β-containing EVs.

In addition to the synthesis of inflammatory mediators through stored RNA processing, infected platelets also translate the DENV genome, leading to the synthesis and secretion of NS1 [2]. Platelet activation by NS1 is involved in the development of hemorrhagic and inflammatory events *in vivo* and *in vitro* [2,56]. A recent study from our group has demonstrated that NS1 secreted by DENV-infected platelets engages platelet toll-like receptor-4 (TLR4) inducing platelet activation and secretion of stored and newly synthesized inflammatory mediators through an autocrine loop [2]. Moreover, platelet-derived NS1 may also be involved in the activation of TLR4 on other cells [2,57], potentially contributing to inflammatory amplification in dengue.

Beyond its direct influence on the elevated levels of cytokines and chemokines, platelets also communicate with other immune cells, amplifying inflammatory response. DENV infection has been shown to induce platelet expression of *P*-selectin, CD40L and human leukocyte antigen (HLA) class I [14,21,58], which are

involved in interactions with leukocytes. Also, platelets are able to present antigens to T-cells [59]. Increased levels of platelet-lymphocyte aggregates have been observed in patients with dengue (Figure 2C) [10]. Trugilho and Hottz et al. have demonstrated that DENV-infection *in vitro* increased HLA class I surface expression on platelets, which depended on proteasome activity [14]. Furthermore, platelets from DENV-infected patients presented elevated levels of HLA class I [14]. Nonetheless, new studies are still necessary to investigate whether platelets are able to present DENV antigens to lymphocytes, which might contribute to both specific immune response against DENV or worsening the inflammatory response during infection.

Studies from our group and others have demonstrated increased platelet-monocyte aggregates formation in blood from dengue patients, especially those with thrombocytopenia and increased vascular permeability (Figure 2D) [4,10,33]. Platelet-monocyte aggregates formed by *ex vivo* interaction of platelets from dengue patients and monocytes from healthy volunteers induced the secretion of IL-1β, CXCL8/IL-8 and IL-10, which relies on the platelet expression of *P*-selectin and phosphatidylserine [4,5]. Platelets also induce MCP-1, MMP-9 and COX-2 expression by monocytes [55,60]. DENV-infected platelets have been recently shown to stimulate COX-2 expression alongside the biogenesis of lipid droplets in monocytes, consequently inducing the secretion of PGE_2 [5]. Furthermore, MCP-1 and MMP-9 have been associated with increased vascular leakage during dengue [61,62], whilst COX-2 has proved important for viral replication and chemotaxis [63,64]. Altogether, these findings suggest that platelet-monocyte aggregation are major mechanism of immune regulation and inflammatory amplification in dengue.

DENV-infected platelets also interact with neutrophils (Figure 2E), as shown by studies using macaques and *in vitro* infection of human platelets [10,33]. Such interaction occurs through the release of platelet EVs, which interacts with CLEC5 and TLR2 on neutrophils, leading to the release of neutrophil extracellular traps (NETs) [11]. Platelet-induced NETs extrusion was shown to participate in the increased endothelial permeability in an *in vitro* co-culture model [11]. These findings were confirmed *in vivo* by infection of STAT1-/- mice [11]. Since immunocompetent mice are resistant to DENV infection, STAT1-/- is a widely used experimental dengue model once it does not develop IFN-mediated anti-viral responses. STAT1-/-CLEC5-/- mice showed reduced NET deposition in the spleen, lower vascular permeability and increased survival in comparison to STAT1-/- mice, confirming CLEC5 participation on these events [11]. Further impairment in NETosis, plasma leakage and mortality were achieved in STAT1-/-CLEC5-/- mice treated with anti-TLR2 antibodies [11]. Hence, CLEC5- and TLR2-mediated NET induced by CLEC2-dependent platelet-derived EVs play a pathogenic role in experimental DENV infection.

Besides participating in dengue pathogenesis through the diverse mechanisms abovementioned, platelets may also have beneficial effects during dengue infection. Platelets from patients with dengue, as well as from influenza pneumonia patients, highly express interferon-induced transmembrane protein 3 (IFITM3), which was associated with milder disease and increased survival [65]. Complementary *in vitro* experiments with IFITM3 overexpression or loss-of-function mutation demonstrated IFITM3 as a major restriction factor of DENV replication in megakaryocytes [65]. Furthermore, platelets are important to vascular integrity maintenance by secreting factors as lysophosphatidic acid and sphingosine-1-phosphate, among others, that stabilize vascular integrity [66]. Therefore, platelet-mediated immune response in dengue presents a dual aspect that may contribute to protective and pathologic responses, which must be balanced.

Conclusion

Platelets play important roles in dengue pathogenesis through diverse mechanisms. Although not being able to release new viral particles, DENV-infected platelets can secrete a diversity of inflammatory mediators and the viral toxin NS1, which modulates immune response in leukocytes, endothelial cells and platelets themselves. Moreover, thrombocytopenia is an important hematological alteration encountered both in mild and severe cases. Such alteration may be due to several mechanisms that lead to a decreased hematopoiesis or an increased platelet clearance from the blood, as discussed above. Altogether, the information we gathered in this review demonstrates that platelets aid the potentially detrimental immune response during dengue, participating in dengue pathogenesis. Hence, elucidating all the mechanisms underlying platelet-mediated response are crucial for the better understanding of dengue pathogenesis and clinical aspects.

Authorship

ACQT, FBA, MBMP and SVF wrote the chapters draft. ACQT integrated the manuscript. EDH edited and revised the manuscript. All authors have critically discussed the concepts, participated in manuscript writing and approved the final submitted version.

Acknowledgements

The authors thank the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) and the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) for the funding support.

Conflicts of Interest Disclosure

The authors declared no conflict of interest.

Funding

This work was supported by the CAPES; CNPq.

ORCID

Eugenio Damaceno Hottz http://orcid.org/0000-0002-2201-1742

References

1. World Health Organization (WHO) and the Special Programme for Research and Tropical Diseases (TDR). Dengue case classification. In: dengue: guidelines for diagnosis, treatment, prevention and control: new edition. World Health Organization; 2009. p. 10–12. http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23762963 Access date: July 14th 2020.
2. Quirino-Teixeira AC, Rozini SV, Barbosa-Lima G, Coelho DR, Carneiro PH, Mohana-Borges R, Bozza PT, Hottz ED. Inflammatory signaling in dengue-infected platelets requires translation and secretion of nonstructural protein 1. Blood Adv 2020 accessed 2020Sep8;49:2018–2031 doi: 10.1182/bloodadvances.2019001169
3. Hottz ED, Lopes JF, Freitas C, Valls-De-Souza R, Oliveira MF, Bozza MT, Da Poian AT, Weyrich AS, Zimmerman GA, Bozza FA, et al. Platelets mediate increased endothelium permeability in dengue through NLRP3-inflammasome activation. Blood 2013;122(20):3405–3414. doi: 10.1182/blood-2013-05-504449
4. Hottz ED, Medeiros-de-moraes IM, Vieira-de-abreu A, De Assis EF, Vals-de-souza R, Castro-Faria-Neto HC, Weyrich AS, Zimmerman GA, Bozza FA, Bozza PT. Platelet activation and apoptosis modulate monocyte inflammatory responses in dengue. J Immunol Baltimore, Md. : 1950 2014;193(4): 1864–1872. doi: 10.4049/jimmunol.1400091
5. Barbosa-Lima G, Hottz ED, De Assis EF, Liechocki S, Souza TML, Zimmerman GA, Bozza FA, Bozza PT. Dengue virus-activated platelets modulate monocyte immunometabolic response through lipid droplet biogenesis and cytokine signaling. J Leukoc Biol

DOI: https://doi.org/10.1080/09537104.2021.1921722

2020 accessed 2020Sep8;108(4): 1293–1306.https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32663907/
6. Bozza FA, Cruz OG, Zagne SMO, Azeredo EL, Nogueira RMR, Assis EF, Bozza PT, Kubelka CF. Multiplex cytokine profile from dengue patients: MIP-1beta and IFN-gamma as predictive factors for severity. BMC Infect Dis 2008;8(1): 86. doi: 10.1186/1471-2334-8-86
7. Zhao L, Huang X, Hong W, Qiu S, Wang J, Yu L, Zeng Y, Tan X, Zhang F. Slow resolution of inflammation in severe adult dengue patients. BMC Infect Dis 2016;16(1): 291. doi: 10.1186/s12879-016-1596-x
8. Pan P, Zhang Q, Liu W, Wang W, Lao Z, Zhang W, Shen M, Wan P, Xiao F, Liu F, et al. Dengue virus M protein promotes NLRP3 inflammasome activation to induce vascular leakage in mice. J Virol 2019accessed 2021 Feb 2;93(21). https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31413130/
9. Chen H-R, Chuang Y-C, Lin Y-S, Liu H-S, Liu -C-C, Perng G-C, Yeh T-M, Harris E. Dengue virus nonstructural protein 1 induces vascular leakage through macrophage migration inhibitory factor and autophagy Harris E, editor. PLoS Negl Trop Dis 2016;10(7): e0004828. doi: 10.1371/journal.pntd.0004828
10. Tsai -J-J, Jen Y-H, Chang J-S, Hsiao H-M, Noisakran S, Perng GC. Frequency alterations in key innate immune cell components in the peripheral blood of dengue patients detected by FACS analysis. J Innate Immun 2011;3(5): 530–540. doi: 10.1159/000322904
11. Sung P-S, Huang T-F, Hsieh S-L. Extracellular vesicles from CLEC2-activated platelets enhance dengue virus-induced lethality via CLEC5A/TLR2. Nat Commun 2019;10(1): 2402. doi: 10.1038/s41467-019-10360-4
12. Brasier AR, Ju H, Garcia J, Spratt HM, Victor SS, Forshey BM, Halsey ES, Comach G, Sierra G, Blair PJ, et al. A three-component biomarker panel for prediction of dengue hemorrhagic fever. Am J Trop Med Hyg 2012accessed 2020 Aug 5;86(2): 341–348. https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/22302872/
13. Chaloemwong J, Tantiworawit A, Rattanathammethee T, Hantrakool S, Chai-Adisaksopha C, Rattarittamrong E, Norasetthada L. Useful clinical features and hematological parameters for the diagnosis of dengue infection in patients with acute febrile illness: a retrospective study. BMC Hematol 2018 accessed 2020Sep8;18(1). https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30181881/
14. Mr T, De O HED, Gvf B, Teixeira-Ferreira A, Pc C, Ga S, Ga Z, Fa B, Pt B, Perales J. Platelet proteome reveals novel pathways of platelet activation and platelet-mediated immunoregulation in dengue. Kuhn RJ, editor PLoS Pathog 2017;13(5): e1006385. doi: 10.1371/journal.ppat.1006385
15. Ojha A, Nandi D, Batra H, Singhal R, Annarapu GK, Bhattacharyya S, Seth T, Dar L, Medigeshi GR, Vrati S, et al. Platelet activation determines the severity of thrombocytopenia in dengue infection. Sci Rep 2017;7(1):41697. doi: 10.1038/srep41697
16. Wilder-Smith A, Ooi EE, Horstick O, Dengue WB. Dengue. The Lancet 2019accessed 2020 Sep 8;393(10169):350–363. https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30696575/
17. Suwanmanee S, Luplertlop N. Immunopathogenesis of dengue virus-induced redundant cell death: apoptosis and pyroptosis. Viral Immunol 2017 accessed 2020Sep8;30(1): 13–19. https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27860556/
18. Hidari KIPJ, Suzuki T. Dengue virus receptor. Trop Med Health 2011;39(4SUPPLEMENT): S37–S43. doi: 10.1111/jth.12178
19. Kar M, Singla M, Chandele A, Kabra SK, Lodha R, Medigeshi GR. Dengue virus entry and replication does not lead to productive infection in platelets. Open Forum Infectious Diseases 2017;4(2): ofx051. doi: 10.1093/ofid/ofx051
20. Simon AY, Sutherland MR, Pryzdial ELG. Dengue virus binding and replication by platelets. Blood 2015;126(3): 378–385. doi: 10.1182/blood-2014-09-598029
21. Hottz ED, Oliveira MF, Nunes PCG, Nogueira RMR, Valls-de-souza R, Da Poian AT, Weyrich AS, Zimmerman GA, Bozza PT, Bozza FA. Dengue induces platelet activation, mitochondrial dysfunction and cell death through mechanisms that involve DC-SIGN and caspases. J Thromb Haemost 2013;11(5): 951–962.
22. Urcuqui-Inchima S, Patiño C, Torres S, Haenni AL, Díaz FJ. Recent developments in understanding dengue virus replication. Adv Virus Res 2010; https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/20951868/
23. Bartenschlager R, Miller S. Molecular aspects of dengue virus replication. Future Microbiol 2008;3(2): 155–165. doi: 10.2217/17460913.3.2.155
24. Wills B, Tran VN, Van NTH, Thuy TTT, Thuy TTN, Dung NM, Tran VD, Chau NVV, Dinh TT, Farrar J. Hemostatic changes in Vietnamese children with mild dengue correlate with the severity of vascular leakage rather than bleeding. Am J Trop Med Hyg 2009accessed 2020 Sep 8;81(4): 638–644. https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19815879/
25. Srichaikul T, Nimmannitya S. Haematology in dengue and dengue haemorrhagic fever. Best Pract Res Clin Haematol 2000;13(2): 261–276. doi: 10.1053/beha.2000.0073
26. La Russa VF, Innis BL. 11 Mechanisms of dengue virus-induced bone marrow suppression. Bailliere's Clinical Haematology 1995 accessed 2020 Sep 8;8(1): 249–270. https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/7663049/
27. Hr BIERMAN, Er NELSON, Er NELSON. HEMATODEPRESSIVE VIRUS DISEASES OF THAILAND. Ann Intern Med 1965 accessed 2020 Sep 8;62(5): 867–884. https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/14283387/
28. Sridharan A, Chen Q, Tang KF, Ooi EE, Hibberd ML, Chen J. Inhibition of megakaryocyte development in the bone marrow underlies dengue virus-induced thrombocytopenia in humanized mice. J Virol 2013accessed 2020 Sep 8;87(21): 11648–11658. https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/23966397/
29. Clark KB, Noisakran S, Onlamoon N, Hsiao HM, Roback J, Villinger F, Ansari AA, Perng GC Multiploid CD61+ Cells are the Pre-dominant cell lineage infected during acute dengue virus infection in bone marrow. PLoS ONE 2012 [accessed 2020Sep8;7 (12): https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/23300812/ e52902
30. Vogt MB, Lahon A, Arya RP, Clinton JLS, Rico-Hesse R. Dengue viruses infect human megakaryocytes, with probable clinical consequences. PLoS Negl Trop Dis 2019accessed 2020 Sep 8; 13 (11): e0007837.https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31765380/
31. Basu A, Jain P, Gangodkar SV, Shetty S, Ghosh K. Dengue 2 virus inhibits in vitro megakaryocytic colony formation and induces apoptosis in thrombopoietin-inducible megakaryocytic differentiation from cord blood CD34+ cells. FEMS Immunol Med Microbiol 2008 accessed 2020Sep8;53(1): 46–51. https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/18371071/
32. Alonzo MTG, Lacuesta TLV, Dimaano EM, Kurosu T, Suarez LC, Mapua CA, Akeda Y, Matias RR, Kuter DJ, Nagata S, et al. Platelet Apoptosis and Apoptotic Platelet Clearance by Macrophages in Secondary Dengue Virus Infections. J Infect Dis 2012;205 (8):1321–1329. doi: 10.1093/infdis/jis180
33. Onlamoon N, Noisakran S, Hsiao H-M, Duncan A, Villinger F, Ansari AA, Perng GC. Dengue virus-induced hemorrhage in a nonhuman primate model. Blood 2010;115(9): 1823–1834. doi: 10.1182/blood-2009-09-242990
34. Krishnamurti C, Cutting MA, Peat RA, Rothwell SW. Platelet adhesion to dengue-2 virus-infected endothelial cells. Am J Trop Med Hyg 2002;66(4): 435–441. doi: 10.4269/ajtmh.2002.66.435
35. Póvoa TF, Alves AMB, Oliveira CAB, Nuovo GJ, Chagas VLA, Paes MV The pathology of severe dengue in multiple organs of human fatal cases: histopathology, ultrastructure and virus replication. PLoS ONE 2014 accessed 2020Sep8;9(4): https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24736395/ e83386
36. Riswari SF, Tunjungputri RN, Kullaya V, Garishah FM, Utari GSR, Farhanah N, Overheul GJ, Alisjahbana B, Hussein Gasem M, Urbanus RT, et al. Desialylation of platelets induced by von willebrand factor is a novel mechanism of platelet clearance in dengue. PLoS Pathog 2019accessed 2020 Sep 8;15(3): e1007500. https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30849118/
37. Sørensen AL, Rumjantseva V, Nayeb-Hashemi S, Clausen H, Hartwig JH, Wandall HH, Hoffmeister KM. Role of sialic acid for platelet life span: exposure of β-galactose results in the rapid clearance of platelets from the circulation by asialoglycoprotein receptor-expressing liver macrophages and hepatocytes. Blood 2009 accessed 2020Sep8;114(8): 1645–1654. https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19520807/
38. Saito M, Oishi K, Inoue S, Dimaano EM, Alera MTP, Robles AMP, Estrella BD, Kumatori A, Moji K, Alonzo MT, et al. Association of increased platelet-associated immunoglobulins with thrombocytopenia and the severity of disease in secondary dengue virus infections. Clin Exp Immunol 2004accessed 2020 Sep 8;138(2): 299–303. https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/15498040/
39. Honda S, Saito M, Dimaano EM, Morales PA, Alonzo MTG, Suarez LAC, Koike N, Inoue S, Kumatori A, Matias RR, et al. Increased phagocytosis of platelets from patients with secondary

dengue virus infection by human macrophages. Am J Tropical Med Hyg 2009accessed 2020 Dec 16;80(5): 841–845. https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19407135/

40. Sun D-S, King -C-C, Huang H-S, Shih Y-L, Lee -C-C, Tsai W-J, Yu -C-C, Chang -H-H. Antiplatelet autoantibodies elicited by dengue virus non-structural protein 1 cause thrombocytopenia and mortality in mice. Journal of Thrombosis and Haemostasis 2007;5(11): 2291–2299. doi: 10.1111/j.1538-7836.2007.02754.x
41. Falconar AK. The dengue virus nonstructural-1 protein (NS1) generates antibodies to common epitopes on human blood clotting, integrin/adhesin proteins and binds to human endothelial cells: potential implications in haemorrhagic fever pathogenesis. Arch Virol 1997;142(5): 897–916. doi: 10.1007/s007050050127
42. Avirutnan P, Punyadee N, Noisakran S, Komoltri C, Thiemmeca S, Auethavornanan K, Jairungsri A, Kanlaya R, Tangthawornchaikul N, Puttikhunt C, et al.Vascular leakage in severe dengue virus infections: a potential role for the nonstructural viral protein NS1 and complement. J Infect Dis 2019 accessed 2020Sep8;13(11): 1078–1088.https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16544248/
43. Nascimento EJM, Silva AM, Cordeiro MT, Brito CA, Gil LHVG, Braga-Neto U, Marques ETA. Alternative complement pathway deregulation is correlated with dengue severity. PLoS ONE 2009accessed 2020 Sep 8; 4(8): e6782.https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19707565/
44. Nascimento EJM, Hottz ED, Garcia-Bates TM, Bozza F, Marques ETA, Barratt-Boyes SM. Emerging concepts in dengue pathogenesis: interplay between plasmablasts, platelets, and complement in triggering vasculopathy. Crit Rev Immunol 2014 accessed 2020Sep8;34(3): 227–240. https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24941075/
45. Vieira-de-abreu A, Campbell RA, Weyrich AS, Zimmerman GA. Platelets: versatile effector cells in hemostasis, inflammation, and the immune continuum. Semin Immunopathol 2012;34(1): 5–30.
46. Dib PRB, Quirino-Teixeira AC, Merij LB, Pinheiro MBM, Rozini SV, Andrade FB, Hottz ED, Dib PRB, Quirino-Teixeira AC, Merij LB, et al. Innate immune receptors in platelets and platelet-leukocyte interactions. J Leukoc Biol 2020 accessed 2020Sep8;108(4): 1157–1182.https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32779243/
47. Michels M, Alisjahbana B, De Groot PG, Indrati AR, Fijnheer R, Puspita M, Dewi IMW, Van De Wijer L, De Boer EMS, Roest M, et al. Platelet function alterations in dengue are associated with plasma leakage. Thromb Haemost 2014;112(2):352–362. doi: 10.1160/TH14-01-0056
48. Van De Weg CAM, Pannuti CS, De Araújo ESA, Van Den Ham H-J, Andeweg AC, Boas LSV, Felix AC, Carvalho KI, De Matos AM, Levi JE, et al. Microbial translocation is associated with extensive immune activation in dengue virus infected patients with severe disease Rico-Hesse R, editor. PLoS Negl Trop Dis 2013;7(5): e2236. doi: 10.1371/journal.pntd.0002236
49. Matsuura C, Moraes TL, Barbosa JB, Moss MB, Siqueira MAS, Mann GE, Neto ML, Brunini TMC, Mendes-Ribeiro AC. Nitric oxide activity in platelets of dengue haemorrhagic fever patients: the apparent paradoxical role of ADMA and l-NMMA. Trans R Soc Trop Med Hyg 2012;106(3): 174–179. doi: 10.1016/j.trstmh.2011.10.009
50. Mendes-Ribeiro AC, Moss MB, Siqueira MA, Moraes TL, Ellory JC, Mann GE, Brunini TM. DENGUE FEVER ACTIVATES THE l-ARGININE-NITRIC OXIDE PATHWAY: AN EXPLANATION FOR REDUCED AGGREGATION OF HUMAN PLATELETS. Clin Exp Pharmacol Physiol 2008;35(10): 1143–1146. doi: 10.1111/j.1440-1681.2008.04970.x
51. Bin MMF, Mantri CK, Rathore APS, St. John AL. Peripheral serotonin causes dengue virus-induced thrombocytopenia through 5HT2 receptors. Blood 2019accessed 2020 Dec 10;133(21): 2325–2337. https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30755421/
52. Gisterek I, Matkowski R, Lacko A, Sedlaczek P, Szewczyk K, Biecek P, Halon A, Staszek U, Szelachowska J, Pudelko M, et al. Serum vascular endothelial growth factors A, C and D in human breast tumors. Pathology and Oncology Research 2010;16(3):337–344. doi: 10.1007/s12253-009-9211-8
53. Patra G, Saha B, Mukhopadhyay S. Study of serum VEGF levels in patients with severe dengue infection admitted in a tertiary care hospital in Kolkata. J Med Virol 2019accessed 2020 Sep 8;91(10): 1873–1876. https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31243775/
54. Sen C-S, Lo H-W, Teng H-C, Lo W-C, Ker C-G. Elevated levels of plasma VEGF in patients with dengue hemorrhagic fever. FEMS Immunol Med Microbiol 2005accessed 2020 Oct 6;43(1): 99–102. https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/15607642/
55. Mm D, Nd T, Bunting M, Schwertz H, Jiang H, Lindemann S, Cc Y, Fj R, Kh A, Kj S, et al. Escaping the nuclear confines: signal-dependent pre-mRNA splicing in anucleate platelets. Cell 2005;122(3):379–391. doi: 10.1016/j.cell.2005.06.015
56. Chao C-H, Wu W-C, Lai Y-C, Tsai P-J, Perng G-C, Lin Y-S, Yeh T-M, Kuhn RJ. Dengue virus nonstructural protein 1 activates platelets via Toll-like receptor 4, leading to thrombocytopenia and hemorrhage Kuhn RJ, editor. PLoS Pathog 2019;15(4): e1007625. doi: 10.1371/journal.ppat.1007625
57. Modhiran N, Watterson D, Muller DA, Panetta AK, Sester DP, Liu L, Hume DA, Stacey KJ, Young PR. Dengue virus NS1 protein activates cells via Toll-like receptor 4 and disrupts endothelial cell monolayer integrity. Sci Transl Med 2015;7(304): 304ra142–304ra142. doi: 10.1126/scitranslmed.aaa3863
58. Núñez-Avellaneda D, Mosso-Pani MA, Sánchez-Torres LE, Castro-Mussot ME, Corona-de La Peña NA, Salazar M. Dengue virus induces the release of sCD40l and changes in levels of membranal CD42B and CD40L molecules in human platelets. Viruses 2018;10(7): 357. doi: 10.3390/v10070357
59. Chapman LM, Aggrey AA, Field DJ, Srivastava K, Ture S, Yui K, Topham DJ, Baldwin WM, Morrell CN. Platelets Present Antigen in the Context of MHC Class I. The Journal of Immunology 2012;189(2): 916–923. doi: 10.4049/jimmunol.1200580
60. Dixon DA, Tolley ND, Bemis-Standoli K, Martinez ML, Weyrich AS, Morrow JD, Prescott SM, Zimmerman GA. Expression of COX-2 in platelet-monocyte interactions occurs via combinatorial regulation involving adhesion and cytokine signaling. J Clin Invest 2006;116(10): 2727–2738. doi: 10.1172/JCI27209
61. Lee Y-R, Liu M-T, Lei H-Y, Liu -C-C, Wu J-M, Tung Y-C, Lin Y-S, Yeh T-M, Chen S-H, Liu H-S. MCP-1, a highly expressed chemokine in dengue haemorrhagic fever/dengue shock syndrome patients, may cause permeability change, possibly through reduced tight junctions of vascular endothelium cells. Journal of General Virology 2006accessed 2020 Aug 6;87(12): 3623–3630. https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/17098977/
62. Kubelka CF, Azeredo EL, Gandini M, Oliveira-Pinto LM, Santos Barbosa L, Damasco PV, Cal Á, Arc M-C, Cunha RV, Cruz OG. Metalloproteinases are produced during dengue fever and MMP9 is associated with severity. Journal of Infection 2010accessed 2020 Sep 10;61(6): 501–505. https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/20863849/
63. Lin CK, Tseng CK, Wu YH, Liaw CC, Lin CY, Huang CH, Chen YH, Lee JC. Cyclooxygenase-2 facilitates dengue virus replication and serves as a potential target for developing antiviral agents. Sci Rep 2017[accessed 2020 Aug 6; 7. https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28317866/
64. Wu W-L, Ho L-J, Chang D-M, Chen C-H, Lai J-H. Triggering of DC migration by dengue virus stimulation of COX-2-dependent signaling cascades in vitro highlights the significance of these cascades beyond inflammation. Eur J Immunol 2009accessed 2020 Aug 6;39(12): 3413–3422. https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19862774/
65. Campbell RA, Schwertz H, Hottz ED, Rowley JW, Manne BK, Washington AV, Hunter-Mellado R, Tolley ND, Christensen M, Eustes AS, et al. Human megakaryocytes possess intrinsic antiviral immunity through regulated induction of IFITM3. Blood 2019;133(19):2013–2026. doi: 10.1182/blood-2018-09-873984
66. Alexander JS, Patton WF, Christman BW, Cuiper LL, Haselton FR. Platelet-derived lysophosphatidic acid decreases endothelial permeability in vitro. American Journal of Physiology - Heart and Circulatory Physiology 1998[accessed 2021 Mar 9;274(1): 43–1. https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/9458859/

Metadata of the chapter that will be visualized online

Chapter Title	Isolation of Microvesicles from Plasma Samples Avoiding Lipoprotein Contamination	
Copyright Year	2022	
Copyright Holder	The Author(s), under exclusive license to Springer Science+Business Media, LLC, part of Springer Nature	
Author	Family Name	**Merij**
	Particle	
	Given Name	**Laura B.**
	Suffix	
	Division	Laboratory of Immunothrombosis, Department of Biochemistry, Institute of Biological Sciences
	Organization	Federal University of Juiz de Fora
	Address	Juiz de Fora, Minas Gerais, Brazil
Author	Family Name	**Andrade**
	Particle	
	Given Name	**Fernanda B.**
	Suffix	
	Division	Laboratory of Immunothrombosis, Department of Biochemistry, Institute of Biological Sciences
	Organization	Federal University of Juiz de Fora
	Address	Juiz de Fora, Minas Gerais, Brazil
Author	Family Name	**Silva**
	Particle	
	Given Name	**Adriana R.**
	Suffix	
	Division	LaboratoryofImmunopharmacology, Oswaldo Cruz Institute
	Organization	Oswaldo Cruz Foundation
	Address	Rio de Janeiro, Brazil
Corresponding Author	Family Name	**Hottz**
	Particle	
	Given Name	**Eugenio D.**
	Suffix	
	Division	Laboratory of Immunothrombosis, Department of Biochemistry, Institute of Biological Sciences
	Organization	Federal University of Juiz de Fora
	Address	Juiz de Fora, Minas Gerais, Brazil
	Email	eugenio.hottz@icb.ufjf.br

Abstract

Dengue is an infectious disease caused by Dengue Virus, mainly transmitted by *Aedes aegypti* mosquitoes. Severe dengue is a potentially fatal syndrome in consequence of overwhelmed inflammation, in which thrombocytopenia and increased vascular permeability are frequently observed. Several experimental evidences point to the participation of both microvesicles (MVs) and circulating lipoproteins in inflammatory amplification in dengue pathogenesis. On this regard, many protocols for isolating plasma MVs have shown lipoproteins as the main contaminant. This is a limitation to studies aiming at the functional characterization of MVs, since both MVs and lipoproteins can modulate inflammatory responses. Here, we describe a biphasic density-based gradient ultracentrifugation as a tool for concomitant isolation of MVs and lipoproteins without cross-contamination. Flow cytometry for MVs quantification and western blot for detection of apoB100 may be used to confirm the isolation and purity of the MVs.

Keywords (separated by '-') Extracellular vesicles - Microvesicles - Lipoproteins - Isolation protocols - Gradient ultracentrifugation

Chapter 17

Isolation of Microvesicles from Plasma Samples Avoiding Lipoprotein Contamination

Laura B. Merij, Fernanda B. Andrade, Adriana R. Silva, and Eugenio D. Hottz

Abstract

Dengue is an infectious disease caused by Dengue Virus, mainly transmitted by *Aedes aegypti* mosquitoes. Severe dengue is a potentially fatal syndrome in consequence of overwhelmed inflammation, in which thrombocytopenia and increased vascular permeability are frequently observed. Several experimental evidences point to the participation of both microvesicles (MVs) and circulating lipoproteins in inflammatory amplification in dengue pathogenesis. On this regard, many protocols for isolating plasma MVs have shown lipoproteins as the main contaminant. This is a limitation to studies aiming at the functional characterization of MVs, since both MVs and lipoproteins can modulate inflammatory responses. Here, we describe a biphasic density-based gradient ultracentrifugation as a tool for concomitant isolation of MVs and lipoproteins without cross-contamination. Flow cytometry for MVs quantification and western blot for detection of apoB100 may be used to confirm the isolation and purity of the MVs.

Keywords Extracellular vesicles, Microvesicles, Lipoproteins, Isolation protocols, Gradient ultracentrifugation

1 Introduction

Dengue is an infectious disease caused by Dengue Virus (DENV), mainly transmitted by *Aedes aegypti* mosquitoes. A wide spectrum of clinical manifestations is observed in DENV infection, which may characterize a mild dengue syndrome with self-limited clinical course or progress to severe disease, with complications involving thrombocytopenia and increased vascular permeability [1]. Even though the pathophysiological mechanisms of severe dengue are not completely understood, a strong inflammatory response is known to mediate vasculopathy, tissue damage, and organ impairment [2]. In this context, increased levels of circulating inflammatory microvesicles (MVs) are described in patients with severe dengue [3]. DENV infection alters the levels and

Ronaldo Mohana-Borges (ed.), *Dengue Virus: Methods and Protocols* , Methods in Molecular Biology, vol. 2409,
https://doi.org/10.1007/978-1-0716-1879-0_17,

composition of serum MVs, which are potential biomarkers for dengue prognosis [3, 4] as well as being involved in pathophysiological mechanisms [5].

MVs, or microparticles, are membrane fragments released into the extracellular space by virtually all cells under activation/stress conditions, contributing to pathological processes [6]. They act by protecting their content from the extracellular milieu and delivering bioactive molecules to target cells via surface signaling or membrane fusion [6]. MVs generated from erythrocytes and platelets comprised two major populations in the circulation of dengue patients [3] and platelet-derived microvesicles have been shown to contribute to endothelial hyperpermeability, a signal associated with progression to severe dengue [5]. However, previous attempts of isolating circulating MVs have shown contamination with lipoproteins, mainly low-density lipoprotein (LDL) [7]. This contamination is a setback on MVs functional studies once lipoproteins can also modulate inflammatory responses [8].

In this chapter, we present an optimized protocol for the isolation of MVs samples avoiding contamination by LDL, and also allowing the isolation of lipoproteins in parallel. The protocol includes a biphasic density-based gradient ultracentrifugation with subsequent dialysis followed by centrifugation to pellet the purified MVs. Isolated MVs are further analyzed through flow cytometry and their purity confirmed by detection of ApoB100 (the apolipoprotein present in LDL [9]) by Western Blot.

2 Materials

1. Conical polypropylene sterile tubes (50 mL and 1.5 mL).
2. Tube racks.
3. Beakers.
4. Centrifuges.
5. Laminar flow cabinet.
6. Analytical scale.
7. Bunsen burner.
8. Agitator.
9. Vortex.
10. Laboratory water bath.
11. Plate spectrophotometer.
12. Ultrasonic bath.
13. Cytometer.

2.1 Isolation of Plasma

1. Blood collection materials.
2. Acid-citrate-dextrose (ACD): 22.4 g/L sodium citrate, 8 g/L citric acid, 2 g/L dextrose, pH 5.1, in ultrapure water (Milli-Q quality), 0.22 μm vacuum filtered.
3. Butylated hydroxytoluene (BHT) diluted in ethanol (2 mg/mL).

2.2 Gradient Assembly and Handling

1. 8 mL polypropylene round-top ultracentrifuge tubes with heat-sealing.
2. Fixed-angle vertical or near-vertical ultracentrifuge rotor.
3. Sterile glass Pasteur pipette with rubber bulb.
4. Saline solution: 0.9% NaCl w/v.
5. Potassium bromide.
6. Quick-Seal Cordless Tube Topper kit (Beckman Coulter).
7. Sterile needles (18G, 1.2 × 40 mm).

2.3 Dialysis and MVs Precipitation

1. Pore membranes: 1 kDa *cut-off*, 2 mL.
2. Phosphate-Buffer Saline (PBS): 0.137 M NaCl, 0.0027 M KCl, 0.01 M Na_2HPO_4, 0.0015 M KH_2PO_4 diluted in Ultrapure water (Milli-Q quality), pH 7.4.

2.4 Colorimetric Essays

1. Triacylglycerol liquiform kit.
2. Cholesterol liquiform kit.
3. BCA Protein Assay kit.
4. Albumin quantification kit.

2.5 Flow Cytometry

1. Annexin V-PE conjugate probe.
2. 10× Annexin V Binding Buffer (AVBB): 0.1 M HEPES (pH 7.4), 1.4 M NaCl, and 25 mM $CaCl_2$, filtered in 0.2-μm syringe filter.
3. 1 μm latex beads (4.55×10^{10} particles/mL).
4. 5 mL round bottom polystyrene test tube.

2.6 Western Blot

1. Vertical mini gel electrophoresis system.
2. Mini transfer system including gel holder cassettes, foam pads, electrode assembly plus thick blot filter paper.
3. Basic power supply with power pack adaptor cords.
4. Sodium dodecyl sulfate polyacrylamide gel (SDS-PAGE):
   (a) Polyacrylamide separating gel: 6% Acrylamide/bis Acrylamide Solution (ratio: 37.5:1), 0.375 M Tris–HCl pH 8.8; 0.1% SDS (m/v), 0.2% APS—Ammonium persulfate (m/v), 0.08% tetramethylethylenediamine (TEMED) in ultrapure water (Milli-Q quality).

(b) Polyacrylamide Stacking gel: 4% Acrylamide/bis Acrylamide Solution (ratio: 37.5:1), 0.25 M Tris–HCl pH 6.8, 0.1% SDS (m/v), 0.1% APS—Ammonium persulfate (m/v), 0.01% Bromophenol Blue (BPB), 0.16% TEMED, in ultrapure water (Milli-Q quality).

5. 5× concentrated lysis buffer: 750 mM NaCl, 50 mM Tris–HCl, pH 8.0, 0.5 mM EDTA, 2.5% Triton X-100 (v/v), 5% Protease inhibitor in ultrapure water (Milli-Q quality).
6. 5× concentrated sample buffer: 5% SDS (m/v), 12.5% β-mercaptoethanol (BME) (v/v), 25% Glycerol (v/v), 156.25 mM Tris–HCl, 0.01% BPB (m/v), pH 6.8.
7. High molecular weight (MW) range protein ladders.
8. Running buffer: 25 mM Tris-base, 190 mM Glycine, 0.1% SDS (m/v) in ultrapure water (Milli-Q quality).
9. Transfer buffer: 25 mM Tris-base, 190 mM Glycine, 0.1% SDS (m/v), 5% methanol (v/v) in ultrapure water (Milli-Q quality).
10. Polyvinylidene fluoride (PVDF) membrane.
11. Tris-buffered saline with Tween-20 (TBS-T) buffer: 20 mM Tris–HCl pH 7.5, 150 mM NaCl, 0.1% Tween 20 (v/v).
12. Blocking solution: 5% non-fat dried milk in TBS-T.
13. Primary antibody against Apo B100.
14. Secondary antibody conjugated to horseradish peroxidase (HRP) generated against host species of primary antibody.
15. Super Signal enhanced chemiluminescent substrate.
16. Hyperfilm ECL-high performance chemiluminescent film 18 × 24 cm and X-ray film cassette.

3 Methods

3.1 Plasma Isolation

1. Centrifuge the blood tubes at 700 × *g* for 20 min at room temperature without applying the centrifuge brake to obtain platelet-poor plasma (PPP). Collect the PPP in a new centrifuge tube.
2. Perform a second centrifugation at 2500 × *g* for 15 min, at room temperature, without brake, to exclude apoptotic bodies, membrane fragments, and cell debris obtaining the platelet-free plasma (PFP) (*see* **Notes 1** and **2**).
3. Collect the PFP and add BHT (1 μL/mL) to prevent ex vivo oxidation of plasma lipoproteins (*see* **Note 3**).
4. Separate a fraction of PFP plasma to be used as a control of MVs isolated without lipoprotein elimination later.

3.2 Gradient Assembly

1. Dilute 0.5 g/mL of KBr in PFP and thoroughly homogenize, avoiding foam formation according to Fig. 1.
2. Add 2 mL of PFP containing 0.5 g/mL of KBr in the polypropylene round-top quick-seal centrifuge tubes using a sterile glass Pasteur pipette with rubber bulb (Fig. 1a) (*see* **Note 4**).
3. Using another sterile glass Pasteur pipette with rubber bulb, gently add sterile saline solution (NaCl 0.9% w/v) above the PFP-KBr mixture in the same tube until it is completely filled (Fig. 1a).
4. Check the weight of the tubes making sure opposite tubes have the same weight to ensure proper balance at the time of ultracentrifugation (*see* **Note 5**).
5. Seal the tube for ultracentrifugation.
6. Ultra-centrifugate the tubes at 150,000 × *g* for 2 h and 40 min at 4 °C with medium acceleration and deceleration.
7. Warm the needle in the Bunsen burner and pierce two holes in each tube, one on the bottom and the other at the top (Fig. 1b). Be careful, once you pierce the second hole the drops will start to fall.
8. Collect 26 fractions from the bottom to the top of the gradient in individual 1.5 mL conical tubes (Fig. 1b) (*see* **Note 6**).

3.3 Quantification of Plasma Lipoproteins and Albumin

1. Locate the plasm lipoproteins and albumin in each fraction. For this you must quantify cholesterol, triacylglycerol (TAG), and albumin in all fractions obtained after ultracentrifugation using specific colorimetric essay kits as per manufacturer's instructions. Through this step, you will be able to identify the fractions containing very low-density lipoprotein (VLDL—rich in TAG at the top of the gradient), low-density lipoprotein (LDL—rich in cholesterol below VLDL), high-density lipoprotein (HDL—rich in cholesterol below LDL), and plasma (rich in albumin at the bottom) (Fig. 1c).
2. For further confirmation of the LDL-containing fractions, weigh 100 μL of the fractions to check the density (LDL density is between 1.019 and 1.063 g/mL).

3.4 Quantification of MVs in Plasma Through Flow Cytometry

1. Prepare 1× Annexin V Binding Buffer (AVBB) by diluting the 10x stock solution in ultrapure water (Milli-Q quality).
2. Prepare an intermediate suspension of latex beads by diluting the beads stock at 1:1000 ratio in AVBB (1×). Place the beads suspension in the ultrasonic bath. Beads must remain in ultrasound until the moment of use to prevent aggregation (*see* **Note 7**).
3. Separate a sample of each fraction of the gradient in 1.5 mL conical tubes and add the 10× concentrated AVBB and

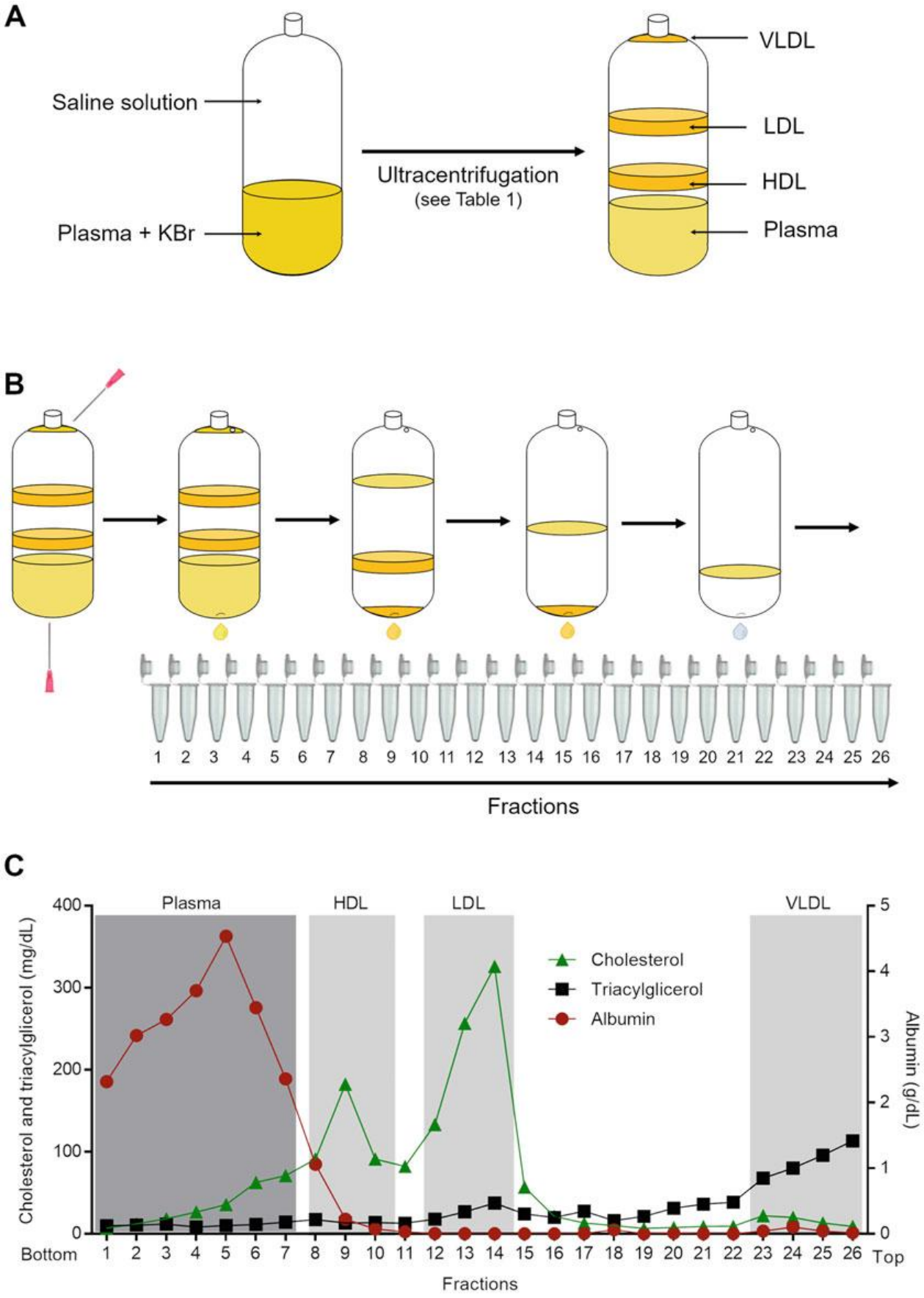


Fig. 1 Schematic representation of the biphasic gradient assembly and fractionation. (**a**) The layout of the solutions used to assemble the gradient (left) and the expected distribution of the lipoproteins and plasma fractions after ultracentrifugation (right). (**b**) Schematic representation of suitable locations for needle drilling

PE-labeled Annexin V at 1:10 dilution (for 40 μL of sample, add 5 μL of AVBB 10× and 5 μL of Annexin V).

4. Let it rest for 30 min protected from light and then complete de volume with AVBB 1× so that it is ten times diluted.
5. To set the flow cytometer, prepare a tube containing beads only by diluting the intermediate bead suspension at 1:100 ratio in AVBB (1×). Acquire the bead sample to set a gate including events of 1 μm or smaller (<beads population) and excluding the electronical noise (Fig. 2a left panel).
6. Right before the acquisition, add the intermediate latex beads suspension to the sample at 1:100 dilution (5 μL in 500 μL of sample). Beads should not be added to all samples at once, only when they are about to be acquired, avoiding aggregation.
7. Among events smaller than 1 μm, set one gate in the population of beads and one gate in the population of MVs (annexin V-positive events) (Fig. 2a right panel).
8. To estimate the concentration of MVs in each sample, calculate the MVs/beads ratio and multiply for the bead concentration in the acquired sample. MVs will be found in the plasma fraction together with albumin (Fig. 2b).

3.5 Sample Dialysis

1. Pool the gradient fractions containing the lipoprotein of interest and the fractions containing plasma in individual tubes.
2. Deposit each sample type (plasma, VLDL, LDL, and/or HDL) into a pore membrane dialysis system.
3. Dialyze against PBS for 18 h at 4 °C under slow homogenization using a magnetic agitator. Replace the PBS at least once.
4. Recover the dialyzed samples, fractionate into smaller aliquots, and freeze until use.

3.6 MVs Isolation from Plasma

1. Centrifuge the dialyzed plasma samples obtained after lipoprotein elimination and the control plasma sample in 1.5 mL conical tubes at 19,000 × *g* for 2 h at 4 °C to pellet the MVs.
2. Carefully discard the supernatant with a pipette leaving only 50 μL in each tube.
3. Resuspend the MVs in 1450 μL of 0.22 filtered sterile PBS and homogenize the sample.
4. Repeat **steps 1** and **2**. Resuspend the MVs in the remaining 100 μL.

Fig. 1 (continued) and the method used to collect the gradient fractions. (**c**) The concentration of total cholesterol, triacylglycerol, and albumin in each fraction obtained after gradient ultracentrifugation. The gray rectangles highlight the fractions containing plasma, high-density lipoproteins (HDL), low-density lipoproteins (LDL), and very low-density lipoproteins (VLDL)

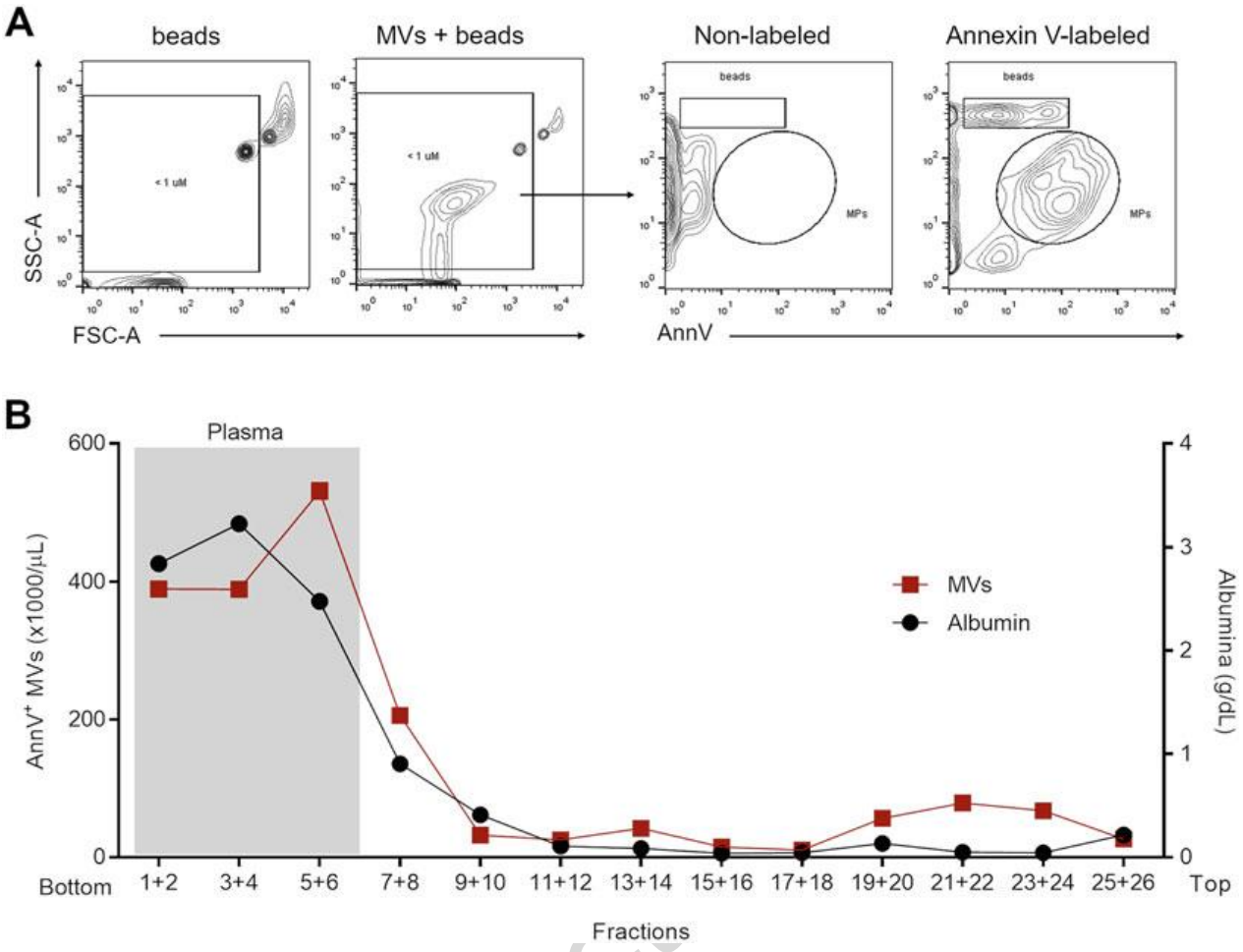


Fig. 2 Microvesicles identification and quantification through flow cytometry. (**a**) Gating strategy for flow cytometric analysis of microvesicles (MVs). Latex beads and MVs samples were acquired in a FACSCanto (Becton Dickson) cytometer. On the left, gating strategy to analysis of particles smaller than 1 μm (known size of the latex beads). On the right, gating strategy for counting beads and MVs (<1 μm and Annexin V^+ events). (**b**) The concentration of MVs and albumin in each two fractions of the gradient. The gray rectangle highlights the fractions containing plasma and MVs AU7

5. The recovery of MVs from control plasma and from lipoprotein-depleted plasma may be assessed through flow cytometry as described in Subheading 3.4. 239 240 241
6. Freeze the MVs samples until use. 242

243

3.7 Detection of Apo B100 Through Western Blot

1. In order to ensure that the MVs samples are not contaminated by LDL, a Western blot can be performed targeting Apo B100. The transfer of high molecular weight proteins (i.e., >200 kDa) is challenging [12]. Therefore, due to the Apo B100 high MW (~513 kDa), some specific practices will be addressed in this section aiming at the efficient transfer of the proteins, including: 244 245 246 247 248 249 250
   (a) Low percentage of polyacrylamide separating gel (6%). 251
   (b) Transfer buffer with low methanol concentration (5%) containing 0.1% SDS. 252 253

(c) Transfer into PVDF instead of nitrocellulose membrane.

(d) Prolonged electro-transferring (16 h) at 40 mA, 4 °C.

3.7.1 MVs Samples Preparation

1. Unfreeze samples of isolated MVs from control or lipoprotein-depleted plasma (obtained in Subheading 3.6) and keep them on ice until use.
2. Homogenize the samples and remove a small volume (10 μL) of samples to quantify the protein concentration.
3. Separate 16 μL of the sample with the lowest protein concentration and a smaller volume of the more concentrated ones to have the same protein amount of each sample. Normalize the volume of all samples to 16 μL with distillate water. Add 4 μL of the 5× concentrated lysis buffer stock solution to obtain 20 μL of each sample. Briefly vortex and place the samples in the ultrasonic bath for 10 min.
4. Add the sample buffer by diluting the 5× concentrated stock into each sample (5 μL in 20 μL of sample). Boil at 95 °C for 5 min.

3.7.2 Protein Separation by Gel Electrophoresis

1. Prepare the separating 6% polyacrylamide gel and stacking gel by mixing the items described in Subheading 2.6, **item 4** (*see* **Note 8**).
2. Assemble the electrophoresis apparatus and set the gel; fill the gel box chamber with the running buffer.
3. Load 25 μL of each sample in different wells of the gel along with MW marker.
4. Turn on power supply and run the samples at 32 mA for about 120 min (*see* **Note 9**).

3.7.3 Protein Transfer to PVDF Membrane

1. Treat the PVDF membrane with 100% methanol for 2 min to activate the membrane before use because PVDF membrane is water repellent.
2. Assemble a transfer sandwich on the gel support cassette, which must be placed in the tank with the transfer buffer.
3. Transfer proteins from the gel to the membrane at 4 °C overnight at 40 mA (*see* **Note 10**).

3.7.4 Membrane Blocking and Immuno-Detection

1. After electroblotting, block the membrane with 5% low-fat dried milk in TBS-T for 1 h under continuous gentle shaking at room temperature.
2. Incubate the membrane with the primary antibody against Apo B100 solution (1:2000 in 5% low-fat dried milk in TBS-T) overnight under continuous gentle shaking at 4 °C.

3. Wash the membrane five times with TBS-T and incubate with the secondary antibody solution (1:10,000 in 5% low-fat dried milk in TBS-T) for 1 h under continuous gentle shaking at room temperature.
4. Wash the membrane five times with TBS-T, soak the membrane in the pico ECL substrate, and wrap the membrane in a plastic clear sheet protector. In a dark room, expose the hyperfilm ECL to the wrapped membrane in an X-ray film cassette (*see* **Note 11**).
5. ApoB100 must be detected only in MVs from plasma that was not subjected through gradient ultracentrifugation.

4 Notes

1. The quantification of MVs and other analysis such as procoagulant activity are described to be strongly influenced by pre-analytical variables in the MV isolation protocol [11, 12]. Some critical variables must be standardized in the plasma preparation stage, which are: do not use vacuum blood collection systems; handle blood carefully; use specific centrifugation conditions mentioned below; use PFP instead of PPP; use fresh samples.
2. Biosafety practices must be followed by a trained blood collection team and blood should be collected in the presence of anticoagulants (15% v/v of sterile ACD). Thoroughly homogenize the blood in the syringe and transfer it to conical polypropylene sterile centrifuge tube. To avoid unnecessary agitation, transport of the tubes must be carried out with care.
3. Store samples of PFP plus BHT in refrigeration if ultracentrifugation occurs the next day or freeze at −20 °C.
4. For 8 mL ultracentrifuge tube, add 2 mL of PFP-KBR mixture plus 6 mL of 0.9% saline solution. When using clinical samples, smaller sample volumes can be adapted for other tubes and ultracentrifuge rotors.
5. Equalize the weight by carefully removing the saline from the tube with more solution using the glass Pasteur pipette. Unbalanced tubes can damage your equipment.
6. Each drop contains approximately 50 μL, so to get 300 μL you must collect 6 drops for each fraction.
7. Preventing latex beads aggregation is important since beads counting in flow cytometry will be used to quantify the MVs concentration.
8. The glass sandwich with gels can be stored at 4 °C in running buffer for about 3 days.

9. You should see bubbles in the tank if the current is flowing. Since a low percentage polyacrylamide gel (6%) is used, low MW protein markers are expected to process faster than high MW proteins markers.
10. Place cooling ice packs in the tank around the transfer case. It is important that the system supports cooling overnight.
11. In samples where LDL is present, APOB-100 is abundant. Therefore, after 5 min of exposure there is a good detection of the protein.

References

1. Wilder-Smith A, Ooi EE, Horstick O et al (2019) Dengue. Lancet 393(10169):350–363
2. de Almeida RR, Paim B, de Oliveira SA et al (2017) Dengue hemorrhagic fever: a state-of-the-art review focused in pulmonary involvement. Lung 195:389–395
3. Punyadee N, Mairiang D, Thiemmeca S et al (2015) Microparticles provide a novel biomarker to predict severe clinical outcomes of dengue virus infection. J Virol 89:1587–1607
4. Patil R, Bajpai S, Ghosh K et al (2018) Microparticles as prognostic biomarkers in dengue virus infection. Acta Trop 181:21–24
5. Hottz ED, Lopes JF, Freitas C et al (2013) Platelets mediate increased endothelium permeability in dengue through NLRP3-inflammasome activation. Blood 122:3405–3414
6. Burger D, Schock S, Thompson CS et al (2013) Microparticles: biomarkers and beyond. Clin Sci 124:423–441
7. Sódar BW, Kittel Á, Pálóczi K et al (2016) Low-density lipoprotein mimics blood plasma-derived exosomes and microvesicles during isolation and detection. Sci Rep 6:24316
8. Zhang P, Yeo JC, Lim CT (2019) Advances in technologies for purification and enrichment of extracellular vesicles. SLAS Technol 24:477–488
9. Shelness GS, Sellers JA (2001) Very-low-density lipoprotein assembly and secretion. Curr Opin Lipidol 12:151–157
10. Kurien BT, Scofield RH (2006) Western blotting. Methods 38:283–293
11. Lacroix R, Judicone C, Mooberry M et al (2013) Standardization of pre-analytical variables in plasma microparticle determination: results of the international society on thrombosis and Haemostasis SSC collaborative workshop. J Thromb Haemost 11:1190–1193
12. Lee RD, Barcel DA, Williams JC et al (2012) Pre-analytical and analytical variables affecting the measurement of plasma-derived microparticle tissue factor activity. Thromb Res 129:80–85